



UNIVERSIDADE FEDERAL RURAL DE PERNAMBUCO
PRÓ REITORIA DE PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM HISTÓRIA

ÍTALO PEREIRA DE SOUSA

**ECOS DA MODERNIDADE: TRANSFORMAÇÕES CADENCIADAS NO
COTIDIANO DE ITABAIANA – PB (1901-1920)**

Recife

2024

ITALO PEREIRA DE SOUSA

**ECOS DA MODERNIDADE: TRANSFORMAÇÕES CADENCIADAS NO
COTIDIANO DE ITABAIANA – PB (1901-1920)**

Tese apresentada ao Programa de Pós-Graduação em História da Universidade Federal de Pernambuco, como requisito parcial para obtenção do título de doutor em História. Área de concentração: Cultura, Patrimônio e Memória.

Orientadora: Dra. Mariana Zerbone Alves de Albuquerque

Recife

2024

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação
Sistema Integrado de Bibliotecas da UFRPE
Bibliotecário(a): Suely Manzi – CRB-4 809

S725e Sousa, Ítalo Pereira de.
Ecos da modernidade: transformações
cadenciadas no cotidiano de Itabaiana - PB
(1901-1920) / Ítalo Pereira de Sousa. – Recife, 2024.
230 f.; il.

Orientador(a): Mariana Zerbone Alves de
Albuquerque.

Tese (Doutorado) – Universidade Federal Rural
de Pernambuco, Programa de Pós-Graduação em
História, Recife, BR-PE, 2025.

Inclui referências.

1. Cidades e vilas - Itabaiana (PB) . 2.
Civilização moderna. 3. Civilização - História. 4.
História - Estudo e ensino I. Albuquerque, Mariana
Zerbone Alves de, orient. II. Título

CDD 981

ITALO PEREIRA DE SOUSA

**ECOS DA MODERNIDADE: TRANSFORMAÇÕES CADENCIADAS NO
COTIDIANO DE ITABAIANA – PB (1901-1920)**

Tese apresentada ao Programa de Pós-Graduação em História da Universidade Federal de Pernambuco, como requisito parcial para obtenção do título de doutor em História.

Aprovado (a) em: __ / __ / 2024.

BANCA EXAMINADORA

Profa. Dra. Mariana Zerbone Alves de Albuquerque (Orientadora)
Universidade Federal Rural de Pernambuco

Prof. Dr. Ricardo de Aguiar Pacheco (Examinador Interno)
Universidade Federal Rural de Pernambuco

Profa. Dra. Emanuela Sousa Ribeiro (Examinadora Interna)
Universidade Federal Rural de Pernambuco

Prof. Dr. Gervácio Batista Aranha (Examinador Externo)
Universidade Federal de Campina Grande

Profa. Dra. Cláudia Engler Cury (Examinadora Externa)
Universidade Federal da Paraíba

DEDICATÓRIA

Dedico esse trabalho aos meus pais, que me apoiaram por toda minha vida. Dedico também a minha amada esposa, que esteve comigo em todos os momentos dessa minha longa jornada e me deu todo o apoio necessário. Amo vocês.

AGRADECIMENTOS

A jornada acadêmica até a conclusão desse trabalho foi longa, foram anos de formação até chegar a esse ponto. Diante de todo esse recorte temporal que narra a minha história pessoal, muitas pessoas passaram por mim e colaboraram com minha formação, sendo assim, carrego comigo uma pequena parte de cada uma dessas pessoas. Ninguém nunca chega a uma conquista sozinho nem por mérito unicamente próprio. É necessário reconhecer toda a rede de apoio e alguns privilégios sociais que permitiram certas vitórias. Sem mais delongas, os agradecimentos.

Primeiramente, agradeço aos meus pais, Euclides e Solange, sem eles não seria possível eu estar aqui. Receber o apoio dos pais é algo que fortalece uma pessoa e torna a sua caminhada mais leve e mais bem orientada. Ter um porto seguro nos faz caminhar com mais leveza pelos nossos desafios.

Agradeço também a Itamara, minha esposa e colega de profissão, que é essencial nesta lista de pessoas que tornaram essa conquista possível. Sem o suporte dela em pontos decisivos, eu sequer teria conseguido terminar a graduação, assim como o mestrado e, agora, o doutorado, ela sempre foi – e será – um bastião em minha vida.

Além dos agradecimentos de cunho emocional, também devo os agradecimentos profissionais, ou seja, a todos aqueles que colaboraram de forma técnica no meu processo de formação acadêmica. Sendo assim, agradeço primeiramente às minhas orientadoras anteriores: Dra. Paula Almeida de Castro, que me orientou na graduação e Dra. Cláudia Engler Cury, que me orientou no mestrado. A vocês, agradeço imensamente por ter me moldado com o jeito de vocês impresso em minha pessoa para que eu pudesse encarar o doutorado com uma boa bagagem acadêmica.

Agradeço à Dra. Mariana Zerbone Alves de Albuquerque, que tornou esse trabalho possível com sua orientação impecável. Sem a iluminação cedida por ela, eu não conseguiria traçar o meu caminho de maneira efetiva. Suas discussões nas aulas, nas reuniões, as indicações de leitura sobre o tema, tudo me marcou profundamente e me tornei uma pessoa ainda mais interessada no debate acerca das cidades.

Agradeço ao Programa de Pós-Graduação da Universidade Federal Rural de Pernambuco e a todos os seus funcionários, por terem me dado a oportunidade e o suporte necessário para a elaboração deste trabalho.

Agradeço ao memorialista Arthur Honório, uma pessoa dedicada às discussões culturais da cidade de Itabaiana e do Estado da Paraíba. Sem ele, esse trabalho não teria sido possível, pois foi através dele que parte das fontes foram adquiridas.

Agradeço aos colegas de profissão Maria Leite e Flaviano Batista, que compartilharam comigo fontes que possuíam para facilitar o meu trabalho de pesquisa. As fontes e os debates foram cruciais para a minha reflexão acerca do objeto de estudo.

Vocês todos têm minha eterna gratidão.

O processo da história, tal como se apresenta no conceito da catástrofe, não pode solicitar mais a atenção do pensador que o caleidoscópio nas mãos de uma criança, no qual a cada rotação tudo o que estava em ordem se desmorona para formar outra ordem. A imagem tem a sua razão de ser, e bem fundada. Os conceitos dos dominantes foram sempre os espelhos graças aos quais se formou a imagem de uma “ordem”. O caleidoscópio tem de ser quebrado. (BENJAMIN, 2021).

RESUMO

Esse trabalho guiou-se no objetivo de detectar as mudanças e permanências nos aspectos culturais e estruturais da cidade de Itabaiana, na Paraíba, durante parte do século XX (1901-1920). A cidade é um objeto de estudo constante nas ciências humanas e sociais. Toda a estrutura citadina que compõe o ambiente urbano possui problematizações a serem trabalhadas por vários olhares da ciência. Ao propor uma abordagem da cidade voltada para a História Cultural, o historiador busca compreender os detalhes além do que é visto superficialmente, torna-se necessário questionar o objeto, ou seja, a cidade, para que se obtenha detalhes oriundos à esfera cultural. Não é possível isolar apenas uma área da História, sendo assim, se dá ênfase a uma delas, mas não se exclui as demais, é necessário um diálogo entre essas áreas para que a narrativa se torne consistente, dessa forma, a escrita de uma História Cultural da cidade também traz elementos sociais, econômicos e políticos. Por mais que a historiografia das cidades esteja repleta de estudos sobre os grandes centros urbanos, percebe-se lacunas quando se trata de cidades menores, como é o caso do objeto de pesquisa desse trabalho: a cidade de Itabaiana. Situada no agreste paraibano, Itabaiana teve sua ocupação no período colonial, a feira de gado que se instaurou no local foi atraindo pessoas e contribuindo para que, pouco a pouco, o centro urbano fosse formado. Logo após a Proclamação da República, a cidade tornou-se emancipada e com isso, diversas modificações foram sendo feitas em sua estrutura, o que afetou não só a paisagem, mas também o modo de se experienciar a cidade, o seu cotidiano. A cidade de Itabaiana, assim como outras várias cidades do Brasil, no início do século XX, experimentou o processo de chegada dos signos do moderno, o trem, a energia elétrica e, entre outros fatores, evidenciavam a chegada da modernidade na cidade. Com esse novo advento, o cotidiano se transforma, a cidade passou a viver em um ritmo mais acelerado, com isso novas formas de se portar na cidade surgiram, importados de outros grandes centros urbanos que já viviam os ares modernos. Fontes primárias para a pesquisa, fotografias, jornais e obras literárias da época evidenciaram o cotidiano vivido no recorte temporal trabalhado. Tais tipos de fonte exigem que o historiador as observe com cautela, uma vez que são imbuídas em subjetividades e intencionalidades a serem percebidas com o olhar técnico do pesquisador. Essas subjetividades, quando identificadas, tornam-se aliadas à pesquisa sobre o cotidiano e a História Cultural da cidade, que tornam possível, constatar os impactos gerados, no cotidiano, pela chegada da modernidade na cidade de Itabaiana no início do século XX. Como advento, a modernidade foi o principal agente transformador da paisagem e do cotidiano da cidade de Itabaiana nas duas primeiras décadas do século XX.

Palavras-chave: Cidade; Modernidade; Itabaiana; Cotidiano; História Cultural.

ABSTRACT

This work aimed to detect the changes and continuities in the cultural and structural aspects of the city of Itabaiana, in Paraíba, during part of the 20th century (1901-1920). The city is a constant object of study in the human and social sciences. The entire city structure that makes up the urban environment has problematizations to be worked on by various perspectives of science. By proposing, an approach to the city focused on Cultural History, the historian seeks to understand the details beyond what is seen superficially, it becomes necessary to question the object, that is, the city, in order to obtain details from the cultural sphere. It is not possible to isolate only an area of History, therefore, emphasis is placed on one of them, but the others are not excluded, a dialogue between these areas is necessary so that the narrative becomes consistent, in this way, the writing of a Cultural History of the city also brings social, economical and political elements. As much as the historiography of cities is full of studies on large urban centers, gaps are realized when it comes to smaller cities, like is the case of the research object of this work: The city of Itabaiana. Located in the Agreste of Paraíba, Itabaiana was popularized in the colonial period, the cattle fair that was established in the place attracted people and contributed to the formation of the urban center little by little. Soon, after the Proclamation of the Republic, the city became emancipated and with that, several changes were made in its structure, which affected not only the landscape, but also the way of experiencing the city, its daily life. The city of Itabaiana, as well as several other cities in Brazil, at the beginning of the 20th century, experienced the process of arrival of the signs of modern times, the train, electricity and, among other factors, evidenced the arrival of modernity in the city. With this new advent, everyday life is transformed, the city began to live at a faster pace, with new ways of behaving in the city emerged, imported from other large urban centers that already experienced the modern era. Primary sources for the research, photographs, newspapers and literary works of the time evidenced the daily life lived in the time frame worked. Such types of sources require the historian to observe them with caution, since they are imbued with subjectivities and intentions to be realized with the technical eye of the researcher. These subjectivities, when identified, become allied to the research on the daily life and the Cultural History of the city, which make it possible to verify the impacts generated, in the daily life, by the arrival of modernity in the city of Itabaiana in the beginning of the 20th century. As an advent, modernity was the main transformative agent of the landscape and daily life of the city of Itabaiana in the first two decades of the 20th century.

Keywords: City; Modernity; Itabaiana; Daily; Cultural History.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Imagem 01 –	Localização de Itabaiana – PB.	24
Imagem 02 –	Mapa, de 1926, da rede ferroviária dos estados da Paraíba e de Pernambuco.	52
Imagem 03 –	Mapa de Itabaiana de 1892.	65
Imagem 04 –	Manchete encontrada na página quatro do impresso <i>O Jornal</i> de 13 de agosto de 1916.	70
Imagem 05 –	Capa do impresso <i>O Jornal</i> de 20 de agosto de 1916.	72
Imagem 06 –	Recorte do mapa da Imagem 1 para melhor instrumentalização.	75
Imagem 07 –	Recorte de página do jornal <i>O Município</i> , edição de 05 de julho de 1908.	83
Imagem 08 –	Capa do jornal <i>O Município</i> , da edição do dia 08 de agosto de 1908.	85
Imagem 09 –	Terceira página da primeira edição de <i>O Jornal</i> , de 15 de agosto de 1915.	90
Imagem 10 –	Recorte da primeira página da edição de <i>O Jornal</i> , de 19 de dezembro de 1915.	91
Imagem 11 –	Fotografia da Estação Rosa e Silva. Captura feita em pesquisa de campo realizada em 2021.	106
Imagem 12 –	Mapa com a representação da estrada de ferro “Conde d’Eu” e da “Recife-Limoeiro”.	108
Imagem 13 –	Mapa ferroviário da G.W.B.R. em 1904.	110
Imagem 14 –	Vista da Av. Presidente João Pessoa com os trilhos dos bondes puxados a burro.	117
Imagem 15 –	Pessoas em passeio de bonde ao retornarem da praça.	118
Imagem 16 –	Francisco Sotter.	121
Imagem 17 –	Jornal <i>Correio da Semana</i> , 04 de agosto de 1914, página 11.	123
Imagem 18 –	Jornal <i>O Anthelio</i> , edição de 17 de março de 1912.	127
Imagem 19 –	Jornal <i>Gazeta da Manhã</i> , edição de 08 de janeiro de 1914.	130
Imagem 20 –	<i>O Jornal</i> , edição de 19 de dezembro de 1915.	131
Imagem 21 –	Visão panorâmica da rua principal de Itabaiana com vista para a Igreja Matriz.	136

Imagem 22 –	Rua principal da cidade de Itabaiana, na década de 1930, com vista para a Igreja Matriz.	144
Imagem 23 –	Primeira página do jornal <i>A União</i> , de 26 de maio de 1914.	149
Imagem 24 –	Recorte da revista <i>A Semana</i> em que traz ênfase na Praça Álvaro Machado e o Coreto.	151
Imagem 25 –	Praça Álvaro Machado.	152
Imagem 26 –	Página de publicidade do jornal <i>O município</i> , edição de 31 de maio de 1908, n. 2, ano 1.	169
Imagem 27 –	Página de publicidade do jornal <i>O município</i> , edição de 28 de junho de 1908, n. 6, ano 1.	173
Imagem 28 –	Recorte de uma das páginas de <i>O Jornal</i> , edição de 15 de agosto de 1915.	176
Imagem 29 –	Página publicitária de <i>O Jornal</i> , edição de 15 de agosto de 1915.	177
Imagem 30 –	Recorte jornalístico de <i>Correio da Semana</i> , edição de 30 de março de 1913.	182
Imagem 31 –	Recorte jornalístico de <i>O Jornal</i> , edição de 20 de agosto de 1916.	187
Imagem 32 –	Recorte jornalístico de <i>O Jornal</i> , edição de 24 de setembro de 1916.	189
Imagem 33 –	Recorte jornalístico de <i>O Jornal</i> , edição de 15 de agosto de 1915.	192
Imagem 34 –	Recorte jornalístico de <i>Correio da Semana</i> , edição de 15 de setembro de 1912.	195
Imagem 35 –	Recorte jornalístico de <i>Gazeta da Manhã</i> , edição de 26 de julho de 1914.	196
Imagem 36 –	Recorte jornalístico de <i>O Município</i> , edição de 07 de junho de 1908	201
Imagem 37 –	Malha ferroviária paraibana em 1906.	202
Imagem 38 –	Recorte jornalístico de <i>O Município</i> , edição de 19 de julho de 1908.	205
Imagem 39 –	Recorte jornalístico de <i>Correio da Semana</i> , edição de 25 de agosto de 1912.	209
Imagem 40 –	Plano de salvaguarda da cidade de Itabaiana, elaborado em 2016.	211
Imagem 41 –	Recortes feitos do jornal <i>Correio da Semana</i> , edição de 03 de outubro de 1912.	212

LISTA DE TABELAS

Tabela 1 –	Produtos distribuídos em estabelecimentos da cidade de Itabaiana no intervalo compreendido entre os anos de 1900 e 1914	114
------------	--	-----

SUMÁRIO

	APRESENTAÇÃO	16
	INTRODUÇÃO	18
1.	NAS TRILHAS DO PROGRESSO	37
1.1.	Do Rio de Janeiro ao Nordeste do Brasil: a expansão do progresso e a influência parisiense no modelo brasileiro	39
1.2.	A Paraíba no cenário da modernidade: o cenário de busca pelo progresso na cidade da Parahyba e em Campina Grande	44
1.3.	Limoeiro (PE): o elo entre Recife (PE) e Itabaiana (PB)	51
1.4.	Itabaiana: povoamento e urbanização	56
1.4.1.	<i>Povoamento e progresso: de propriedade privada a município</i>	58
1.4.2.	<i>A cidade no papel: uma análise da cartografia de 1892 da cidade de Itabaiana</i>	64
1.4.3.	<i>Itabaiana e os detentores do poder</i>	77
1.5.	Considerações	92
2.	ITABAIANA, MODERNIDADE E PROGRESSO	94
2.1	Modernidade, progresso e processo de transformação	95
2.2.	A técnica, a paisagem e o ritmo da cidade de Itabaiana: o século XX e os signos do moderno	98
2.2.1.	<i>Nas linhas do progresso: o trem como signo do moderno na cidade de Itabaiana</i>	104
2.2.2.	<i>Chico Soter: o condutor da energia, da telefonia e do cinema</i>	120
2.2.3.	<i>No curso das águas e da urbanização: a chegada da água encanada na cidade de Itabaiana</i>	133
2.2.4.	<i>Cidade arborizada: os jardins como signo de modernidade</i>	135
2.2.5.	<i>O coreto como símbolo da modernidade atingida pelo progresso</i>	147
2.3.	Considerações	153
3.	COTIDIANO E CULTURA NA ITABAIANA MODERNA	156
3.1.	O cotidiano em contato com a modernidade	156

3.2.	Jornais: as vitrines do cotidiano	163
3.2.1.	<i>As publicidades e o cotidiano comercial</i>	166
3.2.2.	<i>O entretenimento e o cotidiano do lazer em Itabaiana</i>	181
3.2.3.	<i>O trem e o cotidiano moderno itabaianense</i>	198
3.3.	Considerações	213
4.	CONSIDERAÇÕES FINAIS	216
	REFERÊNCIAS	223

APRESENTAÇÃO

Antes de introduzir tudo que será discutido ao longo desse trabalho, torna-se essencial uma apresentação daquele que escreve: o autor. A escrita de si é um ótimo meio daquele que escreve conseguir se apresentar para aquele que lê. Dessa forma, antes de apresentar a estrutura do trabalho e os métodos escolhidos, um espaço será dedicado para a escrita de si.

Toda trajetória acadêmica é guiada por objetos de estudo que fomentam a pesquisa e fazem de nós, historiadores, investigarmos arduamente sobre o tema escolhido. Nesse sentido, demonstrar o percurso de como cheguei no objeto de pesquisa desse trabalho é algo a ser explanado.

O início do meu percurso na área da História foi no ano de 2012, na Universidade Estadual da Paraíba, quando ingressei no curso de Licenciatura em História. No decorrer da graduação, a questão do lúdico no ensino de história despertou o meu interesse, dessa forma, busquei unir a narrativa do *Role-Playing-Game* (RPG) com a iniciação à docência ofertada pelo PIBID, sendo assim, a partir da aplicação dessa ferramenta de ensino, surgiu a proposta do meu trabalho de conclusão de curso: o uso do RPG para o ensino de História.

O trabalho de conclusão de curso foi defendido no ano de 2016, intitulado *O ser professor e o ensino de História com novas linguagens: o uso do RPG em sala de aula*, sob a orientação da professora Dra. Paula Almeida de Castro. Para a elaboração do trabalho foi feito um experimento com o RPG em uma sala de aula do ensino fundamental, em que foram colhidos resultados para a elaboração da pesquisa. A ludicidade no ensino de História através de novas linguagens foi o objeto de pesquisa.

Ao concluir o curso de História, a temática acerca do lúdico ainda me atraía, busquei vê-la sob a perspectiva de Pesavento (2007), como uma prática cultural que educa e gesta sensibilidades, sendo estas uma forma de conhecimento do mundo fora da esfera científica, racional e mais próxima do que poderíamos chamar de uma esfera das sensibilidades e das intuições, ao mesmo tempo também dizem respeito às manifestações do pensamento ou do espírito das quais se transformam em sentimentos, afetos, estados de alma.

Dessa forma, busquei trabalhar o lúdico sob a ótica da História Cultural, com ênfase no brincar, problematizando esse artefato com as ferramentas ofertadas por essa área da História, como o conceito de representação de Roger Chartier e o entendimento de sensibilidade de Sandra Pesavento. Os estudos acerca da criança e do brincar elaborados por Walter Benjamin também foram de grande importância nessa abordagem sobre o lúdico na História Cultural.

Essa mudança de perspectiva me levou a ingressar, em 2018, no mestrado em História na Universidade Federal da Paraíba, em que aprofundei os meus estudos na História Cultural e escrevi a dissertação intitulada *Brincando na Guerra Fria: uma História do boneco Falcon (1977-1996)*, sob orientação da professora Dra. Cláudia Engler Cury. O objetivo da pesquisa foi apreender as representações contidas no brinquedo durante o período da Guerra Fria, com ênfase no boneco *Falcon*. Para a execução da pesquisa, foram utilizados catálogos de brinquedos, que foram analisados pela ótica da História Cultural, buscando sempre perceber representações culturais e aspectos sensíveis nas imagens.

A trajetória do mestrado fez com que eu me identificasse ainda mais com o diálogo da História Cultural. O trabalho com conceitos como representação e simbolismo mudou o modo como passei a enxergar o cotidiano. Essa nova lente me ofertou uma nova ótica, que me instigou a problematizar o atual objeto de estudo: a cidade. Nesse contexto, buscando ser mais específico, a cidade de Itabaiana, onde passei a residir e obtive acesso a fontes de pesquisa com um memorialista local, Arthur Honório, que ao compartilhar seu acervo comigo, fez com que despertasse o interesse em prosseguir com esta pesquisa.

Sob a orientação da professora Dra. Mariana Zerbone, passei a questionar o meu objeto de estudo em busca de respostas para as perguntas que surgiam ao longo da análise do objeto desta pesquisa. Assim, a partir da leitura de artigos, dissertações, teses e livros sobre o tema, o entendimento sobre a cidade foi se desdobrando em seus aspectos plurais: política, economia, cultura e sociedade.

INTRODUÇÃO

A cidade vem sendo o objeto de estudo dos historiadores por muito tempo. Esse espaço, que varia sua localidade, tamanho e formato é palco para o desenvolvimento da sociedade. Diferentemente do campo, a cidade concentra uma maior densidade demográfica, fazendo-a assim, a força motriz para os aspectos basilares da sociedade, sendo assim, é a partir da análise das cidades que percebemos, com maior precisão, os aspectos sociais, econômicos, políticos e culturais de determinadas sociedades. Lewis Mumford (1998) afirma que mesmo tendo passado um tempo considerável desde a primeira cidade que se tem registro, ainda não conseguimos atingir uma precisão de análise desse objeto, pois muitos aspectos não são perenes. Nesse sentido, o autor traz que:

Que é a cidade? Como foi que começou a existir? Que processos promove? Que funções desempenha? Que finalidades preenche? Não há definição que se aplique sozinha a todas as suas manifestações nem descrição isolada que cubra todas as suas transformações, desde o núcleo social embrionário até as complexas formas da sua maturidade e a desintegração corporal da sua velhice. As origens da cidade são obscuras, enterrada ou irrecuperavelmente apagada uma grande parte de seu passado, e são difíceis de pesas suas perspectivas futuras. (MUMFORD, 1998, p. 09)

O historiador precisa utilizar das suas ferramentas para investigar os detalhes deixados para além da estrutura física da cidade, conseguindo assim, compreender os seus aspectos sensíveis. Ao se trabalhar a cidade, o historiador proclama a imortalidade dela, registrando seus achados nas páginas da história. De acordo com François Hartog (2013):

Mas, enquanto o *aedo* inspirado via, imediatamente, pelos olhos da Musa, o historiador não tem outro recurso além de investigar (*historein*) para tentar ver mais longe e aumentar o seu saber. Se o *aedo* era o porta-voz da Musa, o historiador, que recorre à escrita, reivindica-se como escritor. Preocupado com os mortos e senhor da imortalidade, seu desejo seria o de conservar tal prerrogativa, mas a imortalidade que ele proclama ou consigna já não é a dos heróis individuais, mas a da cidade. (HARTOG, 2013. p. 40)

Quanto à História das cidades, esta é escrita a partir de várias memórias acerca de tal localidade, diversos lugares de memória são interpretados quando analisados pelo historiador, repletos de significações, representações, memórias coletivas e individuais. Sendo assim, é preciso compreender o elo entre história e memória, duas grandezas diferentes, mas que atuam em conjunto para a construção de um saber científico, nas palavras de Catroga (2015):

Só um cientismo ingênuo pode aceitar a existência de uma radical separação entre a retrospectiva da memória e a retrospectiva historiográfica, tanto que ambas não são exclusivamente criadas pela imaginação e, ainda que por vias diferentes, aspiram o verossímil, seja por fidelidade ou por veridicção. (CATROGA, 2015, p. 53)

Dentro da sua discussão sobre história e memória, Catroga (2015) evoca a visão de Febvre (1953) e Marrou (1954) que afirmam que a memória sacralizaria as recordações, enquanto o discurso historiográfico construiria uma operação intelectual a partir da desmistificação das interpretações (FEBVRE, 1953; MARROU, 1954 apud CATROGA, 2015, p. 54-55). Roger Chartier (2009) reforça essa colocação da seguinte maneira:

Sem dúvida, entre história e memória as relações são claras. O saber histórico pode contribuir para dissipar as ilusões ou os desconhecimentos que durante longo tempo desorientaram as memórias coletivas. E, ao contrário, as cerimônias de rememoração e a institucionalização dos lugares de memória deram origem repetidas vezes a pesquisas históricas originais. Mas não por isso memória e história são identificáveis. A primeira é conduzida pelas exigências existenciais das comunidades para as quais a presença do passado no presente é um elemento essencial da construção de seu ser coletivo. A segunda inscreve na ordem de um saber universalmente aceitável, “científico”, no sentido de Michel de Certeau. (CHARTIER, 2009, p. 24)

Dessa forma, entende-se que Chartier (2009) busca colocar a memória como uma capacidade natural do ser humano, já a história parte de um esforço intelectual exercido pelo sujeito para apreender o fato a ser documentado em uma narrativa científica, histórica.

Para reforçar de maneira metafórica a distinção entre história e memória, Sandra Pesavento (2005) evoca as alegorias desses saberes com base na narrativa mítica dos antigos gregos. De acordo com a autora:

Com sua linguagem mítica de apresentar o mundo, os gregos nos falaram da deusa Mnemósine, a memória, mãe das musas, entre as quais se encontrava Clio, a história. Mnemósine e Clio deviam ter, contudo, afinidades especiais, pois ambas tinham a seu encargo a construção de narrativas sobre uma temporalidade já transcorrida. A presentificação de uma ausência, tarefa comum voltada para a representação mnemônica do passado, devia fazer de Clio a filha diletta de Mnemósine, a deusa que presidia e tutelava este rememorar das coisas acontecidas. [...] Mas o estilete da escrita e a trombeta da fama, atributos de Clio, reverteriam esta situação, fazendo caber à história o registro autorizado sobre o passado, atividade marcada pelo atributo de permanência do texto sobre a oralidade. Ao fixar, pela escrita, uma narrativa sobre o passado, a história como que pretende aprisionar o tempo, dotando seu discurso de permanência. A narrativa histórica inaugura uma nova temporalidade, distinta do passado e do presente, ao reconstruir um passado que toma o lugar do acontecido e mesmo a ele se substitui com versão estável do tempo escoado. (PESAVENTO, 2005, p. 10)

É possível afirmar que tanto a história quanto a memória são representações do passado, no entanto, com um modo operacional diferente. A memória individual, por exemplo, é criada

a partir de experiência dos sujeitos que vivenciam experiências variadas, particulares e a partir daí formulam sua memória. A memória coletiva parte de uma comunidade que compartilha experiências comuns e a utiliza como norteadora da identidade enquanto pertencentes àquele lugar simbólico.

Sendo assim, quando essas memórias coletivas formadoras de uma identidade vão se legitimando como “memória oficial”, deixam de ser memória e se tornam história, nesse sentido, a história tem esse “Gesto de sepultura” (CATROGA, 2015, p. 55). No entanto é necessário prestar atenção em quais memórias são escolhidas para serem transmitidas, como aponta Ricardo Pacheco (2019):

Essas falas sobre o passado são repassadas não apenas entre indivíduos do tempo presente, mas, também através das gerações, por meio de estruturas sociais complexas que implicam a construção e legitimação da versão de determinados sujeitos e de suas representações sobre o passado. (PACHECO, 2019, 122)

Ao se estudar a cidade é necessário compreender que toda sua composição arquitetônica seguiu um padrão a ser legitimado por indivíduos detentores de poder, que possuem uma influência desde a arquitetura da cidade até a formulação de uma memória coletiva acerca do espaço. Entende-se assim, a cidade como um espaço de que, além da sociabilidade, existe uma relação de poder em sua estrutura, havendo aqueles que definem e os que se adaptam.

Para esse entendimento, se faz necessária a busca por uma História Cultural da cidade, visto que ela inaugurou novas perspectivas de observar a urbe. A partir dessa lente da história, a cidade passa a ser percebida em seus meios mais sensíveis, simbólicos e representativos. De acordo com Monteiro (2012):

Na esfera da Nova História Cultural e refere-se ao campo de pesquisa sobre história e linguagens, abrangendo estudos sobre literatura, música, fotografia, publicidade e outras linguagens que permitem problematizar as formas de representação e pertencimento social no quadro de uma cultura urbana. No entrecruzamento materialidade das práticas sociais e das representações simbólicas é que se vai buscar a compreensão da cidade. (MONTEIRO, 2012, p. 109)

Quando se propõe a estudar a História Cultural da cidade, é interessante observar que essa não demarcou o início dos estudos no objeto cidade. Ao se falar sobre o percurso do urbanismo, por exemplo, Maria Stella Bresciani (2002) aponta que esse campo do conhecimento contava com soluções simples, como reduzir os problemas da cidade a questões técnicas, e encontrou um problema em seu método quando se deparou com a questão cultural que envolve a cidade. Nas palavras de Bresciani (2002):

Assim, no final dessa trajetória pelos *começos* da formação da “ciência das cidades”, podemos afirmar que já em seus inícios a cidade se apresenta como problema — *questão urbana, lugar de tensão* —, com ao menos seis pontas do novelo ou, adotando outra expressão metafórica, seis entradas ou portas conceituais. A intenção de naturalizar os problemas da cidade, ou seja, de reduzi-los a questões técnicas, portanto disciplinares, cai por terra ao ser confrontada com o caráter produtor de cultura das soluções propostas. (BRESCIANI, 2002, p. 30)

Continuando a reflexão acerca da cultura, problematiza-se a questão cultural do viver a cidade, fugindo cada vez mais do campo da objetivação buscada pelo urbanismo e adentrando em um campo mais subjetivo, fenomenológico, que traz o intangível para a reflexão dentro da discussão sobre a cidade. Segundo a autora:

Em campo oposto ao das disciplinas voltadas para a objetivação e ação deliberada sobre a cidade e seus habitantes, vislumbra-se ainda uma outra entrada nas cidades. A versão fenomenológica da aproximação filosófica da cidade abriria ao pesquisador a “expressão de uma experiência originária” (Ansary e Schoonbrodt, 1989:32-36). A matéria dessa experiência, pelo caráter menos palpável, se formaria com a soma de impressões, já que a cidade fala e solicita nossa afetividade. Esse fluxo não pode ser mensurado pela referência a uma norma objetiva, exterior a ele; vem imbricado na afetividade do corpo, que opera uma síntese pré-reflexiva e constitui a experiência específica de viver em cidades como algo que ultrapassa, ou simplesmente não é contido nos saberes analíticos que a tematizam como objeto. (BRESCIANI, 2002, p. 30)

A narrativa acerca da cultura permeia a escrita da autora, que destaca a questão do campo simbólico e imaginário sobre a cidade e a relação afetiva que o indivíduo desenvolve com os lugares de memória, a relação subjetiva desenvolvida entre o homem e a cidade se dá pelo seu corpo, pois é a partir dele que o sujeito toma posse da cidade e a revelação que se efetua é elucidação de si e conhecimento da cidade (BRESCIANI, 2002, p. 31). Desta forma, é importante perceber que a cidade não se trata de algo objetivo, estático e de análise exata, mas sim de algo mutável, não só fisicamente, mas também em sua essência.

Ao tratar também do tema, Pesavento (2007) nos traz que, antigamente, a história da cidade era encomendada por determinados grupos, o que deixava transpor os interesses desses grupos na escrita. Em seguida, a história das cidades passou a ser vista pela ótica da história econômico-social, bem como aponta a autora:

Mesmo sem se intitularem, especificamente, como ‘histórias urbanas’, estudos de boa qualidade foram feitos no Brasil ao longo das décadas de 1960, 1970 e 1980, na linha de uma história econômico-social com inspiração no materialismo histórico. Tais estudos, por certo, não fizeram da cidade seu objeto de análise, sendo este preferencialmente, o processo de acumulação de capital e da formação da força de trabalho ou, ainda, da ‘desescravização’ do país e da contribuição dos imigrantes

estrangeiros na formação de um mercado de trabalho livre. (PESAVENTO, 2007, p. 12)

Com o avanço dos estudos acerca da cidade, o espaço urbano foi se mostrando palco de várias transformações econômico-sociais, nesse momento se fez necessário a criação de um campo de pesquisa interdisciplinar, unindo historiadores, geógrafos, sociólogos, antropólogos e urbanistas (PESAVENTO, 2007, p. 13). Esse fenômeno urbano demandava uma nova lente para ser visto sob uma nova perspectiva histórica, nesse contexto, Pesavento (2007) nos traz que:

Ao longo da década de 1990, a emergência de uma história cultural veio proporcionar uma nova abordagem ao fenômeno urbano. O que cabe destacar no viés de análise introduzido pela história cultural é que a cidade não é mais considerada só como um *locus* privilegiado, seja da realização da produção, seja da ação de novos atores sociais, mas, sobretudo, como um problema e um objeto de reflexão, a partir das representações sociais que produz e que se objetivam em práticas sociais. (PESAVENTO, 2007, p. 13)

A História Cultural oferta aos estudos sobre a cidade novas perspectivas. As representações surgem no campo historiográfico e passam a tornar possível uma análise sobre a questão dos símbolos e das sensibilidades que circundam o nosso cotidiano citadino.

A cidade é materialidade, é um artefato erguido pelo homem e cuja estrutura pode ser captada visualmente, também é sociabilidade, pois é repleta de relações sociais, personagens, grupos, classes, práticas de interação, etc. (PESAVENTO, 2007, p.13). Em tudo o que foi citado acerca da cidade, é possível encontrar representações, seja em sua materialidade ou em sua sociabilidade, pois a cidade é repleta de sensibilidades. Pesavento (2007) aponta:

Mas a cidade é, ainda, *sensibilidade*, com o que retornamos ao início deste texto. Cidades são, por excelência, um fenômeno cultural, ou seja, integradas a esse princípio de atribuição de significados ao mundo. Cidades pressupõem a construção de um *ethos*, o que implica a atribuição de valores para aquilo que se convencionou chamar de *urbano*. (PESAVENTO, 2007, p. 14)

As sensibilidades buscam a cidade fruto do pensamento, pensada através da percepção dos seus habitantes em relação à materialidade dela em seu tecido social. A cidade sensível é aquela responsável pela atribuição dos sentidos e significados ao espaço e ao tempo que se realizam na e por causa da cidade (PESAVENTO, 2007, p. 15).

Além disso, pode-se dizer que a cidade oferece aspectos simbólicos e sensíveis que causam experiências diferentes nos sujeitos que a vivenciam, trazendo assim, várias realidades em um só espaço. Tais realidades podem ser vistas também como vários cotidianos, que para

serem interpretados precisam de um parâmetro a ser estabelecido pelo historiador que os analisa. Os parâmetros podem ser estabelecidos através de um recorte de práticas comuns em determinado contexto temporal e espacial para que o cotidiano se encaixe nessa realidade representada. O contexto também deve levar em consideração todas as modificações de técnicas e de espaço que ocorrem na cidade para entender os impactos nas experiências citadinas.

Dessa forma, entende-se que as modificações geradas ao longo do tempo, ocasionam um impacto no imaginário do cotidiano citadino. Bresciani (1997) buscou problematizar a ideia do imaginário citadino, entendendo que tem relevância quando se busca compreender o hábito do citadino que vive o cotidiano da cidade, seja ela no contexto moderno ou não. A autora introduz seu tema falando sobre, inicialmente, o imaginário do cotidiano daquele que vive na cidade, a divisão de tempo contida na rotina do citadino e como isso gera um imaginário acerca do espaço vivido. A experiência do citadino formula o imaginário que ele cria acerca do espaço em que vive. Segundo a autora:

A rígida divisão do tempo imposta pelas atividades do citadino, pontualidade e fragmentação interligadas aos esquemas mais amplos de organização do trabalho e do lazer, tem como ponto de referência uma “gramática da vida urbana”, variada e descontínua, formada por sinais de trânsito e de orientação sintéticos e padronizados, redes de comunicação rápida, caminhos a serem obrigatoriamente percorridos pelos meios de transporte. Essa multiplicidade de sistemas partilhados pela população urbana contrasta por sua vez com a sensação de anonimato, de liberdade irrestrita para a realização de formas variadas de vida, de sonhos bizarros, trajetórias personalizadas. A cidade, estrutura física que suporta referências e fornece elementos para os símbolos e memórias coletivas, convive em nosso imaginário com a cidade labiríntica e moldável das vidas pessoais onde recordações compõem memórias sem lugar que fundam a cidade simbólica, diversa e semelhante na forma como se vê nomeada. É a própria experiência do citadino, este ser urbano plural que constitui o imaginário moderno e o enredo deste artigo. (BRESCIANI, 1997, p. 13)

Dessa forma, a autora busca pensar como a estrutura física da cidade e o seu funcionamento veio a afetar a relação do homem com esse meio, formando, através das experiências, várias memórias, coletivas e singulares, que compõem o imaginário do espaço urbano. Esse espaço urbano que agora está no domínio do imaginário passa a ter usos e desusos tanto na esfera do singular como no plural, tanto no privado como no público. A cidade é formada pelo homem e tomada por ele, assim como a cidade acaba por formar o homem urbano e o toma para si.

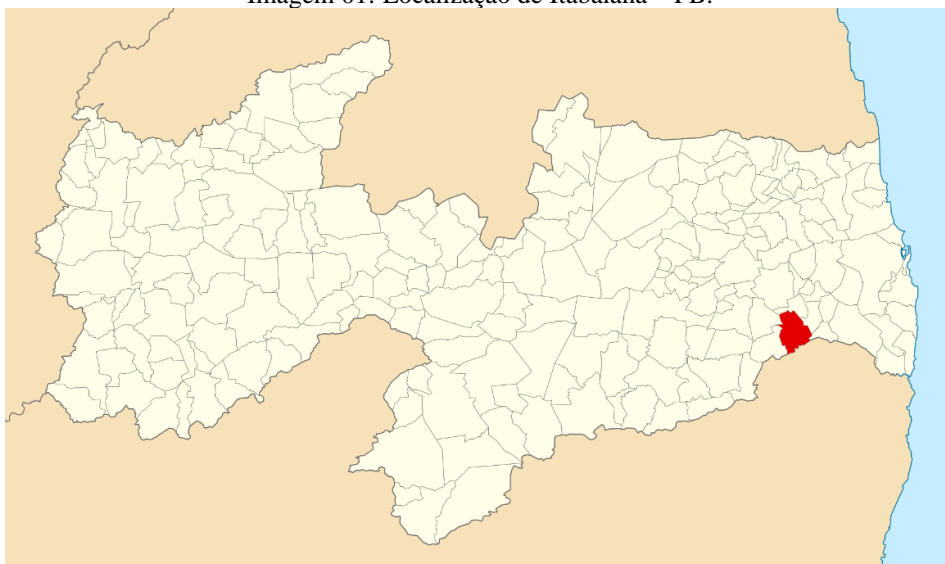
Faz-se necessário uma análise do termo entre aspas na citação da autora: “gramática da cidade”. Bresciani sinaliza que esse termo foi utilizado originalmente pelo autor Jonathan Raban (1974) no livro *Soft City* e citado por David Harvey (1989) em *The condition of postmodernity*. É interessante o uso desse termo ao se falar sobre cidade, pois a princípio causa

estranhamento, uma vez que o contato que temos com esse termo ocorre através de uma área de estudos voltados para a linguística, que determina o uso considerado correto da língua escrita e falada. Dessa forma, dentro dessa área encontra-se o estudo da sintaxe e da morfologia das palavras, a primeira trata sobre a ligação entre as estruturas de uma sentença, que lhe atribui sentido, a segunda é o estudo da forma e estruturação da palavra. Ao utilizar esse termo voltado para a cidade e exercer uma análise crítica do termo, é possível perceber a sua aplicabilidade e compreender o seu sentido na fala de Bresciani (1997).

Entender a gramática da cidade consiste em compreender o sentido da sua estruturação e como cada uma de suas estruturas relacionam-se entre si e dão sentido à vida que acontece dentro dessa cidade. Sendo assim, entender a gramática da vida urbana se faz necessário para conseguir pensar no imaginário da cidade e compreender o cotidiano vivido no recorte temporal que se busca estudar. Essa gramática não é inerte, pelo contrário, é bastante dinâmica e formada por vários aspectos.

Nessa busca pela gramática da vida urbana e suas nuances, surge o objeto de estudo desta pesquisa: a cidade de Itabaiana. Situada na região agreste do Estado da Paraíba, ficando a 69 km da capital do estado João Pessoa, a 75 km de Campina Grande, também no mesmo estado e a 131 km de Recife, Pernambuco. Esse posicionamento central da cidade possibilitou que ela se tornasse um grande foco comercial no início do século XX, que foi caracterizado pelos signos da modernidade que chegavam na região, como o trem.

Imagem 01: Localização de Itabaiana – PB.



Fonte: *Wikipedia*¹

¹ Disponível em:

https://pt.wikipedia.org/wiki/Itabaiana_%28Para%C3%ADba%29#/media/Ficheiro:Brazil_Para%C3%ADba_Itabaiana_location_map.svg. Acesso em 29 de novembro de 2022.

Durante o auge do transporte ferroviário, inicialmente a linha Recife-Limoeiro, mais tarde Conde D'Eu e depois sob a administração inglesa da *Great Western*, a cidade de Itabaiana exerceu - e sofreu - forte influência na economia da região. Todavia, após a descontinuidade do transporte de ferro, a cidade sofre um forte impacto nos mais variados aspectos sociais, culturais e econômicos, passando por várias adaptações em nome do dito “progresso” que, outrora, chegara à cidade provocando grande metamorfose.

Sob a perspectiva que novas formas de lidar com a economia da cidade precisaram ser tomadas, o sistema comercial ganha destaque nos espaços da cidade. Praças que serviam como ponto de desembarque da estação, ou lugar de lazer social foram ocupadas por lanchonetes e bares. A longa rua principal da cidade, onde se encontravam belas árvores, foi reestruturada para comportar novas instalações de comércio e um tráfego de carros mais frequente.

Desse modo, nessas transformações urbanas e culturais mora o problema proposto para essa pesquisa: entender como a modernidade foi fator chave para a mudança no cotidiano e na paisagem das primeiras décadas da cidade de Itabaiana. Pode-se dizer que a hipótese do trabalho repousa na seguinte reflexão: mesmo não possuindo uma implementação no ritmo dos grandes centros urbanos, o cotidiano itabaianense foi afetado pela mudança técnica, fazendo com que a cidade que vivia com amplo contato do rural com o urbano continuasse nesse contexto, porém, com a presença dos signos do moderno. Nesse sentido, é possível entender a modernidade como o agente de transformação da cidade no contexto apresentado que vai, aos poucos, introduzindo seus tentáculos na cidade. Em outras palavras, a modernidade foi o principal agente transformador da cidade entre 1901 e 1920.

A modernidade afeta o ritmo econômico do espaço aonde chega, dessa maneira, torna-se oportuno apreender as mudanças no cotidiano citadino ocasionadas por essa chegada. Com a mudança no ritmo da cidade e no cotidiano, a cultura é afetada e transformada nesse processo, sendo assim, existem mudanças e permanências a serem investigadas.

Não só o cotidiano e a cultura se modificam, mas a própria paisagem urbana também. Será nesse novo espaço, transfigurado pelo moderno, que os habitantes de Itabaiana irão transitar, sendo assim, torna-se válido ter ciência dessas modificações na estrutura arquitetônica da cidade e quais os impulsos econômicos e sociais dessas mudanças.

Há de se considerar também que a cadência da modernidade na cidade de Itabaiana veio de maneira diferente dos grandes centros urbanos. A modernidade e os signos do moderno que adentra a paisagem itabaianense não são os mesmos da cidade do Recife, por exemplo. Sendo

assim, ao se estudar a modernidade e sua implementação, é preciso ter em mente o contexto do advento em uma cidade de pequeno porte.

O ambiente urbano traz muitas especificidades para serem percebidas, interpretadas e estudadas. Muitas mudanças são realizadas nas cidades com o passar dos anos e o caminhar da sociedade dita moderna. Tais modificações sempre vão além do visual, são transformações que impactam o modo de ver e viver a cidade. Como foi dito anteriormente, o cotidiano é modificado, dessa forma, o que se costumava fazer em determinada época fica apenas em uma memória, por vezes, nostálgica. Novas técnicas trazem um novo modo de operar a cidade, ela passa a funcionar de maneira cada vez mais rápida, ditada pelo ritmo do capitalismo.

A pesquisa em questão buscou detectar as mudanças e permanências nos aspectos culturais e estruturais da cidade de Itabaiana, na Paraíba, durante parte do século XX, com um enfoque no avanço da modernidade na cidade e como isso veio a impactar o cotidiano dessa urbe ao trazer a ideia de progresso. Entender a cidade e seu passado nos dá o direito à cidade, que se trata de uma elaboração do que se pensa como cidadania, englobando também o direito à história, à memória e à identidade (PESAVENTO, 2005, p. 14). Dessa forma, foi possível evidenciar os caminhos da modernidade no interior da Paraíba.

O trem surge como um dos pontos condutores da modernidade em Itabaiana, no entanto, muitos outros signos do moderno surgem na cidade, idealizando o progresso inspirado nos moldes de outras metrópoles brasileiras que já estavam sendo influenciadas pelas europeias.

Foi possível também perceber as mudanças arquitetônicas sofridas na cidade durante esse período e como isso veio a refletir as mudanças culturais que aconteceram em determinado espaço. Logicamente, entende-se que as mudanças estruturais não partem unicamente de mudanças culturais, mas de toda uma rede de modificações em várias áreas: a social, econômica e política. Logo, fez-se necessário utilizar-se de uma aguçada investigação para detectar esses aspectos refletidos na mudança estrutural com o passar dos anos.

Para conseguir cristalizar o modo como os habitantes experienciaram a cidade, tornou-se necessário dedicar um espaço para identificar as representações culturais presentes na cidade ao longo do recorte temporal, dando atenção a fotos e notícias que possam vir a refletir aspectos de sensibilidade, possibilitando a interpretação de quais representações se passavam no momento, sejam estas para uma estrutura física ou para uma prática social.

A cidade nos traz uma grande experiência dos sentidos: ela tem um cheiro particular para cada espaço que a constitui, pode ser colorida ou até mesmo monocromática em seu aspecto visual, sua sonoridade pode alterar o nosso psicológico, trazendo tranquilidade ou agitação. Ela é uma estrutura sensível e é nesse sentido que Brescianni (1998) nos informa que:

As cidades são antes de tudo uma experiência visual. Traçado de ruas, essas vias de circulação ladeadas de construções, os vazios das praças cercadas por igrejas e edifícios públicos, o movimento de pessoas e a agitação das atividades concentradas num mesmo espaço. E mais, um lugar saturado de significações acumuladas através do tempo, uma produção social sempre referida a alguma de suas formas de inserção topográfica ou particularidades arquitetônicas. (BRESCIANNI, 1998. p. 237)

Em uma história da cidade, que foi escrita através da análise de fotos e impressos, se faz necessário iniciar uma discussão teórica partindo de uma das áreas da história cultural que foi de suma importância para essa pesquisa: as sensibilidades. Pesavento (2007) é o grande farol nessa discussão, ela nos aponta que:

Capturar as razões e os sentimentos que qualificam a realidade, que expressam os sentidos que os homens, em cada momento da história, foram capazes de dar a si próprios e ao mundo, constituiria o *crème de la crème* da história! Eis o grande desafio, se poderia dizer, para esta corrente historiográfica que trabalha com representações que os homens, através do tempo, construíram sobre si próprios e o mundo e que são, por vezes, difíceis de ser abordadas ou mensuradas. (PESAVENTO, 2007. p. 10)

Tais sensibilidades representadas em fotos e impressos precisam ser bem interpretadas para que se possa entender como a cidade, fruto da ação humana, veio a se constituir. Entender os registros sensíveis faz perceber como a cidade veio a ser modelada e remodelada pela ação do homem.

Ao se estudar a cidade como um fenômeno oriundo da ação humana, é preciso atentar para vários pontos em particular. Por se tratar do homem como agente de transformação da cidade, cabe salientar que ele irá transmitir, diretamente ou indiretamente, seus valores culturais no complexo urbano, modificando a cidade, suas edificações, paisagens e até eventos sociais que venham a ocorrer no local. Nessa linha de pensamento é importante inserir o modo de pensamento de Milton Santos (2020), sobre fixos e fluxos, em que o primeiro diz respeito à forma e à estrutura do que ocupa o espaço e o segundo fala sobre sua função e o processo de mudança que pode vir a aplicar em determinadas situações. Ora, determinadas estruturas na cidade constituem como algo fixo, porém a sua função se modifica com o tempo, ela enquadra-se no fluxo. A cidade é uma variante fixa, no entanto, a sua cultura é modificada por várias outras variantes externas, nesse sentido, a cultura da cidade é um fluxo.

Tratando de cultura da cidade, remete-se ainda à discussão elaborada por Sandra Pesavento (2005), que afirma que:

[...] partindo do entendimento antropológico da cultura como um conjunto de sentidos partilhados, o historiador buscaria resgatar a alteridade do passado de uma cidade

através das representações de tempo e espaço que ela oferece. Ou, em outras palavras, trataria de abordar a cidade através de um olhar que a contemplasse como uma temporalidade que encontra forma e sentido no espaço, ou como um espaço que abriga múltiplas temporalidades e sentidos. (PESAVENTO, 2005. p. 10)

Perceber e interpretar os registros de sensibilidades da cidade abrem portas para várias discussões acerca do espaço estudado, entre eles, o foco desse projeto: a cultura. Os registros sensíveis a serem captados pelas fontes oferecerão várias interpretações acerca das mudanças e permanências culturais vividas no local e o cruzamento dessas fontes deixará ainda mais precisa a informação adquirida. Segundo Pesavento (2005):

Recuperar a cidade do passado implica, de uma certa forma, não apenas registrar lembranças, relatar fatos, celebrar personagens, reconstruir, reabilitar ou restaurar prédios, preservar materialmente espaços significativos do contexto urbano. Todo traço do passado pode ser datado através do conhecimento científico, ou classificado segundo um estilo preciso, mas o resgate do passado implica em ir além dessa instância, para os domínios do simbólico e do sensível, ao encontro da carga de significados que esta cidade abrigou em um outro tempo. Ao salvaguardar a cidade do passado, importa, sobretudo, fixar imagens e discursos que possam conferir uma certa identidade urbana, um conjunto de sentidos e de formas de reconhecimento que a individualizem na história. (PESAVENTO, 2005. p. 11)

Sendo assim, para a compreensão ampla acerca do passado da cidade é necessário, como diz a autora, “ir além dessa instância” de apenas recuperar o passado e não entender o seu significado sensível. É preciso compreender o poder simbólico do fato passado, o contexto inserido e quais seus significados. Sabendo que essas sensibilidades são uma forma de apreensão de conhecimento do mundo para além do conhecimento científico (PESAVENTO, 2007. p. 10).

Barros (2007) chama atenção para vários fatores que envolvem a cidade, entre eles o fator cultura. O autor destaca que a cidade nos traz valores culturais em múltiplas linguagens, como por exemplo, os vários artefatos que configuram a cidade moderna em sua cultura material: placas, bancas de jornal, pontes, viadutos e entre muitos outros artefatos que significam o local.

Cada um dos artefatos citados anteriormente, além de remeter à cultura material, irá trazer uma gama de representações para a cidade, se tomarmos como exemplo o semáforo, este irá reger o tráfego de veículos que transitam nas vias da cidade, representando parte organizacional do complexo urbano.

Logicamente, ao fazer a conexão entre cultura e cidade deve-se ater a outros múltiplos fatores que configuram todo o “funcionamento” urbano, em que cada um gera impactos na cultura da cidade. O fenômeno urbano, como aponta Barros (2007), compõe uma grande

complexidade, que integra, em seu estudo, as seguintes áreas: história, função, população, cultura, imaginário, economia, política, organização e forma.

Para entender a cidade e a cultura que a envolve se faz necessário compreender a configuração das edificações, das ruas e vielas, que trazem consigo vários aspectos simbólicos que remontam a cultura de determinado espaço, todas imersas em várias representações. As cidades e suas paisagens nos remetem a uma visão de vários aspectos a serem analisados e essas simbologias contidas nas paisagens nos remetem ao imaginário.

Através da alegoria da paisagem captada pela fotografia e da representação do cotidiano apreendida através dos impressos, torna-se possível compreender os aspectos do imaginário e das sensibilidades cidadinas. Dessa forma, as representações nas paisagens culturais da cidade representam determinadas ações e grupos sociais de uma temporalidade específica.

Como foi dito anteriormente, as fotografias da cidade de Itabaiana e os jornais que noticiaram sobre ela foram parte das fontes da pesquisa que contribuíram à escrita desse trabalho. Sendo assim, cabe aqui discutir acerca dessas fontes.

Primeiramente, as fotografias. Tal tipo de documento traz detalhes e nuances que nos permitem analisar um determinado contexto histórico - “congelado” em um momento - tornando-se um item com uma particularidade única, que é a de representar a realidade quando a imagem foi capturada, resultando em uma importante ferramenta para o estudo da história cultural. Ana Mauad (2012) aponta que:

É importante considerar a fotografia simultaneamente como imagem/documento e como imagem/monumento (Le Goff, 1985). No primeiro caso, considera-se a fotografia a marca de uma materialidade passada, que nos informa sobre determinados aspectos desse passado, como condições de vida, moda, infraestrutura urbana ou rural, condições de trabalho etc. No segundo caso, a fotografia é um símbolo, aquilo que, no passado, a sociedade estabeleceu como a única imagem a ser perenizada para o futuro. Como documento e monumento, a fotografia informa e também conforma visões de mundo. (MAUAD, 2012. p. 264)

Sendo assim, as fotografias se tornam importantes fontes para a análise dos aspectos da paisagem cultural da cidade. Tal artefato consegue captar a herança cultural do espaço citadino e eternizá-la em uma imagem, seja ela digital ou impressa. As fotografias nos trazem um recorte do tempo que foi eternizado ao ser capturado pelo fotógrafo, constituindo assim um fragmento da história do determinado lugar captado pelas lentes fotográficas.

Ao entrar em contato com um memorialista da cidade de Itabaiana, ele conseguiu fornecer um acervo de fotografias bastante diversificadas, que retratam alguns momentos históricos da cidade e alguns espaços que foram se modificando com o passar do tempo. Praças, ruas e edificações sofreram modificações ou até deixaram de existir em algumas ocasiões.

O primeiro contato com as fotografias foi o que inspirou a ideia para esse trabalho, pois foi possível perceber as mudanças observadas ao comparar as fotografias de um determinado espaço com o mesmo espaço na atualidade. Após o choque inicial ao observar cada fotografia, a problematização surge e fomenta a busca pela representação do cotidiano citadino contida em cada imagem.

As fotografias obtidas foram de variadas épocas e em vários contextos. Ao obter essas fontes, foi feita a catalogação delas na busca de apreender a temporalidade de cada uma. Nem em todas as imagens foi possível identificar a temporalidade exata, no entanto, ao analisar a paisagem representada na imagem, é possível elaborar uma estimativa da data da fotografia.

As notícias veiculadas pela mídia fazem parte do nosso cotidiano, não só pelo fato de termos contato com elas, mas também por retratar o dia a dia da sociedade. Os jornais representam o cotidiano vivido, a notícia do dia anterior logo nas primeiras horas do dia do leitor.

O advento da globalização veio a tornar os jornais impressos obsoletos, a internet consegue algo que os impressos não são capazes: noticiar em tempo real. No entanto, no período proposto, a internet ainda não era realidade, nem no Brasil nem no mundo. Em seu formato impresso no século XX, o jornal era responsável por manter a população informada e retratar ocorridos do cotidiano, tornando-se assim, uma ótima fonte para apreender o cotidiano do período e efetuar problematizações acerca das práticas da época.

Além de não ser uma cidade grande, Itabaiana possuiu muitos jornais ao longo da sua história. No entanto, pouquíssimos desses jornais conseguiram resistir ao tempo e à negligência do poder público em conservar esses resíduos de memória. Sabiniano Maia (2015), em sua obra memorialista, elenca os jornais que já existiram nessa cidade, que foram: *O Município*, *A Notícia*, *O Anthelio*, *O Viandante*, *Correio da Semana*, *Gazeta da Manhã*, *O Jornal*, *O Paraíba*, *O Dia*, *O Progresso*, *A Folha*, *A Cidade*, *O Combate* e *Jornal Alvorada*. É importante salientar que grande parte desses jornais circularam no recorte temporal compreendido entre 1910 e 1930, com maiores incidências para a década de 1920.

Desses citados, cinco foram encontrados no arquivo do Instituto Histórico Geográfico da Paraíba (IHGP): *O Município* (1908), *O Jornal* (1914 - 1917), *Correio da Semana* (1912 – 1914), *O Anthelio* (1912) e *Gazeta da Manhã* (1914). Os documentos encontram-se digitalizados em um formato de alta qualidade, o que permitiu uma análise mais detalhada sobre o que era tratado no impresso.

Somado a esses impressos citados, nas obras memorialísticas de Sabiniano Maia (2015) e de Romualdo Palhano (2014), é possível ter acesso a um acervo de recortes de notícias sobre

a cidade de Itabaiana no jornal da capital *A União*, como também alguns jornais citados anteriormente, como *O Anthelio* (1912) e a *Gazeta da Manhã* (1914).

Como é perceptível, os livros dos memorialistas também fizeram parte do acervo de fontes para esse trabalho. Considerada uma das literaturas clássicas acerca da memória da cidade, intitulada *Itabaiana: Sua história – suas memórias 1500 -1976*, do autor Sabiniano Maia, traz um amplo recorte da história da cidade, em que o autor utiliza principalmente de jornais para tecer sua narrativa. Outra obra memorialística presente nesse trabalho é *Itabayanna: entre fatos e fotos*, do autor Romualdo Rodrigues Palhano, em que, como o título já sugere, o autor utiliza de fotografias e jornais para escrever sobre a história da cidade, utilizando inclusive, da obra de Sabiniano Maia como fonte.

Por muito tempo os memorialistas foram negligenciados pela academia, no entanto, percebe-se que, caso suas obras sejam analisadas com um olhar clínico e investigativo de um historiador, demonstram um potencial de problematização elevado em suas narrativas. Viviane Pedroso Domingues (2011) aponta que:

A narrativa memorialística muitas vezes pode ter elementos ficcionais, mas no geral sua busca no passado e também imbuída da necessidade de encontrar elementos explicativos do presente. O interesse pela história é evidente e apesar de não serem textos propriamente científicos, com pesquisas que levaram a uma narrativa histórica consistente, são, ao meu ver, derivados da consciência histórica e de uma necessidade sobre o passado, que não é sentida apenas por historiadores. Portanto, estudar os memorialistas também deve ser um campo de estudos da ciência história. (DOMINGUES, 2011. p. 11)

As obras memorialistas citadas anteriormente apresentam vários “pontos de ignição” que foram de grande utilidade para a pesquisa. Os autores ao longo da escrita indicam vários recortes de jornais que trazem importantes detalhes sobre a história da cidade, trazendo detalhes das mudanças efetuadas com a chegada da modernidade e o cotidiano da cidade.

A busca pela historiografia da cidade evidenciou uma ausência de estudos acadêmicos sobre a cidade de Itabaiana. Existem alguns estudos que foram consultados, como o trabalho da historiadora Maria Silva (1997), que tratou acerca dos impactos gerados pela ferrovia na cidade de Itabaiana, sendo esse o único encontrado no campo da História que tenha a cidade como seu principal objeto de estudo. Quando se amplia o escopo para as demais ciências, é possível encontrar outros trabalhos acadêmicos que trabalham a cidade, como o do geógrafo Pazera Júnior (2003), que trabalhou as feiras da cidade em sua pesquisa. Além desses dois trabalhos, encontrou-se outros na área da educação e na área das artes, no entanto, esses fugiam da proposta deste trabalho, logo, não foram de grande auxílio.

Sendo assim, essa ausência de trabalhos demonstra uma necessidade de mais atenção por partes dos pesquisadores para a cidade. Comparada às outras cidades, Itabaiana, que teve sua importância no trajeto da modernidade no estado da Paraíba, carece de historiografia, sendo o livro do memorialista Sabiniano Maia, a obra ainda mais pesquisada quando se busca compreender a história da cidade. Dessa forma, esta pesquisa busca gerar uma colaboração a essa lacuna historiográfica da cidade de Itabaiana.

Dessa forma, torna-se válido a compreensão da estrutura do trabalho. O primeiro capítulo desse trabalho, intitulado *Nas trilhas do progresso*, tem como foco analisar o trajeto feito por essa ideia do progresso, pela modernidade, ao chegar no Brasil. Primeiramente, é preciso entender o contexto nacional para poder compreender a chegada do advento da modernidade em uma cidade de pequeno porte no interior do Estado da Paraíba em meados dos 1900. A discussão inicia-se com os maiores centros urbanos do país no início do século XX: Rio de Janeiro, São Paulo e Recife.

Compreender, como sugere o título do capítulo, o percurso feito pela ideia de progresso, através da modernidade, ao chegar no Brasil e como esse caminho chega ao Nordeste, para só assim atingir a Paraíba e expandir-se para as cidades menores, torna-se algo necessário para o entendimento do contexto itabaianense e de como os signos da modernidade acabam chegando nessa pequena cidade paraibana. Sendo assim, após abordar as cidades tidas como grandes centros urbanos ao longo do Brasil, se fez necessário compreender esse percurso no contexto estadual, logo, a cidade da Parahyba – atual João Pessoa – e Campina Grande, as duas maiores do Estado da Paraíba, surgem na discussão para que se possa traçar o percurso feito pela implementação da modernidade.

Ao analisar a historiografia das cidades paraibanas, mesmo tratando-se das maiores, foi possível notar uma semelhança no processo de modernização: a cadência de implementação dos signos do moderno não foi tão acelerada quanto a dos outros centros urbanos de referência, como a cidade do Recife, por exemplo. Essa percepção de um ritmo desacelerado foi crucial para o entendimento do contexto itabaianense, que, assim como as demais cidades paraibanas, apresentou esse ritmo em menor escala.

Como dito no início dessa introdução, a cidade de Itabaiana fica em uma posição geográfica favorável em relação ao contato com os grandes centros urbanos, uma vez que fica entre Recife, Parahyba e Campina Grande. Dessa forma, os signos do moderno adentram na cidade de Itabaiana através do seu elo com Recife: a cidade de Limoeiro. Sendo assim, compreender como se deu o processo de modernização dessa pequena cidade Pernambucana,

também se fez necessário para desvendar o percurso feito pela modernidade afim de atingir o progresso.

Ao concluir o percurso feito pelo progresso até chegar em Itabaiana, na Paraíba, o capítulo irá adentrar na discussão acerca dessa cidade que é objeto de estudo desse trabalho. Sendo assim, fez-se necessário discutir acerca do processo de formação da cidade, para assim compreender como ela chegou a se tornar um importante elo entre a capital paraibana e a pernambucana. O contexto da cidade emancipada já remonta ao final do século XIX e, conseqüentemente, à expansão da modernidade no Brasil. Em Itabaiana, a modernidade foi chegando pouco a pouco, mas de maneira rápida. Pequenos intervalos separavam uma mudança técnica da outra, o que gera um grande impacto no cotidiano da cidade, uma vez que os cidadãos precisaram se adaptar rapidamente ao novo e o moderno. As tendências modernas que chegaram em Itabaiana são influências dos grandes centros urbanos, que por sua vez, se espelhavam na capital francesa, Paris. Dessa maneira, a cidade de Itabaiana sofreu diversas alterações para que recebesse o estatuto de cidade moderna e que respirava os novos ares da modernidade.

Por fim, o primeiro capítulo traz a discussão acerca das personalidades que foram influentes na formação da cidade e no seu progresso. Dessa forma, compreender como se estrutura o poder simbólico e o impacto que ele tem na formação de uma cidade se fez necessário para a discussão. Para compreender como o poder se configurou em Itabaiana, optou-se por discutir acerca da influência de dois chefes políticos que atuaram na cidade no período proposto por essa pesquisa, sendo eles: Dr. Heráclito Cavalcanti Carneiro Monteiro (1903-1915) e Dr. Odilon Maroja de Ribeiro Coutinho. Esses nomes foram cruciais no processo de modernização da cidade, em que utilizaram de sua influência política para conseguir pôr a cidade de Itabaiana nos trilhos do progresso. Nesse sentido, se fez crucial compreender o poder de ação e de influência que membros da elite dominante possuíam e utilizavam, seja na política como em meios midiáticos.

Para que esse capítulo se tornasse possível, a metodologia utilizada consistiu em uma análise historiográfica em dissertações e teses que trabalharam o tema da modernidade nas cidades circunvizinhas, assim como naquelas que tiveram envolvimento com a implementação da modernidade na cidade de Itabaiana, como a cidade do Limoeiro, em Pernambuco. Além disso, foram utilizados mapas, que foram problematizados de acordo com as demandas geradas no decorrer do desenvolvimento deste trabalho. A análise cartográfica tornou possível entender o processo de formação da cidade e da ferrovia que veio a funcionar no início do século XX. Recortes jornalísticos também são presentes nesse momento da narrativa, buscando relacionar

o mapa exibido com ocorridos em determinados locais, para melhor compreensão da formação da cidade.

O segundo capítulo do trabalho, que tem como título *Itabaiana, modernidade e progresso*, teve como foco a discussão acerca da transformação na paisagem da cidade de Itabaiana e como a modernidade veio a atuar no espaço ocupado. Assim sendo, esse capítulo buscou adentrar nos impactos sofridos na estrutura física da cidade com a chegada dos signos do moderno, que representavam o progresso. Ruas arborizadas, jardins públicos, o trem, bondes e o coreto, todos esses signos da modernidade se fizeram presentes nessa parte do trabalho.

Desse modo, para elaborar esse capítulo, a metodologia utilizada partiu da análise de fotografias, assim como registros memorialísticos encontrados no livro de Sabiniano Maia. Os recortes jornalísticos também se fizeram presentes para que possibilitassem a comprovação do que era dito pelos relatos, trazendo assim, a relação entre as fontes.

Discutir sobre a dialética existente entre a modernidade e o progresso se fez necessário ao longo do capítulo, uma vez que a ideia de progresso passa a ditar o *modus vivendi* dos habitantes de Itabaiana e região circunvizinhas. A modernidade buscada pelo progresso também irá afetar a paisagem da cidade e os cenários que os cidadãos irão se deparar. Aqui nessa discussão, a interdisciplinaridade com a Geografia foi de grande importância para o entendimento desses conceitos espaciais. Nesse sentido, uma discussão que problematizasse a questão da modernidade e o progresso se fez necessária, uma vez que este trabalho pretende compreender como a chegada da modernidade veio a alterar o cotidiano cidadão. Sendo assim, tratar sobre as mudanças nas técnicas são cruciais na discussão, assim como elas vieram a modificar o ritmo da cidade.

Perceber as representações contidas nas mudanças técnicas e estruturais também são necessárias de ser percebidas ao longo do trabalho. Sabe-se que as mudanças técnicas ocorridas na cidade pelo advento da modernidade vieram a afetar toda a sua dinâmica de funcionamento. O trem, os bondes de tração animal e as demais estruturas que se configuram como signos do moderno não chegam de maneira linear, mas sim em paralelo. Sendo assim, através da análise dos contextos das chegadas desses novos meios de transporte e de produção, será possível apreender o impacto que essa mudança veio a causar no cotidiano da cidade e, consequentemente, na sua cultura.

Assim como no primeiro capítulo, que trouxe algumas personalidades atreladas ao poder político que causaram impacto no processo de modernização de Itabaiana, no segundo capítulo, mais uma personalidade se faz presente, um empresário chamado Francisco Sotter de Figueiredo Sotter, o “Chico Soter”, que antes de aventurar-se em empreendimentos na cidade

de Itabaiana trabalhava como serralheiro na cidade do Recife, em Pernambuco. A partir das iniciativas de Sotter, Itabaiana teve acesso ao telefone, à iluminação elétrica e ao cinema. Dessa forma, esse empreendedor passou a ter grande impacto na implementação da modernidade no cotidiano itabaianense, uma vez que entende-se que a cidade moderna modifica o seu modo de ser experienciada a partir das novas técnicas que surgem, possibilitando práticas que antes não eram presentes no cotidiano citadino.

No mesmo período das mudanças citadas anteriormente, o processo de modernização trazido pelo anseio do progresso trouxe para a cidade de Itabaiana o abastecimento de água encanada, que se torna mais um dos signos do moderno. Dessa forma, Itabaiana recebeu as melhorias técnicas em paralelo com os grandes centros urbanos do Estado, no entanto, em uma cadência mais lenta que os demais e tendo muitos aspectos rurais entrelaçados com urbanos no cotidiano da cidade.

No terceiro capítulo, que tem como título *Cotidiano e cultura*, o foco foi o de captar os aspectos do cotidiano da cidade através dos jornais e das obras literárias. Enquanto o segundo capítulo buscou uma abordagem objetiva e tangível da cidade, esse capítulo em questão trabalhou o cotidiano através da problematização da subjetividade e do intangível trazido nas notícias.

Os jornais foram essenciais para imaginar o contexto em que se vivia nas primeiras décadas do século XX. No entanto, se faz necessário acrescentar que não apenas no universo lúdico transitou a discussão, os impressos tornam possíveis cristalizar o cotidiano noticiado como um registro de memória do que aconteceu. Logicamente, como foi dito anteriormente, se faz necessário saber filtrar as intenções do autor da notícia analisada para que se possa absorver, de maneira crítica, o cotidiano contido nas páginas dos jornais. Nesse sentido, utiliza-se do método da história de inquirir as fontes, buscando os ditos e os não-ditos na fonte jornalística, como forma de interpretá-la pela ótica da História.

Dessa maneira, os anúncios publicitários, por exemplo, demonstram parte do cotidiano comercial da cidade. Ao analisar essa parte dos impressos, foi possível captar o tipo de produto que circulava pela cidade, assim como identificar o público-alvo, dependendo do produto que se ofertava. Os anúncios surgem como uma vitrine do cotidiano. Não apenas no sentido econômico, mas é importante absorver também o sentido cultural e social dos anúncios, em que alguns demandam um entendimento do contexto da modernidade para a compreensão.

Analisar as práticas de lazer de uma sociedade também é uma boa maneira de captar o cotidiano vivido por ela. Nesse contexto, adentram à discussão o cinema, as bandas e os bailes que compuseram o cotidiano de entretenimento da cidade. Além disso, dentro desse contexto

do cotidiano, é importante ressaltar a construção do ideário do *chic*, construído pelos jornais da época e difundido como forma de estética da modernidade, o que acabou afetando o modo das pessoas agirem e se vestirem.

Para finalizar esse terceiro capítulo, o trem ressurgiu na discussão, no entanto, com uma ótica diferente do segundo capítulo. Assim sendo, seguindo a proposta do capítulo, o cotidiano que envolve o trem será analisado a partir dos recortes jornalísticos, buscando resgatar através das narrativas jornalísticas, o passado vivido. Para isso, queixas sobre o transporte e a ferrovia se farão úteis, assim como também as notícias que buscavam enaltecer esse novo transporte. Com isso, compreende-se que o trem, isolado, não cria um cotidiano, mas sim as pessoas que participavam do seu fluxo.

Por fim, esse trabalho buscou gerar, no término da pesquisa, uma contribuição para a escrita da história da cidade de Itabaiana, tendo como ênfase a área proposta pela linha de pesquisa “Cultura, patrimônio e memória”. Torna-se crucial o entendimento que toda cidade precisa ter sua história escrita (e ensinada) para ajudar no processo de desenvolvimento e construção da identidade social da população, proporcionando, assim, o pleno exercício da cidadania.

Nesse sentido, a pesquisa buscou proporcionar como retorno para a sociedade de Itabaiana, um trabalho que possa vir a contribuir para a história local, ressignificando lugares dentro do recorte espacial proposto, restaurando espaços de memórias, devolvendo a sensibilidade vivida no local.

Para a ciência, o retorno encontra-se exatamente na questão de se tratar de uma pesquisa sobre um recorte da história cultural da cidade, contribuindo assim para a escrita da história de uma cidade que não se configura como um grande centro urbano, porém, detém a sua importância dentro do cenário histórico.

1. NAS TRILHAS DO PROGRESSO

O início do século XX no Brasil é marcado pela grande aceleração de ritmo ocasionada pela modernidade que chegava nos grandes centros urbanos do país. Na primeira década, entre os anos de 1901 e 1910, o Brasil passou por um período de intensa transformação no que diz respeito à modernização de suas cidades. Grandes obras de infraestrutura foram realizadas, como a construção de ferrovias, a expansão de redes de energia elétrica e a melhoria dos sistemas de transporte público. Além disso, a urbanização se intensificou, com o crescimento das cidades e a adoção de práticas urbanísticas mais planejadas, buscando uma organização que melhor se encaixasse no modelo econômico vigente.

Para compreender como a modernidade e a busca pelo progresso traçaram a rota até chegar na cidade de Itabaiana, na Paraíba, é preciso compreender a formação desse contexto nos grandes centros urbanos, pois, se houve uma mudança técnica que afetou uma pequena cidade do interior, é preciso considerar que ela foi influenciada por cidades maiores que a circundam. No caso da Paraíba, destaca-se a capital, João Pessoa, assim como Campina Grande, localizada também no interior do estado. No entanto, assim como se ampliou o escopo para entender o contexto itabaianense em relação à modernidade, também é necessário ter em mente como se deu a chegada da modernidade em nível nacional, para só assim ir reduzindo o recorte até chegar no objeto de estudo: a cidade de Itabaiana.

Dando início a essa discussão, é preciso considerar que algumas regiões do país já haviam iniciado seus processos de modernização ainda no século XIX, principalmente no Sudeste, com destaque inicial para São Paulo, que esteve em um palco de mudanças a partir da década de 1870, com o forte impulso gerado pelas lavouras cafeeiras, transformando a “metrópole do café” em um entreposto comercial e financeiro, com presença de iluminação elétrica e estradas de ferro (SCHWARCS; STARLING, 2021). As mudanças na cidade acabaram impactando o modo de se viver nesse centro urbano, Schwarcz e Starling (2021) apontam:

Tantas alterações levariam a mudanças claras no comportamento da população local. Em São Paulo, a “boa sociedade” descobriu novos hábitos sociais nos bailes, no turfe, no trottoir e nas noitadas no teatro. E também em São Paulo o processo de urbanização implicou o “embelezamento” da cidade, mas igualmente a expulsão da pobreza. Se a infraestrutura da cidade foi alterada com a abertura de novos bairros e ruas elegantes como a avenida Paulista, casebres e favelas foram destruídos, com o objetivo de garantir o prolongamento e ampliação de ruas, largos e praças. (SCHWARCS, Lília; STARLING, Heloísa. 2021. p. 327)

Dessa forma, São Paulo deu o “ponto de ignição” nas grandes reformas urbanas que aconteceriam nos anos seguintes, período em que se procurou implementar a modernidade na cidade como forma de atingir o progresso, que passou a ser ainda mais desejado após a influência positivista pela qual passaram os ideais republicanos na passagem do século XIX para o XX. Sendo assim, é possível entender que a modernidade representaria o progresso, mesmo que fosse apenas para a “boa sociedade”, como trouxeram as autoras supracitadas.

Embebido nessa busca pelo progresso, Rodrigues Alves, em seu mandato como presidente do Brasil (1902-1906), orquestrou uma reforma urbana no Rio de Janeiro. Baseado na reforma executada em Paris por Haussmann, o engenheiro e prefeito do Rio de Janeiro, Pereira Passos, ficou responsável pela reforma urbana que teve como objetivo transformar a cidade carioca em uma vitrine para o mundo, para assim agradar os interesses estrangeiros. Nesse contexto, veio a expulsão da população pobre que habitava o centro da cidade, o “bota-abaixo”, como assim ficou conhecido, derrubou várias casas que eram ocupadas por essa camada mais baixa da sociedade para que as ruas fossem alargadas e para dar espaço a construções que viessem a somar naquilo que a elite social considerava bonito para a cidade que estava em plena reforma urbana visando o progresso.

No mesmo contexto da passagem do século XIX para o XX, surgiu a cidade de Belo Horizonte. Assim como as demais citadas até então, o ar de modernidade surge nessa cidade, no entanto, isso só foi possível através da repressão aos mais pobres. Após a destruição do povoado Curral del Rey e a expulsão daqueles que ali viviam, a cidade passou a receber o seu projeto através das elites mineiras. Schwarcs e Starling (2021) apontam que as elites republicanas mineiras planejaram, organizaram e executaram a cidade embaladas pelo sonho do progresso e da técnica. De acordo com as autoras:

Essa elite desenhou Belo Horizonte com um curioso sentido de modernidade: largas avenidas que permitissem maior fluência de tráfego, muitas praças, e uma noção rigorosa de hierarquia da área urbana - de um lado, ficavam os serviços comuns, como estação ferroviária, hospital e comércio; do outro, teatro, escolas, a municipalidade. O desenho trazia também uma evidente intenção cenográfica: na parte mais alta da cidade, numa praça retangular, os prédios imponentes das secretarias capitaneados, ao fundo, pelo Palácio do Governo Estadual - e, em posição de destaque, a figura da Liberdade entronizada em pedra. (SCHWARCS, Lília; STARLING, Heloísa. 2021. p. 328)

As três cidades citadas até aqui servem para iniciar a discussão acerca da chegada da modernidade no Brasil e como a sua aplicação foi associada ao progresso. Além disso, é possível perceber padrões existentes nesses processos de acomodação da modernidade em determinados espaços urbanos, um deles é a questão da exclusão social. Para que o progresso

fosse atingido, de acordo com as concepções das elites, era necessário a remoção dos aspectos marginalizados do campo do visível, processo que, em alguns casos acontecia de maneira direta, como no “bota abaixo” do Rio de Janeiro ou de maneira indireta, efetuando reformas que trariam novos serviços e itens que seriam inacessíveis à camada mais pobre da sociedade, fazendo com que esses habitantes não transitassem com muita frequência nessas áreas reformadas.

Entender o trajeto percorrido pela introdução da cidade moderna no Brasil nos faz perceber que o processo trouxe uma maior concentração na região sudeste do país, sendo isso consequência das políticas oriundas do Segundo Reinado. No entanto, no Nordeste do país, a cidade do Recife, no estado de Pernambuco, ganhou bastante destaque em suas reestruturações urbanas.

1.1. Do Rio de Janeiro ao Nordeste do Brasil: a expansão do progresso e a influência parisiense no modelo brasileiro

As cidades estão em mudança constante, novos adventos chegam e modificam todo o cenário urbano, modificando a paisagem e gerando impacto em como esse espaço passa a ser vivenciado. A modernidade chega anunciando o almejado progresso que as elites urbanas buscavam, ocasionando dessa forma uma série de mudanças técnicas que geram impacto no *modus vivendi* da cidade, trazendo uma mudança no cotidiano. A modernidade não chega para todos, porém, todos devem adaptar-se a ela.

Transformações nas paisagens urbanas ofertadas pelo advento da modernidade impactam diretamente os cidadãos desse espaço. Além disso, as mudanças acabam por influenciar as regiões que estão, ainda, fora desses processos de mudanças, fazendo com que os detentores do poder gerem estratégias para que os signos do moderno também cheguem em suas terras.

Chagas (2004) afirma que no Brasil, duas cidades atingiram o grau de influenciadoras para o restante do país: Recife, em Pernambuco e Rio de Janeiro, capital. O autor afirma também que os prefeitos das demais localidades do país passaram a ver essas duas cidades como exemplos de civilização e que deveriam ser seguidos. Tal influência chega até a Paraíba através da capital, o autor afirma que:

As transformações na paisagem urbana do Rio de Janeiro e do Recife passaram a influenciar os cidadãos no restante do país, o que levou a elite paraibana, principalmente os comerciantes ligados à Associação Comercial, a se interessarem

pelas mudanças ocorridas, no desejo de implementá-las também na Parahyba, uma vez que lucro advindo da cultura algodoeira, principal atividade econômica e a transferência da elite rural para a Capital justificavam a implementação de melhoramentos na malha urbana da cidade. A partir de então, a Associação Comercial composta também pelos produtores rurais, passou a ser o principal foco de defesa da urbanização da Capital paraibana. (CHAGAS, 2004, p. 27)

É importante perceber a relação da chegada da modernidade com o desejo dos detentores do poder, no caso, a elite. Essa camada social brasileira estava em mudança na passagem do século XIX para o XX, não se resumia apenas à elite agrária, passou a abarcar também os comerciantes, como uma espécie de ascensão tardia da burguesia. Nesse sentido, a modernidade chega para agradar essa camada social que detém o poder simbólico da região, trazendo assim, mudanças para o conforto dessa elite. O autor aponta o contexto da capital paraibana, no entanto, a influência dessas duas cidades também afetou o interior do estado, chegando em cidades como Campina Grande e Itabaiana.

A cidade do Rio de Janeiro e a do Recife viviam uma fase da modernidade diferente das demais cidades. Foram cidades que vivenciaram uma *belle époque* antes do restante do Brasil, enquanto cidades festejavam a chegada de bondes de tração animal, na cidade do Recife já havia sido instalado o bonde elétrico e havia carros circulando pelas vias da cidade. No entanto, essas transformações não chegavam para todos, aproveitar dos confortos ofertados pelos adventos da modernidade era um privilégio para poucos, apenas a elite gozava desse direito. Não por causa de limitações legais, mas por falta de acesso pela massa da sociedade, para esses, precisavam se adaptar às mudanças sofridas em seu ambiente, mesmo que para isso, precisassem reformular toda a forma que viviam a cidade. Dessa forma, o cotidiano de todos era afetado pela chegada do moderno, seja de forma positiva ou de forma negativa. Para a elite, essas transformações rapidamente foram aceitas e postas dentro do *habitus* dessa camada social. O almejado progresso havia chegado para ficar e transformar, Chagas (2004) aponta:

A partir de então, as elites não sentiram saudade das imagens da cidade antiga, e, ao lembrar da feição colonial da Capital da República, o fazia apenas para ressaltar o valor e a importância do progresso como fator determinante da modernização em que se vivia. Logo, o que representasse o progresso deveria servir como modelo para qualquer outra cidade, cujos moradores desejassem viver num centro de “civilização moderna”. [...] Seguindo o modelo parisiense de urbanização, caracterizado pela abertura das avenidas, a exemplo dos extensos *boulevards*, o propósito revelado por Pereira Passos era o da criação de uma cidade que tivesse a feição do progresso sonhado pelas elites. (CHAGAS, 2004, p. 29)

As cidades que eram vistas como exemplos de modernidade no Brasil também tinham uma cidade referência. O modelo de configuração urbana de Paris inspirava não só o Brasil,

mas outras cidades pelo mundo, como falou David Harvey (2015), a capital francesa tinha a alcunha de capital da modernidade. Paris aspirava e inspirava a modernidade, dessa forma, as reformas urbanas do seu então prefeito, Georges-Eugène Haussmann, acabaram gerando um espelho para que as elites vissem como o progresso através da modernidade deveria ser atingido.

Dessa forma, os impactos na paisagem da capital carioca acabaram por gerar um modelo de modernidade a ser seguido no Brasil. Pereira Passos, ao gerar um simulacro da urbanização de Haussmann, criou uma tendência no urbanismo brasileiro que reverberou em todo o país. A modernidade, mesmo que emulada da Europa, fez com que emergissem novas cidades, com novos costumes surgiram para se adaptar às mudanças que ocorriam na cidade, os habitantes almejavam pertencer ao novo espaço transformado e, para isso, precisavam também se transformar. No Brasil, inicialmente no Rio de Janeiro, percebeu-se que uma das primeiras mudanças que ocorreu no *habitus* do cidadão foi a questão da vestimenta. O modo como se mostrava em público configurava-se como um estatuto que indicava se o sujeito já estava aos novos tempos modernos ou não. Chagas (2004), ao refletir sobre as mudanças geradas pela modernidade na capital carioca, afirma que:

Parte da intelectualidade carioca do início do século XX considerava o Rio como um pedaço de Paris no Brasil, com estrutura urbana, hábitos e costumes que deveriam ser reproduzidos e seguidos pelos novos cidadãos. Eis a razão do *glamour* devotado à cidade francesa e ao Rio de Janeiro, e do desejo de muitos intelectuais brasileiros conhecerem à França especialmente Paris. Do contrário, se contentavam em reproduzir aqui a moda francesa como meio de aproximar-se da “civilização” e do progresso; buscando, com a nova aparência, não só acompanhar a remodelação da paisagem, mas integrar-se a ela. (CHAGAS, 2004, p. 30)

Na cidade do Rio de Janeiro, demonstrar-se moderno era uma forma da elite legitimar o poder simbólico que lhe foi atribuído. As mudanças que Pereira Passos trazia não foram realizadas pensando na massa, mas sim nas elites, como uma forma de agradar essa camada social que detinha o poder. Dessa forma, essa elite passou a ver Paris, a cidade que inspirou as mudanças no Rio de Janeiro, como modelo. Comparar a capital carioca com a francesa é uma forma de aproximar o estatuto de modernidade das duas cidades, mesmo que essas tenham tido contextos prévios diferentes. Paris se torna o aspecto do que a elite considera elegante, nas palavras de Chagas (2004), ela passa a ter um *glamour* devotado a ela por uma elite brasileira.

Evocando as reflexões acerca do poder simbólico de Bourdieu (1989) para a discussão, Paris se tornou a estrutura estruturante da modernidade no Brasil. Esse poder simbólico que a capital francesa passou a possuir foi legitimado pela elite brasileira, que de tanto almejar o

modelo parisiense para si, acabou gerando esse estatuto de cidade modelo quando se trata das reformas urbanas. Dessa forma, assim como Paris se tornou essa estrutura estruturante, o Rio de Janeiro se tornou uma estrutura estruturada pelos moldes franceses.

As tendências modernas vindas da Europa foram além do Rio de Janeiro, todo o Brasil foi afetado por essa influência que vinha principalmente de Paris. É preciso deixar estabelecido que nem todas as mudanças ocorridas na paisagem urbana das cidades tiveram a mesma dimensão das reestruturações ocorridas no Rio de Janeiro. Cada localidade teria sua proporção de mudanças. Trazendo a discussão para o Nordeste, Chagas (2004), ao dialogar com Azevedo (1996), aponta que:

Guardadas as devidas proporções, diversas cidades no Brasil tiveram também as suas paisagens urbanas transformadas. O Nordeste em meio a uma condição econômica frágil em relação ao Sul e Sudeste, mesmo assim teve suas principais cidades modernizadas. Segundo Neroaldo Pontes de Azevedo, “Recife foi palco de um incipiente desenvolvimento urbano, industrial. Tal fato contribuiu para gerar um estado de tensão responsável, por sua vez, pela consciência de uma necessidade de mudança nos níveis político, econômico e social”. Seguindo o ritmo definido pela sede da República e pelo crescimento da economia, Recife experimentou a remodelação urbana que subtraiu da sua paisagem a feição colonial e o caráter provinciano até então reinante. (AZEVEDO, 1996 apud CHAGAS, 2004, p. 31)

Dessa forma, Recife adentrou no cenário moderno. Enquanto o Rio de Janeiro teve Pereira Passos à frente do processo de modernização da cidade através de reformas urbanas, a cidade do Recife teve o prefeito Eduardo Martins de Barros (1905 – 1908), que buscou satisfazer os desejos das elites recifenses ao trazer reformas com o objetivo de deixar a urbe salubre, arejada, ampla e capaz de possibilitar o progresso e a “civilização” (CHAGAS, 2004, p. 31). Recife, assim como o Rio de Janeiro, tinha Paris como espelho.

As cidades que iniciaram seus processos de modernização buscavam por representações da capital francesa sempre que possível, seja na paisagem ou nas vestimentas dos cidadãos, Paris surgia como fonte de inspiração moderna. A modernidade, como foi dito, não chega para todos, ela veio com o intuito de satisfazer uma elite que almejava os moldes urbanos europeus nas cidades brasileiras, sendo assim, as remodelações enfrentavam resistências daqueles que não conseguiam sentir-se pertencentes a um ambiente moderno. Muitos dos habitantes sequer entendiam a necessidade dos códigos de comportamento que a elite passou a utilizar, para eles, algumas práticas adotadas não faziam sentido e não tinham outra utilidade se não a de mimetizar os franceses na tentativa de atingir o sonhado *glamour*. Ainda assim, sentindo pertencimento ou não, a modernidade seria implementada, pois não dependia do desejo das camadas populares,

mas sim da elite que detinha a influência oriunda do poder que exerciam na cidade. Acerca disso, Chagas (2004) fala que:

Mesmo contanto com o descrédito de muitos recifenses, a cidade vestiu-se de moderna; respirava-se Paris, vestia-se à francesa e pensava-se o Brasil com os olhos na França. A opção por esse modelo de cidade nem sempre aconteceu harmonicamente, mas por força da imposição de decretos instituídos pelo Prefeito, que se encarregou de propor leis que obrigavam a população a se enquadrar às novas feições adquiridas pela cidade, o que nem sempre foi cumprido a contento. Inconformismo à parte, a Capital de Pernambuco se consolidou num centro aglutinador e irradiador das novas ideias urbanísticas e de modernização e, ao lado do Rio de Janeiro e São Paulo, passou a exercer influência sobre as demais cidades, principalmente as do Nordeste. (CHAGAS, 2004, p. 32)

Sendo assim, Recife se tornou um símbolo de modernidade no Nordeste. A partir desse novo estatuto que a cidade recebeu, suas influências foram sendo irradiadas em sua circunvizinhança. Cidades como Fortaleza, Parahyba do Norte e entre outras da região tiveram influência do modelo de modernização que Recife passou a representar. É importante salientar que a estrada de ferro foi crucial para esse processo de disseminação de modelos urbanísticos. Com a ligação entre, por exemplo, Recife e Parahyba do Norte, – que fazia passagem por Itabaiana – notícias acerca do moderno transitavam nesse meio, assim como também facilitava as idas e vindas dos urbanistas, que passavam a compreender e buscavam aplicar as ideias de Hausmann nas demais cidades brasileiras. Dessa forma, os melhoramentos urbanos vieram sob a influência parisiense, o que fazia serem entendidos como modernização das cidades. No contexto da cidade da Parahyba, Chagas (2004) aponta:

Na Parahyba do Norte, parte dos cidadãos especificamente os comerciantes manifestou-se a favor da modernização da cidade. Esse desejo esteve representado, conforme veremos ao longo deste capítulo, na implementação dos serviços, o que, na compreensão das elites, resultaria na edificação da cidade ideal. Nesse sentido, os jornalistas que escreviam nos principais periódicos em circulação na época foram os porta-vozes do projeto de cidade que julgavam ser capaz de representar os anseios das elites, ou seja, a “Parahyba de direito e de fato” deveria constar de ruas calçadas, iluminadas, deveria dispor de transporte elétrico, água encanada e esgoto sanitário. Tais melhoramentos tornaram-se realidade nos bairros elegantes, habitados pelas famílias dos homens de negócios. Excluíam-se, assim, os outros cenários e seus personagens. (CHAGAS, 2004, p. 33)

É importante perceber, na citação supracitada, que na capital paraibana, assim como nas demais cidades, a modernidade veio para “representar os anseios das elites”. Esse anseio se repetiu em todos os casos discutidos até então, no Rio de Janeiro, no Recife e na Parahyba do Norte, em todas essas três cidades, a elite detentora do poder passou a influenciar uma remodelação urbana para ter a ilusão de que o simulacro de Paris em suas cidades representaria

um grau maior de requinte para o ambiente, que era algo que a elite almejava. Decerto as cidades ganharam novos aspectos e técnicas que foram inseridas devido a esse movimento de introdução da modernidade, trazendo benefícios para uma parte dos cidadãos. No entanto, é necessário salientar que o anseio pelo progresso a ser atingido a partir da modernidade partiu da elite e para ela. O projeto de modernização da cidade não tinha o objetivo de contemplar toda a camada cidadina, apenas as mais altas, que desejavam ter a tão almejada “cidade ideal”, que seria resultado de um conjunto de serviços a serem implementados que, em sua teoria deveria abarcar toda a cidade, mas na prática, assim como Chagas (2004) afirmou na citação, essa “cidade ideal” chegou apenas nos bairros mais abastados, outros cenários e outros personagens foram excluídos do processo de modernização.

1.2. A Paraíba no cenário da modernidade: o cenário de busca pelo progresso na cidade da Parahyba e em Campina Grande

Ao compreender o processo de implementação da modernidade nas cidades brasileiras, percebe-se que em alguns momentos ocorreram em paralelo em alguns dos grandes centros urbanos do país. Tendo sido Recife a cidade que representa a modernidade no Nordeste, passando assim a influenciar as cidades próximas e, por consequência, chegando até o estado vizinho, a Paraíba.

É preciso compreender que a intensidade da modernização da capital paraibana não seguiu com igualdade quando comparada com a pernambucana. Ainda assim, o ímpeto pelo progresso também desembarca na cidade da Parahyba, trazendo consigo uma gama de modificações a serem realizadas no ambiente urbano, modificando assim não apenas a sua paisagem, como também o modo em que se experencia e se vive nessa cidade afetada.

Ao se analisar o processo de modernização das cidades, é preciso abrir espaço para a reflexão de que a modernização é um caminho para a modernidade, mas nem sempre essa modernização atinge o que se compreende como modernidade, o que inclui um estilo de vida, organização social e fundamentado no progresso e gosto pelo novo (CHAGAS, 2004. p. 12). Nesse sentido, ao analisar o processo de modernização das cidades paraibanas, é possível afirmar que nenhuma conseguiu manter o ritmo de modernização dos grandes centros urbanos, como Rio de Janeiro, São Paulo ou Recife. Na Paraíba, também se viveu os ares modernos, no entanto, com uma cadência mais lenta do que nas grandes urbes. Para ser feita essa reflexão, é necessário evocar Marshall Berman (1986):

Nossa visão da vida moderna tende a se bifurcar em dois níveis, o material e o espiritual: algumas pessoas se dedicam ao “modernismo”, encarado como uma espécie de puro espírito, que se desenvolve em função de imperativos artísticos e intelectuais autônomos; outras se situam na órbita da “modernização”, um complexo de estruturas e processos materiais — políticos, econômicos, sociais — que, em princípio, uma vez encetados, se desenvolvem por conta própria, com pouca ou nenhuma interferência dos espíritos e da alma humana. Esse dualismo, generalizado na cultura contemporânea, dificulta nossa apreensão de um dos fatos mais marcantes da vida moderna: a fusão de suas forças materiais e espirituais, a interdependência entre o indivíduo e o ambiente moderno. (BERMAN, 1986, p. 129)

Sendo assim, mesmo que a cidade conte com uma reforma marcante apenas em suas estruturas físicas, ela não atinge o que se entende como modernidade, uma vez que, para isso, torna-se necessário a modificação na esfera do que Berman chama de espírito, ou seja, na questão do sensível e do imaginário. A cidade moderna de fato trata-se da interdependência entre as novas estruturas físicas que a apresentam com o modo como essas modificações alteram o cotidiano dos seus habitantes, o modo como vivem a cidade. Por mais que o progresso traga o novo ao aplicar o processo de modernização, a modernidade demanda uma mudança de configuração social, na produção e na questão do acesso às camadas mais pobres da sociedade.

Chagas (2004) ao estudar as modificações oriundas da modernização na cidade da Parahyba, de 1910 a 1930, aponta para uma modernidade inacabada, pois é possível notar que alguns costumes foram afetados pela mudança e outros foram mantidos aos moldes rurais do século XIX. É importante apresentar também que foi possível notar uma modernização que teve uma apropriação dos emblemas da modernidade por parte da elite local.

Nas primeiras décadas do século XX, a imprensa brasileira tratou de agir como agentes propagadores dos ideais da modernidade e do progresso. Os jornalistas paraibanos foram porta-vozes do projeto de cidade que julgavam ser capaz de representar os anseios das elites (CHAGAS, 2004, p. 33). Ruas calçadas, iluminadas, transporte elétrico, água encanada e esgoto sanitário se tornaram realidade na cidade da Parahyba entre 1901 e 1930, no entanto, foram limitados para os bairros elegantes, onde habitavam os membros da elite. Dessa forma, a modernização na capital paraibana foi pensada pela elite e para a elite. De acordo com Chagas (2004):

Inserida no contexto da modernização que caracterizou o Brasil durante as três primeiras décadas do século XX, a Parahyba e sua reorganização urbanística passaram a representar a preocupação dos governos locais. Aos poucos, os espaços tradicionais de circulação, moradia, trabalho e lazer, foram redefinidos e remodelados. Nessa empreitada, destacaram-se os governos de João Lopes Machado (1908-1911), João Pereira de Castro Pinto (1912-1915), Camilo de Holanda (1916-1920), Sólton de Lucena (1920-1924), João Suassuna (1924-1928) e João Pessoa Cavalcanti de Albuquerque (1928-1930). Esses governos se encarregaram de transformar os logradouros públicos, tornando-os lugares atraentes, higiênicos, arborizados;

constituídos de praças e jardins públicos, com novas ruas e avenidas abertas e calçadas, ambientes que elucidavam os paradigmas da modernidade em evidência. Era então o propósito desses políticos dar cabo dos becos e vielas insalubres e infectos em enfeavam a área central da cidade. Do projeto ainda faziam parte a instalação da energia elétrica, o serviço de bonde elétrico, a água encanada, as discussões iniciais acerca do esgoto sanitário e, posteriormente, a sua implementação. (CHAGAS, 2004, p. 33-34)

Pelas palavras do autor supracitado, é perceptível que o início do processo de modernização da cidade da Parahyba teve início um pouco após o mandato presidencial de Rodrigues Alves (1902-1906), em 1908. Dado o início ao processo de modernização, o ritmo da cidade passa a se alterar, passando a possuir muitos dos signos do moderno. No entanto, a cidade ainda manteve muito dos seus hábitos rurais, o que a distanciava do modelo de modernização ansiada pela elite.

A produção do algodão contribuiu para uma forte guinada nas finanças do Estado, o que, por consequência, possibilitou a transferência dos proprietários rurais para a capital. Essa elite agrária que passou a habitar o cenário urbano desejava o afastamento do rural, estimulando assim a implementação de sistemas de infraestrutura urbana. A partir de 1910, a cidade da Parahyba passou por grandes transformações, passando a possuir os sistemas de iluminação e transportes elétricos, assim como modificações nas ruas, o surgimento de cinemas e jardins. Chagas (2004) afirma que as mudanças foram tantas que a cidade se tornou irreconhecível para aqueles que a habitavam há vinte anos.

Entre 1920 e 1930, o foco dos governos girou entorno do investimento em rodovias, e com isso, ocasionou um aumento no fluxo da cidade. As mudanças ocorreram, inicialmente, nas áreas centrais da cidade, buscando abrir artérias que dessem acesso a vários locais da cidade moderna, mudando assim o cotidiano dos seus habitantes. O acesso facilitado à orla, por exemplo, fez com que o passeio até a praia passasse a ser mais comuns para fins recreativos. Chagas (2004) aponta que:

Enquanto ruas foram calçadas, outras foram abertas e alargadas. A manutenção de tais serviços exigiu que muitas residências fossem demolidas e as artérias, outrora desalinhadas, foram ampliadas, pois a cidade moderna pedia passagem. Não demorou e os transportes públicos e os automóveis particulares foram incorporados ao cotidiano da cidade. Símbolo do progresso, eles passaram a ser utilizados pelos políticos, comerciantes e os profissionais liberais residentes na área central. (CHAGAS, 2004, p. 49)

Percebe-se então que as camadas sociais que mais utilizavam dos novos símbolos do progresso foram aquelas mais privilegiadas financeiramente. Decerto, as camadas mais pobres

da sociedade utilizavam dos transportes públicos, no entanto, esses não ofereciam o mesmo conforto e o estatuto de *glamour* que os demais transportes, como os carros, ofereciam.

É interessante perceber que dentro da seara da modernidade, floresceu uma busca dos cidadãos mais abastados de demonstrar o quão modernos eram. A partir disso, é possível refletir acerca do cotidiano na cidade da Parahyba, onde as vitrines das lojas no centro da cidade ilustravam as novidades vindas do continente europeu, itens de vestimenta, cosméticos e outros artigos luxuosos que chegavam no comércio brasileiro para legitimar o estatuto da modernidade. Em relação à estrutura física da cidade, a movimentação trazida pela modernização trouxe novos ares para a cidade, que passou a acontecer com um ritmo acelerado. Sendo assim, no final da década de 1920, a cidade da Parahyba já estava bem modificada pela modernidade. Ainda assim, é necessário compreender que essa modernidade da capital paraibana não seguia a mesma intensidade da vivida na capital pernambucana, que já vivia a agitação típica do advento.

No interior do estado da Paraíba, a 126 quilômetros da capital do estado, encontra-se a cidade de Campina Grande, que também viveu o seu período de modernização nas primeiras décadas do século XX e atualmente é a segunda maior cidade do estado. Para discutir acerca dessa cidade, o livro intitulado *A cidade revelada: Campina Grande em imagens e História*, de autoria do professor doutor Severino Cabral Filho será de grande suporte, já que a temática central do trabalho em questão é a modernização da cidade de Campina Grande.

Os sinais de modernização iniciam em Campina Grande no início do século XX, e assim como em João Pessoa, não teve o ritmo acelerado das grandes cidades europeias, como Paris e Londres, nem como as maiores cidades brasileiras, Rio de Janeiro e São Paulo. Essas cidades maiores foram transformadas em centros industriais e comerciais, os crescimentos físicos e demográficos ocorreram com uma intensidade muito alta, fazendo com que suas populações chegassem às margens dos milhões de habitantes que compartilhavam o espaço da urbe, fazendo com que surgisse um novo advento das cidades modernas: as multidões (CABRAL FILHO, 2009, p. 45). Compreende-se então que a cidade moderna, em seu caráter de dimensão, cresceu não apenas em sua estrutura física, mas também em sua densidade demográfica e isso, de certa forma, altera o modo como essa cidade irá funcionar em seu cotidiano. A multidão cria um fenômeno que é comum em cidades de maior porte: o anonimato. Cidades de pequeno porte, ainda atualmente, não atingiram a fase de pôr um sujeito no anônimo na multidão e, de início, Campina Grande não atingiu essa fase. Sobre o processo de modernização de Campina Grande, Severino Cabral Filho (2009) aponta que:

Em Campina Grande, o que poderíamos denominar processo de modernização ocorre obedecendo a ritmos outros, diferentes daqueles caracterizados pela velocidade e pela multidão que inspiraram as leituras das metrópoles. Nesta cidade as mudanças ocorreram e foram plenamente percebidas e vivenciadas; percebem-se claramente a emergência da transformação da paisagem urbana não apenas pelas modificações fisionômicas que Campina Grande ia experimentando, mas também pela presença de outros símbolos deste processo, no qual, por exemplo, caminhões e automóveis passam a disputar o espaço das ruas da cidade com animais de carga e com pedestres. Essa mescla remete a uma cadência diferenciada, mais lenta. (CABRAL FILHO, 2009, p. 45)

Assim como João Pessoa, Campina Grande teve as três primeiras décadas do século XX caracterizadas pela forte presença da modernização. Ainda no final do século XIX, em 1896, o telégrafo chegou em Campina Grande, o que já demonstra um dos primeiros sinais da modernização, o princípio do aceleração dos meios de comunicação. A informação é um dos grandes vetores da modernidade, uma vez que, quanto mais rápido ela circula, gerando um intercâmbio entre outras localidades, mais rapidamente a cidade em questão vai se modificando, seja em sua estrutura física quanto nas demais esferas: social, econômica, política e cultural.

A partir de 1907, a cidade passou a contar com outro serviço de telégrafo, esse oferecido pela estrada de ferro, que chegou na cidade no ano em questão. O transporte ferroviário se tornou outro grande vetor da modernidade, encurtando as distâncias, não de maneira física, logicamente, mas o percurso que antes era percorrido por várias horas ou dias passou a ser feito com bem menos tempo dedicado. Esse processo de encurtamento de distâncias, tanto para a informação quanto para o transporte de cargas e passageiros acaba acelerando todo os processos que utilizam e passam a depender dos serviços prestados. A sensação de aceleração do cotidiano é ocasionada, uma vez que as pessoas passam a fazer mais atividades do que costumavam, devido à velocidade que passam a circular na cidade e fora dela.

Em 1918, chegam os telefones e os cinemas, trazendo assim uma forma ainda mais rápida de comunicação, assim como uma nova forma de lazer. Os cinemas apresentam uma nova forma de intercâmbio cultural, as pessoas que assistem a um filme oriundo dos EUA ou da Europa analisam cada pixel da tela em busca de entender a cultura dos outros países. Dessa forma, o cinema se torna uma importante ferramenta na disseminação de valores, a moda, por exemplo, passa a ser exibida pelos atores e atrizes que estrelavam os filmes, ocasionando um encantamento por parte do público que buscava utilizar o mesmo estilo de vestimentas, ou buscar o mesmo corte de cabelo ou porte físico. Além disso, o cinema foi um grande espaço de sociabilidade, onde as pessoas iam para assistir aos filmes, mas sempre com um tempo dedicado para comentar o que se assistiu após a sessão. Sendo assim, o cinema contribuiu para a implementação dos modelos de modernidade europeia.

O algodão foi uma cultura de grande importância para a Paraíba, várias cidades conquistaram prosperidade financeira diante da alta produção do vegetal. Em 1919, o processo de beneficiamento do algodão, produzido em Campina Grande, recebe uma mudança técnica: presença das prensas hidráulicas, que também representou uma modernização para a cidade e, assim como os demais melhoramentos da produção, significou uma aceleração no meio em que atuou, que nesse caso, foi o de produção, o que significou um grande avanço no setor industrial da cidade.

Na década de 1920, mudanças significativas chegaram no processo de modernização da cidade. Em 1920, a cidade passou a ser servida de iluminação pública, em 1926, bondes acionados a gasolina. Nesse período, ônibus já estavam circulando pela cidade, conduzindo pessoas pelo perímetro urbano campinense (CABRAL FILHO, 2009, p. 47). Bancos e cooperativas de crédito foram inaugurados na cidade, trazendo uma agitação maior no setor industrial, principalmente no setor têxtil, devido ao ímpeto na produção do algodão. Até o final de 1930, a consolidação do automóvel se tornou realidade na cidade de Campina Grande, fazendo com que o cenário sofresse modificações em relação à questão dos transportes que eram vistos pelos cidadãos em seus cotidianos. Carroças de bois, que chegavam de maneira numerosa na cidade, foram substituídas por poucos caminhões que significaram a otimização do trânsito urbano. Cabral Filho (2009) aponta que a indústria local recebeu novos setores, de vários itens de pequeno porte, como camas de ferro, malas, sabão, móveis, facas de ponta e redes. A vida na cidade ia se tornando diferente do que fora outrora, de acordo com o autor:

Fundaram-se, na cidade, centros esportivos e dançantes. As retretas dominicais eram realizadas na Praça Epitácio Pessoa. Segundo Câmara, desapareceram as lapinhas, os pastoris, as fogueiras de São João, as derrubadas de gado, as cavalcadas, os cavalos marinhos, os bois de carga, a condução de cadáveres em redes, as brigas de espada. A vida religiosa diversificou-se com o aparecimento de núcleos espíritas e protestantes. Construíram-se as primeiras ruas dos suburbanos bairros do Passa Tempo e as do Alto do Seixo. O cinema “Fox” e o “Campinense Clube” – uma sociedade dançante – eram privilégios das forças oposicionistas ao governo de então. Já os governistas detinham o jornal “Correio de Campina” e a banda filarmônica “Epitácio Pessoa”, além do cinema “Apolo” e o “Grêmio Renascença”. O carnaval transfigurou-se com o curso de automóveis, os ranchos, as serpentinas, os lança-perfumes. (CABRAL FILHO, 2009, p. 48)

Todas essas modificações na cidade acabavam ditando um novo ritmo a sua vivência. A cultura se transformou e o modo em que a experiência cidadina passou a ser adquirida se tornou mais complexa, com novos itens e atividades a serem utilizados. Os novos símbolos do mundo moderno geraram grandes expectativas para a elite campinense, que passou a usufruir de todas as inovações tecnológicas e teve seus hábitos modificados, tendo os grandes centros

urbanos como espelho. No entanto, é preciso levar em consideração que essa animosidade e expectativa vivida pelas elites não significava um sentimento homogêneo de todos os habitantes da cidade. Nesse sentido, as camadas mais pobres, por vezes, eram impedidas de usufruir das novidades técnicas por vários fatores, seja por falta do tempo necessário devido à alta carga horária nas indústrias ou pela falta da condição financeira necessária para utilizar dos serviços. As relações e reações com o moderno foram multifacetadas. Acerca disso, Cabral Filho (2009) aponta que:

Mas a convivência do moderno com a tradição já estava na ordem do dia, registrada nas páginas dos jornais e das revistas, nas propagandas, nas diversões que surgiam marcadas pela presença da técnica, que anunciava os primórdios da cultura das massas, nas discussões intelectuais, até mesmo na maneira de compreender e aceitar o progresso como uma conquista. Tudo isso ameaçava formas de viver que se repetiam, monotonamente, mas que representavam a segurança de andar por territórios já conhecidos. É impossível medir as múltiplas relações e as reações descortinadas pela modernidade. A perplexidade, a fascinação, o desconcerto e mesmo a decepção se fizeram presentes nas mais diversas cidades atingidas pelos eventos modernizadores: em Londres, Paris, Nova York, no Rio de Janeiro, Recife e Campina Grande; mas em cada uma dessas cidades as tonalidades e os ritmos do moderno se revelaram com cadências próprias, realidades e especificidades características. (CABRAL FILHO, 2009, p. 49)

Sendo assim, é válido afirmar que a instalação da modernidade não acontece de maneira única, como uma fórmula a ser aplicada, mas sim de maneira variada. Ora, toda cidade possui um contexto diferente da outra, com questões econômicas, sociais, políticas e culturais distintas, o que modifica consideravelmente a chegada de inovações. No caso de Campina Grande, observa-se uma cadência mais lenta do que os grandes centros urbanos, como Recife e Rio de Janeiro. Nos jornais e nas revistas, a imagem que buscavam apresentar era de uma cidade que recebia a modernidade rapidamente, com um ritmo digno de ser comparado ao modelo parisiense, no entanto, mesmo nos anos 1930, com a modernização já avançada, a cidade ainda apresentava muito do contato do rural com o urbano. Diante desse contexto, Cabral Filho (2009) traz um recorte de fala de um médico recém-formado, Severino Bezerra de Carvalho, que ao visitar a cidade em 1937 afirmou: “aquela Campina Grande de 1937, onde ancorei, tinha muito mais roça do que cidade grande”. Nesse sentido é importante refletir sobre a imagem criada a partir dos impressos que geralmente eram geridos por uma elite letrada e consumidos, em sua maioria, pela mesma camada. A cidade apresentada nos impressos difere bastante daquela apresentada nos relatos de alguns viajantes e de algumas fotografias.

Dessa forma, os processos de modernização de Campina Grande e da Parahyba (atual João Pessoa) foram semelhantes, mas não iguais. Ambos apresentaram uma cadência lenta, com

uma forte aceleração após a alta na produção de algodão. A década de 1920 trouxe várias modificações para as cidades, trazendo um novo ritmo de vida, que modificou por completo o cotidiano dos seus habitantes. Cidades do interior da Paraíba, por exemplo, tiveram um processo de implementação do moderno com uma cadência ainda mais lenta do que as apresentadas em Campina Grande e na cidade da Parahyba.

Ao falar das cidades do interior do estado, Santos (2012) demonstra a chegada da modernidade em Alagoa Nova que, segundo o autor, veio em um ritmo bastante lento ao comparar com outras cidades. Silva (2011) trabalhou a cidade de Patos, em que também evidenciou esse ritmo desacelerado. Wanderley (2009) trouxe a cidade de Pombal para a historiografia paraibana e demonstra também como a modernidade chegou na cidade com uma cadência semelhante às outras citadas. Um ponto em comum em todas essas pequenas cidades e Itabaiana é que todas são cidades do interior da Paraíba e apresentaram uma chegada da modernidade de forma bem mais gradual e lenta do que os grandes centros urbanos. Dessa forma, percebe-se que a modernidade chega lentamente e se torna realidade nas pequenas cidades, dividindo espaço com uma paisagem e um cotidiano ainda rural e, aos poucos, as mudanças técnicas oriundas dessa modernização vão enraizando-se no cotidiano dos seus habitantes.

É importante ressaltar que, até então, a narrativa desse capítulo buscou trazer como foco da discussão o percurso da modernidade no Brasil, começando das grandes cidades do Sudeste, vindo até uma grande cidade do Nordeste, para assim adentrar a discussão na Paraíba. No entanto, se faz necessário um retorno a Pernambuco quando se fala de Itabaiana, pois é preciso compreender como essa cidade do interior do estado da Paraíba se tornou um forte ponto de conexão entre os estados. Nesse sentido, o regresso a Pernambuco na discussão leva à cidade de Limoeiro, cuja conexão com Itabaiana foi feita através da estrada de ferro, sendo o trem um dos principais vetores da modernidade na cidade.

1.3. Limoeiro (PE): o elo entre Recife (PE) e Itabaiana (PB)

Antes de iniciar a discussão acerca de como se deu o processo da chegada da modernidade na cidade de Limoeiro, é preciso explicar que a discussão nesse tópico será diferente das outras cidades abordadas até aqui, em que se elencou, linearmente, as mudanças ocorridas. Como Limoeiro teve uma forte influência na chegada da estrada de ferro – portanto, da modernidade – em Itabaiana, torna-se necessário uma atenção maior, pois ela funcionou como um elo entre Recife e Itabaiana, sendo essa ligação responsável por grande parte das

novidades modernas que chegaram à pequena cidade do interior da Paraíba. Para se ter uma noção melhor da importância dessa conexão efetuada através da ferrovia entre as duas cidades, faz-se importante o seguinte mapa:

Imagem 02: Mapa, de 1926, da rede ferroviária dos estados da Paraíba e de Pernambuco.



Fonte: Acervo próprio

As marcações coloridas foram colocadas para o desenvolvimento desse trabalho e para que pudessem facilitar a leitura da imagem. Na marcação roxa encontra-se a cidade do Recife, na vermelha, Limoeiro, na azul está a cidade de Itabaiana, em verde, Campina Grande e no canto superior direito, em amarelo, está a cidade da Parahyba. No mapa é possível observar a centralidade de Itabaiana em relação as demais cidades, atuando como principal ponto de conexão entre os dois estados, em que, inicialmente, a cidade de Limoeiro teve uma importância crucial para a conquista desse estatuto de importância de Itabaiana em relação a sua ferrovia.

Ao falar de Limoeiro, o fato de se configurar, assim como Itabaiana, como uma cidade de pequeno porte faz com que se entenda de maneira mais precisa como se dá a implementação da modernidade em cidades que não se configuram como grandes centros urbanos, mas sim pelo contrário, como cidades pequenas que tem o constante convívio do rural com o urbano e com uma cadência mais lenta na chegada dos signos do moderno.

A cidade de Limoeiro é situada no agreste pernambucano, a 77 quilômetros de Recife e é cortada pelo rio Capibaribe. Limoeiro, assim como Itabaiana, configura-se como uma cidade de pequeno porte. É importante utilizar dessa última característica citada para compreender como se dá a instauração dos signos do moderno em cidades pequenas, pois até então se discutiu

a respeito de cidades de portes maiores, sendo Campina Grande a menor delas, mas ainda assim, bem maior do que Limoeiro e Itabaiana.

O povoamento da cidade de Limoeiro se deu, inicialmente, pela atividade pecuária. A cultura do algodão passou a ser destaque na cidade no decorrer do século XIX. As altas produções desses itens fizeram com que o espaço povoado começasse a ganhar mais habitantes e formando a vila que viria a ser cidade futuramente. Araújo (2016) aponta que:

O agreste da pecuária do século XVIII transformam-se no agreste com um predomínio maior da agricultura no século XIX, não significando o desaparecimento das criações de gado. Limoeiro acompanhou esse ritmo. [...] A cultura do algodão já a alcançava. O plantio, produção e comercialização do produto era atividade corrente não apenas em Limoeiro, mas, no agreste do século XIX. Uma atividade que vai se desenvolvendo e ganhando força com as melhorias das condições técnicas, o crescimento da densidade demográfica e a construção de estradas e caminhos interligando a região com as grandes cidades do litoral. (ARAÚJO, 2016, p. 38)

É interessante perceber que, mesmo nas pequenas cidades, o século XIX atuou de forma revolucionária ao inserir novas técnicas e ritmos ao cenário urbano. Século marcado, em contexto mundial, pela segunda Revolução Industrial, em que a potência humana havia sido substituída pela potência das máquinas, com a consolidação das máquinas a vapor que geraram influência a nível mundial, transformando as configurações espaciais e sociais das cidades. No Brasil, como foi discutido anteriormente, as transformações são mais intensas nos grandes centros urbanos, sendo os pequenos, como Limoeiro e Itabaiana, adaptados tempos depois para que possam gerar contribuição para os maiores centros, seja financeira ou até geográfica.

Araújo (2016) aponta que Limoeiro seguiu um ritmo de modernidade bastante diferente da capital pernambucana pelo fato de se tratar de uma pequena cidade do interior do estado. Mesmo com o ritmo menor cadenciado, Limoeiro recebeu os signos do moderno, sendo a construção da estrada de ferro em 1882, que a conectava com Recife, um dos primeiros signos a chegar na cidade. De acordo com o autor:

A locomotiva era o novo, o moderno, e por assim ser, acaba por causar espanto, admiração e até medo. As populações precisavam aprender a conviver com a máquina e a cadência dessa nova tecnologia. Em Limoeiro, foi a partir da ferrovia, construída para inicialmente escoar a produção econômica, que a antiga vila foi dando lugar ao incipiente processo de modernização, alterando veementemente a paisagem urbana. [...] O processo de urbanização de cidades de pequeno e médio porte, como no caso de Limoeiro, foi permeado por processos socioespaciais e culturais, incorporando elemento extra locais, absorvendo a influência de grandes centros urbanos que representavam aquilo que era moderno. São Paulo e Rio de Janeiro foram os principais centros disseminadores de uma modernidade no Brasil, no entanto, outras capitais também foram fortes representantes da modernidade nacional, como Recife, que serviu de referência à Limoeiro. (ARAÚJO, 2016, p. 40)

Tendo como referência a cidade de Recife, Limoeiro adentrou na modernidade, sendo o trem um dos vetores desse evento que transformou a paisagem urbana, tornando a sua arquitetura mais adaptada para o novo, para que se entendia como moderno e que levaria assim, ao progresso. Nesse sentido, ainda em diálogo com o autor, cabe salientar que, assim como a modernidade e tudo que ela traz, nas cidades de pequeno e médio porte tiveram influência das de grande porte, nessas maiores, a influência sofrida vem da Europa. Modelos arquitetônicos, símbolos do moderno, tudo era definido por aqueles que detinham o poder simbólico oriundo do avanço técnico, portanto, os europeus.

Buscando seguir os padrões do moderno, Limoeiro transformou-se e, logicamente, não foi uma transformação isolada, afetando além da estrutura física, como também a cultural, social, política e econômica. Segundo Araújo (2016), o momento de inauguração foi de grande festividade e euforia, onde os habitantes da cidade festejavam o novo.

Araújo (2016) traz um dado interessante acerca dos administradores da *Great Western*, empresa responsável pela instalação da estrada de ferro no Nordeste². Tais informações acabam contribuindo para a reflexão acerca do funcionamento da ferrovia na cidade de Itabaiana, que será discutida posteriormente. De acordo com o autor, era o transporte de cargas, e não o de passageiros que gerava a maior parte do lucro para os empresários, fazendo com que eles focassem nesse tipo de transporte, visando maximizar os lucros. Segundo Araújo (2016):

Mas, foi o transporte de cargas e não de passageiros que inflou os bolsos dos administradores ingleses. A bem desenvolvida região açucareira atravessada pela estrada garantia bons dividendos para a empresa, somando-se ao algodão mais comercializado em Limoeiro. Os bons lucros os satisfaziam muito bem. Algo que buscavam não divulgar, já que no contrato de concessão existia uma cláusula que determinava que sempre que os dividendos atingissem 12%, as tarifas deveriam ser reduzidas. (ARAÚJO, 2016, p. 53)

Tendo chegado a estrada de ferro e o trem na cidade de Limoeiro, o ritmo do local se tornou bem mais agitado. O que antes era ditado pelo vai e vem das carroças puxadas por animais, e suas limitações de pequenas cargas passou a ser ditado pelo itinerário do trem, que trazia e levava uma quantidade bem mais alta de carga do que várias carroças. A cidade de Limoeiro, na segunda metade do século XIX, já começou a experimentar o ritmo da modernidade, por mais que seja em um bem menor do que o de uma grande cidade como Recife.

² A *Great Western Brazilian Railway* (GWBR) será mais bem trabalhada no capítulo seguinte, ao discutir acerca da chegada dos signos do moderno na cidade de Itabaiana.

Araújo (2016), ao falar sobre a expansão da estrada de ferro, cita um documento intitulado *Indicador do Comércio e Indústria em Pernambuco e Alagoas*³, datado de 1906, que menciona a cidade de Itabaiana. O trecho recortado pelo autor, indica que o percurso da ferrovia, ao passar por Floresta dos Leões, segue para Tracunhaém, Junco, Nazareth, onde tem uma parada e segue para Lagoa Seca, Baraúna, Aliança, Pureza, Timbaúba, Rosa e Silva e por fim Itabaiana (ARAÚJO, 2016, p. 54). Ao falar da ligação da estrada de Pernambuco à da Paraíba, o autor indica:

Observando o trajeto desse ramal que, saindo de Carpina, atingia Nazaré da Mata, o governo despertou o interesse em prolongá-lo. Estendendo os trilhos até a vila de Timbaúba era conveniente ligar esta à Estrada de Ferro do Conde d'Eu que vinha da província da Paraíba. Foi já no ano de 1882 que essa ligação foi declarada de interesse geral através do decreto nº 8.822 de 30 de dezembro do já mencionado ano. O acordo com a GWRB para essa nova empreitada seguiu as mesmas obrigações, direitos e vantagens comuns aos contratos anteriores, com a exceção da garantia de juros e, ao término do prazo de 70 anos (e não 90) todas as obras, edifícios e materiais pertencentes ao prolongamento seriam revertidos para o Estado sem indenizações. (ARAÚJO, 2016, p. 54)

Dessa forma, Paraíba e Pernambuco tiveram sua conexão efetuada ainda no final do século XIX, o que trazia uma forte vantagem para o transporte de mercadorias e de pessoas entre os estados. É no começo do século XX que as ferrovias se consolidam, de fato, na Paraíba, fazendo com que a modernidade, vinda principalmente através da influência de Recife como grande centro urbano do Nordeste e que viria a atingir as cidades da Paraíba que eram polos econômicos, como Campina Grande e a cidade da Parahyba, assim como cidades do interior, como Itabaiana.

Outras formas de transportes chegaram à cidade de Limoeiro após o trem, em 1905, os bondes de tração animal vieram para facilitar o transporte de passageiros e pequenas cargas no interior da cidade, por onde o trem não poderia trafegar. De acordo com Araújo (2016), em 1920, foram substituídos por bondes a motor, o que simbolizou o progresso do sistema de transporte. Após o cancelamento do serviço dos bondes na cidade de Limoeiro não houve nenhum para substituí-lo, diferentemente da capital que recebeu o sistema de ônibus.

Em 1917, chegou a iluminação elétrica na cidade de Limoeiro, fazendo com que a procura por bondes de tração animal passasse a entrar em declínio, pois a sua demanda diminuiu, uma vez que grande parte da sua procura era no período da noite, quando os

³ De acordo com Araújo (2016), o documento encontra-se no acervo da FUNDAJ. No entanto, possivelmente não foi digitalizado e encontra-se apenas em cópia física, pois ao buscar no momento da pesquisa, não foi encontrado no *site* da instituição mencionada.

transeuntes temiam a escuridão. Mesmo conquistada a eletricidade, os bondes elétricos não alcançaram Limoeiro, sendo, na época, em Pernambuco, uma exclusividade da cidade do Recife, onde foram inaugurados em 1914.

Todas essas modificações trazidas pela modernidade ocasionaram diversas mudanças na cidade de Limoeiro, não só em sua estrutura física, que foi modificada para adaptar-se aos novos signos do moderno que surgiam, mas também no cotidiano dos seus habitantes, que passaram a conviver com esses elementos da modernidade e tiveram o seu ritmo de vida totalmente modificado, sendo assim acelerado. Nesse sentido, mesmo que na cidade de Limoeiro a modernidade tenha sido introduzida em uma cadência bem mais lenta do que em Recife, ainda assim ocasionou uma forte aceleração no modo de vida da população.

Mesmo que discutido brevemente, o modelo de implementação da modernidade de Limoeiro não apenas possui semelhança com a forma que chegou em Itabaiana, mas também possui ligação direta, através da estrada de ferro Recife-Limoeiro. Sendo assim, é possível afirmar que a cidade de Limoeiro tem uma importância crucial para a rota da modernidade até chegar na cidade de Itabaiana, pode-se dizer então, que Limoeiro descortinou o processo de modernização de Itabaiana.

1.4. Itabaiana: povoamento e urbanização

Assim como essas duas cidades paraibanas que foram analisadas até aqui, o processo de modernização da cidade de Itabaiana, que fica no meio do percurso entre essas apresentadas, também possuiu uma cadência mais lenta do que a dos grandes centros urbanos, como o caso da cidade de Limoeiro, em Pernambuco. No entanto, Itabaiana teve uma particularidade: por ser mais próxima de Recife, alguns dos símbolos do moderno chegaram primeiramente nela do que na cidade de Campina Grande e na da Parahyba.

Logicamente, por se tratar do objeto de estudo desse trabalho, se torna necessário estender o texto escrito acerca da cidade de Itabaiana, uma vez que é preciso especificar alguns detalhes de sua formação para que ela possa ser compreendida como essa cidade que passou a beber da fonte da modernidade, porém com uma cadência particular, já que era uma cidade de porte menor ao comparar com as outras que foram discutidas até aqui.

Dessa maneira, pode-se afirmar que ao se estudar uma determinada cidade, é necessário compreender o seu processo de formação em que, obviamente, cada caso terá diferenças e semelhanças ao ser comparado com outro. No entanto, podemos dizer que o processo de formação das cidades tem seu início com o povoamento da região onde ela veio a se expandir.

A partir desse povoamento, relações sociais vão sendo desenvolvidas e isso proporciona o ambiente necessário para que seja demandada uma organização social desse povoado. O povoado se torna vila, as transformações continuam e acabam demandando uma organização ainda mais arrojada, assim, a categoria de vila é elevada a cidade.

No entanto, reduzir a formação da cidade a essas mudanças organizacionais é cometer um grande erro, o de perder os detalhes e nuances dessas transformações. As cidades, como dito anteriormente, estão em um processo constante de transformação, assim como a sociedade que a habita. Dessa forma, é possível encaixar esse movimento citado anteriormente como algo em comum na grande maioria dos eventos que originaram cidades, uma vez que, com exceção das cidades planejadas desde a sua gênese, todas as cidades surgem de um povoamento que vai prosperando ao longo de sua história.

As cidades possuem suas individualidades, cada uma surge de um contexto social local e tem sua formação em paralelo com a constituição de uma nova sociedade. Em seu espaço, a cidade possui seus aspectos concretos, como edificações, ruas e objetos que a compõem, assim como também possui os aspectos imateriais, como o próprio cotidiano e a experiência de viver a cidade, que pode vir a ser modificada dependendo do contexto social daquele que a vivencia.

Sendo assim, no caso de Itabaiana, é importante compreender a sua formação para que faça sentido a discussão sobre a modernidade e o progresso que vieram a afetar essa cidade do interior paraibano no início do século XX, chamado de “século da urbanização” por José D’Assunção Barros (2007) em seus estudos sobre a cidade, no qual postula que foi nesse século em específico em que a humanidade testemunhou um grande avanço no processo de urbanização. Dessa forma, é possível considerar que Itabaiana estava imersa em uma grande onda de urbanização de caráter mundial na temporalidade proposta.

O surgimento e a formação de Itabaiana, que vai de uma propriedade privada até um município, demonstram detalhes importantes para o entendimento do perfil da cidade no século XX, em que se destaca por ser um espaço de muita circulação de pessoas e mercadorias, fazendo o elo entre Pernambuco e Paraíba. A formação de Itabaiana ocorre em torno do comércio e é essa a principal característica que guia o crescimento da cidade. Dessa forma, se faz necessário compreender de forma breve como esse comércio, mais especificadamente a feira de gado, veio a ter tanta relevância para a ocupação do espaço que se tornou eventualmente a cidade de Itabaiana.

É válido salientar que não se pretende fazer todo o levantamento histórico da cidade desde o período colonial, mas sim compreender como se deram as nuances do processo de

ocupação do espaço e como a comercialização de gados veio a afetar esse processo, ocasionando no surgimento da cidade.

1.4.1. Povoamento e progresso: de propriedade privada a município

Situada na região do agreste paraibano, o solo itabaianense, no contexto colonial, em 1534 pertenceu à Capitania Hereditária de Itamaracá e logo após, à Capitania Real da Paraíba, fundada em 1574 por D. Sebastião I, em que é válido afirmar que o fato de ter sido criada como capitania real⁴ entre os portugueses e os indígenas. Com o término do conflito, foi estipulado um acordo para regular a ocupação do espaço. O espaço referente a Itabaiana foi encontrado desocupado durante o período da conquista, como aponta Horácio de Almeida (1996):

Toda a caatinga litorânea que vai de Cupaoba a Pedras de Fogo, através de Alagoa Grande, Mulungú, Alagoinha, Araçá, Sapé, Espírito Santo, Pilar, Gurinhém, São Miguel de Taipú, Itabaiana e Mogeiro, era terra desocupada. Pelo menos, assim foi encontrada na época da conquista [...] (ALMEIDA, 1996, p. 245)

O fato de ter sido encontrado desocupado durante o período da conquista não indica que ele sempre foi deserto, possivelmente houve habitação em um dado momento da história do espaço referido, pois um cemitério indígena foi encontrado no final do século XIX, como aponta Sabiniano Maia (2015):

Por volta de 1890, em Itabaiana, no local onde até há pouco se realizava a feira de gado, Alto dos Currais, encontraram-se ossadas humanas postas em jaras. Descoberta feita por ocasião da abertura de alicerces para a construção de casas residenciais, em ruas adjacentes aos currais da feira. (MAIA, 2015, p. 61)

Apenas em 1911, um relatório do Instituto Histórico e Geográfico Paraibano confirmou a origem do achado arqueológico. Tratava-se de uma necrópole tupi do período pré-colombiano, ou seja, anterior à conquista. Sendo assim, o espaço encontrado deserto pelos colonizadores não foi sempre dessa maneira.

⁴ De acordo com José Octávio de Arruda Mello (2002) a criação da capitania da Paraíba ocorreu como consequência do evento chamado de Tragédia de Tracunhaém, onde os potiguaras protagonizaram um massacre em engenhos do local devido ao sequestro da filha do cacique da tribo. O massacre e a criação da capitania datam o mesmo ano, 1574, desse modo, isso demonstra a repercussão dos acontecimentos em Tracunhaém e a importância concedida pela Coroa portuguesa e sua ocupação (MELLO, 2002, p. 26). Os onze anos que compreendem o conflito foram marcados por várias expedições portuguesas na tentativa de vencer os indígenas, que foi finalizada em 1585 quando os lusitanos utilizaram de sua aliança com os tabajaras para subjugar os povos originários, os potiguaras.

Ainda sobre a ocupação do espaço que viria a ser Itabaiana, é interessante observar que de acordo com o trecho citado por Maia (2015), do *Livro de Tombo do Mosteyro de Sam Bento da Parahyba*, a primeira sesmária doada nas terras que viriam a compor o município de Itabaiana surgiu em 1663 e teve como proprietários os fazendeiros Francisco Camelo Valcasser e Francisco Rego Barros, que haviam auxiliado no combate contra os holandeses, que saíram da colônia portuguesa em 1654.

Anos adiante, em 1670, os jesuítas passaram a ocupar o espaço onde hoje é a cidade do Pilar, criando uma aldeia missão na região (PINTO, 1908, p. 65).⁵ Acerca da ocupação do local onde realmente viria a ser o município de Itabaiana, Maia (2015) aponta que:

Em 18 de abril de 1750, Itabaiana, a cidade de hoje, ainda era desabitada. [...] Em 18 de novembro de 1757, Josefa Coelho e João Fernandes Lisboa, sogra e genro “eram senhores e possuidores de dois sítios de terra de criar gados no sertão do Curimataú, chamado um Itabayanna”. [...] Podemos, assim, afirmar que Itabaiana teve sua origem numa fazenda de criar gado, que tinha, aliás, a mesma denominação. (MAIA, 2015, p. 46)

Dessa maneira, na metade do século XVIII, com uma ocupação ainda vagarosa, Itabaiana surgiu como um sítio de criar gado. É válido observar que se trataria de uma propriedade privada voltada para a criação desse determinado animal. Esse sítio viria a se tornar relevante o suficiente para atrair um alto fluxo de pessoas em um espaço de tempo não tão longo, pois no início do século XIX a movimentação de pessoas no local já seria perceptível.

No início dos oitocentos, Itabaiana já teria uma ocupação mais expressiva, sendo citada pelo governador da capitania, Luís da Motta Feo, em seus relatórios de viagem⁶ que foram escritos para registrar a sua viagem pela capitania da Parahyba. A povoação à margem do rio Paraíba é delimitada pelo governador como sendo parte do sertão, mesmo sendo geograficamente situada no agreste. Ao descrever a povoação encontrada onde viria a ser Itabaiana, Motta Feo (1804) comentou:

Tinha bastante gente e pareceu-nos o mais agradável sítio, e na realidade é de todos quantos paramos nesta viagem. Está situada à margem do rio Paraíba, que neste lugar se faz agradável e muito frequentado, de passageiros de todos os sertãos e porveito (sic) em o melhor comércio do sertão e é o lugar mais próprio para uma feira de gados. Tem a povoação de 130 casas e uma boa igreja mais bem edificada. (MOTTA FEO, 1804 apud ROCHA, 2007, p. 106)

⁵ É importante frisar que a história da cidade de Itabaiana está intimamente ligada à história da cidade do Pilar, uma vez que a primeira fez parte do recorte espacial da segunda, emancipando-se apenas em 1890.

⁶ O acesso ao trecho referente à Itabaiana no relatório citado foi possível devido a sua presença como fonte na tese da Dra. Solange Pereira da Rocha, intitulada *Gente negra na Paraíba oitocentista: população família e parentesco espiritual*, atrelada ao Programa de Pós-Graduação em História da UFPE, defendida em 2007.

É interessante perceber os destaques dados pelo governador à ocupação encontrada na margem do rio Paraíba. De acordo com a autoridade real, no espaço descrito já havia “bastante gente” e seguindo os critérios do viajante, o sítio foi o mais agradável que encontraram até a data do registro. O sítio já possuía um amplo fluxo de pessoas, pois de acordo com Motta Feo o “lugar se faz agradável e muito frequentado” por pessoas de outras regiões, que iriam para usufruir do comércio do local que era o melhor da região, com o destaque para os gados.

O governador ainda destaca o entorno do sítio, que era rodeado de casas que seguiam as bordas do rio Paraíba, reforçando assim a visão de uma capitania com pequena sede administrativa e rodeada por inúmeras propriedades rurais (MOTTA FEO, 1804 apud ROCHA 2007, p. 106).

Sendo assim, é possível afirmar que o que fez Itabaiana se tornar relevante na região foi sua feira de gado, que se tornou referência por ser reconhecida como a melhor da circunvizinhança. Nesse sentido, o aspecto comercial de Itabaiana já surge em suas origens, ainda no período colonial, a ocupação às margens do rio Paraíba já prosperava em relação à feira de gado e às práticas comerciais.

Ainda enquanto povoado, Itabaiana passou a ter um Juizado de Paz, no entanto os documentos não apontam a data exata para sua criação, sabe-se que em 1831 já existia um Juizado (PINTO, 1916, p. 119). Com o crescimento do povoado, influenciado pelo grande fluxo crescente de pessoas que frequentavam a feira de gado, o Juizado foi extinto e se constituiu uma sub-delegacia de polícia, que foi citada por Beaurepaire Rohan, durante seu governo na província da Paraíba (1857-1859), que afirmou que Itabaiana “é districto de uma subdelegacia sujeita a delegacia do Pilar”⁷.

Como é perceptível no que foi mencionado até aqui, a feira de gado atuou na história de Itabaiana como um catalisador do desenvolvimento da região. É notável que ao mesmo tempo em que a feira de gado prosperava, o local ocupado também. O povoado foi crescendo, aumentando o número de estruturas e de habitantes, dessa forma, essa feira de gado notada anteriormente por Motta Feo se torna um eixo polarizador das atividades econômicas do povoado, ocasionando por consequência, o seu crescimento.

Naturalmente, é de se considerar que não era a única feira de gado da região, logo, existiam diversos pontos de comércio desse animal, sendo as mais próximas localizadas em

⁷ Esse recorte da fala do antigo governador da província da Paraíba foi extraído de uma nota de rodapé do livro de Sabiniano Maia, que vem sendo uma das fontes desse trabalho. Em sua nota, Maia afirma que essa afirmação de Beaurepaire Rohan é oriunda da publicação feita pelo governador, intitulada *Chorografia da Província da Paraíba*, que foi publicada na *Revista do Instituto Histórico e Geográfico Paraibano*, volume 3, de 1911.

Guarita e em Pedras de Fogo, ambas na Paraíba, sendo essa última a com maior proximidade da província de Pernambuco, tendo assim, por consequência, uma relevância maior do que a feira de Itabaiana. Ainda assim, há de se considerar que a feira de gado de Itabaiana possuía uma certa relevância interprovincial, uma vez que o desenvolvimento da ocupação, oriunda do crescimento da feira, foi perceptível nos documentos citados até aqui. Nesse sentido, Sabiniano Maia (2015) traz uma afirmação de Irineu Joffily (1892) que fala sobre o mercado de gado nas capitanias do norte:

Só havia um centro consumidor, Olinda - Recife, e por isto as três capitanias ao norte, dependentes da de Pernambuco, para ahi o remetião; creando-se depois uma feira especial na villa de Iguarassú, na distância de cinco léguas. Mais tarde foi transferida para Goiana, recuando em seguida para a povoação de Pedras de Fogo nos limites da Parahyba com Pernambuco, onde permaneceu por muitos annos, até que, recuando sempre, foi ter às margens do Rio Parahyba, onde é feita actualmente na cidade de Itabayanna, nas terças-feiras de cada semana. (JOFFILY, Irineu, 1892, apud MAIA, 2015, p. 148)

Ao trazer essa afirmação de Joffily (1892), Maia (2015) aponta para um equívoco existente na fala de Joffily. Sabiniano Maia afirma que a transferência da feira foi, na verdade, feita de Guarita para Itabaiana, e não de Pedras de Fogo. Para embasar sua afirmação, Maia (2015) utiliza de uma lei provincial da Parahyba: a Lei número 140 do dia 4 de novembro de 1864⁸, que extinguiu a feira de gado de Guarita e criou a de Itabaiana. Maia (2015) afirma que:

⁸ Segue a transcrição da lei citada:

“Lei nº 140 de 4 de novembro de 1864.

Sinval Odorico de Moura, Bacharel em Sciencias Jurídicas e Sociaes pela Academia de Olinda, Official da Imperial Ordem da Rosa, e Presidente da Província da Parahyba do Norte: Faço saber a todos os seus habitantes, que a Assembléia Legislativa Provincial, sob proposta da Câmara Municipal da Villa do Pillar decretou o seguinte:

Art. 1º - Fica desde já creada uma feira de gados de consumo na Povoação de Itabayanna, sendo prohibida a continuação da que actualmente existe no lugar Guarita.

Art. 2º - Fica também desde já transferida a dormida dos gados de consumo da Guarita para a mencionada Povoação de Itabayanna; sendo igualmente prohibida a dormida em outro lugar qualquer do Mogeiro para baixo.

Art. 3º - Os donos de curraes, que violarem a presente Lei, recolhendo, ou consentindo, que outrem recolha gados de boiada destinados para o consumo em seus curraes edificados nos lugares mencionados no § antecedente, incorrerão na multa de 30\$000 rs. e oito dias de prisão, e o duplo na reincidência; salvo em casos extraordinários e imprevistos.

Mando, portanto, a todas as autoridades, à quem o conhecimento da presente Lei pertencer, que a cumprão e fação cumprir, e guardar tão inteiramente, como n’ella se contém. O Secretário desta província a faça imprimir e publicar correr.

Palácio do Governo da Parahyba, em 4 de novembro de 1864, quadragésimo terceiro da Independência do Império. L.S.

Sinval Odorico de Moura

Carta de lei pela qual V. Exc. Manda publicar a presente postura da Câmara Municipal da Villa do Pilar, aprovada pela Assembléia Legislativa Provincial.

Para V. Exc. Vêr.

Joaquim Gonçalves Chaves Filho, a fez.

Foi sellado e publicado o presente decreto nesta Secretaria do Governo da Parahyba, em 4 de novembro de 1864.

Joaquim Maria Serra Sobrinho.

Efetivamente, Joffily, ao escrever a nota acima, em 1862, encontrou a feira de gado em Itabaiana, não, porém, como ele quer, originada pela transferência da de Pedras de Fogo, e, sim, a meu ver, pela da de Guarita. [...] Falem as datas. Em 1858, por ocasião da inspeção feita, pelo então governador B. Rohan, ao interior da província, existiam duas feiras de gado: Pedras de Fogo e Guarita. Algum tempo depois, enfraquecendo o comércio de carne verde, extinguiu-se a primeira, continuando a segunda. [...] Destarte, extinta que foi a de Pedras de Fogo, sem que fosse transferida para canto algum, restou, tão somente a de Guarita, que seis anos depois da anotação de B. Rohan, em 1864, foi transferida para Itabaiana, em lei votada pela Assembleia Provincial. (MAIA, 2015, p. 148)

É importante destacar no texto da legislação provincial alguns pontos. Ao se fechar a feira de Guarita, ficava estritamente proibido a estadia do gado na região como também o comércio no local, sendo essas práticas levadas para a cidade que estaria sediando a nova feira, no caso da Lei nº 140, o povoado de Itabaiana. A punição para a transgressão da lei era severa: uma multa deveria ser paga e ainda o transgressor deveria passar oito dias na prisão, tal pena dobraria em caso de reincidência. Dessa forma, percebendo que realmente a transferência ocorrida foi de Guarita para Itabaiana, é de se considerar que a visão de Maia (2015) está mais precisa do que a de Joffily (1892).

Sendo assim, a existência de proibições e de punições em caso de transgressão indicam um mecanismo de controle social. Nesse caso da feira de gado, irá disciplinar – e obrigar – os habitantes a irem realizar o comércio no povoado de Itabaiana, fazendo assim que o fluxo de pessoas aumente drasticamente na região, pois, levando em consideração que das duas feiras anteriormente existentes, apenas uma passaria a suprir a demanda da região, todos aqueles que costumavam frequentar as duas feiras extintas, passariam a frequentar a de Itabaiana.

Eventualmente, o povoado de Itabaiana, como foco do comércio de gado da circunvizinhança, iria receber bem mais viajantes do que o habitual. O novo fluxo da região faria com que a cidade recebesse além das pessoas que viriam para o comércio, mas também toda a carga cultural que chegaria com esses viajantes, dessa forma, Itabaiana passa por um crescimento notável a partir de 1864 devido à transferência da feira de gado de Guarita.

Maia (2015) menciona que “a criação da feira de gado, em 1864, representou o estopim para a explosão do progresso”. Sendo assim, podemos dizer que a feira de gado trouxe o progresso crescente para Itabaiana bem antes dos signos do moderno que chegam na primeira metade do século XX, um progresso que indica realmente o sentido de progredir, de quebra de ordem, como indica Benjamin (2021). Essa quebra de ordem trazida pela feira foi tanta que de

Registrada no livro competente. Secretaria do Governo da Parahyba em 5 de novembro de 1864.
Joaquim Gonçalves Chaves Filho.
2º Official”.

acordo com Maia (2015), foi devido a esse crescimento ocasionado por essa transferência de sede da feira que Itabaiana cresceu e prosperou, trazendo assim a sua independência em 1890.

O comércio é o eixo polarizador do progresso na cidade de Itabaiana, iniciando ainda no período do Império, com a feira de gado, e passaria os anos seguintes a demonstrar a importância dessa prática para a cidade. Com a feira de gado fazendo circular pessoas e mercadorias pelo povoado, logo Itabaiana vai ganhando destaque, o que foi essencial para o crescimento da sua relevância.

Em 1881, o então governador da província, Justino Ferreira Carneiro, elevou a categoria de Itabaiana para vila. A recém surgida vila ainda estaria ligada à vila do Pilar, no entanto, a sede do município e da comarca passaria a ser Itabaiana a partir da data em que foi assinada a lei⁹. No entanto, essa lei durou pouco tempo e em 1885 o novo governador de província, Herculano de Souza Bandeira, revogou parte da lei, mantendo Itabaiana como vila, mas retornando a sede do município e da comarca para a vila do Pilar (MAIA, 2015, p. 115).

Os anos seguintes a esse evento narrado acima são de uma importância crucial para a emancipação da cidade de Itabaiana, uma vez que em 1889, o Brasil se tornava República devido a um golpe civil-militar, tendo o marechal Deodoro da Fonseca como o presidente do governo provisório e responsável por emitir a ordem de banimento da família real do Brasil. Sendo assim, “no dia 17 de novembro de 1889, um domingo, às três da madrugada, a família real partiu acompanhada por alguns poucos autoexilados” (SCHWARCZ, 2018, p. 318).

O novo regime do país, republicano, buscou desenvolver o sentido do municipalismo, para legitimar a proposta progressista que governava o país. Nesse contexto, na Paraíba, Itabaiana se tornou município um pouco depois da Proclamação da República, em 23 de abril de 1890, o governador Venâncio Neiva sancionou o decreto¹⁰ que tornava Itabaiana município, que inicialmente ainda seria atrelado à comarca de Pilar. No mesmo ano, em 14 de junho, o governador sanciona um novo decreto que criava a comarca de Itabaiana, tornando assim, uma vila independente em relação a Pilar.

Estando como uma vila com sua própria comarca, Itabaiana teve sua autonomia política e a partir desse momento, o espaço prosperaria ao ponto de abrir caminho para a sua elevação de vila para cidade, que ocorreu em 26 de maio de 1891. Acerca disso, Sabiniano Maia (2015) aponta que:

⁹ A Lei nº 723 de 1º de outubro de 1881 dizia em seu primeiro artigo: “Fica removida a sede da villa do termo do Pilar para a povoação de Itabaiana, que tomará a denominação de “vila de Itabaiana do Pilar””. (MAIA, 2015, p. 115)

¹⁰ Decreto nº 63 de 26 de maio de 1891.

O governador Venâncio Neiva assinou os seguintes decretos, todos atinentes a Itabaiana: - o de nº 14, 23 de abril de 1890, criando o município. O de nº 22, de 14 de junho de 1890, instituindo a comarca. – O de nº 63, de 26 de maio de 1891, elevando a vila, à categoria de cidade. A cidade de Itabaiana originou-se de uma fazenda de criar gados. Ignorados o nome do seu fundador e a data de sua fundação. (MAIA, 2015, p. 85)

Sendo assim, em 1891, Itabaiana é oficializada enquanto cidade. A feira de gado, que originou o povoamento que veio a se tornar vila e depois cidade, continuou a se destacar fortemente na região. Com o novo estatuto, surgiram novas demandas organizacionais e administrativas para a cidade, que até então enquanto vila, não possuía. A emancipação enquanto cidade trouxe transformações pro espaço urbano da cidade de Itabaiana.

1.4.2. A cidade no papel: uma análise da cartografia de 1892 da cidade de Itabaiana

Tendo sido elevada a cidade, Itabaiana passa a ter mais relevância na região, os cuidados para com a nova cidade passam a serem percebidos. O espaço que iniciou sua ocupação como uma feira de gado foi ganhando influência local até que ascendeu à categoria de cidade. Tendo em vista esses avanços conquistados, a nova cidade passaria a ter diversas novas demandas a serem sanadas pelas administrações locais. Dentre as carências da cidade, existia a ausência de uma representação cartográfica, dessa forma, em 1892, surge o seguinte mapa:

Imagem 03: Mapa de Itabaiana de 1892¹¹.

¹¹ Os pontos numéricos exibidos no mapa foram de minha autoria. Devido a limitação de espaço da página, não foi possível trazer a alta resolução da fonte original. Dessa forma, foi necessária uma adaptação para melhor entender o que se buscou problematizar no mapa.

Como é possível observar no mapa, em 1892, um ano após a elevação à categoria de cidade, o espaço ocupado já possuía uma configuração urbana que reflete a forma como esse espaço foi formado, principalmente quando se observa a composição das igrejas, praças e mercados. A cidade, mesmo de pequeno porte, possuía três igrejas (pontos 1, 2 e 6 no mapa), onde, anexada a elas, as praças.

No entanto, ao consultar os textos produzidos pelos memorialistas da cidade, encontra-se apenas mencionadas duas das igrejas apresentadas no mapa, a que está representada no ponto 2 e a do 6. A do ponto 1, ao analisar o mapa e fazer um paralelo com a configuração atual da cidade, encontra-se aproximadamente onde hoje fica a Igreja Matriz, que foi inaugurada apenas em 1903. Romualdo Palhano (2014) aponta:

Até 1859 quando ainda era Vila, apenas uma capela lá existia, sendo a mesma dedicada a Nossa Senhora da Conceição. Em 1892, além dessa, outra teria sido inaugurada e dedicada a Nossa Senhora do Livramento, construída no período de 1859 a 1892. O principal responsável pela nova Igreja Matriz foi o Cônego Tranquilino Cabral de Vasconcelos que em 1896 iniciou sua construção com a perspectiva de concretizar o sonho de um novo templo bem mais espaçoso que a primitiva capelinha do século XIX. [...] Já com os trabalhos de construção adiantados, dois anos depois, em 1898, apesar da morte do Cônego Tranquilino, seu sucessor Padre Francisco Targino Pereira da Costa deu continuidade à construção do novo templo de tal forma que em dois de fevereiro de 1903, o primeiro bispo da Paraíba, D. Adauto Aurélio de Miranda Henriques decretou a criação da Freguesia de Nossa Senhora da Conceição, elevando o novo templo à categoria de Igreja Matriz. (PALHANO, 2014, p. 460)

Percebe-se então que o autor se refere a duas igrejas, em que não é mencionada a Igreja de Santo Antônio, que aparece no ponto 1 do mapa acima. No entanto, Palhano (2014), ao citar a construção da nova igreja em 1896 cita que o cônego estava realizando seu sonho e que o novo templo passaria a ser bem mais espaçoso do que a “primitiva capelinha do século XIX”, sendo assim, é possível supor que se trata da Igreja de Santo Antônio.

Ao analisar a obra de Maia (2015), é possível apontar outra divergência em relação ao mapa, os nomes das igrejas podem estar trocados. A igreja do Livramento e a da Conceição estão com os nomes invertidos, essa questão torna-se perceptível ao analisar os documentos apresentados por Maia (2015) em seu trabalho. Em suas falas acerca das igrejas, o autor utiliza como fonte uma conferência ocorrida em 1911 na cidade de Itabaiana em que, ao falar sobre a derrubada das igrejas aponta que “o camartelo renovador também pôs por terra a pequena igreja do Livramento que ficava junto ao Mercado” (CARNEIRO, 1911 apud MAIA, 2015, p. 254). O autor apresenta também registros de casamento da Capela Nossa Senhora da Conceição

datados de 1836¹², comprovando sua existência antes da Capela do Livramento, que teve sua primeira menção feita por Irineu Joffily em 1892¹³.

A presença da Igreja de Santo Antônio no mapa fica como incógnita, assim como os nomes invertidos das outras igrejas presentes nele. Ainda que a colocação feita por Palhano (2014) faça surgir uma hipótese, não há documentos que comprovem a existência da Igreja de Santo Antônio no lugar em que ela é apresentada no mapa. O que se sabe é que, como aponta tanto Palhano (2014) como Maia (2015), a Igreja de Nossa Senhora da Conceição passou a se chamar de Capela de Santo Antônio e anos depois foi demolida.

Os mapas nem sempre apresentam uma representação fiel ao espaço ocupado, é comum essas divergências em relação às fontes, ainda com um agravante do ano, em 1892 as técnicas para medições cartográficas não eram tão precisas como as atuais. Pode-se afirmar que se planejava construir uma igreja no local onde foi desenhada a representação da Igreja de Santo Antônio, no ponto 1, pois realmente aconteceu a construção da Igreja Matriz aproximadamente onde está a de Santo Antônio.

Ainda que exista esse conflito entre as fontes em relação às edificações das igrejas, a configuração da cidade em relação às ruas e composição das edificações estão de acordo com a configuração recente da cidade, sendo assim, nesse sentido o mapa apresenta precisão. A partir disso, é possível ter em mente como se configurou a paisagem da cidade em seu aspecto espacial.

No mapa também é possível observar algumas praças. Primeiramente, ao falar acerca das praças, é importante ressaltar que tais estruturas trazem consigo uma forte herança cultural dos gregos antigos por desempenhar uma função similar à da antiga ágora. Lewis Mumford (2004), ao falar sobre a ágora retrata que:

Ainda assim, mesmo no tempo de Sólon, o Ágora de Cerâmica foi demarcado deliberadamente para servir também como mercado, local de assembléia e centro festivo; e, embora uma parte dele fosse muitas vezes reservada às donas de casa, o ágora era preeminentemente um recinto destinado aos homens. [...] Essa função social do espaço aberto persistiu nos países latinos: *plaza*, *campo*, *piazza*, *grand-place*, descendem diretamente do ágora; pois é no espaço aberto, com seus cafés e restaurantes em volta, que os encontros, conversas, discussões face a face, bem como os encontros fortuitos têm lugar, não formalizados, mesmo quando habituais. [...] Como o ágora combinava tantas funções urbanas importantes – direito, governo, comércio, indústria, religião, sociabilidade –, quase não será de admirar, como observa Wycherley, que continuasse a ganhar expensas da acrópole, até que, no fim, tornou-se o elemento mais vital e distintivo da cidade. (MUMFORD, 2004, p. 168)

¹² MAIA, 2015, p. 255

¹³ JOFFILY, Irineu. Notas sobre a Parahyba. 1892, p. 178

A partir dessa citação, é possível perceber que as funções das praças são mantidas mesmo após o passar dos séculos, dessa forma, essa estrutura traz grande importância para o desenvolvimento da cidade, uma vez que traz influência não apenas na esfera social, mas também na econômica, política e cultural, pois elementos de todas essas esferas circulam pelas praças, ocasionando assim, o aumento do fluxo nos centros urbanos.

As praças são elementos de suma importância no desenvolvimento de uma cidade, a espacialidade ofertada por essa estrutura possibilita o fluxo de pessoas e de mercadorias, fazendo com que o sempre exista interação no local. Utilizada tanto para eventos sociais, como as festividades, quanto para as feiras de produtos diversos, as praças das cidades no início do século XX são, basicamente, por onde circula boa parte do movimento citadino. O cotidiano da cidade é bastante perceptível ao se analisar as praças, nela se percebe boa parte da movimentação que não ocorre em meio privado, possibilitando captar parte da cultura do espaço estudado.

Por mais que tenham sido encontrados possíveis erros de nomenclatura no mapa, para o melhor entendimento da problematização em cima dessa fonte, serão utilizados os nomes que nela estão. Dessa forma, ao observar o mapa da imagem 1 é possível perceber duas praças que foram explicitadas em texto, no ponto 1 e 2, em que uma delas, demarcada pelo número 2, a julgar pela disposição, era mais utilizada para eventos sociais, como festividades religiosas e entre outros eventos, uma vez que ela estava mais distante do setor do mercado, que fica no ponto 6 do mapa. Sendo assim, é cabível assumir que essa praça, nomeada no mapa como Praça do Livramento, ligada à Igreja de mesmo nome, era utilizada, em grande parte do tempo, para fins sociais como espaços para reuniões, diálogos, festividades ligadas à igreja e entre outros. Logicamente que não se pode concluir que fosse usada apenas para esse fim, uma vez que há a possibilidade que existissem mercadores itinerantes que possivelmente iam vender seus produtos próximo à igreja após as celebrações religiosas.

Observando a posição das outras igrejas, percebe-se que são bem mais próximas do local onde acontece o fluxo comercial, uma delas estando, inclusive, dentro da área do mercado e a outra na rua que dava acesso a essa área específica. O próprio posicionamento dessas igrejas torna possível concluir que os mercados também tinham seu movimento maior em períodos que sucedessem as cerimônias religiosas, é de se esperar que as pessoas fossem comprar produtos após as missas.

Próximo aos mercados (ponto 6), estavam os currais da feira de gado (ponto 7), sendo esses dois pontos, possivelmente, o local de maior efervescência comercial da cidade, uma vez que, como foi visto até aqui, a cidade de Itabaiana se desenvolveu a partir da feira de gado,

logo, o espaço onde essa feira ocupasse seria o local de maior movimentação comercial da cidade.

O ponto 3 indica onde se planejava alocar o cemitério da cidade, que até o final do século XIX, funcionava ainda próximo à igreja da cidade (ponto 2). À medida que a cidade foi crescendo, o cemitério, que era afastado, tornou-se parte da cidade, demonstrando assim um crescimento urbano no local. Acerca do cemitério anterior ao período do mapa, Sabiniano Maia (2015) aponta que:

Estendia-se o aglomerado, mas não lhe davam morada condigna aos mortos, apenas pra lá, muito da “Conceição” cercavam de varas um pequeno terreno, puzeram Olhe uma porteira de bater e mais nada. Era o cemitério. As varas secas do marmeleiro apodreciam e as miunças e os porcos iam pastar e focinhar por sobre as catacumbas, o boi ladrão metia a ponta na porteira e a jogava no canto do moirão, indo espezinhar as covas rasas dos recém-sepultados. (MAIA, 2015, p. 247)

O cemitério certamente tornou-se um problema à medida que a ocupação do espaço progrediu até a formação da cidade. Nesse sentido, ainda de acordo com Maia, entre 1870 e 1880, o espaço onde funcionava o cemitério teve o seu cercado de madeira substituído por um muro de tijolos, o que significou uma melhoria para o local. Acerca do posicionamento do primeiro cemitério da cidade, Palhano (2014) aponta:

Desde o século XVIII, já havia na vila uma Capela dedicada a Nossa Senhora da Conceição. Todavia, em 1903, em função da inauguração da Nova Igreja Matriz que se tornou Paróquia de Nossa Senhora da Conceição, a antiga capela que antes era dedicada à referida santa passou a ser conhecida como Capela de Santo Antônio. Vários estudos e análises nos levaram a identificar a localização do primeiro cemitério da cidade que ficava exatamente atrás da Capela de Santo Antônio. (PALHANO, 2014, p. 37)

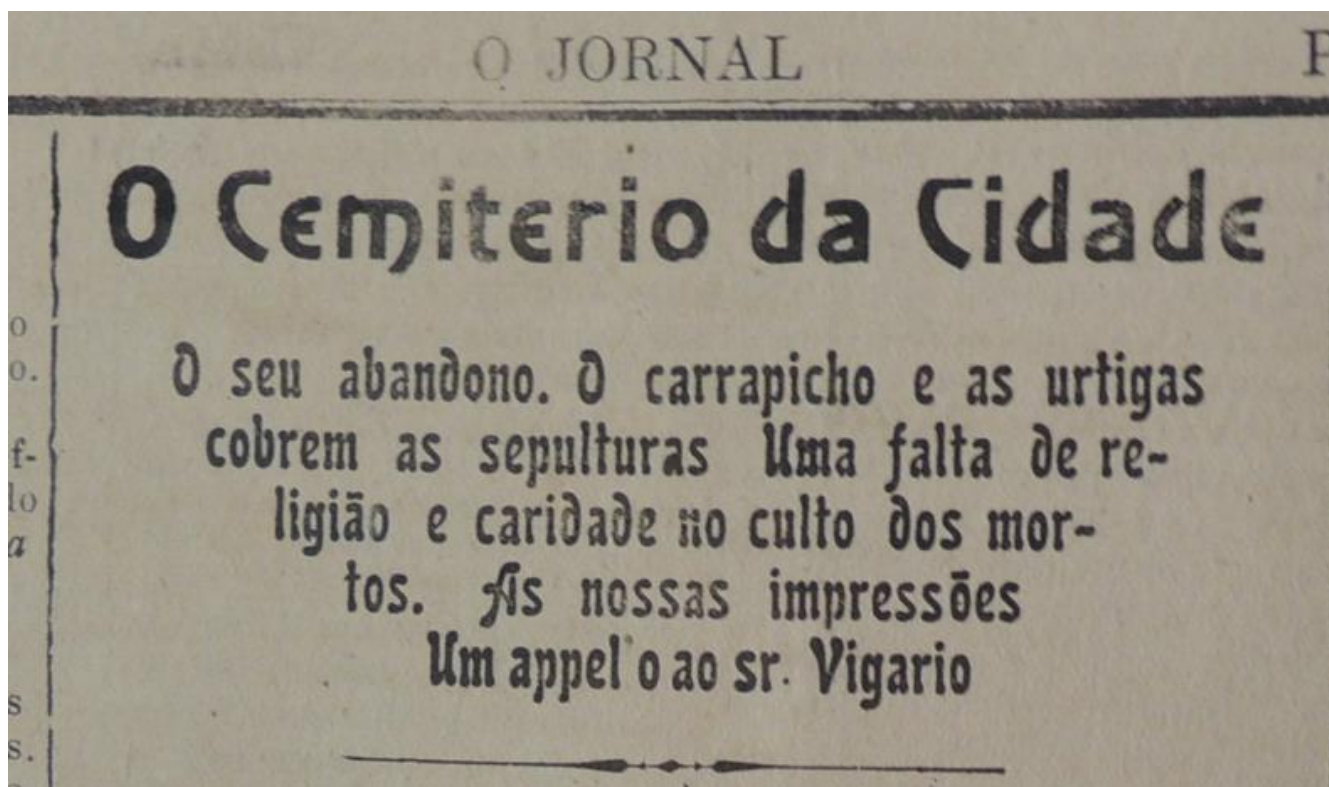
Acerca do posicionamento no mapa, é válido relembrar que os nomes das igrejas presentes nos mapas estão invertidos. Sendo assim, a capela a qual Palhano (2014) se refere na citação acima é a que está no ponto 2 do mapa. Na época em que a cidade tinha essa configuração, o cemitério estava na margem da cidade, local onde geralmente se busca construir esse tipo de construção para manter o saneamento da cidade. Palhano (2014) afirma ainda que “depois dele somente mato e terrenos ociosos” (PALHANO, 2014, p. 38). No entanto, é necessário compreender que a medida em que Itabaiana cresceu, novas residências surgiram no entorno da região do cemitério, demandando um melhor planejamento acerca do seu posicionamento.

Apenas em 1915, sob a administração do prefeito doutor Odilon Maroja, foi adquirido um terreno que se encontrava mais afastado da cidade para que o cemitério pudesse ser realocado. De acordo com Maia (2015), o terreno em questão era localizado em direção a Maracaípe, o que condiz com a posição no ponto 3 do mapa. No entanto, o prefeito da cidade encontrou resistência do vigário da Paróquia. Segundo Sabiniano Maia (2015):

O dr. Odilon Maroja ao assumir o exercício do cargo de prefeito, a 22 de junho de 1915, em substituição a Nô Borges, sentiu, como o seu antecessor, o problema, comunicando ao Presidente do Estado, o seu desejo de realizá-lo. Acontece que o cemitério, apesar de ser próprio municipal, estava vinculado à Paróquia por via contratual, face ao que, o vigário, Padre Simão Fileto Patrício da Costa, negou-se a rescindi-lo, continuando tudo como dantes. (MAIA, 2015, p. 248)

Sendo assim, mesmo adquirindo o espaço para a construção de um novo cemitério, o então prefeito doutor Odilon Maroja não iniciou o processo de construção de um novo espaço para o sepultamento dos mortos, uma vez que era preciso resolver o impasse com o vigário antes que se iniciassem as obras. No entanto, a decisão do vigário em resistir a mudança do cemitério gerou protestos nos anos seguintes em um dos jornais da cidade. Na edição do dia 13 de agosto de 1916 de *O Jornal*, é possível encontrar a seguinte notícia:

Imagem 04: Manchete encontrada na página quatro do impresso *O Jornal* de 13 de agosto de 1916.



O corpo do texto da notícia em questão demonstra insatisfação com relação à situação em que se encontravam os cemitérios da cidade de Itabaiana. Nesse caso, por mais que a notícia tenha sido escrita por uma pessoa em específico, o redator tentou representar, através da narrativa do texto, o desejo coletivo dos cidadãos itabaianenses em ter melhorias no que diz respeito aos cuidados a serem tomados na gestão do cemitério. Em um trecho, a notícia aponta:

Em dias da semana passada indo um representante desta tolha até o Campo Santo, acompanhar os despojos mortaes de uma pessoa amiga, colheu a mais dolorosa impressão e com elle todas as pessoas que foram convidadas para o fim religioso. As sepulturas cobertas de um matto espesso, sujas, carregadas de lixo, o carrapicho crescendo numa vegetação vigorosa, as urtigas grimando pelos symbolos da fé postados alli por mãos carinhosas, tudo isto num desleixo e num lamentável descaso por parte de quem compete zelar pelo cemitério local. Ajunte-se a tudo isso, fragmentos de craneo, túbias, dentes, todos os restos humanos que a chimica da terra rejeitou, espalhados, atirados pelas veredas, atoamente, estupidamente, sem respeito, sem amor, sem caridade. (O JORNAL, 13 de agosto de 1916, p. 04)

Além do que foi dito no trecho supracitado, o autor faz um apelo ao vigário da paróquia para que passe a ter um maior zelo pelo cemitério, sendo até incisivo no apelo ao falar: “Sabemos bem que o dinheiro não falta a vigaria e se assim não fosse, S. reverendíssima que diz gastar tanto dinheiro em política, aplique desta verba um pouquinho para ser destinada ao nosso Campo Santo” (O JORNAL, 1916). É notável que o redator da notícia tinha sabedoria de que a população não estava satisfeita com a administração do cemitério por parte do vigário, desta forma, ao perceber que o seu discurso teria legitimação por parte dos leitores, não mediu palavras para tecer o seu apelo ao responsável pela situação em que o cemitério se encontrava. Dessa forma, percebe-se que o jornal detém certo poder simbólico em seu discurso, uma vez que consegue transmitir o apelo da equipe editorial em uma amplitude municipal, com liberdade de escrita para intimar autoridades políticas e eclesiásticas. Esses apelos e intimações influenciam modos de pensar daqueles que consomem o material elaborado e fazem com que aqueles que já sentiam o mesmo que o redator do texto sintam-se representados, fortalecendo assim o discurso trazido pelo jornal e, consequentemente, o seu poder simbólico.

Possivelmente, o vigário Phileto Pires foi bastante procurado ao decorrer da semana posterior a publicação desse texto no jornal, já que na edição da semana que seguiu, no dia 20 de agosto de 1916, a paróquia enviou um pedido de desculpas à equipe do jornal, que tratou de retratar o ocorrido na primeira capa da edição, o que nos faz refletir sobre a importância da questão do campo santo para a cidade e o quanto incomodava parte da população o impasse em que se encontrava a situação.

Imagem 05: Capa do impresso *O Jornal* de 20 de agosto de 1916.

Fonte: IHGP

No entanto, as desculpas não deixaram a equipe do jornal satisfeitas, uma vez que vieram de outro membro da Igreja que não era o próprio vigário. As desculpas vieram de um frade chamado Thomaz. A terceirização das desculpas irritou a equipe do jornal, ocasionando assim mais críticas do jornal à gestão do vigário. No corpo da notícia é possível encontrar o seguinte trecho:

Sua reverendíssima leu as nossas censuras e se desculpou... Umas desculpazinhas a seu jeito, umas desculpazinhas de Fr. Thomaz. Mas todo mundo sabe que o cemitério desta cidade é dirigido pelo sr. Vigário. E sua reverendíssima quem possui a chave do portão, que é guardada em sua residência. Da vigaria e do Patrimônio de N. S. da Conceição é que deve sahir todo custeio para a sua limpeza etc. (O JORNAL, 20 de agosto de 1916)

Dessa forma, fica perceptível que o atrito entre o vigário e a equipe do jornal não estava sanado com o pedido de desculpas do Fr. Thomaz. Além disso, o vigário Phileto Pires defendeu-se dos ataques do jornal em uma celebração de missa, fazendo com que as desculpas vindas do Fr. Thomaz perdessem o sentido. Tal posicionamento do vigário também gerou críticas no corpo do texto da notícia em questão. Segue a transcrição:

Não entende, porém, assim o sr. Padre Phileto Pires ou não faz querer entender de acordo com a sua hermenêutica estragada e o seu latim estropiado. Por isto nos chama de – homens sem consciência – truncando do alto da tribuna sagrada de nosso templo, a lógica dos factos e dizendo publicamente que lhe não cabe a menor culpa pelo estado de miserabilidade em que se encontra o cemitério da cidade. Quem é então o responsável por esta falta de respeito e amor e caridade no culto dos mortos?! Positivamente não somos nós, e muito menos os que lá estão entregues ao transtorno laborioso e fecundo da terra. A culpa cabe inteira nos hombros do sr. Padre Phileto ex-cura da parochia de Souza e aqui defensor extremado dos seguros de vida nos tempos da manjuba... (O JORNAL, 16 de agosto de 1916)

O teor de indignação por parte do redator da notícia fica evidente no trecho acima. A equipe do jornal, mais uma vez, acusou o vigário de ser o culpado pela situação em que se encontrava o cemitério da cidade. O vigário, por sua vez, utilizou do seu estatuto de poder para afirmar, do altar da Igreja, que a culpa não pertencia a ele. Ambos os lados desse atrito gerado possuíam amplo alcance de influência na sociedade, no entanto, as disputas aparentam terem sido levadas para outro espaço, uma vez que o tema se mostrou ausente nas demais edições do impresso.

O cemitério, por sua vez, continuou sendo responsabilidade da paróquia até o início de 1917, quando o padre Phileto Pires foi transferido para outra freguesia. De acordo com Maia (2015), o novo vigário, Cônego José Betâmio de Gouveia Nóbrega resolveu a situação deixada pelo seu antecessor, permitindo assim, a construção de um novo cemitério. As obras para o novo cemitério foram iniciadas em 1917, sendo inaugurado em 1918. A notícia acerca da inauguração é transcrita por Maia (2015):

Pela manhã de quinta-feira, o sr. Dr. Camillo de Holanda esteve no novo cemitério de Itabayanna, que ocupa uma área de cento e vinte metros quadrados, sendo também devido à direção do Sr. Odilon Maroja. O citado campo santo, cujas catacumbas são feitas em avenidas, com abandono do antigo systema, já está sendo utilizado. O sr. Dr. Camillo de Hollanda teve boa impressão dos trabalhos realizados, felicitando mais uma vez ao sr. Dr. Odilon Maroja, pela benéfica irradiação de seus esforços. (A UNIÃO, 26 de abril de 1918)

Ainda assim, a situação do cemitério não foi resolvida por completo. O antigo cemitério não foi demolido de imediato, deixando a população dividida diante desse assunto, alguns desejavam a demolição devido a urbanização e o embelezamento da cidade, outros defendiam a permanência do campo santo. Acerca disso, Romualdo Palhano (2014), aponta:

A obra do novo cemitério foi iniciada em 1917 e inaugurada em 25 de abril de 1918 pelo prefeito Odilon Maroja, já o antigo cemitério passou 35 anos fechado servindo apenas para visitação de parentes das pessoas ali sepultadas. Foi demolido em 1953, pelo prefeito Luiz Paulino da Silva e no lugar foi aberta a Av. Cônego Tranquilino em homenagem ao pároco que deu início à construção da Igreja Matriz Nossa Senhora da Conceição. (PALHANO, 2014, p. 45)

Analisar o posicionamento dos cemitérios nas cidades é uma boa forma de perceber o seu crescimento ao longo do tempo. Existem cidades que mant m as construções, mesmo que sejam abarcadas pelo perímetro urbano, outras, como no caso de Itabaiana, transferem o seu espaço para locais mais distantes da cidade. Perceber que a cidade efetuou duas trocas de locais

aos seus mortos em um curto espaço de tempo é uma forma de aferir o seu crescimento, dando a notar que a cidade teve um avanço territorial considerável.

Ainda sobre o mapa, no ponto 4 é indicada a estrada que leva até a cidade do Pilar, no estado da Paraíba, seria através dessa estrada que se tinha acesso à capital. No ponto 5 encontra-se a indicação da estrada que levaria até Goiana, no estado de Pernambuco. Essas duas estradas foram de importância ímpar para o processo de desenvolvimento comercial da cidade de Itabaiana, que passou a comercializar bastante com a capital e com Pernambuco, com ênfase para a cidade do Recife.

Na extremidade inferior do mapa é possível observar uma linha vermelha, que representa a estrada de ferro que passava na região. Nesse ponto é importante salientar que na época em que o mapa foi elaborado, o trem ainda não passava por dentro da cidade de Itabaiana, ele só veio a ter uma presença mais ativa na cidade após a primeira década do século XX. Ainda assim, a proximidade da cidade com a linha férrea demonstra que seria mais um elemento importante para o desenvolvimento comercial da cidade de Itabaiana, uma vez que o trem era o transporte mais rápido e que tinha maior capacidade de carga da época, potencializando o comércio entre as regiões interligadas pela estrada de ferro, entre essas ligações estava a rota Paraíba-Pernambuco.

Para reforçar essa informação acerca da ligação de Itabaiana com a capital da Paraíba e com Recife, em 1899, o *Almanak administrativo, mercantil e industrial do Estado da Parahyba* dá destaque para o comércio de Itabaiana, um dos aspectos que alavancou o crescimento da ocupação, aumentando sua relevância. Não apenas do comércio, no documento em questão são citadas outras produções. Segue o recorte:

[...] Planta-se em grande escala o milho, a mandioca e o algodão; fabrica-se queijo de qualha e o de manteiga e prepara-se abundantemente a carne de sol, que é vendida nas cidades do Recife, Goyanna, Parahyba, Victória, Timbaúba, etc. [...] Tem uma mesa de rendas que é a mais importante do Estado e que rende anualmente mais de cento e quarenta contos, mesmo nos annos de crise como o de 1898, em que o Estado foi assolado atrozmente pela secca. [...] O seu comércio é bem regular e feito com as praças do Recife e da Capital. A feira de gado vaccum é importantíssima, sendo o seu termo médio de 800 vezes, algarismo, porém que já tem duplicado nos annos regulares. O gado ahi comprado vae abastecer os mercados da Parahyba, Victoria e principalmente Recife. (ALMANAK ADMINISTRATIVO, MERCANTIL E INDUSTRIAL DO ESTADO DA PARAHYBA, 1899, p. 245-246)

É importante perceber a utilização do aumentativo do adjetivo “importante” ao se referir à feira de gado de Itabaiana. O comércio de gado não foi apenas responsável pelo ciclo de povoamento do espaço que viria a ser a cidade, como também fez com que a cidade ganhasse

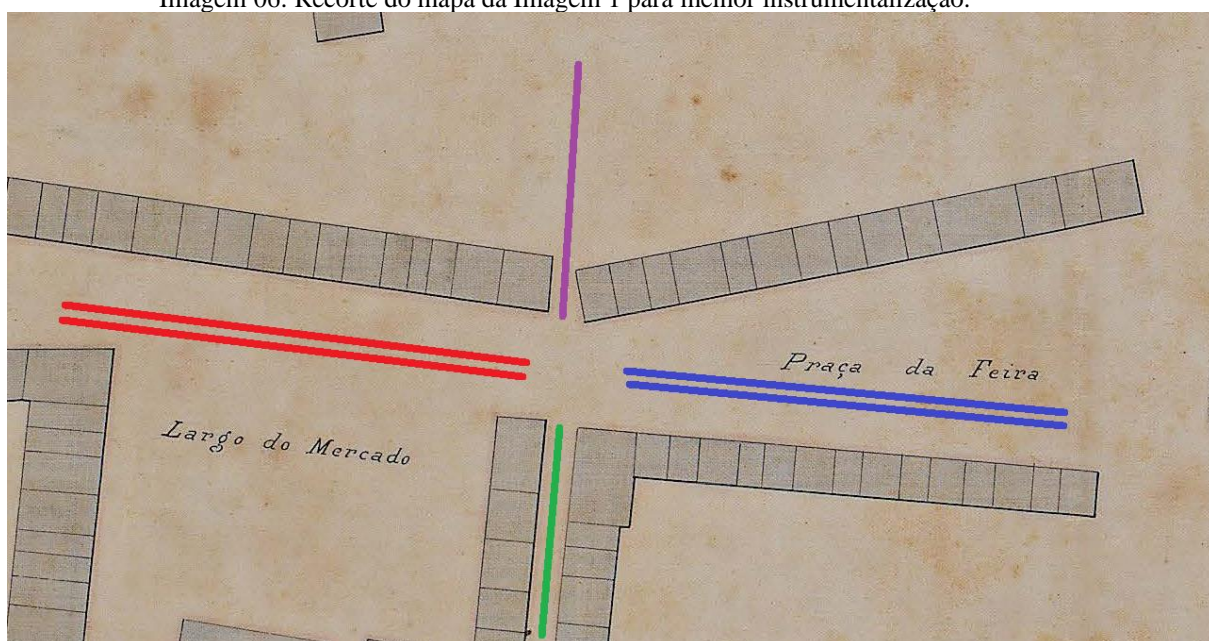
destaque a nível interestadual, comercializando com várias cidades, incluindo a capital da Paraíba, mas com destaque “principalmente Recife”, formando assim um elo com Pernambuco.

Logicamente que, a localização geográfica de Itabaiana favoreceu essa proximidade com a capital e com Recife, uma vez que Itabaiana fica entre as duas capitais. Essa vantagem de localização itabaianense também foi bastante relevante para as chegadas dos signos do moderno, que viria a chegar na passagem do século XX e alteraria todo o ritmo e o cotidiano da pequena cidade de Itabaiana e sua feira de gado.

Além do que foi pontuado com números no mapa, é possível observar mais detalhes, como os pequenos quadrados, que provavelmente indicam construções que ali estavam e o espaço entre eles, compreendem-se as ruas. Nesse sentido, cabe uma discussão acerca das ruas que surgiram na cidade entre o final do século XIX e o início do século XX.

Os nomes que as ruas da cidade recebem, acabam por muitas vezes, sendo uma ferramenta para simbolizar o poder de certas personalidades que participaram da história da cidade. Na grande maioria dos casos, aqueles que são homenageados com nomes de ruas são membros da elite detentora do poder e que são influência política na cidade. Em Itabaiana, essa regra também era aplicada. Dessa forma, para melhor visualizar o que será discutido nos parágrafos a seguir, um recorte e adaptações foram feitas no mapa anterior (Imagem 1), segue a imagem:

Imagem 06: Recorte do mapa da Imagem 1 para melhor instrumentalização.



Fonte: Artur Anderson Honório Pereira.

Como é possível perceber, as linhas coloridas foram adicionadas na imagem para que tornassem a discussão mais imersiva, uma vez que torna mais fácil a leitura da imagem a ser instrumentalizada. Sendo assim, essas linhas indicadas no mapa representam as ruas que tinham maior fluxo no período de transição entre o século XIX e XX, pois davam acesso ao espaço do mercado e ao local onde se realizavam as festividades religiosas.

As linhas de cores azul e vermelha inicialmente foram denominadas pela população da cidade como o nome de uma rua só, chamada de Rua Grande, logo depois, passou a ser chamada de Rua do Comércio, no entanto, como aponta Maia (2015), em 1908 essa via foi dividida em duas ruas, sendo elas: Rua Heráclito Cavalcanti¹⁴ (em azul) e Rua Monsenhor Walfredo Leal¹⁵ (em vermelho).

A Rua Heráclito Cavalcanti, iniciava no pátio da Igreja Matriz e tinha seu fim na chamada Rua da Cruz¹⁶ (em roxo), que já foi conhecida como “Beco do Palú”. Já a Rua Monsenhor Walfredo Leal iniciava de onde a Rua Heráclito Cavalcanti terminava, indo até a chamada Rua da Lagoa, que depois tornou-se a Praça Epitácio Pessoa. A Rua do Meio (em verde), passou a se chamar Rua Almeida Barreto, ao explicar essa mudança de nome, Maia (2015) afirma:

O Marechal José de Almeida Barreto, sertanejo de Sousa, herói do Paraguai, Senador da República pela Paraíba e falecido a 3 de maio de 1905, teve seu nome – “Rua Almeida Barreto”, para designar a antiga “Rua do Meio”, a qual, começando no lado esquerdo da Heráclito Cavalcante, vis-à-vis com a Rua da Cruz, estendia-se até a linha do trem. (MAIA, 2015, p. 220)

Dessa forma, é notável que José de Almeida Barreto possuiu muitos títulos, não foi somente um membro da alta patente militar, marechal, como também lutou na guerra do Paraguai, assim como estava junto com Deodoro da Fonseca na Proclamação da República. Não obstante, também foi senador pela Paraíba. Todo esse acúmulo de poderes, nas esferas políticas e militares, que se misturaram bastante após a Guerra do Paraguai, ocasionou em várias ruas do Brasil, não somente em Itabaiana, receberem o seu nome. Os indivíduos que detém principalmente o poder político acabam por ter uma forte influência na estrutura da cidade, recebendo ruas e monumentos com seus nomes. Os próprios Heráclito Cavalcanti e Walfredo Leal, que tiveram ruas com seus nomes também, foram influências políticas que não se limitaram apenas a Itabaiana, mas expandiram o alcance dos seus poderes.

¹⁴ Atual Rua José Silveira.

¹⁵ Atual Rua Presidente João Pessoa.

¹⁶ Atual Rua Fernando Pessoa.

Outro caso similar é o da Rua Venâncio Neiva, que fica localizada onde no mapa está indicado como “Largo do Mercado”, que não existia na época em que o mapa foi elaborado. No entanto, foi feita uma via para ajudar na circulação das pessoas e dos transportes que ali transitavam e que inicialmente se chamava Rua do Mercado. Venâncio Neiva foi o primeiro governador do estado da Paraíba, ficando de 1889 até 1891. Nesse período indicado, enquanto governador, elevou a categoria de Itabaiana, fazendo assim, a cidade ser emancipada em relação à cidade do Pilar.

A prática de nomear ruas, monumentos e logradouros da cidade com o nome de autoridades políticas ou eclesiásticas é comum em todo o Brasil. Com isso, a memória da pessoa homenageada perdura na estrutura da cidade por muitos anos, sendo essa uma das técnicas que colaboram para a manutenção do poder simbólico, que continua sob posse da elite social de determinados espaços. O cidadão comum, ao andar a cidade, utilizando suas vias e estruturas, raramente se questiona quem foi a personalidade que deu nome a determinadas ruas e locais, dessa forma, os nomes entram em seu cotidiano através de conversas descontraídas ou para se localizar na cidade, sendo assim, a memória dos detentores do poder acaba por adentrar no cotidiano dos cidadãos, mesmo que inconscientemente. Logo, torna-se necessário abrir um espaço na discussão acerca da cidade e sua formação para situar o cenário da cidade Itabaiana em sua esfera político-administrativa, que acabava gerando forte influência na formação da cidade em sua estrutura.

1.4.3. Itabaiana e os detentores do poder

Ao se estudar a cidade é necessário compreender que toda composição da cidade seguiu um padrão a ser legitimado por indivíduos detentores de poder, que possuem uma influência desde a composição arquitetônica da cidade até a formulação de uma memória coletiva acerca do espaço que fortalecem o poder que esses indivíduos têm sobre a cidade.

A partir dessa linha de pensamento, torna-se interessante acrescentar que a representação coletiva é construída por um grupo que compõe a sociedade e que fazem reconhecer sua identidade social através de formas institucionalizadas de poder. Roger Chartier (1991) nos traz que:

Esse retorno a Marcel Mauss e Emile Durkheim e à noção de “representação coletiva” autoriza a articular, sem dúvida melhor o conceito de mentalidade, três modalidades de relação com o mundo social: de início, o trabalho de classificação e de recorte que produz configurações intelectuais múltiplas pelas quais a realidade é contraditoriamente construída pelos diferentes grupos que compõe uma sociedade; em

seguida, as práticas que visam a fazer reconhecer uma identidade social, a exibir uma maneira própria de ser no mundo, a significar simbolicamente um estatuto e uma posição; enfim, as formas institucionalizadas e objetivadas em virtude das quais “representantes” (instâncias coletivas ou indivíduos singulares) marcam de modo visível e perpétuo a existência do grupo, da comunidade ou da classe. (CHARTIER, 1991. p. 183)

Interessante observar que Chartier (1991) articula dessa maneira a representação através das mentalidades que constroem uma identidade social representada através de grupos sociais que possuem uma posição simbólica de poder, um poder simbólico mantido por uma cultura dominante que impõe suas visões de mundo para os dominados, sendo assim, a memória coletiva passa a ser ditada, em sua grande maioria, por uma cultura dominante. Sobre o poder simbólico, Bourdieu (1989) aponta:

A cultura dominante contribui para a integração real da classe dominante (assegurando uma comunicação imediata entre todos os seus membros e distinguindo-os das outras classes); para a integração fictícia da sociedade no seu conjunto, portanto, à desmobilização (falsa consciência) das classes dominadas; para a legitimação da ordem estabelecida por meio do estabelecimento das distinções (hierarquias) e para a legitimação dessas distinções. (BOURDIEU, 1989. p. 10)

Sendo assim, a cultura dominante necessita manipular a mentalidade das classes dominadas através da legitimação do seu poder simbólico. O poder não é palpável, ele é algo representado que necessita da legitimação da sociedade para ter a sua existência. Um poder sem legitimação não cumpre a sua função de dominar. Dessa maneira, o que é imposto pelos dominantes também precisa de certa legitimação do coletivo para poder passar a existir.

No entanto, Chartier (1991) aponta que essa seria só uma das vias que demonstram como ocorre a construção das identidades sociais, essa seria através da “relação de força entre as representações impostas pelos que detêm o poder de classificar e nomear e a definição, de aceitação ou de resistência, que cada comunidade produz de si mesma (CHARTIER, 1991. p. 183). A outra via aponta para um recorte social que compreende a representação que cada grupo dá de si mesmo, reconhecendo assim a sua existência e demonstrando a sua unidade e particularidade. O autor aponta que:

Ao trabalhar sobre as lutas de representação, cuja questão é o ordenamento, portanto a hierarquização da própria estrutura social, a história cultural separa-se sem dúvida de uma dependência demasiadamente estrita de uma história social dedicada exclusivamente ao estudo das lutas econômicas, porém opera um retorno hábil também sobre o social, pois centra a atenção sobre as estratégias simbólicas que determinam posições e relações e que constroem, para cada classe, grupo ou meio, um ser-percebido constitutivo de sua identidade. (CHARTIER, 1991. p. 183)

As estruturas sociais e a relação das estratégias simbólicas apontadas por Chartier (1991) tem conexão com as de Bourdieu (1989): as estratégias simbólicas utilizadas por cada classe, grupo ou meio são estruturantes, pois trata-se de instrumentos de conhecimento e comunicação, dessa forma, exercem o poder simbólico que estrutura por ser estruturado (BOURDIEU, 1989. p. 09). Nas palavras de Bourdieu (1989):

O poder simbólico é um poder de construção da realidade que tende a estabelecer uma ordem *gnoseológica*: o sentido imediato do mundo (e, em particular, do mundo social) supõe aquilo a que Durkheim chama de *conformismo lógico*, quer dizer, “uma concepção homogênea do tempo, do espaço, do número, da causa, que torna possível a concordância entre as inteligências” [...] Os símbolos são os instrumentos por excelência da “integração social”: enquanto instrumentos de conhecimento e de comunicação (cf. a análise durkheimiana da festa), eles tornam possível o *consensus* acerca do sentido do mundo social que contribui fundamentalmente para a reprodução da ordem social: a integração “lógica” é a condição da integração “moral”. (BOURDIEU, 1989. p. 10)

As cidades estão imersas em vários símbolos de poder, carregando consigo uma forte representação de uma classe ou grupo dominante que exerce/exerceu determinado poder simbólico. Ora, basta atentar para a quantidade de ruas e monumentos com nomes de pessoas que foram, em um determinado tempo, detentoras do poder e dessa maneira acabam por ocupar um espaço de representação no ambiente citadino e muitas dessas estruturas se tornam patrimônios, perpetuando assim a legitimação do poder simbólico, que ficará marcado na memória coletiva dessa sociedade.

Dessa forma, aqueles que detém o poder em uma sociedade acabam por estruturá-la, e seu alcance vai além de edifícios e nomes de ruas, geram interferências nos meios de comunicação e até na memória coletiva, como foi dito anteriormente.

Não diferente de outras cidades, a cidade de Itabaiana contou com várias personalidades em seu processo de formação e crescimento. Essas pessoas que geraram suas influências na cidade eram geralmente membros da alta camada social, da elite local ou até regional. Eram sujeitos que possuíam, em sua maioria, ao menos um dos itens a seguir: ensino superior, amplas propriedades de terra, família já influente, título de coronel ou alta patente militar.

No início do século XX, em épocas de Primeira República, o contexto político da época era composto por pessoas que detinham tanta influência e poder que atuavam com um poder administrativo maior do que os próprios prefeitos da cidade, era a figura do chefe político. A chefia política, tal qual era exercida no país, não se estribava em nenhum dispositivo legal.

Tanto que não emanava de atos de nomeação, de portarias designatórias, nem de ordem por escrito. Tratava-se tão somente de uma função consentida. (MAIA, 2015, p. 92). O chefe político, portanto, possuía a cidade em suas mãos, o poder estava com ele e a partir disso era possível coordenar até aquele que deveria ser o líder por direito, que era o prefeito da cidade.

Até 1930, quando teve início o período compreendido como Era Vargas, as presenças das chefias políticas eram bem comuns no Brasil. A grande maioria dos chefes políticos das cidades eram coronéis ou bacharéis em direito, com um poder político reconhecido, principalmente, pela legitimação do status trazido pelos títulos que carregavam. Logicamente, esses chefes políticos possuíam uma condição financeira bastante elevada, o que permitia acesso a estratégias que os consolidassem ainda mais nessa posição de poder, como por exemplo, prestar pequenos favores aos mais necessitados, o que gerava uma espécie de gratidão vitalícia – e lealdade – a troco de um baixo custo financeiro.

Tendo em mente que esse trabalho propõe como recorte temporal as primeiras duas décadas do século XX, os chefes políticos a serem discutidos de maneira mais detalhada nesse tópico, serão apenas dois: Heráclito Cavalcanti Carneiro Monteiro, que ficou como chefe político da cidade de Itabaiana entre os anos de 1903 e 1915, assim como o Dr. Odilon Maroja Ribeiro Coutinho, que teve sua chefia política mais curta que a do seu antecessor, ficando apenas no intervalo de tempo compreendido entre 1915 e 1919. Após a chefia do Dr. Odilon Maroja, outros dois o sucederam, sendo eles: Dr. Flávio Ribeiro Coutinho (1919-1925) e Fernando Pessoa (1925-1932). Torna-se válido citar também os chefes políticos que antecederam Heráclito Cavalcanti, sendo assim, sabe-se que a cidade de Itabaiana, enquanto cidade emancipada e após sua constituição, possuiu outros três chefes políticos, sendo eles: José Luiz de Araújo (1890-1892), Dr. João Elias Vascuro (1892-1895) e Dr. Enéas Pedro de Souza (1895-1903).

a) Dr. Heráclito Cavalcanti Carneiro Monteiro

A cidade de Itabaiana, nas primeiras décadas do século XX, teve como seu chefe político o Dr. Heráclito Cavalcanti Carneiro Monteiro, bacharel em direito. O pai de Heráclito, Frederico Peregrino Carneiro Monteiro, já havia galgado a sua carreira como juiz de direito na comarca de Alagoa Monteiro, na Paraíba e já havia atuado como chefe de polícia na província do Amazonas. A família Carneiro Monteiro tinha presença política na Paraíba, Pernambuco e no Rio Grande do Sul, sendo assim uma família com envolvimento no ramo político. Heráclito,

primogênito do casamento de Frederico Peregrino Carneiro Monteiro e Ana Emília Cavalcanti, também enveredou pelo ramo do Direito e da política. De acordo com Rodrigo Santos (2020):

Frederico Peregrino se casou com Ana Emília Cavalcanti, sendo que deste consórcio nasceram seis filhos. O mais velho, Heráclito, nascido em 1872, optou por seguir a mesma carreira que o pai, formando-se em bacharel pela Faculdade de Direito do Recife, em 1894. Por esta mesma época, ingressou no campo político-partidário, integrando as fileiras do Partido Republicano Conservador (PRC) da Paraíba, agremiação fundada pelo então presidente estadual, Álvaro Machado, que detinha a chefia partidária, falece durante o exercício do mandato de senador. A oposição ao PRC, ou melhor, ao chamado “alvarismo”, era empreendida pelo Partido Republicano da Paraíba (PRP), tendo como expoente principal Eptácio Pessoa. (SANTOS, 2020, p. 186)

Heráclito Cavalcanti passou, dessa forma, a representar o alvarismo na cidade de Itabaiana e região. O juiz de direito passou a ser uma das grandes lideranças dentro das oposições a Eptácio Pessoa. Em 1898, iniciou-se em Itabaiana, a carreira enquanto juiz de Direito de Heráclito Cavalcanti, anos depois, em 1908, foi nomeado desembargador do Superior Tribunal de Justiça da Paraíba, o que não anulou a possibilidade de continuar sendo uma forte influência política na Paraíba. Segundo Santos (2020):

Nomeado juiz de Direito de Itabaiana em 1898, Heráclito Cavalcanti ocupou essa função até 1908, quando foi nomeado desembargador do Superior Tribunal de Justiça da Paraíba. No exercício de suas funções jurídicas, Heráclito também passou a construir sua trajetória como mandatário político de Itabaiana e região. Isso se deve há alguns fatores: 1) a ligação próxima que este constituiu com Álvaro Machado; 2) o fato de que, na Paraíba das primeiras quatro décadas da República, os juízes locais acabavam exercendo uma forte liderança política e partidária nas regiões de suas comarcas e, 3) a relação pessoal que estabeleceu com figuras expoentes da capital e do interior paraibano. (SANTOS, 2020, p. 189-190)

Dessa forma, percebe-se que a teia tecida pelos detentores do poder continua sendo elaborada pelos recém-chegados na área, mas que também possuem um legado familiar de detentores de poder. No caso de Heráclito Cavalcanti, houve uma oportunidade de aumentar a sua influência política quando se tornou juiz de Direito, pois, como afirma o autor citado, era comum que os juízes locais acabassem exercendo uma forte liderança política e partidária. Dessa forma, Heráclito, já tendo essas ferramentas em suas mãos, conseguiu consolidar-se como um dos chefes políticos da cidade de Itabaiana. Consolidada a grande influência regional de Heráclito Cavalcanti, o juiz de direito e chefe político de Itabaiana ampliou sua influência ao longo de todo o estado, firmando relações com outras pessoas que, assim como ele, exerciam influência e detinham poder. Nesse sentido, Santos (2020) nos diz que:

Na lista de famílias e líderes regionais com os quais Heráclito firmou vínculos, podem ser inclusos os nomes de Manuel Pereira Borges, conhecido como Nô Borges, coronel de Itabaiana, Geminiano Jjurema, de Pilar, coronel Cunha Lima, de Areia, Salvino Figueiredo, de Campina Grande, Francisco José Rezende de Melo, de Itabaiana, Antonio Alves da Rocha, de Araruma, Isidro Gomes da Silva, da capital, e José Frutuoso Dantas, que integrou diferentes cargos em governos estaduais. A articulação destas redes sociais permite a geração de um capital social e de influências importantes. Estas, ao serem acionadas, permitem a busca – nem sempre exitosa – de consolidação de interesses individuais e/ou coletivos. No caso de Heráclito, essa rede social constituída possibilitou a liderança partidária mesmo com o enfraquecimento do PRC e o desgaste com Valfredo Leal. Em 1929 e 1930, também permitiu que o desembargador tivesse em torno de si um grupo politicamente ativo, que não acatou a aliança de outros membros do partido, como Leal e José Américo de Almeida, com João Pessoa, sobrinho de Eptácio Pessoa, e a Aliança Liberal. (SANTOS, 2020, p. 190)

Sendo assim, a rede de poder tecida por Heráclito Cavalcanti pode ser considerada uma rede densa e com um grande acúmulo de poder entre os seus membros. Logo, o desembargador conseguiu conquistar um amplo poder diante de alguns fatores como: 1) legado deixado pela família, que já possibilitou o Heráclito a trilhar por esse caminho; 2) um contexto histórico que permitia um juiz de Direito ter uma influência política no nível em que ele atuou e, 3) firmar alianças políticas com pessoas igualmente poderosas. Tendo uma forte influência como chefe político, Heráclito Cavalcanti teve uma participação notável na transformação urbana da cidade de Itabaiana. Acerca disso, Albuquerque (2014) ressalta:

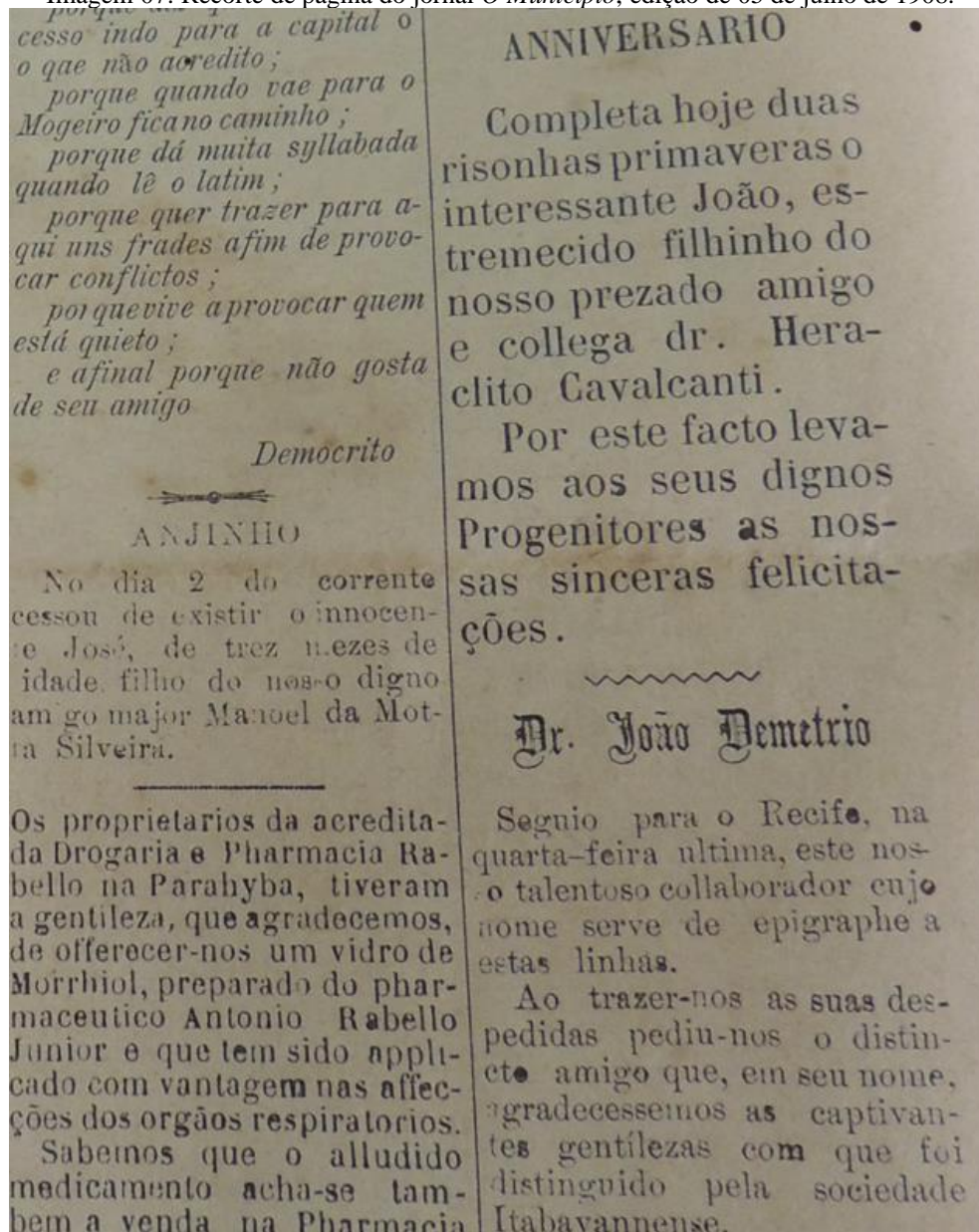
Durante a sua permanência em Itabaiana, exerceu marcante influência como destacado elemento do progresso daquela cidade, participando ativamente de tudo o que se relacionava com o desenvolvimento do município. Chefe local das forças governistas, iniciou naquele município as atividades políticas que o conduziram à direção do Partido Republicano Conservador, que, por mais de quinze anos, combateu o “epitacismo” na Paraíba. (ALBUQUERQUE, 2014, p. 20)

A influência de Heráclito aparecia também nos jornais de Itabaiana. Esse tipo de impresso, principalmente no início do século XX, buscava bajular pessoas que detinham algum tipo de poder, para que, com isso, conseguissem uma possível recompensa dos bajulados. Não apenas Heráclito Cavalcanti, mas também outras autoridades acadêmicas, como médicos, eram anunciadas nas páginas dos jornais.

No caso específico do jornal que será apresentado a seguir, intitulado *O Município*, Heráclito Cavalcanti foi o seu fundador no ano de 1908. Dessa forma, além de figura de importância política, o juiz também foi fundador e fazia parte da equipe que administrava o impresso, fazendo com que os artigos que surgiam enaltecendo-o fossem ainda mais extravagantes. É válido salientar que mesmo não atuando diretamente como editor-chefe, o fato de Heráclito ser o fundador do jornal trazia consigo a figura de chefe – ou dono – do impresso,

mesmo que não-oficial. Logo, as bajulações vindas por parte desse impresso para a pessoa de Heráclito Cavalcanti tinham múltiplas intenções: agradar o chefe político, que também era visto como o sujeito de maior hierarquia pela equipe do impresso, assim como chamar a atenção do leitor para o próprio Heráclito, fortalecendo o seu poder de influência na cidade.

Imagem 07: Recorte de página do jornal *O Município*, edição de 05 de julho de 1908.



Fonte: IHGP.

A partir da análise de várias edições do jornal *O Município*, da cidade de Itabaiana, foi possível identificar o espectro político do impresso, que certamente era alinhado com o de Heráclito Cavalcanti. Sendo assim, tratava-se de um jornal que apoiava Álvaro Machado e que passou a apoiar Walfredo Leal posteriormente. Esses políticos citados, como foi dito

anteriormente, tinham proximidade com Heráclito Cavalcanti, logo, se tornou oportuno para o jornal homenagear também o juiz de Direito e membro da equipe de redatores do impresso. O espaço utilizado para a homenagem, como é possível observar na imagem, é bem amplo quando se compara com os informes que se encontram ao lado esquerdo, além de também utilizar letras com dimensões bem superiores ao que se tem em sua proximidade, deixando assim perceptível o objetivo do impresso com esse jogo de dimensões: chamar a atenção do leitor para um fato comum no cotidiano de Heráclito Cavalcanti, fazendo de maneira alarmante no impresso, de forma que fugiu, inclusive, do modelo estético da página.

Na mesma imagem é possível perceber, logo abaixo da homenagem ao filho de Heráclito Cavalcanti, uma notícia que informa a saída de um doutor da cidade, que possivelmente estava apenas de passagem. Provavelmente, tratava-se de um bacharel em direito ou em medicina, que eram os únicos acadêmicos comumente chamados de doutor nos impressos. Esse tipo de informação, noticiando a passagem de médicos e advogados era bastante recorrente nos impressos da cidade, ainda mais por ser uma cidade de pequeno porte que não contava com todos os serviços oferecidos pelos profissionais liberais, dessa forma, era necessário informar à população a passagem desse tipo de profissional pela cidade, para que os habitantes que desejassem usufruir do serviço pudessem ir ao encontro dos profissionais.

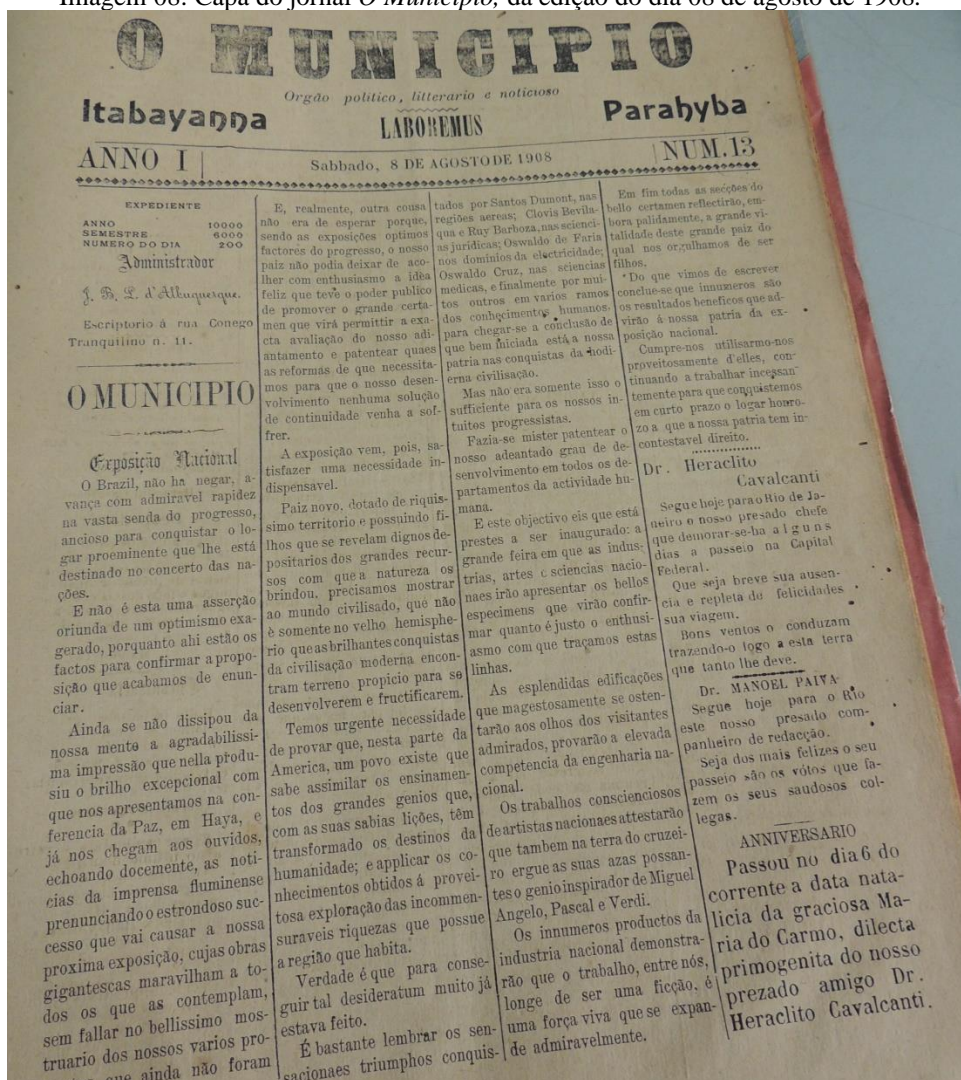
No dia 08 de agosto de 1908, Heráclito Cavalcanti viajou para o Rio de Janeiro com o objetivo de prestigiar a Exposição Nacional que aconteceu no dia 11 do mesmo mês. Acerca do evento na então capital federal, foi um dos que marcaram a presença de itens que simbolizavam o progresso industrial do Brasil, de acordo com Wanderley (2018):

A Exposição Nacional de 1908 foi o grande evento final do programa de reforma urbana e sanitária que transformou o Rio de Janeiro no sentido da modernidade cosmopolita: a construção do novo porto; a construção de avenidas retilíneas e largas – como Francisco Bicalho, Rodrigues Alves, Avenida Central e Beira-Mar; o aterramento de enseadas e praias; o desmonte do morro do Senado e parte do morro do Castelo; a abertura e embelezamento de praças e jardins – Praça Quinze, Tiradentes, Passeio Público e Campo de Santana; a derrubada de milhares de casas e habitações coletivas e a campanha de saneamento. [...] A Exposição Nacional de 1908 foi uma celebração do comércio e desenvolvimento industrial que exibiu um “inventário” do Brasil através dos produtos industriais, agrícolas, pastoris e artísticos montados no Palácio da Indústria, no Palácio dos Estados, no Pavilhão do Distrito Federal e nos pavilhões de São Paulo, Minas Gerais, Bahia, Santa Catarina. E também mostrou a modernização dos novos serviços públicos municipais e federais entre eles o Pavilhão do Corpo de Bombeiros, o Pavilhão dos Telégrafos e Correios, o Jardim Botânico, o Pavilhão do Café e Cacau, a Inspetoria de Matas e Jardins. Após o

encerramento da Exposição, todos os prédios foram demolidos com exceção do Palácio dos Estados e do Pavilhão das Máquinas. (WANDERLEY, 2018)¹⁷

Tal evento tinha como objetivo enaltecer o processo de reformas urbanas em prol da urbanização e glorificar todas as novas tecnologias e itens que chegavam ao Brasil e que tornavam o país moderno aos moldes europeus. Sabendo disso, Heráclito Cavalcanti embarcou em uma viagem para o Rio de Janeiro, para testemunhar as grandezas que o evento estava propondo em demonstrar. O jornal itabaianense *O Município* dedicou a sua primeira página do jornal para fazer uma longa matéria sobre a exposição e noticiar a viagem do juiz de Direito.

Imagem 08: Capa do jornal *O Município*, da edição do dia 08 de agosto de 1908.



Fonte: IHGP.

¹⁷ WANDERLEY, Andreia. Série “O Rio de Janeiro desaparecido” II – A Exposição Nacional de 1908 na Coleção Família Passos. 2018. Disponível em: [Série “O Rio de Janeiro desaparecido” II – A Exposição Nacional de 1908 na Coleção Família Passos | Brasiliana Fotográfica \(bn.gov.br\)](#). Acesso em: 08 de agosto de 2023.

Publicada dias antes da Exposição Nacional, a matéria que ilustrou a capa do jornal *O Município* tem alguns pontos a serem discutidos. Os jornais que circulavam na cidade de Itabaiana nas primeiras décadas do século XX buscavam, em sua grande maioria, alinhar os seus discursos de forma que agradassem as camadas mais altas da sociedade, já que eram esses que compunham a maioria letrada da sociedade. Sendo assim, em consonância com a visão das elites locais, enalteciam sem questionar, o progresso que chegava ao país através de projetos modernos. Dessa forma, na imagem acima, é possível notar um discurso que glorifica a Exposição Nacional por simbolizar o êxito do Brasil em se tornar um país moderno, em um dos trechos da matéria, o redator afirma:

Paiz novo, dotado de riquíssimo território e possuindo filhos que se revelam dignos depositários dos grandes recursos com que a natureza os brindou, precisamos mostrar ao mundo civilizado, que não é somente no velho hemisfério que as brilhantes conquistas da civilização moderna encontram terreno propício para se desenvolverem e fructificarem. Temos urgente necessidade de provar que, nesta parte da América, um povo existe que sabe assimilar os ensinamentos dos grandes gênios que, com suas sábias lições, tem transformado os destinos da humanidade; e aplicar os conhecimentos obtidos a proveitosa exploração das incomensuráveis riquezas que possui a região que habita. (O MUNICÍPIO, 1908)

Analisando o discurso do trecho supracitado, é perceptível uma grande necessidade por parte do autor de provar aos países europeus que o Brasil estava seguindo firme na linha do progresso. Essa necessidade, que é posta de maneira urgente pelo redator, cristaliza bem a mentalidade que as camadas mais altas da sociedade possuíam, que era a que diz respeito a espelhar-se na Europa e ter esse continente como a representação do mundo civilizado. Ao tomar o progresso através da modernização, a elite brasileira acabou criando essa visão de que esse seria o único plano viável para o desenvolvimento do país, uma vez que a Europa passou por esse processo e se tornou modelo de modernidade a ser seguida.

Nas primeiras décadas do século XX, a *Belle Époque* encantava visualmente todos aqueles que a vislumbravam. Nesse período, Paris e Londres se tornavam os modelos urbanos a serem seguidos como padrão por todos aqueles que almejassem atingir o progresso pela via da modernidade. Entendendo esse véu de influência que as cidades europeias possuíam e o perfil da elite brasileira que sempre buscou se espelhar nos europeus, entende-se o contexto sociocultural no qual o discurso do autor do trecho jornalístico estava inserido.

No lado direito da página, encontra-se a menção a Heráclito Cavalcanti, que partia em viagem para prestigiar a exposição. No corpo do texto, mesmo que em poucas linhas, a bajulação ao chefe político – e colega de equipe – se fez presente, em que o autor do trecho finaliza com: “Bons ventos o conduzam trazendo-o logo a esta terra que tanto lhe deve”. Desejar

uma boa viagem às autoridades era um comportamento comum dos jornais da época, no entanto, o trecho em questão traz uma colocação no final que afirma que a cidade de Itabaiana tinha muitas dívidas para com o indivíduo, tal trecho demonstra a tentativa de enaltecer Heráclito Cavalcanti. Ainda na mesma página, já no canto inferior direito da imagem, é possível perceber uma pequena notícia que informa do aniversário que se passou da filha de Heráclito Cavalcanti, demonstrando assim, o interesse em manter o chefe político e fundador do impresso sempre presente nas narrativas.

Em 1915, quando Walfredo Leal é derrotado no pleito contra Eptácio Pessoa, Heráclito Cavalcanti perde sua chefia política, já que apoiava o candidato que foi derrotado. É importante acrescentar que, após a derrota eleitoral de Walfredo Leal, o jornal *O Município* suspendeu definitivamente sua publicação (MAIA, 2015, p. 346). Durante o intervalo que Heráclito esteve como chefe político (1903-1915), estiveram como prefeitos de Itabaiana: Francisco Resende de Melo e Manoel Pereira Borges. Dessa forma, para ocupar o cargo de influência deixado por Heráclito, surge o Dr. Odilon Maroja Ribeiro Coutinho.

b) Dr. Odilon Maroja Ribeiro Coutinho

A família Ribeiro Coutinho fez parte das oligarquias que atuaram fortemente na Paraíba no período da Primeira República e não perderam a influência política nos períodos posteriores. O amplo recorte temporal, conhecido como Primeira República (1889-1930), possibilitou que famílias que detinham poder e influência desde o período do Segundo Reinado (1840-1889), firmassem-se ainda mais os seus domínios regionais devido ao modelo de mecanismo político que se adotou na época, conhecido como Política dos Governadores, que deixava o cenário político bastante propício para a ascensão das famílias oligarcas. Ao falar sobre a origem da família Melo (2021) aponta:

O ano de 1913 marca o retorno de Flávio Ribeiro Coutinho à Paraíba, depois de formado em medicina na Bahia e de um período de residência no Pará. Flávio nasceu em 1882, em Pilar, filho de João Ribeiro Coutinho, pernambucano, e de Anna Maroja, irmã de Flávio Maroja, também médico, membro da Primeira Assembleia Constituinte e Legislativa da República (1891-1894) e fundador do Instituto Histórico e Geográfico da Paraíba (IHGP). João e Anna tiveram 12 filhos, sendo 7 mulheres (sobre elas quase não se tem dados) e 5 homens: Odilon, João Úrsulo, Flávio, Flaviano e Francisco Leocádio (presume-se que este faleceu enquanto criança, enquanto outras fontes citam uma criança de nome Pedro). Dos quatro filhos homens sobreviventes, Odilon, o primogênito, bacharel, foi “chefe político” de Itabaiana até por volta de 1920, quando “entregou” a chefia a Flávio. João Úrsulo também era bacharel, político e, em 1928, já testava álcool como combustível nos tratores da Usina São João. Casou com Helena Pessoa, pernambucana, herdeira da Usina Aliança, uma das maiores de

Pernambuco. Flaviano, agrônomo, também político, casou com Celeste Teixeira, neta do Barão de Maraú, que hospedou Dom Pedro II e sua comitiva em 1859. Flávio casou-se com sua sobrinha Berenice, filha de sua irmã Débora. Com a morte de João Úrsulo em 1930, ele passa a liderar a família, não só administrando e expandindo o seu patrimônio como também ocupando e ampliando os espaços políticos antes controlados por seu tio materno Flávio Maroja. (MELO, 2021)¹⁸

Dessa forma, fica perceptível que a família Ribeiro Coutinho esteve ligada às estruturas de poder que detinham grandes posses e influências na região, simbolizando assim, o poder estruturante da elite. Tanto os diplomas acadêmicos quanto os casamentos dos membros da família eram planejados de formas que aumentassem ainda mais o alcance do poder de influência dos Ribeiro Coutinho. A citação de Melo (2021) foca no irmão de Odilon Maroja, Flávio Ribeiro Coutinho, ainda assim, é possível perceber a dimensão da teia de influência tecida pela família.

Apoiador de Epitácio Pessoa, Odilon Maroja marcou a transição de poder de chefe de estado, sucedendo Heráclito Cavalcanti. É importante perceber que mesmo o cargo de chefe político não sendo um cargo diplomado, como os demais cargos políticos da Câmara Municipal, ainda assim ocorre a transição de poder, que geralmente era ocasionada quando um dos políticos acaba tendo a sua legitimidade como portador de determinado poder esvaziada por desdobramentos políticos. No caso da transição entre Heráclito Cavalcanti e Odilon Maroja, se tem como esse desdobramento, a derrota do walfredismo pelo epitacismo. O jogo político efetuou os seus movimentos para garantir a retirada de um chefe político da oposição.

Durante a sua estadia enquanto chefe político (1915-1919), Odilon Maroja Ribeiro Coutinho também atuou como Prefeito da cidade de Itabaiana, acumulando assim as duas funções, tornando suas ações, enquanto administrador da cidade, de fácil execução devido ao acúmulo de cargos. De acordo com Maia (2015), Odilon Maroja largou o cargo para se dedicar aos afazeres de pecuarista, tendo em vista que ele era um dos maiores do estado da Paraíba.

Assim como Heráclito Cavalcanti, Odilon Maroja também aparecia de forma recorrente nos impressos, em especial, no que era intitulado como *O Jornal*, que se autodenominou como o “órgão político-oficial do município” e que surge, de acordo com Maia (2015), logo após a vitória do epitacismo, em 1915, que também demarcou a saída de Heráclito Cavalcanti do cargo de chefe político para a sucessão de Odilon Maroja. Acerca disso, Maia (2015) traça uma breve narrativa com um resumo do histórico do impresso:

¹⁸ Disponível em: [Dossiê Grupo da Várzea – Parte I: Hhttps://www.brasildefatopb.com.br/2021/03/09/dossie-grupo-da-varzea-parte-i-herdeiros-de-oligarquias-e-fazedores-de-fortunaserdeiros-de-oligarquias-politica-brasildefatopb.com.br](https://www.brasildefatopb.com.br/2021/03/09/dossie-grupo-da-varzea-parte-i-herdeiros-de-oligarquias-e-fazedores-de-fortunaserdeiros-de-oligarquias-politica-brasildefatopb.com.br). Acesso em: 16 de agosto de 2023.

A vitória do epitacismo levou o dr. Odilon Maroja, em 1915, à Prefeitura e Chefia Política do município. Para se defender dos ataques do walfredismo fez circular a 15 de agosto daquele ano o semanário “O Jornal” – “Orgam político-official do Município” – tendo como redatores chefes, o bacharel Henrique de Figueiredo e o acadêmico de direito Raul Péricles. A gerência ficou com José Regis, que para isso, suspendeu a publicação de “O Brasil”, de que era diretor, redator-chefe e proprietário. Sediava-se na Praça Álvaro Machado. Apesar de se dizer “orgam político”, e ser dirigido por um bacharel inteligente, destemido e violento, como era Henrique de Figueiredo, manteve uma linguagem moderada, distanciando-se bastante da tônica polemística, seguida pelo “Município” e “Correio da Semana”. Deve ter circulado até 1917, mais ou menos. (MAIA, 2015, p. 349)

Logo em sua primeira edição, os redatores do *O Jornal* deixaram claro que seu alinhamento político seria favorável a Epitácio Pessoa e, consequentemente, a Odilon Maroja, que exercia o mandato de prefeito municipal e também era o atual chefe político da cidade. Sendo assim, as narrativas do impresso possuíam um teor de adulação para com a pessoa de Odilon Maroja. Além da presença recorrente, elogios sobre a integridade do prefeito e chefe político sempre se faziam presentes.

Ainda na primeira edição do impresso em questão, na página três é possível encontrar uma coluna que foi utilizada para fazer o aceno para a gestão municipal, com o título sendo preenchido com o nome do prefeito, o texto enaltece o gestor e deixa bastante claro o posicionamento político do jornal. Em suas linhas, o jornal afirma que:

Ao dr. Odilon Maroja nunca faltaram os requisitos imprescindíveis ao homem de bem, ao político de surtos elevados que se sabe colocar acima dos níveis das paixões rasteiras. Chefe político e prefeito deste município, s. s. tem a firmeza de critério precisa para que a sua gestão governativa se revista dos caracteres e da feição inerentes as administrações sisudas. Da sua investidura ao cargo de prefeito a esta parte, já se nota nos cofres municipais um estado financeiro deveras satisfatório. (O JORNAL, 1915, p. 03)

É importante perceber que ao analisar jornais como fontes históricas, precisa ser levado em consideração o fato de que toda a narrativa desse tipo de impresso possui uma intencionalidade política. No caso de *O Jornal*, fica clara a busca desse impresso em aproximar-se do prefeito e chefe político da cidade através da bajulação. Logicamente que, assim como no caso do impresso discutido anteriormente, também tinha o fato de que buscavam enaltecer os políticos que os membros dos jornais apoiavam para melhorar as visões da população acerca desses sujeitos. Os políticos ligados a Epitácio Pessoa eram os principais focos desse jornal.

Dr. Odilon Maroja

Este jornal apparece no scenario vastissimo da imprensa, onde se fazem as pugnas mais ennobrecedoras do civismo, sob a egide augusta, o patronato glorioso, do eminente vulto cujo nome epigrapha estas linhas e que para honra da benemerita politica dominante neste Estado dirige os destinos governativos desta cidade.

Ao dr. Odilon Maroja nunca faltaram os requisitos imprescindiveis ao homem de bem, ao politico de surtos elevados que se sabe collocar acima do nivel das paixões rasteiras.

Chefe politico e prefeito deste municipio, s. s. tem a firmeza de criterio precisa para que a sua gestão governativa se revista dos caracteres e da feição inherentes ás administrações sãs.

Da sua investidura ao cargo de prefeito a esta parte, já se nota nos cofres municipais um estado financeiro deveras satisfatorio.

E o estado se vai accendendo à proporção que s. s. vai dando o cabal desempenho da sua ardua missão.

Apoiado por todo o povo desta cidade, que vê se reflectem na sua personalidade os sentimentos mais adamantinos, o dr. Odilon Maroja foi o timoneiro intemerato nesta cidade, ao lado dos seus amigos, da gloriosa cruzada reivindicadora dos brios parahybanos, conspurcados pela intolerancia e machiavelice do atrasado padre de origem guarabiresca.

Acima das velleidades que se forjam nos ambitos estreitos da politicagem villã sobrepára o seu vulto superior.

Este organ de imprensa, que é a folha official deste municipio, sente feliz em protestar ao egregio dr. prefeito desta cidade a sua admiração e a sua solidariedade em qualquer emer-

gencia, porque reconhece na sua pessoa um cidadão de elevadissimos dotes civicos e moraes.

Data gloriosa

Duzentos e seis annos fizeram no domingo passado que teve lugar em Lisboa, pela primeira vez, a primeira experiencia do balão aereo, realisada pelo benemerito padre Bartholomeu de Gusmão.

Os filhos do Brasil deviam festejar com todo o entusiasmo a passagem dessa gloriosa data porque se trata da rememoração de um invento que praticado os mais prodigiosos na actualidade universal.

Agora mesmo temos a prova cabal da realidade desses prodigios no theatro horroroso da guerra que devasta o velho mundo.

A importancia da aviação na actualidade é immensa e se manifesta sob diversas modalidades.

Ella tem sido em grande parte a propulsora gloriosa da investigação e das descobertas scientificas.

Geographicamente se fallando a sua utilidade tem sido enorme.

Apezar da sua invenção ter cabido a um brasileiro, o que é facto é que no Brasil é onde a aviação é mais atrazada.

Ao padre Bartholomeu de Gusmão coube a sua invenção e a Santos Dumont o seu aperfeiçoamento.

Nestas linhas fugaces deixamos latente o preito da nossa homenagem à memoria do prelado insigne a cuja intelligencia se deve a descoberta da aeronautica, que foi o maior acontecimento do seculo em que viveu o seu descobridor.

O que mais lamentamos é o olvido a que são relegadas no Brasil as grandes descobertas de autoria nacional.

**Dr. Castro Pinto**

E' com a mais subida satisfação que estampamos hoje em as nossas columnas o retrato do exmo. snr. dr. João Pereira de Castro Pinto, o Presidente licenciado deste Estado, ora na Capital Federal.

A s. excia. significamos a nossa homenagem porque vemos na sua personalidade egregia o prototypo da honradez e do talento que nunca desceu ás planicies desoladas e estereis onde rastejam as mediocridades e os nullos senão para doutrinar altruista sobre os grandes phenomenos que electrizam a alma dos povos.

Fonte: IHGP.

Na imagem acima, o texto que foi citado anteriormente encontra-se à esquerda da imagem, na primeira coluna da página. Na coluna central é possível observar uma matéria que teve como intuito comemorar o marco de duzentos anos de uma invenção da engenharia aeronáutica, o balão aéreo. Ao fim da matéria, o autor do texto lamenta a ausência dos enaltecimentos aos inventores nacionais. Estampando o lado direito da página, encontra-se uma

homenagem ao João Pereira de Castro Pinto, político paraibano que já havia passado por vários cargos, sendo no poder legislativo, deputado federal (1907-1908) e senador (1908-1912), ambos pelo estado da Paraíba e tinha acabado de fazer passagem pelo poder executivo, como governador (1912-1915), tendo renunciado esse último no mês de julho. É interessante perceber que a homenagem do impresso tem como objetivo unicamente enaltecer a personalidade do ex-governador, com um teor de gratificações pelos serviços prestados. Vale ressaltar que o dr. Castro Pinto foi um político alinhado com o epitacismo, que era o mesmo alinhamento do jornal em questão.

A dedicação que *O Jornal* tinha em buscar homenagear políticos era bastante visível. Odilon Maroja surgia recorrentemente nas páginas do impresso. No final do ano de 1915, na edição do dia 19 de dezembro, o jornal dedicou toda a sua primeira página para uma homenagem ao aniversário do prefeito e chefe político, na qual afirmava que Odilon Maroja havia “sido escolhido para chefe político de Itabayanna pelas qualidades primordiais de seu caráter e pelo seu elevado prestígio político que se estende à longas curvas longínquas de zonas afastadas, pelo insigne chefe da política parahybana, o glorioso estadista Eptácio Pessoa” (O JORNAL, 1915, p. 01). Dessa forma, o impresso enalteceu tanto o chefe político local como também aquele que ostentava o maior posicionamento hierárquico na ideologia política apoiada pelo jornal.

Imagem 10: Recorte da primeira página da edição de *O Jornal*, de 19 de dezembro de 1915.



Fonte: IHGP.

A presença das fotografias dos homenageados é uma característica marcante nesse impresso. Diferente do jornal *O Município*, que homenageava Heráclito Cavalcanti com frequência, no *O Jornal*, a presença de fotografias deixava as homenagens mais chamativas, uma vez que até aqueles não letrados conseguiam ler a imagem apenas passando a vista, o que possivelmente despertava a curiosidade para perguntar sobre o que se tratava a matéria. O impresso que homenageia Odilon Maroja também possuiu a vantagem da época em que circulou, pois, sendo de uma época posterior a aquele que homenageava Heráclito Cavalcanti, contou com o avanço das técnicas de tipografia, o que auxiliou não somente na presença de imagens com melhor visibilidade, mas também na própria diagramação do impresso.

Dr. Odilon Maroja Ribeiro Coutinho não foi o último chefe político de Itabaiana, após a sua gestão, o seu irmão o sucedeu, dr. Flávio Ribeiro Coutinho (1919-1925). No entanto, como o recorte temporal desse trabalho se estende até 1920, a discussão acerca dos demais chefes políticos da cidade de Itabaiana ficará para futuras pesquisas.

Ao fim desse tópico, é importante salientar que os chefes políticos tiveram uma importância fundamental para a chegada da modernidade na cidade de Itabaiana, uma vez que facilitavam os trâmites políticos através das suas redes de influências com pessoas que detinham uma igual, ou superior, influência na área de urbanização e modernização das cidades. Ainda assim, é importante salientar que a cidade não é estruturada apenas por membros na elite, ocorre que essas pessoas acabam por ter suas memórias mais bem resguardadas do que as pessoas comuns, da baixa e da média camada social. Dessa maneira, é preciso considerar também que, no início do século XX, os registros escritos sobre as pessoas das camadas médias e baixas eram bastante escassos, causando assim uma insuficiência de fontes. Ainda assim, em recortes de jornais é possível perceber a menção a pessoas vistas como “comuns” em algumas raras situações, pois o mais usual de se observar são notícias com focos em figuras políticas como foram apresentadas ao longo desse capítulo.

1.5. Considerações

A modernidade enquanto advento chegou ao Brasil no final do século XIX e a partir de então passou a transformar diversas cidades no país, sendo elas de grande ou de pequeno porte. A cidade do Rio de Janeiro e São Paulo, como foi visto, foram os primeiros centros urbanos a receberem essas influências vindas da Europa, principalmente de Paris, na França.

Analisando o modo que se deu a expansão da modernidade, é possível perceber a interação da sua chegada com a transformação das estruturas urbanas, tendo forte impacto na

paisagem, como nas sociais e culturais, onde o cotidiano é afetado. Dessa forma, é possível afirmar que os avanços técnicos, que foram importados da Europa, transformaram profundamente, deixando suas marcas, nas paisagens urbanas e nos modos de vida.

É importante salientar que o progresso, atingido de forma material, não ocorreu de forma homogênea, pois os habitantes das cidades não utilizavam – quando utilizavam – dos artifícios da modernidade da mesma maneira. O progresso foi pensado pelos detentores do poder administrativo, que por sua vez, faziam parte de uma camada social abastada, logo, o dito progresso foi espelhado no modelo europeu pelo fato de encantar a elite brasileira.

A expansão da modernidade em busca do progresso ocasionou a sua chegada ao nordeste brasileiro, sendo a cidade de Recife, em Pernambuco, o bastião desse advento. A partir dessa cidade, a expansão passou a ocorrer em passos largos, ainda mais acelerados com a difusão das ferrovias pelo Brasil, o que atingiu os pequenos centros urbanos que ainda viviam em amplo contato com o meio rural, como a cidade de Itabaiana.

A cidade de Itabaiana-PB, por sua localização geográfica favorável, foi utilizada como conexão entre Pernambuco e Paraíba através da estrada de ferro, que fez a ligação através de Limoeiro-PE. Dessa forma, a expansão da estrada de ferro entre os estados pode ser compreendida como a conexão entre esses dois pequenos municípios. A partir de então, a pacata cidade de Itabaiana passou a viver em um ritmo totalmente diferente, mais acelerado do que costumava viver em seu período de formação.

Ao explorar a trajetória de personalidades locais como Heráclito Cavalcanti e Manoel Borges, é possível perceber como indivíduos detentores de poder atuaram como agentes de mudança, catalisando o processo de modernização e deixando um legado que vai além do aspecto físico das cidades. Essas figuras históricas personificam a forma de como o poder político em certos locais pode ser um fator determinante para a transformação do ambiente, tanto na questão estrutural como na cultural.

Sendo assim, tendo discutido a questão da modernidade e sua trajetória até chegar em Itabaiana, no interior da Paraíba, torna-se possível partir para o próximo capítulo e explorar, de maneira mais profunda, as transformações estruturais ocorridas na cidade. A busca pelo progresso, através da modernidade, deixou suas marcas por meio das mudanças físicas e culturais vividas pelas cidades.

2. ITABAIANA, MODERNIDADE E PROGRESSO

Ao passar do tempo, a cidade de Itabaiana transforma-se, surgem novas estruturas arquitetônicas, alterações urbanas, novas tecnologias aparecem na vida dos cidadãos que compõem esse espaço e, conseqüentemente, passam a modificar o modo que se vive na cidade. As transformações urbanas vão além das estruturas físicas e passam afetar todo o seu ritmo e o modo de viver a cidade, em que é possível notar que essas transformações são oriundas principalmente das mudanças técnicas atreladas aos meios de produção.

O ser humano, enquanto sujeito, age como o galvanizador desses processos de mudanças do espaço onde habita, de uma forma que os espaços habitados por toda a sociedade se tornam palcos de transformações. A cidade, em específico, sofre mais transformações pelo fato de ter uma concentração demográfica maior. Dessas metamorfoses sofridas pela cidade, vários são os agentes transformadores, variando desde gestão política até tendências técnicas em meios de produção, que não agem de maneira singular, uma vez que para haver mudanças técnicas em uma determinada cidade, é necessário que a gestão política atual planeje e aprove as mudanças sugeridas. Acerca da transformação e criação do espaço pelo homem, Milton Santos (2020) traz que:

É por demais sabido que a principal forma de relação entre o homem e a natureza, ou melhor, entre o homem e o meio, é dada pela técnica. As técnicas são um conjunto de meios instrumentais e sociais com os quais o homem realiza sua vida, produz e, ao mesmo tempo, cria espaço. (SANTOS, Milton, 2020, p. 29)

A História contempla em seus estudos da sociedade uma série de mudanças técnicas que geraram forte impacto em todo um ambiente onde se estabeleceram determinadas mudanças. Um bom exemplo é o processo conhecido como Revolução Industrial que estreou na Inglaterra, no século XVIII. Mudanças nas técnicas, inicialmente têxteis, que vieram a transformar em seguida todo o modo de se viver nos espaços onde se concentraram as indústrias. Logo em seguida os cidadãos testemunharam diversas transformações em várias áreas da vivência em sociedade, as relações de trabalho, as distribuições de renda e até mesmo o modo como se configurava as divisões habitacionais da cidade foram modificadas devido ao novo ritmo ditado pelas mudanças técnicas nos meios de produção trazidas pela revolução.

As transformações criam novas eras, com um novo modo de ver e viver em seus espaços, e conseqüentemente, a cidade. Nesses espaços moldados pelas transformações, é válido

ressaltar que não são novos e sim uma remodelagem adaptada para atender a demanda das transformações que ocorreram e que continuam a ocorrer com o passar do tempo. Por mais que a cidade seja uma estrutura fixa, ela nunca está acabada e finalizada, pelo contrário, está sempre inacabada e se readaptando a novos modos de se habitar esse espaço urbano, a cidade está em uma transformação constante.

A cidade transformada é resultado de mudanças vindas da sociedade e essa, por sua vez, ao viver na cidade transformada, também se modifica, é preciso se adaptar as novas perspectivas apresentadas pelas mudanças decorrentes das modificações oferecidas por um avanço tecnológico que não cessa o ritmo e está sempre oferecendo novos adventos que modificam por completo o cotidiano de todos aqueles afetados por esses avanços. É importante ressaltar que os avanços não são para todos, mas afetam todos, seja por usufruir das vantagens oferecidas pelas mudanças técnicas ou por sofrer exclusão e desigualdade social por não ter o poder aquisitivo necessário para o acesso a essas mudanças.

O século XX tem seu início em pleno contexto de *Belle Époque*, nessa época se vivenciou grandes mudanças nos modos de viver a cidade principalmente pelo fato das novas tecnologias que chegavam e modificavam todo o espaço onde atuavam. Luz elétrica, difusão das estradas de ferro, carros, telégrafos, fotografias e entre outros avanços que mesmo sendo criados no século XIX, foi no posterior onde atingiram a sociedade com mais vigor. Logicamente que todas essas novidades viriam a alterar o cotidiano citadino de diversas maneiras, a informação, por exemplo, passa a percorrer grandes distâncias em uma velocidade maior e isso possibilita que esses processos de mudanças passem a ocorrer ainda mais rapidamente, gerando mais mudanças e assim sucessivamente.

Essas mudanças técnicas ora são chamadas de frutos da modernidade, ora de filhas do progresso. Entender a dialética existente entre esses dois fenômenos é crucial para poder entender como geraram impacto na paisagem e no cotidiano da cidade, e em específico, de Itabaiana.

2.1.Modernidade, progresso e processo de transformação

Dentro do que é imaginado, legitimado e perpetuado pela cultura dominante, um fetichismo pelo “progresso” obtido através da modernidade é recorrente no ambiente urbano. A cidade, de fato, é um ambiente que inspira o progresso, uma vez que ela é um ambiente em constante processo de transformação, de reestruturação. No entanto, quando se reestrutura a cidade, o poder é conservado nas mãos daqueles que já o mantém, paradoxalmente se tem um

“progresso conservador”, as estruturas estruturantes se mantêm as mesmas, mas com uma roupagem moderna.

Ao falar de modernidade de maneira objetiva, é possível trazer a visão de Le Goff (1996), que afirma que a modernidade representou uma série de substituições em alguns setores, dessa forma, pela perspectiva do autor, o novo veio para tirar o velho de campo. Refletindo o que é dito por Le Goff (1996), pode-se afirmar que essa substituição seria a materialização do progresso almejado pelas elites, uma vez que traria para o campo do visível, todas as estruturas que viriam a representar a modernidade, configurando-se como signos do moderno.

Nesse sentido, Rezende (1997) elenca as características que configuram o advento da modernidade, o autor afirma que na sua dinâmica, a modernização traz fatores que estão intimamente relacionados, como as mudanças na economia, que está associada às novas tecnologias que são ofertadas por esse avanço, revolucionando o setor econômico, que passa se comportar com um ritmo mais acelerado. O autor ainda aponta para a questão da “burocratização, organização racional do trabalho, ordem e progresso.” (REZENDE, 1997, p. 18). É interessante observar que a modernidade traz uma característica positivista, de buscar a ordem e o progresso através da razão. Nesse sentido, é importante ressaltar que tanto a modernidade quanto a influência do positivismo ocorrem com maior intensidade, no Brasil, na passagem do século XIX para o XX, o que explica o fato das elites brasileiras buscarem o progresso através da modernidade, pois seria a partir dela que a sociedade atingiria a ordem e o progresso.

A modernidade, com um toque de subjetividade, pode ser entendida à luz de Walter Benjamin (2021) que, ao escrever sobre a trajetória de Baudelaire, passa a refletir sobre a questão da modernidade na vida cidadina. Parte da vida desse poeta, narrada por Benjamin, é o retrato de um indivíduo que foi engolido pela modernidade em seu próprio corpo e passa a ter uma ideia profunda acerca do conceito.

Benjamin (2021) aponta que “o moderno opõe-se ao antigo, o novo ao sempre igual” (BENJAMIN, 2021, p. 179). Dessa forma, o moderno é algo mais profundo e não apenas o que se entende no saber comum de “novidade”. Ao trazer as reflexões sobre *As flores do mal* de Baudelaire, Walter Benjamin consegue aprofundar-se nesse conceito. O autor afirma que:

Em Baudelaire, o “moderno” não assenta única e principalmente na sensibilidade. Nele exprime-se uma espontaneidade suprema; a modernidade é em Baudelaire uma conquista, tem uma armadura. Parece que só Jules Laforgue viu isso, ao falar do “americanismo” de Baudelaire. (BENJAMIN, 2021, p. 158)

A “conquista” da sociedade, como aponta Baudelaire, no entanto, não é uma conquista pacífica, ela acontece através de conflitos para que se estabeleçam as mudanças, em meio social, político, econômico e cultural. Benjamin aponta para uma armadura sob posse da modernidade, que, segundo o autor, trata-se de uma alegoria (BENJAMIN, 2021, p. 179). Sendo assim, para esclarecer o significado dessa alegoria, Benjamin retoma a Baudelaire e afirma que: “A alegoria de Baudelaire – ao contrário da do Barroco – traz as marcas da cólera, indispensável para arrombar as portas deste mundo e deixar em ruínas as suas contribuições harmoniosas.” (BENJAMIN, 2021, p. 168).

Sendo assim, de acordo com a visão de Benjamin, a modernidade veio para transformar de maneira violenta a cidade e todo o seu contexto. Os objetos que passam a ser essa alegoria – ou representação simbólica – da modernidade operam em um verdadeiro frenesi transformador, que revoluciona e modifica todo o ambiente onde passa a existir. Os signos do moderno modificam não só a paisagem da cidade, como também a maneira como ela é utilizada por seus usuários, os cidadãos. Dessa forma, o fazer e o viver a cidade mudam de forma drástica, o cotidiano passaria a sofrer mudanças com a mesma marca da cólera causada pela chegada da modernidade.

Ao tratar de modernidade e entender o que vem a ser o “moderno”, a ideia de progresso logo vem à tona na discussão. São conceitos que operam em paralelo e um está atrelado ao outro, quando nos referimos a uma determinada modernização, sempre relacionamos essa conquista do moderno a um progresso da sociedade que efetuou essa conquista. Nesse contexto, Walter Benjamin (2021) ao falar sobre o conceito de progresso, postula que:

O conceito de progresso tem de assentar na ideia da catástrofe. Que as coisas “continuem como estão”, é isso a catástrofe. Ela não é aquilo que a cada momento temos à nossa frente, mas aquilo que já foi. O pensamento de Strindberg: o inferno não é nada que tenhamos à nossa frente – é esta vida aqui embaixo. (BENJAMIN, 2021, p. 181)

A ideia de permanência de ordem é vista como catástrofe pelo autor, dessa forma, a ideia de progresso vai de encontro à catástrofe, por isso Benjamin mantém as duas ideias em conjunto, pois o conceito de progresso tende a fugir dessa catástrofe que seria a permanência da ordem e para o progresso existir, essa ordem precisa ser quebrada, uma vez que a ordem mantida seria algo relacionado ao modelo conservador e o progresso se opõe ao modelo de conservar ordem. Progresso é transformação, não só avanço tecnológico, mas também social.

A ordem também é uma ideia a ser discutida, a qual, segundo Benjamin (2021), se trata de uma ideia postulada por uma classe dominante e que se modifica com o tempo. No entanto,

a classe dominante durante a história busca arduamente efetuar um progresso com a conservação da ordem, o que resulta em um falso progresso. Um exemplo prático disso é quando o pesquisador das ciências humanas e sociais questiona a situação com a pergunta clássica: “progresso para quem?”. Nesse momento, sempre se recebe como resposta uma informação que indica o progresso isolado para uma classe dominante. Na visão de Benjamin (2021), para a existência do progresso, essa ordem deve ser quebrada, o autor faz uma analogia com um caleidoscópio para exemplificar seu pensamento:

O processo da história, tal como se apresenta no conceito da catástrofe, não pode solicitar mais atenção do pensador que o caleidoscópio nas mãos de uma criança, no qual a cada rotação tudo que estava em ordem se desmorona para formar outra ordem. A imagem tem a sua razão de ser, e bem fundada. Os conceitos dos dominantes foram sempre os espelhos graças aos quais se formou a imagem de uma “ordem”. O caleidoscópio tem de ser quebrado. (BENJAMIN, 2021, p. 156)

Dessa forma, ao quebrar o caleidoscópio, a ordem vigente guiada pelos dominantes (espelhos) passa a ser reestruturada, seu poder simbólico é transferido para uma nova ordem, suas representações passam a obedecer a um novo olhar, o cotidiano é modificado e assim se tem essa ideia de progresso ao fugir da dita “catástrofe” que seria a permanência da ordem.

Paradoxalmente, o progresso é visto, pelos dominantes, unicamente no seu sentido de desenvolver, ir adiante, e dessa forma é rapidamente associada à modernidade como o motor desse progresso. No entanto, entende-se que o progresso em seu sentido benjaminiano é algo muito mais profundo do que apenas seguir em frente. Benjamin aponta que o progresso é uma força de desordem que busca reestruturar o espaço em que acontece, não só de maneira física, mas também culturalmente, socialmente e politicamente.

2.2. A técnica, a paisagem e o ritmo da cidade de Itabaiana: o século XX e os signos do moderno

As cidades têm suas paisagens modificadas ao longo do tempo, a imagem captada pelos olhos do observador passa a perceber mudanças, sejam elas pouco ou muito impactantes na paisagem. Como foi colocado no capítulo anterior, Milton Santos (2021) afirma que paisagem é tudo aquilo que nossa visão alcança. O mesmo autor, utilizado também no início desse capítulo, afirma que é através da técnica que o ser humano cria o espaço a ser ocupado.

O espaço existe mesmo antes do ser humano ocupá-lo, todavia, as transformações efetuadas nesse espaço para torná-lo adaptado para sua habitação são feitas através das técnicas

desenvolvidas pelo homem ao longo da história. As técnicas, desde a Pré-História, ofereceram ao gênero *Homo* a possibilidade de processo civilizatório. Milton Santos (2020), em diálogo com Pierre George (1974), relaciona a técnica e o espaço da seguinte forma:

[...] a influência da técnica sobre o espaço se exerce de duas maneiras e em duas escalas diferentes: a ocupação do solo pelas infraestruturas das técnicas modernas (fábricas, minas, *carrières*, espaços reservados à circulação) e, de outro lado, as transformações generalizadas impostas pelo uso da máquina e pela execução dos novos métodos de produção e de existência. (GEORGE, 1974 apud SANTOS, 2020, p. 33)

É possível acrescentar mais relações do que as que George (1974) colocou no trecho supracitado. O autor em questão utiliza o exemplo das máquinas e das formas de produção modernas, como as fábricas. No entanto, ao longo da história, as técnicas vêm se desenvolvendo e se relacionando com os espaços habitados antes do advento da modernidade. Como dito anteriormente, as técnicas vêm modificando a ocupação e configuração do espaço desde que o gênero *Homo* aprendeu a confeccionar instrumentos no paleolítico. É importante ressaltar que a técnica é abrangente e não se resume apenas aos meios de produção. Nesse sentido, Milton Santos (2020) afirma que:

Quando geógrafos escrevem que a sociedade opera no espaço geográfico por meio dos sistemas de comunicação e transportes, eles estão certos, mas a relação, que se deve buscar, entre o espaço e o fenômeno técnico é abrangente de todas as manifestações da técnica, incluídas as técnicas da própria ação. Não se trata, pois, de apenas considerar as chamadas técnicas da produção, ou como outros preferem, as “técnicas industriais”, isto é, a técnica específica, vista como um meio de realizar este ou aquele específico. [...] Só o fenômeno técnico na sua total abrangência permite alcançar a noção de espaço geográfico. (SANTOS, 2020, p. 37)

A sociedade enquanto civilização só se tornou possível por conta do desenvolvimento das técnicas, isso possibilitou a configuração da sociedade em torno dessa organização ofertada por esses artifícios técnicos. Assim como apontou Santos (2020), essas técnicas não devem se voltar apenas para os meios de produção, mas sim para todos os aparatos que envolvem a sociedade, seja social, econômico, político ou cultural, as técnicas estão presentes em todos os mecanismos.

Dessa forma, reafirmando o que já foi falado anteriormente, a paisagem habitada pela sociedade possui marcas das suas técnicas, sejam elas ligadas à indústria, às artes ou a qualquer outra atividade referente aos seres humanos que habitam determinado espaço representado pela paisagem. Essas marcas deixadas pelas técnicas são vistas pelo historiador como vestígios e

passam a ser analisadas como uma fonte para se revelar como determinado espaço foi ocupado e como a sua paisagem chegou até o resultado encontrado.

A mudança de paisagem através da passagem do tempo e o progresso técnico é evidente, no entanto, é preciso refletir como se pensar a paisagem em um espaço que não contém representações imagéticas. Por exemplo, no capítulo anterior, foi citada a feira de gado e o quanto isso impactou na configuração da ocupação do espaço do local que viria a ser a cidade de Itabaiana, dessa forma, ao ler tais sequências de fatos, devido à ausência de imagens da época, dada pela falta de técnica, é necessário realizar um exercício mental para visualizar uma representação de paisagem do espaço na época narrada. Sendo assim o processo de ocupação serve para guiar esse exercício, iniciando com a ocupação do local ainda como terras privadas, com o aumento do fluxo de pessoas, estimuladas em comercializar gado, o local foi se tornando referência nessa prática, fazendo com que mais pessoas se estabelecessem pelas proximidades, com o passar do tempo a circunvizinhança já se assemelhava a uma vila, e assim foi reconhecida, os eventos foram ocorrendo até que o espaço se tornou cidade.

Pelo que foi narrado, é possível mentalizar uma possível paisagem, portanto, uma representação de uma paisagem, que não é fidedigna, pois trata-se de algo criado na esfera da imaginação, ainda assim, ao traçar a paisagem guiando-se pelos eventos ocorridos, é possível chegar próximo de como foi a paisagem procurada. No caso de Itabaiana, esse processo de pensar a sua paisagem recebe uma fonte que torna esse exercício mais translúcido, trata-se do mapa da cidade, que foi exibido no capítulo anterior.

Elaborado em 1892, o mapa da cidade de Itabaiana já apresenta uma composição mais avançada em relação à época de ocupação do espaço. Ainda assim, a formação do espaço urbano está em um processo contínuo e em expansão. Observando a representação cartográfica, levando em consideração as tendências arquitetônicas do final do século XIX e o processo de formação da cidade de Itabaiana, é de se considerar uma paisagem arquitetônica com uma predominância dos modelos coloniais, como o barroco e o maneirismo. Todavia, há de se considerar que assim como a formação do espaço é um processo contínuo, a paisagem também é, dessa forma, os seguintes foram responsáveis pela chegada de novos modelos arquitetônicos que mudariam a paisagem itabaianense, como a *Art Nouveau* e posteriormente a *Art Déco*.

Esses modelos arquitetônicos surgem na passagem do século XIX para o XX na Europa, chegando ao Brasil anos depois. Juntamente com esses modelos arquitetônicos veio a ideia de ruptura para a modernidade, o estilo colonial (barroco, maneirismo etc.) ficaria suspenso para a atuação desses novos estilos arquitetônicos. Marcel Freitas (2021) aponta:

A partir de 1900, na Europa, acontece uma ruptura nas formas artísticas e arquitetônicas e o *Art Nouveau* surge sob a rubrica de “moderno”, rompendo paradigmas neoclássicos e historicistas – neogóticos, neorrenascentista etc. Paralelamente, Rio de Janeiro, então capital do Brasil e Buenos Aires, capital da Argentina, eram as duas mais prementes cidades sul-americanas (GRALHA, 2008). Por causa disso, para ambas urbes afluía grande quantidade de imigrantes europeus e ambos países viviam importante boom econômico; a Argentina com a pecuária e a agricultura e o Brasil com a lavoura de café e os primórdios da industrialização, o que fomentou o surgimento de uma abastada classe média urbana. [...] Esta classe, a fim de se europeizar e no intuito de “civilizar” os centros urbanos onde vivia, importa modos de vidas e padrões de consumo em voga na Europa, o que se caracterizou, entre outras coisas, pela introdução de artesãos, mestres de obras, arquitetos e engenheiros civis italianos, portugueses, franceses, alemães e espanhóis (mormente catalães) a fim de “repaginar” o visual colonial de Buenos Aires e o imperial/colonial do Rio de Janeiro. Neste contexto, o estilo *Art Nouveau* surge como vanguarda, permanecendo em voga de 1900 a meados dos anos 20, quando foi “substituído” pelo *art déco*. (FREITAS, 2021, p. 168)

O desejo inerente a uma classe social que ascendeu o poder a se igualar aos modelos modernos da Europa foi marcante nesse processo de formação das paisagens das cidades no início do século XX. A visão das classes dominantes, de que a Europa era o símbolo da civilização, com Paris e Londres sendo os principais exemplos, demonstra um caráter elitista dessa camada social, dessa maneira, as mudanças trazidas por essa modernidade chegam, geram uma mudança nas estruturas físicas da cidade, adaptando-as aos moldes europeus, no entanto, a estrutura social é mantida, a burguesia ascendente no topo e definindo as influências que seriam engajadas no país.

Nicolau Sevcenko (1999) define o recorte temporal compreendido entre o intervalo dos anos de 1900 a 1920 de “*Belle Époque* Brasileira”, todas as mudanças geradas com a chegada das novas técnicas em várias áreas criaram o sentimento de progresso tecnológico, que afeta drasticamente a paisagem das cidades e o seu cotidiano. O Rio de Janeiro é visto como portal de entrada dos signos do moderno, dessa forma, antes de debater acerca do surgimento dessas novas técnicas em outras cidades, como Itabaiana, é necessário entender brevemente o contexto de uma cidade em especial, pelo fato de ter tido ampla relevância na recepção dos signos do moderno no Brasil, a cidade do Rio de Janeiro. Acerca disso, Freitas (2021) aponta que:

Naquele contexto, o Rio de Janeiro era o polo cultural que irradiava moda, costumes e estilos para o país, além de centro político e econômico (este último já estava se descolando para a cidade de São Paulo) e principal porto de entrada do mundo para o Brasil e das viagens das elites à Europa e, ainda secundariamente, aos Estados Unidos. Sua condição portuária e de capital nacional fez com que a cidade vivenciasse a chegada de levadas imigratórias estrangeiras (assim como nacionais) que fomentaram o crescimento populacional rápido e introduziram novas práticas cotidianas. [...] (FREITAS, 2021, p. 171)

Apesar dos Estados Unidos serem citados pelo autor, a influência na arquitetura brasileira veio majoritariamente da Europa. A imigração também tem um fator crucial nesse processo de modernização urbana e a modificação do seu cotidiano. O aumento demográfico ocasiona a chegada de novas visões culturais, o que influencia diretamente no cotidiano do local, uma vez que cada imigrante teria uma cultura oriunda do seu país de origem. Dentro dessas novas variações culturais, vieram franceses, portugueses, italianos e espanhóis que passaram a atuar nas áreas como arquitetura, engenharia civil, decoração, mestres de obras, carpinteiros e toda sorte de profissionais ligados à construção civil (FREITAS, 2021, p. 172).

Buscava-se, decerto, um rompimento com o velho mundo, aquele deixado pela corte que deixou o Rio de Janeiro no momento da Proclamação da República em 1889. Essa ideia de ruptura, quando se fala das estruturas físicas da cidade, não ocorre por completo, uma vez que as edificações do período antigo irão coexistir com as novas, no caso do Brasil, as construções coloniais irão dividir o espaço urbano com as da *Art Nouveau*. Essa divisão do espaço, que ocasiona uma heterogeneidade entre os modelos arquitetônicos existentes em determinadas épocas, torna-se perceptível na paisagem urbana, nesse sentido, Santos (2020) traz o conceito de rugosidade:

O que, na paisagem atual, representa um tempo do passado nem sempre é visível como tempo, nem sempre é redutível aos sentidos, mas apenas ao conhecimento. Chamemos *rugosidade* ao que fica do passado como forma, espaço construído, paisagem, o que resta do processo de supressão, acumulação, superposição, com que as coisas se substituem e acumulam em todos os lugares. As rugosidades se apresentam como formas isoladas ou como arranjos. É dessa forma que elas são parte desse espaço-fator. Ainda que sem tradução imediata, as rugosidades nos trazem os restos de divisões do trabalho já passadas (todas as escalas da divisão do trabalho), os restos dos tipos de capital utilizados e suas combinações técnicas e sociais com o trabalho (SANTOS, 2020, p. 140)

A rugosidade apresenta as marcas do passado da cidade, cristalizando o passado em formas. Nas cidades, seja no Rio de Janeiro ou em Itabaiana, os modelos arquitetônicos de variadas épocas vão coexistir, e com isso, percebe-se a rugosidade no espaço urbano. No caso de Itabaiana, observa-se uma forte predominância nas estruturas do início do século XX, da *Art Nouveau*, e isso, de certa forma, sinaliza a presença de uma elite ascendente na cidade. Acerca disso, Freitas (2021) aponta que:

Para se enxergar o *Art Nouveau* como a arquitetura da classe socioeconômica formada por burgueses, industriais, profissionais liberais (médicos, arquitetos, engenheiros, dentistas etc.) e altos funcionários públicos há que se ter em mente que tal classe buscava, em geral inconscientemente, se distinguir tanto das classes populares (formada por imigrantes e seus filhos operários, escravos recém libertos e seus

descendentes e toda sorte de párias urbanos) quanto dos grandes latifundiários do Brasil agrário, tradicionalista e conservador, cujas moradias típicas eram antigas casas coloniais herdadas ou, mesmo quando edificadas naquela época, buscavam referências no neocolonial, no neoclassicismo ou no neobarroco como forma de simbolizar o poderio. [...] Portanto, como aponta Kok (2005), essas novas classes urbanas buscam no ecletismo/historicismo e no *Art Nouveau* inspirações para a edificação de suas residências e equipamentos públicos/ institucionais. No caso das casas modestas dos pequenos e médios comerciantes e profissionais liberais somente a fachada era fartamente decorada, no caso dos palacetes dos altos funcionários públicos, fazendeiros ou industriais em bairros como Flamengo e Botafogo também a ornamentação interna e acabamento interior das residências buscavam referências *Art Nouveau*. (FREITAS, 2020, p. 172)

O autor se refere à cidade do Rio de Janeiro, mas ao se tratar de um modelo arquitetônico em específico, torna-se possível fazer um paralelo com a cidade de Itabaiana, que também teve o modelo da *Art Nouveau* bastante presente no início do século XX. De certa forma, a arquitetura das estruturas demonstrava uma forma da atuação do poder simbólico das elites locais, que para se diferenciar das demais camadas sociais, buscavam o novo modelo, o moderno representado pela arquitetura ao estilo *Art Nouveau*. É interessante observar que Freitas (2020) traz na citação supracitada que esse movimento executado pelas elites ocorre de maneira inconsciente, nesse sentido, é importante lembrar do contexto social e estrutural no qual essa camada estava inserida.

Nesse sentido, como foi abordado anteriormente nesse trabalho, Bourdieu (1989) aponta para a questão do poder simbólico, que atua nas estruturas estruturadas e assim se tornam estruturantes. Em outras palavras, o poder atua em estruturas sociais que já estão solidificadas no sistema e essas passam a estruturar a sociedade de acordo com seus interesses. Dessa forma, o ato das classes mais abastadas optarem pela arquitetura no modelo da *Art Nouveau*, que era mais cara e vista como mais sofisticada, é uma forma de legitimar o poder dominante perante aqueles que não podiam custear uma construção com esse modelo arquitetônico em questão.

Existiam ainda aqueles que buscavam parcialmente essa legitimação do poder. Freitas (2020) cita os médios e pequenos comerciantes, que na impossibilidade de realizar uma construção totalmente no modelo arquitetônico que estava em alta, buscavam pôr a fachada da casa acompanhando a tendência. De certa forma, essa atitude também é uma forma de perceber o quão o poder simbólico e estruturante da classe dominante estava solidificado nesse período. Na tentativa de buscar acompanhar os mais ricos ou ainda para demonstrar uma parcela de poder, a camada média seguia o que era determinado pela classe dominante como tendência.

A modernidade obtida através dos modelos arquitetônicos evidencia um importante detalhe nesse processo, o acesso a essa nova técnica estava disponível apenas para uma minoria: a classe dominante. No início do século XX, o Brasil não contava com muitos arquitetos, dessa

forma, o serviço dessa especialidade era bastante dispendioso, logo, só o fato de ter uma construção pensada através de um profissional especializado para tal já distanciava o acesso desse serviço para as camadas mais baixas.

A paisagem do moderno nos evidencia muito da questão dos focos de influência na cidade. No caso de Itabaiana, a rua principal¹⁹, que cruza o centro da cidade, exposta no mapa da Imagem 1, concentrava boa parte dessa variedade arquitetônica da virada do século XIX para o XX. Ainda nos dias de hoje, em um passeio pela cidade, caso o observador tenha um olhar provido das técnicas arquitetônicas, é possível diferenciar os modelos arquitetônicos citados previamente: o colonial, a *Art Nouveau* e a *Art Déco*. Em suas composições, as casas em sua grande maioria apresentam o modelo referente às camadas médias, quando se observava uma mudança apenas na fachada da casa, trazendo adornos que remetessem a *Art Nouveau*.

2.2.1. *Nas linhas do progresso: o trem como signo do moderno na cidade de Itabaiana*

O trem de ferro é tido como uma representação da modernidade e do progresso desde o seu surgimento no início do século XIX. Esse meio de transporte, fruto do período industrial, acabou por modificar o cotidiano daqueles impactados pela sua atividade, seja de forma direta, como indireta. O trem, ao chegar em determinada localização, oferece, primeiramente, o aumento do ritmo, uma vez que, tendo maior capacidade de carga e podendo viajar a uma velocidade maior, acabará por fazer mais rapidamente trajetos com carga que demorariam dias no contexto anterior a essa tecnologia.

Além da questão sobre o ritmo do espaço, o trem também afeta a paisagem de onde é instalado. Por se tratarem de trajetos fixos, os trilhos não apenas demarcam o caminho do trem, eles marcam a paisagem com sua presença, ocasionando também um impacto cotidiano. Um exemplo simples é quando se pensa em atravessar o trilho de algum trem que ainda tenha atividade, instintivamente o transeunte irá conferir se o caminho a ser percorrido por cima dos trilhos pode ser atravessado de maneira segura. Dessa forma, além desse simples impacto nos *habitus* daqueles que convivem com o trem, essas mudanças na paisagem também terão impactos mais profundos, como a configuração do trânsito das cidades, que passará a se adaptar à presença do trem.

Dessa forma, quando se discute sobre o trem e seus impactos, a lista é longa para ser elencada. Sendo assim, o que se busca compreender nesses primeiros parágrafos desse tópico é

¹⁹ Hoje chamada de Avenida Presidente João Pessoa.

a importância que o trem de ferro toma ao se trabalhar modernidade. Ele se torna, assim como nas antigas imagens que tratam da expansão para o oeste dos Estados Unidos, um símbolo do moderno, representando aquele que carrega em seus amplos vagões toda a modernidade conquistada até então pela sociedade.

Quando se trabalha a modernidade de forma ampla e nos tempos recentes, é possível dizer que as representações de modernidade se distanciam, ou até se ausentam, do trem em específico, dando mais ênfases às minúcias tecnológicas que possam impactar esse meio de transporte. No entanto, quando se busca trabalhar com a modernidade na passagem do XIX para o XX, o trem toma para si o poder simbólico da modernidade, passando inclusive a ter esse poder legitimado pela sociedade contemporânea dele, dessa forma, tendo seu poder reconhecido, o trem se torna símbolo.

Para compreender a presença do trem na cidade de Itabaiana, é preciso entender, primeiramente, como o a ferrovia chegou à cidade e passou a se constituir como o vetor da modernidade na cidade. Nesse sentido, a obra de Maia (2015) ao dialogar com Pinto (1949) aponta que antes da chegada da estrada de ferro através da *Great Western of Brazil Railway*, o trajeto entre a capital paraibana e a pernambucana sofria de entraves ocasionados por limitações administrativas. Da capital paraibana, uma estrada de ferro fez o percurso até a cidade de Pilar – PB, em 1883, não podendo avançar além desse limite estabelecido por causas contratuais com a empresa responsável, a *The Conde d’Eu Railway Company*.

Em 1888, contemplando o trajeto da cidade do Recife – PE até Timbaúba – PE, foi construída uma estrada de ferro, com o nome de “Estrada de Ferro do Recife ao Limoeiro”, para fazer a ligação com o estado da Paraíba, no entanto, os trilhos não se encontraram nesse momento devido ao contexto apresentado no qual a estrada de ferro paraibana se encontrava. Sendo assim, o trajeto entre as duas capitais, de acordo com Maia (2015), se configurava da seguinte maneira:

A viagem entre as duas capitais demandava um período de três dias: no primeiro, de trem da Paraíba (capital) ao Pilar, no segundo, a cavalo, do Pilar a Timbaúba, passando por Itabaiana; no terceiro, retomando o trem em Timbaúba, para chegar à tarde ao Recife. O regresso obedecia ao mesmo itinerário. (MAIA, 2015, p. 160)

Esse cenário narrado pelo autor durou ainda dois anos. No ano de 1900, a “Recife-Limoeiro” alongou os trilhos até encontrar-se com a “Conde d’Eu”, assentando seus trilhos até a estação de “Rosa e Silva” que se encontra na divisa entre os estados da Paraíba e Pernambuco. A Estação, por sua vez, foi mantida no lado pernambucano, uma vez que o lado paraibano ainda

possuía entraves contratuais que impediam as suas estradas de ferro de fazer o percurso necessário.

A estrutura construída foi feita no padrão arquitetônico padrão das estações da época, com paredes reforçadas, o que se torna um aspecto a ser refletido ao pensar no contexto da estação em questão. A Estação Rosa e Silva foi construída em um local de passagem, onde não existia habitação próxima, nesse caso, era uma construção isolada e facilmente poderia ser alvo de saques, sendo assim, o reforço em suas paredes pode significar uma estratégia de proteção a possíveis ataques de saqueadores, que não eram incomuns em locais isolados.

Utilizando do advento da fotografia, é possível ter uma visualização precisa do que está sendo debatido. Sendo assim, por falta de fotografias da estrutura em pleno funcionamento, foi necessário fazer uma pesquisa de campo para que uma imagem do local em questão pudesse ser capturada.

Imagem 11 – Fotografia da Estação Rosa e Silva. Captura feita em pesquisa de campo realizada em 2021.



Fonte: Acervo próprio.

Como é possível observar na fotografia, atualmente a estação se encontra em ruínas, uma vez que não teve um projeto de conservação para a estrutura. Ainda assim, é possível projetar o funcionamento dessa estação ao observar a imagem. Os suportes para o alpendre da estação ainda se encontram no local, dessa forma, é possível dizer que o embarque e

desembarque dos viajantes eram feitos nesse espaço, onde as pessoas deveriam esperar outros trens ou ir até seus destinos próximos.

A construção fica no local preciso onde ocorre a divisa entre os estados da Paraíba e Pernambuco e serviu, pelo tempo em que o trem percorreu os trilhos, como parte do trajeto entre os estados citados. Inclusive, na parte inferior da imagem é possível notar um marco de pedra que representa o limite entre os estados citados. Nota-se que a estação foi construída do lado do estado de Pernambuco, esse fato se deu pela limitação contratual pela qual a empresa que estava responsável pelos trilhos da Paraíba sofreu. Para se ter uma melhor compreensão do cenário ferroviário entre os dois estados do Nordeste, um mapa se faz importante para melhorar o entendimento do contexto abordado.

Imagem 12 – Mapa com a representação da estrada de ferro “Conde d’Eu” e da “Recife-Limoeiro”.



Fonte: Acervo Artur Anderson Honório Pereira.

Esse documento, quando encontrado, não foi possível ser datado, no entanto, devido às suas características, é possível afirmar que se trata de um mapa elaborado entre a passagem do século XIX para o XX, uma vez que ainda não se tinha a integração feita entre Pernambuco e Paraíba, que ocorreu em 1900. A presença da estrada de ferro Recife-Limoeiro no mapa sinaliza

a origem do documento entre os anos de 1888 a 1899, já que a construção dos trilhos desse percurso data de 1888. Com o mapa em vista, é possível perceber o trajeto que cada uma das estradas de ferro percorreu antes de serem integradas na estação Rosa e Silva. Sendo os traçados pontilhados referentes à ausência dos trilhos, mas sendo um trajeto relevante para ser colocado no mapa. Como o mapa se trata de uma proposta a ser apresentada, é possível concluir que se trata de um documento que foi usado em um planejamento de uma provável expansão das estradas de ferro, em que o traçado pontilhado indica o local de interesse para as novas instalações.

Após a integração ferroviária entre os estados da Paraíba e Pernambuco acontecer em 1901, o trem chegou em Itabaiana. O início do século XX trouxe para cidade o signo do moderno que foi responsável, nos anos seguintes, por grandes transformações na cidade, tanto em sua estrutura como naqueles que a habitavam. Sobre a chegada do trem, Maia (2015) traz um relato pessoal em sua obra, em que fala que a instalação dos trilhos na Estação Rosa e Silva foi feita em julho de 1900 e que:

Seis meses depois, em janeiro de 1901, chegou a vez de Itabaiana receber em festas o seu primeiro trem, trazido pela “Recife-Limoeiro”. A festa foi tão grande e tão marcante, que, ao chegar ali, menino, em 1912, ainda ouvi por diversas vezes, os mais antigos moradores, contarem orgulhosos os detalhes da chegada da locomotiva, toda enfeitada de folhas de palmeiras “catolé”, abundantes, à época, na região. (MAIA, 2015, p. 161)

A chegada do trem foi festejada por parte dos habitantes da cidade de Itabaiana, uma vez que sabiam que o trem traria consigo mudanças para a cidade, arrematando-a para o cenário moderno, como já ocorria em outras cidades do Brasil, como Recife e Rio de Janeiro. É importante observar o modo como a locomotiva chega no evento de sua inauguração: enfeitada com plantas, representando um presente para os habitantes, como apontado por Maia (2015): “Foi um presente do século vinte que não parou no dia primeiro de janeiro, pois, sete meses depois, em julho de 1901, as duas estradas punham suas locomotivas frente a frente na estação do Pilar.” (MAIA, 2015, p. 161).

Após a chegada do trem em Itabaiana, o Governo Federal buscou unificar a administração das estradas de ferro dos estados de Alagoas, Pernambuco, Paraíba e Rio Grande do Norte. Segundo Maia (2015), devido à capacidade técnica e econômica, a empresa escolhida para realizar esse serviço foi a *The Great Western of Brazil Railway Company Limited*, de origem inglesa.

Imagem 13 – Mapa ferroviário da G.W.B.R. em 1904.



Fonte: Acervo Artur Anderson Honório Pereira.

Assim como o mapa anterior, esse também se trata de um mapa de apresentação de propostas de extensões dos trilhos, em que é possível perceber em vermelho os trilhos que estavam sendo planejados para poder estender a ferrovia. Dessa forma, após as instalações

concluídas em 1904, uma disputa passou a ser travada entre Alagoa Grande e Itabaiana, ambas paraibanas, para decidir qual cidade sediaria o novo ramal da ferrovia que faria o acesso a Campina Grande – PB. Todavia, a escolha da G.W.B.R. por atuar no estado da Paraíba e escolher a cidade de Itabaiana para o seu novo ramal não foi neutra de interesses.

Acerca disso, Silva (1997) aponta para a questão do algodão, que estava em alta no estado, sendo Campina Grande uma das principais produtoras do produto. Além disso, a cidade de Itabaiana era um centro polarizador desta produção e efetuava uma grande colaboração para a exportação do algodão no estado (SILVA, 1997, p. 33). Soma-se esses fatores às cidades circunvizinhas, como Ingá – PB, que também teve grande relevância na produção algodoeira do Estado da Paraíba. Ainda é possível chamar a atenção para a localização das duas cidades que estavam em disputa, como é possível observar no mapa, a cidade de Itabaiana possuía uma vantagem geográfica em relação a Alagoa Grande, já que ficava em uma encruzilhada entre as três maiores cidades de interesse, Campina Grande, Recife e Parahyba. Sendo assim, percebe-se que a escolha pelo novo ramal na cidade de Itabaiana foi impulsionada tanto pela relevância econômica da cidade, principalmente na questão algodoeira, quanto pela sua posição geográfica, que favoreceria a conexão entre as duas capitais e Campina Grande.

Através do mapa e do que foi discutido, pode-se afirmar que após a construção do ramal em Itabaiana, a cidade tomou um grau de importância maior para o estado da Paraíba, uma vez que seria através dela que a conexão entre as três maiores cidades em um raio de cento e vinte quilômetros seria feita. Posicionada aproximadamente no centro entre a cidade da Parahyba, Campina Grande e Recife, sendo portadora do triângulo ferroviário que conectava esses centros urbanos, torna-se inegável que o cotidiano da cidade sofreu impactos devido a essas mudanças técnicas, o ritmo da cidade de Itabaiana passaria a ser mais acelerado devido às constâncias dos trens que passariam na cidade. Tais trens não partiam dos grandes centros urbanos para um destino final em Itabaiana, mas faziam passagem pela cidade, parando para carregar e descarregar produtos, gerando assim, um novo modo de se viver a cidade. As chegadas e partidas de trens, os novos produtos que chegavam a Itabaiana, as mudanças na paisagem da cidade, todos esses fatores passam a impactar a vida daqueles que viviam na cidade, portanto, os seus cotidianos.

Para compreender com mais clareza o impacto da ferrovia em um centro urbano, se faz útil evocar David Harvey (2015) que, ao discutir a escolha de Paris como centro de uma nova rede ferroviária, explana de maneira simples os resultados obtidos através da implementação desse novo meio de transporte. Segundo o autor:

Por exemplo, a decisão de colocar Paris no centro da nova rede ferroviária, supostamente por razões políticas e estratégicas, fazia perfeito sentido econômico, na medida em que Paris era tanto o principal mercado quanto o principal centro produtivo da nação. As economias de aglomeração naturalmente atraíam novos investimentos nos transportes e novas formas de atividade econômica para Paris, pois ali estavam as ligações ferroviárias mais lucrativas. O resultado foi a abertura da indústria e do comércio parisienses à competição inter-regional e internacional. (HARVEY, 2015, p. 151)

Itabaiana não ocupava na Paraíba o mesmo grau de importância econômica que Paris ocupava na França. No entanto, é possível tecer alguns paralelos sobre as duas cidades e os impactos gerados pela ferrovia. Assim como em Paris, a cidade de Itabaiana passa a ter uma das ligações ferroviárias mais lucrativas da região, o triângulo ferroviário instalado na cidade gerou uma conexão intermunicipal e interestadual de grande relevância econômica, o que acabou atraindo investidores que fizeram com que o comércio da cidade se tornasse mais aquecido. Dessa forma, é possível identificar novas atividades, como os carroceiros que fizeram o transporte de cargas que iam dos trens para o comércio, assim como os investimentos em novos transportes além dos trens, como os bondes de tração animal, que revolucionaram o modo de se viver a cidade. Todas essas mudanças também vêm e são aceleradas pelo acesso ao comércio externo à cidade, que se torna mais acessível, e com isso se tem o aumento da regularidade, do volume e da velocidade dos fluxos de mercadorias que eram escoadas das fábricas para os comércios da cidade, reduzindo assim, o tempo de giro do capital (HARVEY, 2015, p. 152). Todas essas mudanças acabam por ocasionar o aumento do ritmo da cidade, que passa a ter um cotidiano completamente transformado, acelerado e guiado pelo sistema econômico vigente e a implementação da modernidade, tanto na paisagem como na técnica que se vivia na cidade.

Assim sendo, para entender de maneira mais detalhada como a chegada do trem impactou o cotidiano de Itabaiana, é importante perceber como ele afetou os meios técnicos nos quais se vivia a cidade, entre eles, o mais óbvio, o transporte de cargas, que remete às mudanças citadas por Harvey (2015), sendo os carroceiros uma atividade não necessariamente nova, mas modificada pelo novo cotidiano e a chegada do bonde de tração animal, que modificaria o modo de se deslocar dentro da cidade. Ambos os casos foram impactos gerados pela chegada da modernidade na cidade.

a) As carroças e os carroceiros

O trem impacta o cotidiano daqueles que viviam de transporte de cargas menores: os carroceiros. No início do século XX, em paralelo com a chegada do trem em Itabaiana, as carroças de boi eram um dos principais meios para transporte de carga na cidade. Nas cidades próximas a Itabaiana, onde o trem não passava ou não compensaria parar devido à pequena quantidade de carga, cabia aos carroceiros fazerem o transporte dos produtos, dessa maneira, os animais chegavam constantemente à cidade, trazendo fardos de lã de algodão das fazendas, não só de Itabaiana, mas também dos municípios vizinhos (MAIA, 2015, p. 136). Os carroceiros, ao chegarem na cidade, descarregavam seus produtos na estação de trem, onde também preenchiam novamente suas carroças para levar produtos até a cidade.

A partir da leitura de Maia (2015), é possível identificar o cotidiano dos carroceiros que trabalhavam com carga e descarga nas estações de trem, em seus relatos, o autor conta que aconteciam diversas desavenças entre os transportadores, que disputavam cargas, pois não queriam voltar com a carroça vazia. O autor conta que:

Na estação da G.W.B.R., após o descarrego, os roneiros veículos eram novamente lotados com as mercadorias recém-chegadas nos últimos trens de carga. A disputa era tal. Ninguém querendo voltar batendo. Às vezes, acaloradas discussões levavam os carroceiros às vias de fato. [...] O nosso Chico Laudelino casara-se com uma irmã de Gerôncio de Brito, e num dos dias de 1910, pretendiam ambos carregar o mesmo lote de mercadorias; quando discutiam, e antes mesmo que o chefe da estação dissesse a quem o entregaria, um deles já estava esfaqueado. (MAIA, 2015, p. 137)

O ofício de carroceiro já existia bem antes da chegada do trem de ferro, é uma prática que vem desde a antiguidade, com o objetivo de transporte de cargas para que sejam feitas as devidas trocas. No entanto, como visto no relato, a chegada do trem ocasionou um aumento da competitividade pelas cargas ofertadas. O cotidiano desses trabalhadores foi completamente impactado pela chegada desse advento do moderno, tendo em vista que o trem acabou por retirar uma parcela considerável da carga que seria escoada pelos carroceiros antes de sua chegada. Sendo assim, os poucos produtos que eram ofertados pelo trem para que fossem transportados geravam conflitos entre os carroceiros, em que, como citado por Maia (2015), nem aqueles com ligação parental estavam fora do cenário de desavenças, resultando em desentendimentos e agressões.

Com os dados trazidos por Maia (2015), é possível identificar a movimentação dos carroceiros no centro da cidade de Itabaiana, onde faziam as entregas dos produtos que foram pegos na estação de trem. Para a melhor leitura dos dados, segue uma tabela com os produtos e as lojas citadas por Maia (2015):

Tabela 1: Produtos distribuídos em estabelecimentos da cidade de Itabaiana no intervalo compreendido entre os anos de 1900 e 1914.

Produto	Estabelecimento
Tecidos	A Primavera; A Camélia; Loja de Cosme de Brito
Ferragens	Menezes & Irmão
Chapéus	Bazar Moderno
Calçados	Águia Vermelha
Miudezas	Estrela do Norte
Barricas de bacalhau	Armazéns de Heliodoro Guedes
Farinha de trigo	Padaria do Antônio Prazim; Aurora; Central; Pinho & Melo
Bebidas	Sempre Viva
Perfumes	Loja das Listras
Carne de charque	Armazém de Pedro Martiniano de Brito Rosado
Casimiras e brins	Alfaiataria n° 1; A Colombo; Correia; Modelo; Recife
Medicamentos	Ferreira; Lins; Popular; Loreiro
Louças e engradados	Parc-Royal
Atados de couro	Fábrica Santo Antônio

Fonte: Sabiniano Maia (2015)²⁰.

A pluralidade de produtos que o autor apresenta evidencia um comércio com uma atividade elevada, fato este que pode ser entendido como um dos impactos da chegada na estrada de ferro na cidade. O aquecido comércio da cidade de Itabaiana já era característico desde sua gênese, com a feira de gado que fez parte da ocupação do espaço que veio a se tornar a cidade, dessa forma, esse aspecto da cidade continuou sendo acentuado, pois ao observar a variedade de produtos vindos e de estabelecimentos sediados na cidade, é possível afirmar que

²⁰ (MAIA, 2015, p. 137)

Itabaiana possuía relevância econômica no mercado paraibano. Para fortalecer esse ponto, há de se considerar que a presença do ramal da *Great Western* veio a favorecer o setor econômico da cidade, uma vez que criou uma ligação entre a capital pernambucana e a paraibana.

O cotidiano da cidade foi reformulado pelo trem, em que aqueles que executavam os serviços de entrega de produtos, assim como os que usufruíam desses serviços, tiveram um impacto nas suas experiências com a cidade que passou a conviver com os signos do moderno. O fluxo de carroceiros transitando pela cidade aumentou, o que, por sua vez, também impacta o modo como os cidadãos vivem a cidade. Nesse sentido, Maia (2015) traz um relato memorialístico pessoal em que recorda dos tempos dos carroceiros, o autor afirma:

Recordemo-las. Quanta mansidão naqueles bois espremidos nos longos braços das carroças, com os pescoços subjugados às cangas! Como eram sabidos, caminhando sempre, rente às calçadas, aliviando seu duro labor, com a sombra acolhedora das castanholas. [...] A meninada de então, disputava entre si, maiores conhecimentos deles, identificando-os à distância, pelo toque característico da campá, que cada um trazia sempre ao pescoço. [...] Debaixo de uma castanhola, na rua Grande, em frente ao hotel de D. Chiquinha conversavam os garotos: - lá vem, da rua do Rio, o boi “Pintor”, o de seu Yoyô; ao que outro objetava: este som que ouvimos é o da campá do boi de seu Zuza – o boi “Moleque”, que vai passando lá na praça do Mercado; e aquele que apontou na igreja, vindo da estação? Ah! Já sei, dizia algum do bando: juro que é o boi “Pintado”, de Quinca Prudêncio, o da Boca da Mata. (MAIA, 2015, p. 138)

Sendo assim, o cotidiano das crianças também é afetado pelas mudanças técnicas que a cidade passou após a chegada do trem, modificando a cultura das crianças em relação às suas práticas de lazer, as brincadeiras. Esta prática passou a incorporar o ambiente em que as crianças viviam, em uma cidade já arborizada, onde as crianças brincavam de adivinhar os nomes dos bois enquanto eles ainda estavam fora do alcance da visão. Tal brincadeira só passou a ser possível devido ao aumento do número de carroceiros, que ocasionou uma pluralidade de nomes de bois a serem adivinhados pelas crianças que descansavam nas sombras das castanheiras.

Como dito anteriormente, os carroceiros são antecessores ao trem, no entanto, o fluxo desses trabalhadores veio a aumentar devido à alta da demanda do deslocamento de carga da estação de trem até os estabelecimentos que os havia encomendado, dessa forma, o aumento do número dos carroceiros também afeta o modo de se viver a cidade e assim, o cotidiano.

O trem facilitou a implementação de novos signos do moderno na cidade de Itabaiana, uma vez que, com seus amplos vagões, tornava possível o transporte de equipamentos que não seriam possíveis de transportar de forma eficiente em transportes convencionais. Nesse sentido, Itabaiana é apresentada aos bondes de tração animal.

b) Os bondes

Em 1914 chegam a Itabaiana os bondes puxados a burro, com um pouco de atraso em relação à cidade do Recife, que os teve desde 1870 para trazer conforto e velocidade não apenas para o transporte de pessoas, mas também para os negócios, os senhores de engenho passaram a utilizar desse transporte que, assim como trem, utilizava de trilhos, porém, era puxado por apenas uma parelha de burros (MAIA, 2015, p. 141). Recife, como dito em um momento anterior neste trabalho, era vista como uma cidade modelo no tocante à questão da modernidade, acerca disso, Aranha (2006) aponta que:

A ideia de modernidade se configura por cenários urbanos marcados por agitação frenética no cotidiano das ruas e por novidades vindas do estrangeiro que remetem a ideia de conforto ou rapidez e que passam ao imaginário como signos modernos por excelência. A cidade do Recife foi a primeira do nordeste a celebrar, em sua vasta área de influência, os decantados elementos da vida moderna e isso faz com que facilmente se incorpore ao imaginário urbano nortista como a mais cosmopolita das cidades a nível regional (ARANHA, 2006, p. 74).

Nesse sentido, os bondes eram tidos como signos do moderno, que, sendo um meio de transporte com uma proposta de transportar passageiros ou cargas leves, transmitem a ideia de conforto e rapidez da cidade para aqueles que os utilizam ou os observam. Na capital pernambucana, os bondes já sofriam a mudança técnica, passavam da tração animal para a energia elétrica, trazendo assim um progresso moderno em sua estrutura, o que acaba por transmitir a continuidade da ideia de rapidez, que demandam os grandes centros urbanos. Itabaiana, por sua vez, recebia os transportes de tração animal que não serviam mais para o modelo moderno que Recife estava vivendo, no entanto, para a cidade do interior da Paraíba, essa mudança significava um salto no quesito da implementação do moderno.

Dessa forma, é possível perceber que o ano de chegada dos bondes a burro em Itabaiana é marcado pela substituição deles por elétricos em Recife que ao substituí-los, os vendeu para as cidades próximas, entre elas, Itabaiana. Logo de início, os bondes modificam a paisagem da cidade, que passa a receber trilhos que cruzam o seu centro. Essa mudança já causa uma nova percepção de modernidade na mentalidade citadina e faz com a chegada nesse novo artefato moderno seja sentida no cotidiano dos habitantes que, anteriormente, não estavam habituados a ver tal transporte trafegando pela cidade, transportando cargas de mercadorias e passageiros. A ideia de progresso vai sendo formada pela chegada desses itens modernos.



Fonte: Acervo Artur Anderson Honório Pereira.

É possível observar os aspectos que representavam a modernidade na cidade de Itabaiana, as árvores alinhadas na busca de emular uma imagem dos bulevares de Paris, que era vista, como diria Harvey (2015), como a capital da modernidade. A busca pelo *glamour* da capital francesa possuía alguns dos mesmos objetivos, como a teatralidade da cidade moderna, que dizia respeito a ser um cidadão moderno em sua cidade com símbolos modernos. Segundo Harvey (2015):

O papel dos bulevares, já consolidados durante a Monarquia de Julho como importantes centros de exibição pública, foi reafirmado e transformado em algo muito maior. Sua teatralidade fundiu-se com o mundo performático presente em muitos teatros, cafés e outros locais de entretenimento que pipocavam ao redor, criando assim espaços para a exibição da riqueza burguesa, do consumo ostensivo e da moda feminina. Em resumo, os bulevares tornaram-se espaços públicos onde o fetiche da mercadoria reinava soberano. As novas comunicações ferroviárias também facilitaram o surgimento de formas de lazer inéditas. (HARVEY, 2015, p. 290)

Assim como em Paris, a cidade de Itabaiana passou a contar com a sua própria versão de bulevares, que passou a demonstrar para aqueles que transitavam pela cidade, o espetáculo da mercadoria. Nesse contexto, o maior número de consumidores era de uma elite social, a burguesia local, e era nesse espaço que eles realizavam o seu “fetiche da mercadoria”, que tinha como objetivo exibir a riqueza e sentir-se legitimado como um cidadão moderno, ainda que esse modo de vida moderno só fosse possível para uma elite burguesa.

Na fotografia, é possível observar parte do trajeto efetuado pelo bonde, em que é possível perceber que a paisagem da cidade foi afetada pelo novo signo do moderno que chegou. As pessoas que anteriormente andavam livremente pelas ruas teriam que prestar atenção ao cruzar os trilhos, para evitar uma colisão com o bonde de tração animal. Com o auxílio do novo veículo, as pessoas passaram a transitar mais rapidamente pelas vitrines da rua central da cidade de Itabaiana, tornando o giro do capital mais rápido na cidade. Em relação às estruturas arquitetônicas da cidade, é possível perceber a permanência dos mesmos estilos citados anteriormente neste capítulo.

Com o bonde, surgem também, como dito por Harvey (2015), novas formas de lazer. As pessoas passam a usufruir do passeio de bonde, em que iam para a praça da cidade e retornariam como passageiros do novo veículo. O momento desses retornos foi fotografado e publicado em uma revista, intitulada *A Semana*, que circulava na cidade de Itabaiana no início do século XX.

Imagem 15: Pessoas em passeio de bonde ao retornarem da praça.



Fonte: Acervo Flaviano Batista.

O cotidiano dos bondes é cristalizado nessa imagem. A partir de uma observação e uma análise, nota-se como se configuravam as viagens nesse tipo de transporte. É possível perceber que pessoas, que aparentam ser jovens garotos, que conversam perto dos trilhos, e um senhor

tomando seu apoio em uma bengala, também nos trilhos, o que deixa possível concluir que o bonde não desenvolvia uma velocidade ameaçadora à integridade física de alguém. Na imagem, o burro está em repouso, o que indica que o bonde está parado para que pessoas embarquem nele, como é possível vê-las embarcando na parte traseira do transporte e que, ao observar as vestimentas desses indivíduos, pode-se afirmar que eram pessoas com boas condições financeiras, ou seja, parte da elite local. O sujeito que está na parte dianteira do bonde provavelmente é o cocheiro. Por trás do bonde, é possível observar uma praça, que como diz a legenda da imagem, o bonde estava à espera daqueles que estavam voltando da praça.

O fato da equipe editorial da revista em questão ter se preocupado em publicar uma matéria acerca dos bondes evidencia que a presença desse transporte orgulhava as elites locais, que faziam parte do maior número de leitores desse tipo de revista que buscava demonstrar aspectos modernos da cidade. A fotografia do embarque das pessoas no bonde surge não por acaso, mas para legitimar a cidade de Itabaiana em um impresso de credibilidade da época como uma cidade que estava respirando os ares da modernidade.

Os bondes trazem mais um elemento do moderno para legitimar a ideia de progresso da cidade de Itabaiana, que já era citada como a mais adiantada do interior paraibano, sendo dotada de calçamento, arborização, luz elétrica, água encanada, telefone e jardins (MAIA, 2015, p. 143). Dessa forma, estava apenas faltando à cidade um serviço de transporte público, em que entram os bondes, que preenchem essa lacuna.

O cotidiano é mais uma vez afetado pelo progresso da modernidade. O ritmo da cidade foi modificado pela chegada dos bondes, que inseria um novo transporte na realidade citadina, com uma maior velocidade e eficiência no transporte de cargas, o bonde causou o declínio das carroças de boi. Dessa forma, os carroceiros precisaram adaptar seu cotidiano ao novo que chegou.

Como dito anteriormente, a paisagem da cidade de Itabaiana, assim como seu cotidiano, foi afetada por todas essas mudanças trazidas pela modernidade. As modificações não chegavam de maneira linear, mas sim paralelamente, ou seja, enquanto todas essas mudanças ocorriam, novas mudanças na paisagem da cidade aconteciam, o que acaba por afetar ainda mais o cotidiano da cidade, em uma grande reação em cadeia de processos de instauração da modernidade da cidade. Dessa forma, uma estrutura arquitetônica em específico chegou na cidade de Itabaiana, nas primeiras décadas do século XX, e passou a ser vista como um dos símbolos da modernidade que contribuiu para que a imagem de Itabaiana fosse a de uma cidade moderna, o coreto foi instalado na cidade e até os dias atuais ainda é tido pelos itabaianenses com muito orgulho.

2.2.2. *Chico Soter, o condutor da energia, da telefonia e do cinema*

A energia elétrica foi uma mudança técnica que revolucionou o modo de se viver a cidade: a cidade por completa passou a ter horas extras de funcionamento, tanto no trabalho, como no lazer. A eletricidade proporcionou o surgimento de uma vida noturna para os habitantes das cidades aonde ela chegava. Com esse advento, tornou possível o surgimento de vários outros signos da vida moderna, como o cinema, por exemplo.

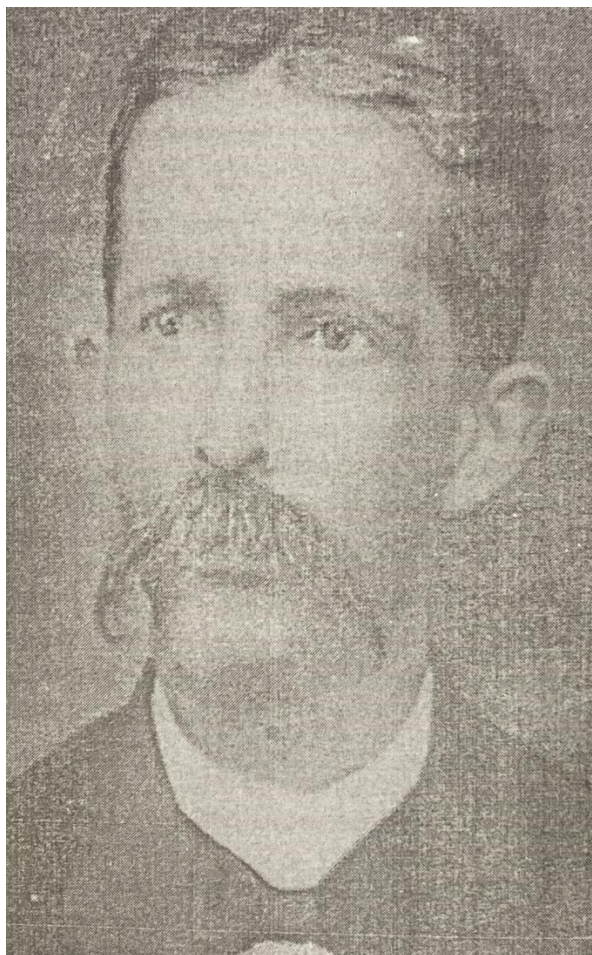
O telefone também veio a revolucionar o funcionamento da cidade, pois ao acelerar a circulação da informação, as mudanças sociais, culturais, políticas e econômicas vão acontecendo também mais rapidamente. Sendo assim, o telefone também se configura como um dos signos do moderno que chegou na cidade de Itabaiana.

Parte interessante do processo de implementação desses três grandes signos foi que todos partiram da iniciativa de uma pessoa: Francisco Sotter de Figueiredo Castro, o “Chico Soter”. Serralheiro que praticava sua profissão na cidade do Recife, Sotter mudou-se para Itabaiana, na Paraíba, onde atuou na mesma profissão enquanto buscava fazer os seus empreendimentos em novas tecnologias trazidas da capital pernambucana. Sabiniano Maia, categoriza Sotter como “pioneiro do nosso progresso e alevantamento sócio-econômico” (MAIA, 2015, p. 227).

a) A tecnologia atrelada à comunicação: o telefone chega em Itabaiana

Ao longo da História, é possível perceber que os saltos tecnológicos nos meios de comunicação fazem com que o ritmo da sociedade se modifique, acelere e ganhe uma nova dinâmica. O telefone, que já era realidade na cidade do Recife, em Pernambuco, chega na cidade de Itabaiana através de Sotter, vindo da capital pernambucana e com ideias de empreendimento para a pequena cidade do interior da Paraíba, Itabaiana. Ao falar sobre Sotter, Maia (2015) traz uma fotografia do serralheiro:

Imagem 16: Francisco Sotter.



Fonte: (MAIA, 2015, p. 236).

Sotter é citado por Arthur Coelho em uma de suas cartas, que partiam dos Estados Unidos, para o General Mindelo, no Rio de Janeiro:

O Alcebíades nunca tinha visto um telefone de casa, só o da G.W.B.R., diferente. O Xico Sóter, bom serralheiro local, trouxe uns telefones velhos comprados no Recife. O Alcebíades, de caminho para o banho no rio, parou na tenda do Sóter, que estava lavando os telefones com querosene, com uns serventes. Não tocou em nada; fez umas perguntas e se foi. Semanas depois tinha telefones feitos todos por ele e em que as peças de borracha vulcanizada eram torneadas de belas madeiras brasileiras. E funcionando perfeitamente! Imagine, ali não havia as casas de ferragens daqui, onde há de tudo para vender. Ele tinha que fazer tudo a mão! Espingardas, violinos, bilhares belamente torneados – tudo o que queria fazia duma assentada. A cabeça devia ser como um espelho refletor, cujas imagens se transformavam incontinentemente em um conhecimento direto e prático. Era um colosso esse rapaz. Se estivesse aqui teria sido outro Edson ou Tesla. (COELHO, 1973 apud MAIA, 2015, p. 228-229)

A partir do trecho da carta de Arthur Coelho, é possível perceber alguns aspectos de como era o modo de trabalhar de Sotter, ou seja, como ele conseguiu as tecnologias, como ele trabalhava nelas e a sua habilidade enquanto serralheiro. Os aparelhos de telefone, como aponta Arthur Coelho, foram trazidos por Sotter da cidade do Recife, eram velhos, como aponta o

escritor, ou seja, muito provavelmente era um aparelho que estava sendo substituído por algum mais novo ou mais sofisticado, o que possibilitou a compra por parte do serralheiro. Em seu estabelecimento, Sotter empregava algumas pessoas, sendo assim, um profissional liberal, dono do seu próprio estabelecimento e com seus funcionários. O serralheiro higienizou alguns aparelhos telefônicos com querosene e logo em seguida reproduziu aparelhos novos, utilizando madeira e borracha vulcanizada, feito que intrigou Arthur Coelho em sua escrita, principalmente pelo fato de que não havia a abundância de ferramentas, para esse tipo de instrumentalização na cidade de Itabaiana assim como havia nos Estados Unidos.

Alcebíades, que também é citado na carta de Arthur Coelho, foi um jovem curioso que tinha como destaque uma inteligência marcante. Citado na carta apenas como espectador do trabalho de Sotter, Alcebíades auxiliou o serralheiro a instalar o sistema telefônico na cidade de Itabaiana, que funcionou de 1909 até 1912, quando o serralheiro, conforme aponta Maia (2015), decidiu dedicar-se à questão da luz elétrica e do cinema.

O sistema telefônico de Itabaiana sofreu um pequeno hiato, retornando os serviços em 1914, dessa vez por outro empreendedor. De acordo com um trecho do jornal *Correio da Semana*, do dia 04 de agosto de 1914, uma nova empresa estava buscando instalar serviços telefônicos na cidade de Itabaiana e pediu auxílio para “facilitar e abreviar os negócios de interesses públicos”. Cabe ressaltar que, em 1914, o jornal *Correio da Semana* já possuía o estatuto de um dos grandes jornais da cidade, chegando a mais páginas em seu caderno de notícias do que os demais que circulavam na cidade, assim como presença de fotografias impressas em suas páginas, detalhe que nem todos os impressos possuíam na época. Sendo assim, pode-se afirmar que o empreendedor em questão buscou um dos impressos mais influentes da cidade para fazer o seu anúncio de interesse de implementação de uma empresa telefônica. Segue o recorte do jornal:

Imagem 17: Jornal *Correio da Semana*, quatro de agosto de 1914, página 11.

inclusive a questão do progresso que traria para a cidade quando fala: “tivemos de louvar e aplaudir o seu grande e progressivo empreendimento”.

Adiante, o redator também estimula a população itabaianense a receber bem essa iniciativa de Firmino de Azevedo e seus amigos. Os jornais impressos eram os maiores veiculadores de notícias e novidades da época, dessa forma, se tornavam formadores de opinião e, sendo assim, era ótimo para um novo empreendimento ter um jornal apoiando a nova empresa que estaria surgindo.

É interessante observar que, mesmo tendo surgido com Sotter, em 1909, descontinuado em 1912 e retomado em 1914, o acesso ao telefone não atingiu a grande maioria da população. Quando se observa as páginas de propagandas sobre as casas comerciais de Itabaiana, mesmo após 1914, não se nota nenhuma informação sobre os números telefônicos dos estabelecimentos. Ao analisar as fontes jornalísticas, só foi possível encontrar uma menção na edição de 22 de outubro de 1916 de *O Jornal*, em que, ainda assim, tratava-se de uma propaganda relacionada a um estabelecimento que se encontrava na cidade do Recife, em Pernambuco. Nota-se então que a implementação do telefone não foi muito abrangente, o que possivelmente se dá ao alto custo dos equipamentos que nem todos podiam custear.

b) Acendam-se as luzes: Sotter e a energia elétrica

A ausência de expressividade no uso do serviço telefônico pode ter sido um dos motivos pelo qual Sotter decidiu dedicar o seu esforço empreendedor para outras áreas, como a luz elétrica. Após ampliar seus negócios, Sotter adquiriu um motor, um gerador e demais pertences que, depois de ajustados, produziam luz elétrica, desconhecida até então da população (MAIA, 2015, p. 230). Sabe-se que até 1906, as iluminações na cidade de Itabaiana eram feitas através de lampiões, trazidos pela gestão do prefeito Francisco Resende de Melo, que trouxe sessenta e oito lampiões de luz dupla para a cidade. No intervalo entre 1906 e 1912, Sotter já realizava suas experiências com seu motor elétrico, prestando inclusive, alguns serviços para a cidade. De acordo com Maia (2015):

Dominavam a cidade os lampiões, mas se um dono de casa oferecia um baile, se uma irmandade religiosa fazia o seu novenário na matriz, se o prefeito promovia uma festa pública, lá estava seu Sóter montando sua estranha engrenagem. Era uma sensação, a cidade inteira convergia para o citado local, a ver a luz de seu Sóter. (MAIA, 2015, p 230)

O recorte de Maia (2015) traz aspectos interessantes da cidade de Itabaiana no período citado anteriormente. Mesmo já equipada com seus lampiões, fazia-se pedido para que Sotter levasse até os eventos o seu equipamento que forneceria iluminação elétrica. Ou seja, antes mesmo de fundar a sua empresa para a distribuição de energia elétrica, Sotter já passou a trabalhar com a distribuição de energia por demanda. É importante perceber também, conforme dito pelo autor citado, que a “cidade inteira convergia para o citado local”, ou seja, a energia elétrica, por ser novidade para a cidade de Itabaiana, atraía o público, isso também deveria aquecer bastante o comércio feito no entorno desses eventos, como vendedores itinerantes e barracas de vendas que sempre surgem em eventos de rua. Com essa informação, é possível compreender o motivo pelo qual o serralheiro trocou a distribuição de linhas telefônicas pela de energia elétrica, aparentemente a demanda por seu motor gerador de energia elétrica foi alta e fez surgir uma oportunidade para abrir um novo empreendimento.

A luz elétrica da cidade de Itabaiana foi possível através de uma contratação de Sotter pelo então prefeito da cidade, Manoel Pereira Borges, que, orientado por Heráclito Cavalcante, consolidou acordos com o serralheiro e empresário. Maia (2015) aponta que:

O prefeito Manoel Pereira Borges, orientado pelo chefe político Heráclito Cavalcante, e, animado, pelas experiências que vinham ocorrendo, combinou para que o Sóter fincasse postes de madeira nas ruas, seguidos logo do estendimento dos fios e colocação de lâmpadas. Quando algumas das artérias estavam assim dispostas, concordaram todos em que se inaugurasse oficialmente a luz elétrica em Itabaiana, o que ocorreu a nove de março de 1912. No domingo, 17 de março de 1912, publicava o jornal local “O Anthelio” que a iluminação elétrica da cidade tivera lugar no penúltimo sábado. Ora, sendo a notícia do domingo 17, o último sábado fora 16 e, o penúltimo 9. Itabaiana sempre se encheu de orgulho ao proclamar a meio mundo, a inauguração do seu sistema elétrico de iluminação seis dias antes da Capital, que, somente a 15 de março o fizera. Aliás, acrescentar vários historiadores que esta primazia estendera-se não só sobre a Capital, como também sobre todo o Estado da Paraíba. (MAIA, 2015, p. 230)

É interessante perceber a ênfase para o orgulho dos habitantes de Itabaiana em proclamar a posição de pioneira da energia elétrica no Estado da Paraíba. O ocorrido demonstra, de fato, que Itabaiana seguia a passos de cadência não tão lentos ao se comparar aos outros centros urbanos paraibanos. No entanto, se sabe que com o passar dos anos e a consolidação das estradas de ferro nas grandes cidades, assim como a construção de rodovias, fizeram com que o ritmo de Itabaiana fosse superado pelas cidades de maior porte, como Campina Grande e a capital do estado, na época chamada de Parahyba. Em épocas de avanços técnicos, ser a primeira cidade do Estado onde a energia elétrica chegou foi, de fato, um indicativo de

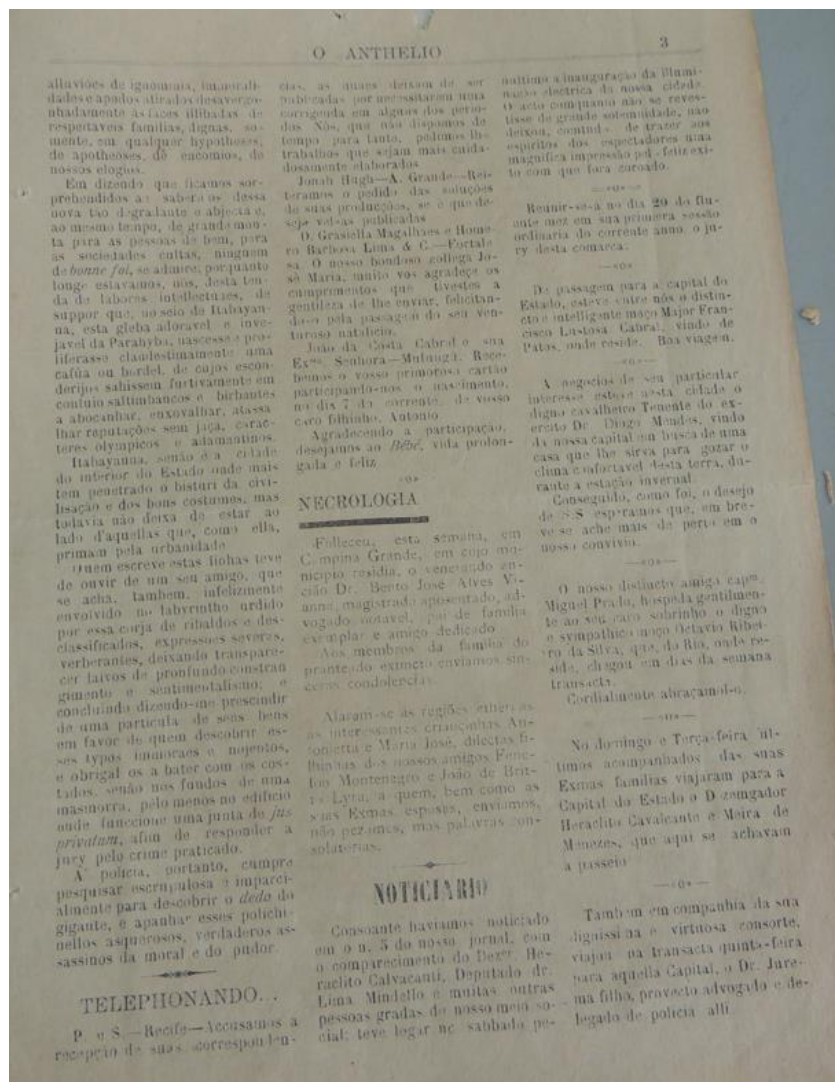
progresso para o centro urbano. Acerca desse pioneirismo itabaianense e da energia elétrica nas demais cidades paraibanas, Gervácio Aranha (2001) aponta:

Na Paraíba, por exemplo, as primeiras experiências com energia elétrica para fins de iluminação pública remontam ao ano de 1912, sendo levadas a efeito em Itabaiana e na capital do Estado em 9 e 15 de março respectivamente, sendo motivo de orgulho para os itabaianenses o fato de sua cidade contar com a decantada novidade 6 dias antes da capital. Em 1916, por exemplo, mais 3 localidades interioranas contam com o “melhoramento”, o qual representa “um notável impulso de progresso” e de “embelezamento urbano dos mais impressionantes”. São elas: Sapé, Bananeiras e Guarabira. Nas demais cidades paraibanas, só a partir dos anos 1920, inclusive em Campina Grande, considerada na época, a mais populosa e comercial do interior do Estado, mas que só nesta última data passa a contar com o novo equipamento de iluminação, tendo uma multidão comparecido ao ato público inaugural. (ARANHA, 2001, p. 305)

Itabaiana torna-se então, momentaneamente, comparável com a capital em questão dos melhoramentos oriundos da modernidade que chegava na cidade para simbolizar o progresso. Como dito por Aranha (2001), Campina Grande, um dos maiores centros comerciais do Estado, só veio obter a sua iluminação elétrica anos depois, em 1920, indicando assim um intervalo considerável entre a implementação da tecnologia na cidade de Itabaiana. Nesse início de século XX, Itabaiana apresenta um ritmo de modernização acelerado ao comparar com as demais cidades do interior do estado, ainda assim, mais lento do que os grandes centros urbanos do Brasil. No entanto, como é possível perceber, a Paraíba seguiu em um ritmo mais lento que estados como Pernambuco, São Paulo e Rio de Janeiro.

Voltando à citação anterior, de Sabiniano Maia, é importante acrescentar que ao se trabalhar com obras memorialistas como parte das fontes, se tem uma grande variedade de pontos de partida para a pesquisa em andamento. Porém, é preciso compreender que parte das fontes citadas pelo autor serão alcançáveis e outras não. No caso desse recorte citado anteriormente, Maia (2015) cita que “vários historiadores” confirmavam que Itabaiana realmente teria sido a pioneira no Estado, porém, não cita os nomes dos historiadores, passando a ser uma fonte inacessível. No entanto, ao citar precisamente a edição do jornal *O Anhelio* em que se encontrava a afirmativa da chegada da energia elétrica na cidade, o autor acaba por guiar o historiador para a fonte, que, nesse caso, foi possível se ter acesso, segue o recorte jornalístico:

Imagem 18: Jornal *O Anhelio*, edição de 17 de março de 1912.



Fonte: IHGP.

O recorte do jornal em questão está localizado na parte inferior da página em que está escrito “Noticiário”. Como a fonte estava desgastada e com a leitura prejudicada nas limitações da digitalização, segue a transcrição da parte que diz respeito a chegada da energia elétrica na cidade de Itabaiana:

Noticiário. Consoante havíamos noticiado em o n. 5 do nosso jornal, com o comparecimento do Dezembargador Heráclito Cavalcante, Deputado Dr. Lima Mindelo e muitas outras pessoas gradas do nosso meio social teve lugar sábado penúltimo a inauguração da iluminação elétrica da nossa cidade. O ato conquanto não se revestisse de grande solenidade, não deixou, contudo, de trazer aos espíritos dos espectadores uma magnífica impressão pelo feliz êxito com que fora coroado. (O ANTHELIO, 17 de março de 1912)

A energia elétrica ocasionou um impacto direto no cotidiano de Itabaiana, que passou a contar com postes de iluminação elétrica nas principais localidades da rua principal da cidade, localizada no centro. O ritmo da cidade é modificado pela eletricidade, acelera-se, e, nesse caso,

ao se tratar de Itabaiana, percebe-se que mesmo em uma cadência ainda menor do que nos grandes centros urbanos, é possível considerar que a iluminação elétrica abriu espaço para uma nova vivência urbana. Nos grandes centros urbanos, é possível afirmar que essas melhorias em iluminação causam fortes impactos na vida noturna, caracterizada por agitações dos bailes noturnos e entre outros eventos que ocorrem após o horário comercial, já em Itabaiana, por se tratar de uma cidade menor, não é possível considerar que houve uma agitação da mesma proporção das grandes cidades, porém, é válido afirmar que houve um impacto, a vida noturna, mesmo que de maneira sutil, passou a ter mais impacto no cotidiano citadino.

Em relação a Sotter, em 1913 requereu ao Presidente do Estado a isenção de impostos para sua empresa de energia, que foi concedida pelo decreto número 658, de 9 de agosto de 1913. A partir desse decreto, Sotter recebeu do Presidente do Estado da Parahyba, João Pereira de Castro Pinto, a isenção por dez anos de todos os impostos estaduais para poder exercer as atividades da sua indústria de distribuição de energia elétrica em Itabaiana.

A empresa de Sotter atuou na distribuição de energia na cidade por seis anos, em 1918, Sotter não conseguiu mais arcar com a responsabilidade técnica da sua empresa e paralisou o seu funcionamento (MAIA, 2015, p. 232). No ano seguinte foi reinaugurada a distribuição de energia elétrica na cidade de Itabaiana através da empresa recifense J. Alves da Silva & Cia., que foi contratada inicialmente pelo então prefeito dr. Odilon Maroja, mas teve a sua inauguração já no governo posterior de Manoel Joaquim de Araújo, como prefeito e dr. Flávio Ribeiro Coutinho como chefe político.

Em 1920, a empresa recifense transferiu o seu acervo para Afonso de Albuquerque, que passaria a ser o responsável pela gestão da distribuição de energia elétrica na cidade de Itabaiana. Assim como Sotter, Afonso de Albuquerque também fez o requerimento de isenção de impostos estaduais, que foi concedido pelo então presidente do Estado da Parahyba, Dr. Francisco Camillo de Holanda. O decreto estadual de número 1065, de 1 de julho de 1920 tem em seu texto uma diferença em um dos artigos quando comparado ao decreto de isenção de impostos concedido a Sotter. O decreto em questão estabelecia que o concessionário seria obrigado a fornecer gratuitamente luz elétrica às repartições públicas estaduais da cidade em que atuasse. Afonso de Albuquerque ficou como proprietário da empresa de energia elétrica até 1924, quando a transferiu para Severino Ramalho, passando a ser denominada Empresa Luz e Força de Itabaiana.

c) Apagam-se as luzes e foca-se na tela: a experiência do cinema em Itabaiana

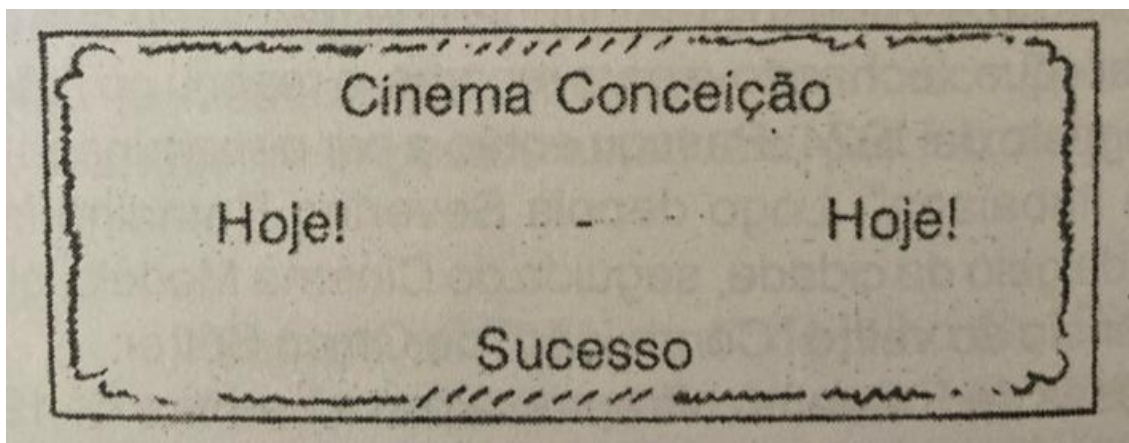
Como dito anteriormente, Sotter havia deixado o ramo de distribuição de energia elétrica para, novamente, dedicar-se a outro empreendimento, dessa vez, o cinema. Esse empreendimento do serralheiro e empresário teve seu início ainda antes dele sair do ramo da iluminação elétrica. Em 1910, de acordo com Maia (2015), Sotter já havia iniciado as atividades do seu cinema. O memorialista conta a sua experiência com o contato com a nova tecnologia que chegara em Itabaiana:

Quando ali cheguei, em 1912, menino dos matos, criado da fazenda para o engenho, o “Conceição” me foi uma grande revelação do mundo, pois, dantes nunca vira coisa igual: a natureza se movimentando, os homens e as mulheres andando, o trem em disparada, os revólveres despejando tiros, mas tudo isso mais parecia uma ilusão da vista, que uma realidade, pois a gente estava ali perto, bem sentado nas cadeiras e, nunca que fôssemos alcançados por aquele mundo em ebulição. Como era de praxe nos cinemas mudos, havia o piano que era tocado por D. Amália, esposa de seu Sotter. (MAIA, 2015, p. 234)

Sabiniano Maia expressa, em suas palavras, o impacto que sentiu ao ter contato com esse novo advento da modernidade que chegou na cidade, o memorialista se refere como uma “grande revelação do mundo” e menciona que nunca tinha visto nada igual e que parecia ilusão, ou seja, Maia, assim como muitos outros que passaram a frequentar o cinema, estava maravilhado com essa nova tecnologia.

O cinema passava a ser mais um local a ser frequentado na cidade de Itabaiana, gerando assim um impacto no cotidiano da cidade, uma vez que não se trata de apenas um local para os seus espectadores irem assistir filmes, mas envolve também um comércio além das telas. O cinema atrai vendedores de comidas e bebidas para serem consumidos durante a sessão de filme, mobilizando assim, um novo ramo da economia itabaianense. Na frente do local de exibição, também movimentava aqueles que não conseguiriam assistir os filmes, seja por questão financeira ou por sessões lotadas, que ficavam aguardando o filme terminar para que os que haviam assistido compartilhassem com eles os ocorridos do que foi visto. Sendo assim, o cinema, assim como todos os adventos da modernidade, modifica o modo de se experienciar a cidade, trazendo novas práticas e impactos socioeconômicos.

Dessa forma, parte da população passou a frequentar assiduamente o cinema, buscando encantar-se com o novo advento da modernidade, assim como Sabiniano Maia fez quando era jovem. A princípio, os filmes que seriam exibidos não eram anunciados no jornal, se falava apenas que teria sessão:



Fonte: (MAIA, 2015, p. 234).

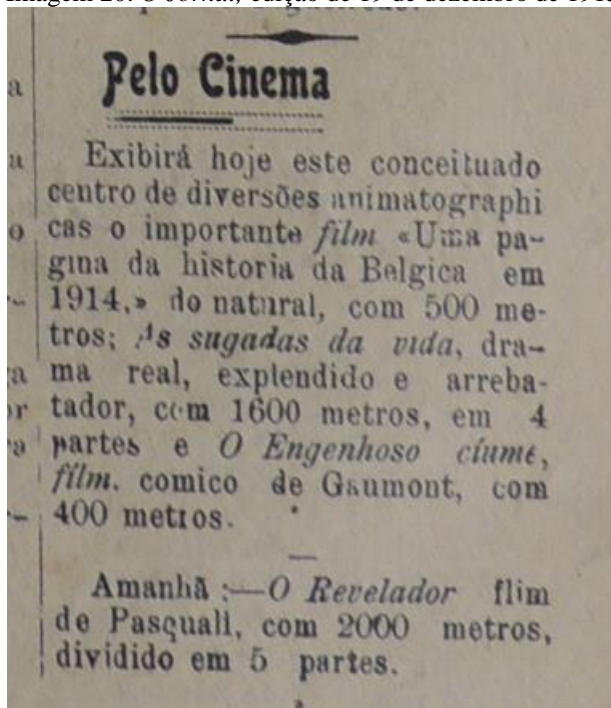
Ainda em seu relato de experiência acerca do cinema, Maia (2015) fala sobre essa questão do anúncio simples, sem muita informação. O memorialista relata:

E nada mais constava no anúncio. E para que? Para que nome de filme, de artista, enredo e hora? Nada disso. Em Sotter, dizer que o cinema seria um sucesso, todo mundo acreditava e lá estaria na hora, que também não era dita, porque, quem não sabia da hora do cinema? Para que repetir, o que todos sabiam? (MAIA, 2015, p. 235)

Nesse trecho é possível perceber uma fala generalista por parte do autor, ele acaba concluindo que os anúncios não são necessários, visto que todos sabiam a hora do cinema e que todos estariam lá no momento. Muito possivelmente essa visão seja devido à posição social do autor. Como dito na citação anterior a essa supracitada, o próprio Maia afirma que veio de fazendas e engenhos antes de conhecer o cinema, sendo assim, é possível compreender o autor como um membro da elite. A visão do autor exclui a possibilidade de que existiam pessoas fora daquele círculo social que frequentava o cinema, que não tinham tido contato nem com a energia elétrica e muito menos com o cinema. O anseio da elite pelo progresso trazido pela modernidade é cristalizado no entusiasmo dos relatos de Maia em relação a essas novidades da modernidade. O autor sempre demonstra um contato com o novo logo em seu princípio e sempre demonstra o entusiasmo de um usuário assíduo das novidades ofertadas pelas novas tecnologias, evidenciando assim, o privilégio da sua posição social. O que, consequentemente, o fez ter a visão de que aquela melhoria seria para todos, quando na realidade não atingia a totalidade dos habitantes da cidade de Itabaiana, apenas aqueles que podiam pagar pelos novos confortos e entretenimentos trazidos pela modernidade. Os registros de memória trazidos por Maia são de importância única para a construção de uma pesquisa sobre a cidade de Itabaiana, no entanto, é preciso ter em mente de que o autor fala de uma posição social elevada.

Passado o tempo, os anúncios passaram a apresentar mais detalhes em relação às atrações que seriam exibidas no cinema. Na edição de 19 de dezembro de 1915 de *O Jornal*, foi possível encontrar o seguinte anúncio:

Imagem 20: *O Jornal*, edição de 19 de dezembro de 1915.



Fonte: IHGP.

A partir do recorte feito pela Imagem 16, é possível perceber como se dava a técnica utilizada nos cinemas: a metragem do filme já era anunciada para que os possíveis espectadores já tivessem uma noção da sua duração. Logicamente, quanto maior o rolo de filme, maior a sua duração, logo, precisaria ser dividido em partes para que as bobinas fossem trocadas e o filme tivesse seu prosseguimento. Nessa ocasião, provavelmente o cinema iniciaria um intervalo para os espectadores, o que abria espaço para eles lidarem com suas necessidades ou socializarem entre si. De acordo com Maia (2015):

A fita (filme) era dividida em partes, logo que o operador passava uma, a exibição parava, as luzes acendiam, até que fosse colocada a parte seguinte no projetor, quando novamente as luzes se apagavam, e continuava “o cinema”, ao som do piano. (MAIA, 2015, p. 235)

A presença do piano era característica dos primeiros cinemas, que reproduziam filmes mudos. Nesse caso, para que a sessão não fosse executada em completo silêncio, o piano acompanhava o filme. O piano acabava por criar outra dinâmica dentro do cinema, em que,

além de apreciar os filmes, os frequentadores também iam para apreciar o som do instrumento. No cinema Conceição, o piano era tocado por D. Amália, esposa de Sotter. Um recorte do cotidiano dos cinemas da década de 1910 trazido por Maia (2015) diz que:

Um fato interessante, ao chegarem as férias escolares de S. João ou Natal, voltavam à cidade as colegiais internas nos educandários do Recife ou da Paraíba (João Pessoa). E ao irem a um dos cinemas sempre eram aclamadas pelos assistentes para uma tocata no piano. A pianista efetiva, levantava-se, cedia o lugar à colegial, que se exibia, sendo aplaudida. Isto sempre acontecia, ou antes do início da projeção, ou nos intervalos. Indiretamente os cinemas naquela longínqua época, incentivavam o estudo do piano nos colégios, proporcionando uma boa apresentação musical nas férias. Seriam, poder-se-á dizer, ensaios de concertos populares. (MAIA, 2015, p. 235)

Sendo assim, os cinemas seriam uma experiência cinematográfica e musical. Quanto à experiência narrada por Maia, esta demonstra um aspecto da cultura da elite dentro das salas de cinema. O piano é um instrumento voltado para a elite, o acesso à aprendizagem de como tocar músicas nesse tipo de instrumento era exclusivo das elites, tanto em questão do preço do piano, quanto em relação ao acesso às aulas, que geralmente ocorriam em escolas voltadas para a elite ou através de um professor particular. O memorialista compara o ocorrido com concertos populares, no entanto, para as camadas mais baixas da sociedade, a experiência musical não seria a mesma, uma vez que a grande maioria sequer conhecia as músicas que eram tocadas nas sessões de cinema, excluindo assim, o aspecto popular do piano. Maia menciona o incentivo indireto do cinema em relação ao estudo do piano em colégios, o que, de fato, pode ter ocorrido, uma vez que, como mencionado pelo autor, o local da pianista era destaque nas sessões de cinema, podendo até representar o estatuto de pessoa culta e erudita diante da sociedade itabaianense.

Voltando ao recorte jornalístico, é possível notar também que a programação exibida foi de dias seguidos, no entanto, o limite das publicações sobre os filmes em exibição eram apenas do dia da edição e do seguinte. Nesse caso, como a periodicidade dos jornais eram semanais – no caso do *O Jornal*, era publicado sempre aos domingos – o alcance da publicação não supria a programação semanal do cinema, cabendo assim, aos adeptos da nova prática recreativa, buscarem outros meios de se informar, uma vez que a programação mudava diariamente. Cabe ressaltar também, que nem sempre a programação referente ao domingo e à segunda-feira aparecia nas páginas do impresso em questão.

Percebendo a trajetória de Sotter, é possível notar a precisão das escolhas do empreendedor em relação aos seus investimentos. As ações de Sotter estavam alinhadas com a ideia de implantar tecnologias que ainda não haviam chegado na cidade de Itabaiana. Como

veio da capital pernambucana, o empreendedor tinha experiência com uma cidade de grande porte que teve uma implementação da modernidade em um ritmo bem mais acelerado que Itabaiana, permitindo assim, uma visão de mundo necessária para a instalação desses serviços na cidade. Iniciar esses tipos de fornecimento de serviços requer uma experiência de mercado elevada, uma vez que se torna necessário não apenas o capital a ser investido, mas também o planejamento de como executar e como divulgar o novo empreendimento para que gere engajamento social.

É válido ressaltar também que o cinema de Sotter, o Conceição, foi o primeiro, mas não o último. De acordo com Maia (2015), em 1924 surgiu o “Cinema Modelo”, que foi um empreendimento de Severino Ramalho, o mesmo empreendedor que adquiriu, na mesma época, a empresa de distribuição de energia elétrica da cidade.

O cinema, assim como os jardins, o trem e os bondes, é um dos signos da modernidade, trazendo consigo mudanças nos modos de viver a cidade, de forma que as atividades a serem praticadas no ambiente urbano ganham novas opções que nem sempre eram acessíveis para todos, diante do custo, mas de toda forma, eram novidades do mundo moderno que se desenvolvia no século XX. Sendo assim, Itabaiana seguia nos planos do progresso que a elite dominante almejava, mesmo que em um ritmo ditado em uma cadência mais lenta que nos grandes centros urbanos.

2.2.3. No curso das águas e da urbanização: a chegada da água encanada na cidade de Itabaiana

No processo de modernização das cidades, busca-se otimizar o acesso a itens de primeira necessidade, como: água, comida, transporte e eletricidade. Nesse sentido, esses avanços também são considerados signos da modernidade no início do século XX, o trem, como foi debatido anteriormente, ocupou o espaço de um dos primeiros signos dessa modernidade que chegava em Itabaiana para se alcançar o progresso. Com esse avanço no transporte, foi possível alcançar os demais avanços mais rapidamente, até porque, a conexão com grandes centros urbanos, como Recife, facilitava esse acesso.

A cidade de Itabaiana, no início da segunda década do século XX, já contava com iluminação elétrica, cinema e trem, o que contribuía para o aumento da importância comercial da cidade e da sua procura por partes de viajantes que buscavam usufruir tanto do comércio quanto das diversões noturnas que esses signos da modernidade ofereciam. No entanto, a cidade ainda carecia de um sistema de abastecimento de água, esse que só veio a chegar na cidade em

1911, por intermédio de Heráclito Cavalcante, então líder político da cidade, que conseguiu a atenção da Inspetoria de Obras Contra as Secas (IOCS). Acerca desse órgão:

Criado sob o nome de Inspetoria de Obras Contra as Secas - IOCS através do Decreto 7.619, de 21 de outubro de 1909, editado pelo então Presidente Nilo Peçanha, foi o primeiro órgão a estudar a problemática do semiárido. O DNOCS recebeu ainda em 1919 (Decreto 13.687), o nome de Inspetoria Federal de Obras Contra as Secas - IFOCS antes de assumir sua denominação atual, que lhe foi conferida em 1945 (Decreto-Lei 8.486, de 28/12/1945), vindo a ser transformado em autarquia federal, através da Lei nº 4.229, de 01/06/1963. (BRASIL, 2021)²¹

Esse órgão veio fazer suas instalações apenas após alguns processos na área que seria utilizada para o abastecimento de água. Inicialmente, no início de 1911, Heráclito Cavalcante e o engenheiro Raimundo Pereira da Silva fizeram análises no local através de perfurações e chegaram à conclusão de que o local adequado para as instalações do futuro abastecimento de água seria em uma “ilha existente no rio Paraíba” (MAIA, 2015, p. 237). Após decidido o local, o IOCS construiu a caixa d’água que era preenchida pela água vinda do rio Paraíba através de um sistema de moinho, ativado por um catavento que retirava a água de um poço escavado na região escolhida.

Sendo assim, ainda em 1911, o abastecimento de água é inaugurado na cidade de Itabaiana e, mais uma vez, essa melhoria urbana tem o pioneirismo itabaianense, já que na capital do Estado, este chegou no início do ano seguinte, com intervalo de alguns meses, mas já com a numeração do ano tendo passado, fazendo com que as notícias parecessem mais impactantes: “A cidade de Itabayanna que desde o ano passado tem regular serviço de abastecimento d’água [...]” (A UNIÃO, 1912). Maia (2015) aponta que “esta vitória de Itabaiana sobre a capital do Estado, enchia de orgulho a todos os habitantes daquela comuna das caatingas paraibanas. Batiam a Capital, batiam o Estado todo, desde que, dantes não o houvera em parte alguma” (MAIA, 2015, p. 238).

Assim como as demais melhorias que vieram chegando na cidade de Itabaiana, a água encanada também não foi para todos. Os mais pobres, de acordo com Maia (2015), não receberam o benefício, para essa camada da sociedade foram construídos chafarizes públicos espalhados pela cidade, eram três deles: um próximo a Igreja Matriz, outro no interior do mercado central e outro na rua da Cajazeira. Aos demais que, mesmo com os chafarizes não conseguiam ter acesso a água potável, restava o serviço dos carregadores de cacimbas de água. Acerca disso, Maia (2015) aponta:

²¹ Disponível em: <https://www.gov.br/dnocs/pt-br/acesso-a-informacao/institucional/historia>. Acesso em: 04 de dezembro de 2023.

Aos que não podiam levar o cano cheio d'água até o recesso do seu lar, aos que se apresentavam em condições físicas de não poder nem mesmo ir buscá-la no chafariz mais próximo, restava o recurso dos carregadores d'água, que, com seus jumentinhos enchiam a cidade. Para o Triângulo, os Altos dos Currais, do Carretel, de Santa Rita, das Panelas e outros que tais mais distantes, aonde o cano não chegou e o chafariz estava longe, só mesmo o jerico encangalhado e munido de quatro ancoretas, dependuradas em ganchos de ferro, resolvia o problema, conduzindo o líquido colhido nas cacimbas perfuradas no leito seco e arenoso do Rio Paraíba. (MAIA, 2015, p. 239)

O acesso a água modifica, de certa forma, o cotidiano da cidade. Seja daqueles que obtiveram o benefício em suas casas como aqueles que passaram a ir buscá-la no chafariz mais próximo. Nas mudanças trazidas pela modernidade, o acesso a água, assim como os outros aspectos do advento, também estava atrelado a um estatuto de poder. Aqueles que receberam o acesso em suas casas eram pessoas com uma situação financeira mais elevada, enquanto aqueles mais pobres ficavam dependendo dos chafarizes da cidade, que provavelmente eram bastante disputados no decorrer do dia.

Maia (2015) ainda chama a atenção para aqueles que não tinham acesso nem aos chafarizes, necessitando do serviço de vendedores itinerantes, que levavam carregamentos de água em animais para os locais mais distantes. Tal dinâmica em torno da distribuição de água, torna possível formular uma ideia do cotidiano da cidade em relação a esse tipo de serviço, com pessoas cercando os chafarizes para levar seus carregamentos de água para casa e com vendedores itinerantes em seus animais para levar esse benefício para locais mais distantes, formando assim, um novo modelo de comércio que não é possível de encontrar em centros urbanos onde a distribuição de água tenha ocorrido de forma mais uniforme. Com o passar dos anos, a distribuição de água passou a ocorrer nas áreas que não haviam sido instaladas anteriormente, causando assim, uma distribuição para uma maior parcela da população itabaianense, no entanto, no recorte estudado, ou seja, nas duas primeiras décadas, essa distribuição da água foi retida para aqueles que possuíam melhores condições financeiras. A modernidade, conforme avança, traz um progresso que não é para todos, pelo contrário, é excludente.

2.2.4. *Cidade arborizada: os jardins como signo de modernidade*

Ao se pensar a paisagem de uma cidade, além do entendimento arquitetônico e das tendências que surgiram no crescimento da cidade, se faz necessário utilizar imagens para que o que está sendo falado possa gerar uma representação do real para aquele que lê. Sendo assim,

dentro do acervo de fotografias sobre a cidade de Itabaiana foram encontradas algumas imagens que retratam bem a paisagem da cidade em determinadas épocas. A foto a seguir representa a visão da rua principal de Itabaiana na década de 1920. De acordo com a Associação Memória Viva, possivelmente é uma fotografia de 1929.

Imagem 21: Visão panorâmica da rua principal de Itabaiana com vista para a Igreja Matriz.



Fonte: Acervo Artur Anderson Honório Pereira.

A fotografia revela a imagem congelada no tempo para que possa ser eternizada para o futuro. Uma captura de uma realidade que já se modificou pelo progresso da modernidade que ocasiona a mudança das técnicas, do cotidiano e da própria paisagem. Na imagem acima é possível primeiramente atentar para a técnica fotográfica, as cores não se faziam presentes, a fotografia ainda não era na coloração preto e branco, mas sim em uma tonalidade amarelada, com tonalidades de marrom avermelhada, no meio fotográfico, o termo escolhido para tratar esse tipo de coloração chama-se sépia e foi muito comum nas técnicas fotográficas do início do século XX.

Observando a imagem, é perceptível que se trata de uma das ruas da cidade de Itabaiana, a rua principal da cidade. Voltando ao mapa apresentado no capítulo anterior²² e utilizando dos números inseridos nele para localizar a paisagem representada na fotografia, é possível afirmar que a imagem representada se encontra aproximadamente entre o ponto 6 e o 1, trata-se de uma imagem que fica no percurso do mercado para a igreja.

Como se trata de uma imagem da década de 1920, já é possível afirmar que no ponto 1 realmente existia uma igreja, não a que é apresentada no mapa, mas sim a Igreja Matriz da cidade, que conforme aponta Maia (2015):

Em 1892 o Cônego dr. Tranquilino Cabral de Vasconcelos, ali chegou para uma permanência indeterminada, na qual serviria como capelão, enquanto procuraria se refazer dos pulmões que se achavam atacados por um início de tuberculose. Seria ele, o nosso penúltimo capelão. Homem inteligente, formado pela Universidade Gregoriana de Roma e professor do Seminário de Olinda, teve que recorrer aos bons ares de Itabaiana. Ali ficando, encetou em 1896 a construção de um novo templo bem mais espaçoso que a primitiva capelinha do século dezenove. Ao falecer em 1898, iam bem adiantados os trabalhos da construção. Seu sucessor, o padre Francisco Targino Pereira da Costa continuou os trabalhos com tal decisão, que D. Adauto Aurélio de Miranda Henriques, nosso primeiro bispo, desejando premiar tamanho esforço decretou a 2 de fevereiro de 1903, a criação da Freguesia de N. S. da Conceição, elevando em igual data, o novo templo, à categoria de Igreja Matriz. (MAIA, 2015, p. 256)

Tratando da parte arquitetônica da imagem, percebe-se as edificações nas laterais da imagem, onde o modelo arquitetônico que prevalece é o colonial, com forte presença de construções conjugadas que compartilham o mesmo telhado, havendo apenas paredes internas para separar uma casa da outra. A percepção das fachadas das casas ficou prejudicada na imagem por conta das árvores em todo o percurso da rua, mas é válido afirmar que as casas no estilo Art Nouveau já se faziam presentes em Itabaiana, no entanto, também é necessário afirmar que esse signo do moderno não aplicou uma mudança drástica e em larga escala na paisagem, as arquiteturas coexistiram (e ainda coexistem), evidenciando a rugosidade do espaço.

Entendendo a localização espacial da imagem, se percebe que a fotografia está localizada, no mapa, onde está escrito “Praça da Feira”, em que, por mais que tenha o nome de praça, tratava-se de um espaço aberto onde a rua se tornava mais larga, possibilitando o melhor trânsito de carroceiros e de produtos ao longo do espaço. Levando em consideração o ano do mapa, 1892, há de se considerar que não existia ainda a presença de automóveis na cidade, dessa forma, o termo “praça” aqui é utilizado para representar um amplo espaço por onde circulavam produtos, carroças e pessoas e se configuraria uma feira de variados produtos.

²² Capítulo 1, imagem 03, página 66.

Ainda se mantendo nas laterais da imagem, é possível perceber a presença de comerciantes e seus respectivos produtos a serem vendidos. À esquerda da imagem é possível notar carroças paradas em paralelo às calçadas, onde se encontram algumas pessoas que, possivelmente, eram os comerciantes. É importante salientar que os carroceiros poderiam executar uma dupla função nesse contexto, eles trabalhavam tanto no transporte de produtos como na venda, em que não necessariamente aquele que transportava era também o vendedor, nesse caso, existiam os que transportavam, os que vendiam e os que executavam as duas funções. Do outro lado da imagem nota-se alguns produtos organizados para exposição, trata-se de um produto relativamente grande e foi organizado em várias fileiras para que os possíveis compradores pudessem analisar e escolher qual das unidades levaria ao finalizar a troca.

No centro da fotografia está a rua, um espaço amplo para o trânsito de pessoas e transportes variados. Na imagem é possível perceber quatro crianças, duas carregando uma espécie de bolsa nas costas e outras duas próximas, possivelmente acompanhando as duas que estavam carregando bolsas. Ao analisar a estatura das crianças, pode-se dizer que possivelmente não passam de dez anos de idade. Essas crianças abrem diversas possibilidades para sua presença nesse espaço. São crianças pequenas e sem acompanhamento adulto, ou possivelmente já participavam da vida financeira da família, marcando presença no comércio da cidade, trabalhando como carregadores.

Fotografias antigas não deixam a hora em que a imagem foi capturada como as atuais, nesse caso, o que se pode fazer é analisar outros elementos da imagem para tentar deduzir o horário da fotografia. No caso da imagem apresentada, é perceptível que a captura foi feita à luz do dia e com uma movimentação tranquila na rua, com poucas pessoas transitando no espaço fotografado. Essa escassez de transeuntes pode indicar que o horário comercial da cidade ainda não teria iniciado ou já havia terminado, o que deixa duas possibilidades para a imagem: ou ela foi capturada no alvorecer ou no crepúsculo desse dia em específico. Existem indícios na imagem de que a fotografia pode ter sido tirada no início do dia: a venda à direita da imagem ainda expõe muitos exemplares do produto a ser oferecido e a intensidade da luminosidade da imagem não condiz com o entardecer, apontando o possível horário para o início da manhã.

Feita essa análise inicial acerca da imagem, torna-se necessário captar a possível intenção do fotógrafo que capturou essa imagem. Há de se considerar o acesso a câmeras fotográficas na época da imagem. Em 1929, a fotografia não era uma tecnologia popularizada, muito pelo contrário, apenas pessoas de condições financeiras elevadas tinham acesso a esse tipo de representação imagética. Nesse caso, muito possivelmente o fotógrafo era uma pessoa ligada à classe social detentora do poder estruturante da cidade de Itabaiana, por vezes como

um praticante da fotografia para fins pessoais ou como um profissional liberal, que também possuía uma posição social mais elevada que a grande maioria da população. O fotógrafo em questão buscou capturar uma imagem representada através da fotografia de uma paisagem que demonstrasse os aspectos modernos da cidade, prática muito comum nas casas de fotografias, que buscavam fazer panorâmicas para demonstrar a qualidade dos seus serviços ou vender como postal.

A própria via calçada, apresentando uma largura notável para o trânsito de pessoas e transportes, é um aspecto do moderno que o fotógrafo quis representar na imagem. Para evidenciar essa intenção, basta observar o modo como a fotografia foi tirada: o fotógrafo buscou um horário em que a rua estava com o movimento de pessoas mais ameno, para capturar mais a estrutura da cidade do que seus habitantes, isso demonstra que ele estava mais preocupado em demonstrar a parte física da cidade do que algum acontecimento do dia ou até mesmo o cotidiano.

A centralidade da via também é outro aspecto da imagem que evidencia essa intenção do fotógrafo, pois com essa centralidade se tornou possível capturar a rua de uma lateral à outra, demonstrando parte da paisagem da cidade, com a edificação religiosa fazendo presença na imagem. A partir da foto, é possível perceber que o calçamento está ausente, por mais que se veja paralelepípedos na base de algumas das árvores, dessa forma, o que delimita a largura da rua, que está demarcando o eixo central da foto, são as calçadas.

As árvores fazem parte de um dos aspectos da tendência moderna da época, os jardins, que o fotógrafo buscou demonstrar e a origem desse modelo de paisagem em Itabaiana está intimamente ligada ao motivo pelo qual o fotógrafo buscou dar ênfase a esse ângulo fotográfico.

Sendo assim, para compreender a intenção do fotógrafo se faz necessário compreender a origem dessa paisagem arborizada em Itabaiana. Essas árvores presentes na fotografia eram da espécie *ficus benjamina*, plantadas no segundo processo de arborização da cidade em 1918. O processo de arborização da cidade se iniciou em 1905, logo após a derrubada uma grande e centenária árvore que a cidade abrigava. De acordo com Palhano (2014):

Durante o século XIX, era comum se plantar gameleiras para a arborização das cidades. Registros e documentos demonstram que havia em Itabaiana uma imensa e centenária gameleira. Esta era a única árvore que existia naquela cidade, pelo menos até o ano de 1905. Situava-se na conhecida Rua Grande (atual Presidente João Pessoa) em frente ao antigo “Hotel Hospedaria Melo” no perímetro entre a Igreja Matriz e a antiga Rua do Meio, conhecida atualmente como Rua Almeida Barreto. Era o principal ponto de encontro de comerciantes de equinos visto que a feira de cavalos e jegues era realizada sob a sombra da referida gameleira. (PALHANO, 2014, p. 22)

Ainda de acordo com o ator, após a derrubada da centenária gameleira, o então prefeito Francisco Resende de Melo decidiu criar um evento intitulado “Festa das Árvores”, para isso, teve que plantar diversas mudas da espécie *terminalia catappa*, também conhecida como castanhola ou amendoeira. A celebração passou a ser comemorada em todo 24 de maio, em homenagem àqueles que batalharam no conflito ocorrido em Itabaiana com ligação à Confederação do Equador, movimento separatista ocorrido em 1824 com um forte protagonismo da cidade que obteve uma vitória republicana em conflito armado, tornando esse fato um motivo de orgulho para os cidadãos itabaianenses.

O plantio das amendoeiras é descrito por Maia (2015) através de um documento ímpar: o autor teve acesso a uma correspondência de 1973 entre Artur Coelho, que foi testemunha ocular do processo de arborização, e General Mindelo, filho do desembargador Heráclito Cavalcante, figura política de grande relevância na Paraíba no início do século XX. Em sua carta, Artur Coelho (1973) conta:

A meninada da Escola Pública do Professor Mendonça recebeu a ordem de formação com muita alegria e na manhã aprazada, num domingo, as carroças armadas em caravelas iam seguindo o curso da rua festejada, ladeadas por cordões de crianças em seus uniformes e cantando o hino escolar aos rebates dos tambores da Banda, uma novidade já criada na cidade. [...] Os buracos para as mudas de castanholas já estavam feitos aos dois lados do calçamento. [...] No começo do lançamento das plantas houve discurso por participantes na festa e algumas crianças leram elogios da árvore escrito para elas. Houve estranheza nessa parte da festa. Numa terra onde quem vê uma árvore pensa logo em derrubá-la para lenha, espantou essa reverência e elogio como se pé-de-pau fosse gente, filho de Nosso Senhor. (COELHO, 1973 apud MAIA, 2015, p. 212)

O escritor da carta, Artur Coelho, narra a primeira festividade que se teve para as novas árvores que seriam plantadas na cidade. É interessante observar em sua fala o protocolo que se seguiu no dia para comemorar a chegada desse novo aspecto moderno na cidade, ainda que ele tenha estranhado a importância dada para essas plantas, uma vez que não era habituado a esse tipo de tratamento dado a elas. Na chegada das árvores, que vieram a arborizar a cidade e dar uma paisagem que seguia a tendência da modernidade nos grandes centros urbanos, existiram atos simbólicos para legitimar a importância dessa nova paisagem, uma festividade se desenvolveu em torno dessa mudança paisagística, com direito a cartas e discursos dedicados às árvores. Segundo Maia (2015), a festa causou uma boa impressão no público, o evento veio a se repetir nos anos seguintes até que se tornou uma festividade anual. Dessa forma, a “Festa das Árvores” consagrou as árvores como um dos símbolos culturais da cidade de Itabaiana.

O estranhamento expressado por Artur Coelho demonstra outro aspecto que é válido discutir: a modernidade chegava com seus variados aspectos, mas nem sempre era percebida

por todos, pois o entendimento do moderno e da modernidade repousava na classe dominante, a elite. Perceber e interpretar os signos do moderno exige a compreensão de um contexto mundial dessas mudanças que chegavam, no entanto, o acesso a esse saber era obtido, majoritariamente, pelas camadas sociais mais altas, que tinham instrução e influência para adquirir determinados saberes.

Publicações vindas do exterior e notícias acerca das exposições internacionais estavam entre os principais meios de conhecimento acerca dos aspectos modernos e o progresso da modernidade, os quais eram acessados principalmente pela elite dominante, que tinha o letramento e o entendimento adequado para absorver certo conhecimento. Além de deter o conhecimento acerca do moderno, a elite dominante também detinha o poder de governo nas cidades, as mudanças arquitetônicas vieram como uma cristalização do poder simbólico dessa camada social, dessa forma a elite exercia sua influência na estruturação da cidade como uma forma de símbolo do seu poder a ser percebido através dos signos do moderno.

Em Itabaiana, com o passar dos anos, as árvores vieram a crescer e apresentar o resultado dessa escolha pela arborização da cidade. Maia (2015), assim como Artur Coelho, foi testemunha ocular do período de arborização da cidade, o autor expressa suas lembranças em sua escrita, relatando: “Pelos idos de 1913 e 1914, como aluno do Instituto N. S. Do Carmo, do Professor Maciel, carreguei as pequeninas mudas em charolas, plantando-as a seguir.” (MAIA, 2015, p. 213). O autor, ao rememorar os ocorridos no tempo citado, se refere a essa lembrança de modo saudosista. Nas palavras de Maia (2015):

Cresceram e, que lembranças nos deixaram as belas castanholas de Itabaiana, enfileiradas às margens das calçadas, sombreando as ruas, com suas copas achatadas, desprendendo folhas secas e soltando lagartas queimadeiras! Qual o menino que não as enfrentava na colheita matinal dos seus frutos escarlates, quase roxos e sempre umedecidos pelo orvalho das frias madrugadas? [...] Plantávamos árvores e a cidade ficava cada vez mais catita, na formosura do seu vestido verde. [...] Certo dia, as castanholas, as pobrezinhas, foram destruídas, tiveram o mesmo destino cruel da velha gameleira da Rua Grande. Morreram sob a acusação de que entulhavam as ruas de folhas secas, de aninhar lagartas de fogo e, também, para evitar braços quebrados dos meninos da rua, subindo e despencando de seus frágeis galhos, na cata dos saborosos e malfadados frutos. (MAIA, 2015, p. 213-214)

A narrativa de Maia (2015) é passada para o leitor de forma que é possível perceber que o autor, no momento da escrita, tinha a memória dessa lembrança ainda bastante vívida em sua mente. O autor consegue passar para o leitor a sua sensibilização acerca do fato das árvores terem sido derrubadas, assim como também explica o motivo pelo qual a gestão da cidade optou por essa derrubada: os acidentes recorrentes envolvendo crianças que subiam para a retirada dos frutos e um início de infestação de taturanas, citadas pelo autor como “lagartas

queimadeiras”. Esses dois agravantes possivelmente ocasionaram diversos incômodos na cidade, levando o prefeito a ordenar a retirada das amendoeiras.

Itabaiana perdeu a “formosura do seu vestido verde” composto das árvores amendoeiras, no entanto, foi momentaneamente, pois o então prefeito Odilon Maroja ordenou o plantio da *ficus benjamina* para substituição das amendoeiras. Essa transição se deu a partir da derrubada das amendoeiras em 1918, sendo assim, as árvores percebidas na fotografia apresentada são *ficus benjamina*, que permaneceram compondo a paisagem urbana até 1956, quando foi ordenada uma nova derrubada.

A arborização da cidade através das *ficus benjamina* livrou a cidade das adversidades trazidas pelas árvores anteriores, as amendoeiras, e manteve as vantagens trazidas pela antecessora: a cidade continuou com sua via principal arborizada e trazendo sombra para os transeuntes da cidade, sejam pedestres ou com algum meio de transporte.

A paisagem urbana obtida através dessa arborização fez com que aqueles que passassem por Itabaiana vissem uma cidade com uma grande quantidade de árvores e com um visual semelhante aos das grandes cidades que passavam por um processo de instalação do modelo urbanístico das cidades-jardim, que se iniciou no início do século XX, primeiramente na Europa e logo depois no Brasil. Acerca da aplicação do termo “cidade-jardim”, Ricardo Trevisan (2017) esclarece que:

Quando as palavras *Cidade* e *Jardim* são utilizadas conjuntamente, formando o substantivo composto *Cidade-Jardim* – citado inúmeras vezes em aulas, livros, artigos científicos, palestras ou até mesmo em anúncios propagandísticos –, levam a inúmeras interpretações. Leigos podem afirmar que são cidades ajardinadas; aqueles com pouco mais de conhecimento podem classificar como cidades detentoras de qualidades da zona urbana e da zona rural; moradores de grandes centros urbanos podem se referir aos bairros suburbanos, arborizados, pouco adensados e com traçados viários tortuosos. Já estudiosos de plantão explanarão sobre a teoria de cidade ideal elaborada pelo inglês Ebenezer Howard em fins do século dezenove, ou lhe atribuirão a função de controle do crescimento de metrópoles pela criação de cidades-satélites. (TREVISAN, 2017, p. 01)

Para que esse tipo de planejamento urbano tomasse uma dimensão mundial, primeiramente teria de ter uma ideia inicial. Como foi supracitado, Ebenezer Howard, no século XIX, estava propondo o equilíbrio entre campo e cidade, para isso, o taquígrafo inglês propunha a criação de pequenas cidades com a dimensão e densidade controladas, para que pudesse haver a harmonia entre o homem e a natureza. Dessa forma, o plano de Howard só veio a ser aplicado no início do século XX, na Inglaterra. Logo o modelo urbanístico se tornou um movimento e passou a gerar influência em outras regiões do planeta, no entanto, as mudanças executadas

foram em alguns bairros periféricos, que se tornariam espécies de cidades-satélites (TREVISAN, 2017).

No Brasil, esse modelo urbanístico chega primeiramente em São Paulo - SP, no ano de 1911, através da Companhia City, que ficou responsável pelo loteamento de alguns bairros paulistas. Nos anos seguintes, o modelo chegaria ao Rio de Janeiro - RJ e a Belo Horizonte - MG, fixando assim, o modelo urbanístico nas maiores cidades do país. De acordo com Trevisan (2017):

Assim, a aplicação dos conceitos de Cidade-Jardim na capital paulista ocorreu de forma intensa entre as décadas de 1910 e 1930, fomentadas por ações de agentes de capital privado que buscavam, a partir deste tipo urbanístico, garantir a lucratividade de seus lançamentos imobiliários. Reconhecendo-se a importância de tal exemplar no exterior, estas Companhias loteadoras não economizaram recursos para incorporar estes conceitos no projeto urbanístico e arquitetônico destes bairros, chegando a trazer um dos protagonistas deste Movimento para trabalhar em São Paulo, por dois anos. Mesmo tendo adentrado por um viés capitalista, este ideário conquistou adeptos e se proliferou pelas cidades paulistas e de outros estados, introduzindo aos moradores urbanos um novo conceito de se habitar a cidade brasileira do século vinte. (TREVISAN, 2017, p. 11)

É necessário perceber que o modelo de cidade-jardim que vigorou no Brasil não foi originariamente do país, veio de uma tendência internacional, mais precisamente da Europa. Inclusive, para que se vigorasse esse modelo no país, foi necessária a vinda de profissionais europeus para contribuir no primeiro projeto de cidade-jardim, ocorrido em São Paulo (TREVISAN, 2017). O urbanismo brasileiro no início do século XX adaptava-se ao modelo europeu, que era a principal representação do moderno da época, dessa maneira, as gestões das cidades, influenciadas por esse modelo, passam a aplicar essas mudanças conforme se tornaram possíveis. Trevisan (2017) aponta:

O Brasil, na passagem do século vinte e nas décadas posteriores se encontrava em plena mudança, assim como a Europa e os Estados Unidos da América após a Revolução Industrial. Ao buscar se assemelhar economicamente às transformações que ocorriam nos países industrializados ou pelas necessidades que a produção cafeeira impunha, o país iniciou um processo mais intenso de urbanização do território. A falta de uma escola própria de urbanismo, decorrente de uma deficiência urbanística do período colonial, fez de nossa urbanística uma colagem de modelos externos, adequando-os, porventura, ao contexto local quando o profissional tinha tal preocupação. Estes modelos transformaram as cidades existentes ou foram aplicados na criação de novas cidades, feitos decorrentes de ações governistas ou de iniciativa do capital privado. (TREVISAN, 2017, p. 17)

As mudanças ocorreram em vários setores da cidade, no caso de Itabaiana, não apenas na arborização, várias outras mudanças estruturais que afetaram a paisagem urbana também

aconteciam em paralelo. Tais mudanças serão pauta de discussão dos tópicos seguintes. Pode-se afirmar que a arborização foi uma busca de fazer a cidade ter o aspecto das cidades modernas, principalmente a ideia de cidade-jardim, já que no início do século XX as maiores cidades do Brasil e algumas da Europa já estavam utilizando dessa tendência do urbanismo. Sendo assim, trazendo a arborização da cidade, a paisagem foi transformada pelas árvores que passaram a fazer parte das vias principais de Itabaiana.

Observando e analisando essa medida da gestão da cidade de trazer as árvores justamente na época em que se propagava o ideal de cidade-jardim, torna possível perceber que existiu uma tentativa de pôr Itabaiana no padrão de cidade moderna postulado pela Europa e pelas grandes cidades do Brasil, as árvores oriundas de uma política de arborização se tornavam signos do moderno, pois a cidade-jardim era uma cidade moderna, fruto do século XX. Na década de 1930, a cidade de Itabaiana era representada pela paisagem das árvores em sua rua principal e em suas praças. Na fotografia anterior, as árvores estavam sem a poda que passou a ser executada nos anos seguintes para dar mais ênfase as árvores que traziam o “vestido verde”, como disse Sabiniano Maia, à cidade de Itabaiana.

Imagem 22: Rua principal da cidade de Itabaiana, na década de 1930, com vista para a Igreja Matriz.



Fonte: Acervo Artur Anderson Honório Pereira.

Na década de 1930, a cidade de Itabaiana já tinha as árvores como parte do cotidiano citadino, todos os que passavam pelo centro da cidade acabavam por testemunhar a paisagem vista na fotografia acima: uma paisagem urbana composta de uma via arborizada que foi previamente planejada para ter essa configuração. Na fotografia observa-se que a imagem foi capturada na mesma via que a fotografia anteriormente exposta, o diferencial dessa segunda imagem encontra-se na proximidade do fotógrafo em relação à Igreja Matriz e aos formatos das árvores, que inclusive torna possível realizar uma comparação e levantar a hipótese que a foto anterior houvesse sido capturada em época de outono, no entanto, não tem como comprovar essa hipótese, nos deixando apenas para o detalhe das árvores com uma poda mais cuidadosa nessa segunda imagem apresentada.

A fotografia, assim como na anterior, demonstra uma via com poucos transeuntes, explicitando a estratégia do fotógrafo em querer capturar a paisagem urbana com o mínimo de pessoas possível, para que o foco da fotografia seja a paisagem urbana que foi ofertada pelas gestões políticas que iniciaram a arborização da cidade.

Ainda que Itabaiana tenha passado por essa arborização que trouxe para a cidade essa paisagem semelhante às cidades-jardins, essa aparência ainda assim era apenas uma tentativa de emular o modelo moderno. A cidade-jardim, assim como idealizada pelo inglês Ebenezer Howard e executada futuramente por urbanistas, não se trata apenas de trazer árvores para a cidade, como visto nos exemplos das grandes cidades, ocorre um planejamento que reúne diversos profissionais para que se possa executar os planos traçados para a possibilidade de existência de uma cidade-jardim.

Tanto na Europa como em outras localidades, os planos de cidades-jardins ficaram mais presentes na criação de novos loteamentos em uma cidade já existente, esse loteamento utilizaria do conceito de cidade-jardim e assim seria executado o plano. Já em Itabaiana, o que se percebe é uma apenas uma arborização das margens da via principal da cidade e de algumas de suas praças, para que trouxesse um padrão de beleza da época para Itabaiana.

A arborização de Itabaiana, iniciada no início do século XX, pode ser compreendida como uma tentativa de acompanhar as tendências do progresso e da modernidade, ditadas pelas grandes metrópoles. Nesse sentido, a busca em legitimar Itabaiana como cidade símbolo do progresso e do moderno era feita pelas elites políticas locais e a mídia era responsável por transmitir essa mentalidade para os demais, em um jornal localizado por Romualdo Palhano (2014), chamado *Diário do Estado*, no ano de 1916 publicou a seguinte notícia:

Vae o vice-presidente da Parahyba passar uma temporada na cidade de Itabayanna, outr'ora ponto de ajuntamento de jogadores e criminosos e hoje de recreio e conforto de gente limpa e honesta. (DIÁRIO DO ESTADO, Anno II, n. 381, p. 01, Parahyba do Norte, quarta feira, 17 de maio de 1916)

Ainda na mesma página, o jornal volta a mencionar o fato de o presidente do Estado ir residir em Itabaiana. Tal fato tomou protagonismo pela mídia porque a estadia de um político como Antônio da Silva Pessoa²³ em Itabaiana serviu de condutor para a narrativa de que Itabaiana estava chamando atenção a nível estadual com seu progresso. Segue o recorte efetuado por Romualdo Palhano (2014):

O presidente do Estado vae morar em Itabayanna defronte de um jardim aberto em praça arborizada e cuidada, como na capital não se faz, embora o jardim esteja desfalcado de suas roseiras e ornamentação de vistosas folhagens, mas em todo caso ainda é um jardim. (DIÁRIO DO ESTADO, Anno II, n. 381, p. 01, Parahyba do Norte, quarta feira, 17 de maio de 1916)

Através do olhar analítico nos trechos mencionados acima, torna-se possível perceber a tentativa da mídia em legitimar Itabaiana como uma cidade em progresso. A ideia do progresso pelas lentes de Walter Benjamin, nos faz perguntar para quem seria esse progresso evidente que a mídia buscava legitimar em suas matérias que enaltecia a cidade. No primeiro trecho citado, é possível perceber uma narrativa elitista que demonstra que o alvo dessa legitimação eram os detentores do poder: a elite. Para entender essa conclusão, deve-se observar como o autor do trecho busca apresentar a cidade como livre de criminalidade e de vícios boêmios, como os jogos, dessa forma, a cidade é apresentada como um lugar de gente “limpa e honesta”, que seria representada por pessoas como o vice-presidente do Estado, membro da elite política.

No segundo trecho, a busca de enaltecer a cidade enquanto bela e urbanizada, portanto, moderna, é a arborização que ela possui. Na escrita, o autor faz uma comparação com a capital do Estado, colocando Itabaiana como superior no aspecto apresentado, no entanto, de acordo com o autor, os jardins não apresentavam mais o auge de sua beleza, em suas palavras: “embora o jardim esteja desfalcado de suas roseiras e ornamentação de vistosas folhagens”. Dessa forma, a arborização da praça que seria parte do motivo do enaltecimento da cidade já não era mais da mesma forma, ainda assim, como conclui o autor, ainda se constituía como um jardim. Nessa conclusão é interessante perceber como o autor do trecho se apega ao fato da cidade ser arborizada, mesmo que a vegetação não esteja tão abundante, para enaltecer a cidade.

²³ Foi Vice-Presidente e assumiu em substituição a Castro Pinto que renunciara ao mandato. Era irmão de Epitácio Pessoa. Seu mandato se deu no período de 24.07.1915 a 24.07.1916. (PALHANO, 2014, p. 31)

A existência das árvores em Itabaiana, seja na via principal ou nas praças, foi parte da criação do estatuto de cidade do progresso e da modernidade nas primeiras décadas do século XX. Essa mentalidade formou-se a partir da vivência do cotidiano dos cidadãos em torno de toda a mudança na paisagem urbana que se foi testemunhando nesse período. Os signos da modernidade chegavam e iam modificando o modo de se viver a cidade, onde as árvores fizeram parte desses signos do moderno diante de uma estética urbana oriunda das grandes metrópoles.

Ainda assim, é possível afirmar que não só do cotidiano se cria essa mentalidade. Para criar a ideia de cidade moderna e do progresso, articulações políticas daqueles que detinham o poder foram necessárias para que as mudanças se tornassem realidade. Tais ações eram pensadas por membros de uma elite dominante que tinham acesso a um conhecimento que, na época, era exclusivo da elite: as tendências modernas da Europa e das grandes metrópoles.

Somando-se a esses fatores, a mídia buscou criar uma narrativa para legitimar a cidade enquanto uma cidade do progresso. Com uma narrativa voltada para uma minoria letrada – a elite – a mídia enaltecia e buscava legitimar a cidade com comparações às capitais e às grandes metrópoles, fazendo assim, Itabaiana ficar em igualdade, mesmo que na narrativa, em relação ao progresso da modernidade nas outras cidades.

Esse comportamento era recorrente na época, o exemplo demonstrado em relação à arborização não foi o único, outros serão apresentados conforme a discussão desse capítulo seja desenvolvida. Como dito anteriormente, a arborização foi um dos signos do moderno que chegou em Itabaiana nas primeiras décadas do século XX, sendo assim, torna-se necessário compreender a chegada dos demais signos, como o trem.

2.2.5. *O coreto como símbolo da modernidade atingida pelo progresso*

Como parte da estrutura urbana das cidades, os coretos vieram ao Brasil através da influência europeia que possuíam esse tipo de construção desde o século XVIII. No Brasil, os coretos passam a se tornar populares no século XX, sendo comum de se observar a estrutura nas principais praças das cidades brasileiras. Nesse sentido, segundo Caixeta e Rezende (2021):

Os coretos, como parte da estrutura urbana, aparecem em diversas cidades brasileiras e tem origem no processo de urbanização com influência portuguesa. O surgimento dessas estruturas no espaço urbano data do século XVIII, na Europa, e sua função estava ligada desde o princípio à eventos públicos (muitas vezes a celebrações religiosas e da monarquia) e apresentações musicais (Nunes, 2012), essas últimas dão origem linguística ao termo (relativo a Coro). Seu uso trazia esses eventos ao espaço urbano, atingindo populações de diversas classes e um número de pessoas cada vez maior para o ambiente cidadão. Assim como tiveram importância nas cidades

portuguesas, o mesmo ocorreu com essas estruturas em território brasileiro, para o qual foram importadas e absorvidas na constituição dos espaços de uso público. (CAIXETA; REZENDE, 2021, p. 04)

Dessa forma, os coretos chegam ao Brasil como uma estrutura que favorece a sociabilidade no ambiente das cidades, uma vez que ele passa a ser o palco de diversas apresentações, sejam elas com a finalidade voltada para o lazer ou política. O modo como sua construção é feita demonstra o seu objetivo voltado para apresentações, pois a sua estrutura basal é, geralmente, elevada em relação ao piso da praça e a sua posição centralizada permitia uma maior visibilidade dos eventos pelo público (CAIXETA; REZENDE, 2021, p. 04). O formato do coreto também foi pensado na interação social e na visibilidade do público, pois com a ausência de barreiras, independente da sua forma, é possível que todos que o cerquem possam visualizar o que está se passando em seu interior, o que torna a estrutura perfeita para apresentações públicas.

Na cidade de Itabaiana, o coreto chega na segunda década do século XX. Em 24 de maio de 1914, a Praça Álvaro Machado²⁴ recebia o seu jardim e o seu coreto, para que assim adentrasse nos novos moldes modernos que a cidade estava se enquadrando. A estrutura chegou à cidade através da sua importação da Inglaterra, quando o então prefeito, Manoel Pereira Borges efetuou a negociação com a empresa londrina *Pereira da Silva & Co.*, cujo nome evidencia a ascendência ibérica, remetendo à influência portuguesa nos coretos.

O coreto estava ligado aos melhoramentos da Praça Álvaro Machado, que, quando finalizados, a prefeitura realizou uma festa de inauguração na data que marcava a comemoração anual da vitória republicana ocorrida em Itabaiana e ligada aos desdobramentos do processo revolucionário da Confederação do Equador em 24 de maio de 1824. A festa realizada chamou atenção de um dos jornais da capital, que contemplou sua primeira página para detalhar a festa, no jornal *A União*, de 26 de maio de 1914 apresentou a seguinte manchete:

Imagem 23: Primeira página do jornal *A União*, de 26 de maio de 1914.

²⁴ Atualmente chamada de Praça Manoel Joaquim de Araújo.



Fonte: Site A União²⁵.

O fato de uma notícia acerca de Itabaiana ser publicada na primeira página de um jornal referente à capital do estado evidencia a relevância que a cidade tinha no início do século XX. A notícia citada, ao longo de toda a página inicial do caderno de notícias, narra detalhadamente a festa de inauguração das mudanças instaladas na Praça Álvaro Machado. De acordo com a notícia, o evento teve início do período da manhã, com um momento cívico seguido do plantio de novas árvores no local. O evento se estendeu durante todo o dia, com a presença de autores renomados da literatura, como José Américo de Almeida, a quem o jornal dedica boa parte da notícia para transcrever o que foi colocado pelo autor no evento. Pelo turno da noite, o evento desencadeou uma festa, que de acordo com o jornal, com “batalhas de confetti e lança-perfumes”.

Alguns aspectos do recorte jornalístico chamam atenção para as intenções da grande mídia em fazer a cobertura desse evento. São citados no texto algumas figuras de poder, que são geralmente presentes em eventos desse porte, onde a mídia, para agradar a elite, acaba elaborando uma narrativa que se preocupa em enaltecer esses nomes detentores de poder. No caso da notícia em questão, os nomes do desembargador Heráclito Cavalcante e do escritor José Américo de Almeida recebem destaque em relação à ênfase que recebem. Em relação ao escritor, é apresentado como “prezadíssimo colega e fulgurante homem de letras”, já com o desembargador, o escritor da matéria foi mais generoso nos elogios. Ao falar sobre Heráclito Cavalcante, a notícia afirma que ele:

Proferiu, comovido, uma expressiva allocução, onde mais uma vez se revelou a grande alma modesta e progressista, que tem influenciado não somente nos pequenos destinos daquela terra, mas colaborado em prol da grandeza da Parahyba, que o inclui por uma parcimoniosa justiça e extricta obrigação na lista dos seus eminentes filhos e

²⁵ Disponível em: https://auniao.pb.gov.br/servicos/copy_of_jornal-a-uniao/decada-de-1910/1914/maio/a-uniao-26-05-1914.pdf/view. Acesso em: 12 de outubro de 2022.

dos mais insignes dos seus representativos homens públicos. (A UNIÃO, 26 de maio de 1914)

A partir da leitura desse trecho, fica evidenciado que o intuito da notícia era adular a elite que estava por trás das reformas na praça em questão. Essas modificações na praça também tinham como objetivo servir a um propósito almejado por essa mesma elite, que era o de tornar Itabaiana uma cidade com aspectos modernos. A ligação das reformas com o desejo de tornar Itabaiana equivalente às cidades modernas também fica evidente no mesmo jornal, ainda no início da notícia referente ao evento, é possível encontrar o seguinte trecho:

Concluída essa tocante cerimônia, foram cantados os hymnos as arvores e da Independência, respectivamente por um grupo de alunos do Collegio Maria Auxiliadora e pela Escola de Aprendizes Marinheiros, feclarando o sr. Coronel Pereira Borges, prefeito municipal, inaugurando o formoso jardim público, que está localizado numa das mais aprazíveis artérias da cidade e cujo coreto se equipara aos de mais moderno estylo. (A UNIÃO, 26 de maio de 1914)

O evento de inauguração das melhorias da praça acaba por cristalizar todos os interesses por trás dessas obras. A elite ansiava em tornar a cidade de Itabaiana equivalente às cidades modernas, como Recife, São Paulo e até Paris, uma vez que, como foi visto até aqui, as tentativas de espelhar os aspectos de Paris em Itabaiana foram muitas. A notícia supracitada preocupa-se em enaltecer a obra, afirmando que o jardim público era “formoso” e localizado em um dos espaços mais agradáveis da cidade, juntamente com um coreto que “se equipara aos de mais moderno estylo”. Tais narrativas são tecidas para buscar legitimar tanto Itabaiana enquanto uma cidade moderna quanto o poder da elite que almejava e estava concretizando o desejo de tornar Itabaiana uma cidade de aspecto moderno, equiparável aos demais centros urbanos que emanavam modernidade. A ideia de progresso tida pela elite era atingida quando essa camada social conseguia gerar esse tipo de impacto nos centros urbanos, o de legitimar os seus desejos ao ponto de impactar a paisagem da cidade com aquilo que eles remetiam ao belo e refinado. A elite itabaianense, não muito diferente das demais elites dessa época, almejava uma cidade com o *glamour* moderno, para que fosse “digna” da estadia deles nesse espaço.

O coreto se torna um dos orgulhos da elite de Itabaiana, os impressos, sempre que possível, enalteciam a obra e demonstravam a sua importância enquanto símbolo do moderno. Em uma revista, intitulada *A Semana*, que teve sua circulação nas primeiras décadas do século XX em Itabaiana, tratava de abordar temas acerca da cidade e enaltecê-la, juntamente com os membros que compunham a elite da cidade.

Imagem 24: Recorte da revista *A Semana* em que traz ênfase na Praça Álvaro Machado e o Coreto.



Fonte: Acervo Flaviano Batista.

É necessário chamar atenção para o título dado à fotografia em questão, utiliza-se equivocadamente o termo de “cidade-jardim” que, como foi discutido anteriormente neste capítulo, essa nomenclatura não dizia respeito a cidades arborizadas ou com uma grande quantidade de jardins públicos, mas sim de um planejamento urbano com várias funções em cada uma das mudanças realizadas, o que não era o caso da cidade de Itabaiana. É possível afirmar que a escolha desse termo tenha sido feita para enaltecer a cidade, para deixá-la equivalente às cidades-jardim da Europa, para assim legitimar a cidade de Itabaiana enquanto moderna.

O modo como a fotografia foi capturada está repleto de intenções, em que a principal fica evidente, que é demonstrar o aspecto moderno de Itabaiana. Dessa forma, mesmo que fora do ângulo capturado a cidade possuísse vielas com a manutenção a desejar e casas mais antigas e com a estrutura comprometida, o que importava estava no que foi capturado, um ângulo em que traz o coreto ao fundo, o símbolo de equivalência de modernidade com as cidades europeias, assim como todo o contexto da praça, com bancos de pedra e até duas pessoas

sentadas, no que parece ter sido uma pose ensaiada, usufruindo da paisagem moderna oferecida pela nova praça. As árvores cercam o coreto, dando o ar de que dizia respeito a um grande jardim que cercava toda a praça, quando na verdade a dimensão da praça não era tão extensa. Todo um ângulo montado pelo fotógrafo, para assim dar o estatuto de cidade bela e moderna a Itabaiana. No entanto, em uma fotografia com um ângulo mais natural, é possível observar os aspectos da praça de maneira mais amplo.

Imagem 25: Praça Álvaro Machado.



Fonte: Acervo Artur Anderson Honório Pereira.

Na imagem acima é possível notar mais detalhes da praça do que a fotografia montada pelo fotógrafo da revista demonstrou. A primeira fotografia apresentada demonstrava apenas o acesso ao coreto, que é possível perceber essa via no canto direito da segunda fotografia. Em volta do que a primeira fotografia capturou, é possível perceber uma praça mais humilde do que a que foi apresentada pela revista. Com ausência de pavimentação, a praça possuía espaços para que os pedestres pudessem caminhar, onde, como é possível perceber, crianças utilizavam desse espaço para suas brincadeiras, como por exemplo, o passeio de bicicleta.

A revista *A Semana* tinha como público-alvo a elite, que eram os que compunham a minoria letrada no início do século XX. Sendo assim, percebe-se que o anseio da elite pelo

progresso atingido pela modernidade era refletido no conteúdo da revista, que trazia os recortes da cidade com as obras que trouxeram para Itabaiana os aspectos do moderno, se precavendo para utilizar ângulos que não deixassem esse estatuto de modernidade em cheque.

O coreto passou a ser sinal de orgulho para a mídia da cidade. O fato de ter tido um custo elevado fazia com que a construção se tornasse detentora de um poder simbólico que representava o *glamour* da modernidade. Sendo assim, sempre que era possível exaltar o coreto, os jornais o faziam. Como ocorreu no impresso *O Jornal*, em 6 de agosto de 1916, que trouxe a seguinte notícia na segunda página do seu caderno:

Agora que a sociedade musical Euterpe Itabayannense se remodelou sob os melhores auspícios, é de esperar que saia do seu eterno mutíssimo e apareça enchendo de vida a cidade e sons, os domingos tristes e melancólicos e quase burgueses de Itabayanna. Tendo o nosso jardim um pavilhão que é o melhor e o mais elegante de todo o Estado e que nos custou rios de dinheiro, unicamente destinado as retretas aos domingos, é de esperar que a Euterpe surja tomando o seu cantinho no referido pavilhão, e dando vida e espancando as tristezas desta cidade tão querida. Principalmente agora, que Itabayanna tem o aspecto de uma capital chic, cheia de elegância e de smartismos, é que há de constituir o clou das villegnaturas amenas, as retretas da Euterpe aos domingos. (O JORNAL, 6 de agosto de 1916, p. 02)

A menção ao coreto é feita com entusiasmo pelo jornal em questão, a estrutura é referenciada na notícia como “um pavilhão que é o melhor e mais elegante de todo o Estado”, para que seja feita a devida legitimação do *glamour* moderno trazido pelo coreto. A notícia também traz aspectos de ostentação acerca da construção, uma vez que o redator achou necessário frisar que a construção “custou rios de dinheiro”. O reforço na afirmação da cidade enquanto moderna prosseguiu no corpo da notícia, segundo ela, a cidade de Itabaiana tinha “o aspecto de uma capital chic, cheia de elegância e de smartismos”. O esforço feito pela mídia local para legitimar Itabaiana como uma cidade moderna se torna perceptível ao fazer análise desse recorte citado, pois a notícia tinha como objetivo relatar acerca de uma banda, chamada Euterpe Itabayannense, que se apresentou no coreto, no entanto, o escritor enfatizou mais as reformas estruturais feitas na cidade do que a própria apresentação em questão.

Acerca da análise do cotidiano no coreto, a notícia traz uma de suas utilizações recorrentes, a de apresentações musicais aos domingos. As fotografias também trazem evidências do uso do coreto no cotidiano da cidade, as crianças se faziam presentes na praça onde o coreto foi instalado, sendo assim, era muito comum que usassem da nova instalação para as suas variadas brincadeiras. Além disso, Maia (2015) relata que era muito comum a utilização do coreto para apresentações políticas, que contou, inclusive com a presença do então senador Epitácio Pessoa, que se tornou, posteriormente, presidente da República.

Por fim, torna-se evidente a importância do coreto para a constituição de Itabaiana enquanto cidade moderna. A estrutura foi mais um dos aspectos modernos que se espelharam no modelo europeu e chegou à cidade para saciar o anseio das elites em equiparar Itabaiana aos grandes centros urbanos do Brasil.

2.3. Considerações

No início do século XX, principalmente nas duas primeiras décadas, a cidade de Itabaiana passou por uma série de transformações impulsionadas pela chegada da modernidade na cidade. O almejado progresso era buscado pela elite local como forma de dar à cidade o estatuto de cidade moderna, para ter uma semelhança, mesmo que com um processo de modernidade sendo regido a uma cadência mais lenta, com os grandes centros urbanos do país, como a própria cidade da Parahyba, atual João Pessoa, que passava por transformações efetuadas pela instalação de signos do moderno em sua estrutura.

Dessa forma, a modernidade e o progresso atuam no processo de transformação de Itabaiana, modificando também o modo técnico da cidade. A paisagem é o primeiro impacto sentido, a cidade se transforma aos olhos, sendo a visão o primeiro sentido que absorve tais mudanças. Novas estruturas, como os trilhos de trem e de bonde, cruzaram o espaço da cidade, novas construções arquitetônicas, como novos modelos de casas e o coreto, passaram a surgir e transformar o modo que a cidade era compreendida pelos olhos dos transeuntes. Essas mudanças ocasionaram em mudanças técnicas de como a cidade passa a ser operada por aqueles que nela vivem.

A chegada do trem, por exemplo, ocasionou toda uma adaptação do trabalho dos carroceiros, de início, até serem pouco a pouco substituídos pelos bondes de tração animal que chegaram na cidade, sendo assim uma segunda transformação técnica dentro da mesma área, a de transporte de cargas. Não apenas o trem, mas os demais aspectos técnicos, como a energia elétrica, o telefone, o cinema e todos os demais citados, trazem um impacto profundo no cotidiano da cidade. Logo, é possível perceber que a chegada da modernidade ocasiona impactos tanto na estrutura física da cidade, sendo algo palpável e visível, quanto na forma como se vive a cidade, sendo essa área com um maior teor de subjetividade, mas também perceptível através da análise e problematizações das fontes.

A cidade de Itabaiana, em transformação pelo advento da modernidade, traz um novo panorama. Após tantas mudanças, tanto em sua paisagem como em seus aspectos técnicos, a cidade começa a ter um panorama de cidade moderna, ostentando alguns dos signos dessa

modernidade almejada. As mudanças atuam em sincronia, modificando a cidade em pontos críticos e modificando completamente o seu cotidiano.

Dessa forma, como foi debatido ao longo deste capítulo, a chegada da modernidade, para alcançar o progresso, modificou a estrutura cultural da cidade, uma vez que as práticas sofrem adaptações à nova cidade moderna que surgia. Sendo assim, por mais que tenha algumas permanências – as rugosidades – a cidade não seria mais a mesma, toda a introdução de novas ferramentas e técnicas fez com que a forma de se viver fosse completamente metamorfoseada, dando adeus à época da feira de gado e dos carroceiros, para saudar a época da *Great Western*.

3. COTIDIANO E CULTURA NA ITABAIANA MODERNA

A modernidade age como um agente transformador da cidade. Nessas transformações, muitos aspectos são modificados, desde os seus aspectos da estrutura concreta, como foi visto no capítulo anterior, envolvendo as edificações, ruas, árvores, o trem, os bondes, postes de iluminação, transportes e todos os elementos que compõem a paisagem urbana. Dessa forma, a estrutura física da cidade ocasiona mudanças também no modo como se vive nesse espaço, no cotidiano.

É importante salientar que primeiramente o que se modifica é a parte física da cidade, formando novos espaços de convivência urbana e destruindo outros para darem espaços a novas composições. Com as transformações oriundas das reformas urbanas, o modo de se viver nesse espaço transformado também sofre mudanças. Sendo assim, a estrutura subjetiva da cidade se modifica, dando luz a novos cotidianos, consequentemente, alterando a cultura da cidade.

É válido destacar que o ritmo da cidade de Itabaiana, mesmo não possuindo a intensidade dos grandes centros urbanos da época, houve ainda assim uma aceleração no seu ritmo devido à implementação da modernidade, mesmo que em uma cadência menor do que a das grandes cidades e com uma presença marcante do rural em suas estruturas. As mudanças técnicas alteraram não só o ritmo da cidade, como também o seu cotidiano, que é revelado na experiência de viver a cidade, que com novos signos do moderno, passou a apresentar novas paisagens e novas funções em algumas edificações e ruas.

Sendo assim, a análise de fontes como jornais, fotografias, crônicas e recortes historiográficos serão cruciais para evidenciar tanto o fato da modernidade da cidade de Itabaiana ter tido uma cadência menor que as grandes cidades, como a questão de ter mantido o contato frequente com o rural. Além disso, essas fontes também revelam o cotidiano da cidade, que acaba se tornando também uma ferramenta para a análise da cidade, quanto ao seu uso por aqueles que a habitavam: seu ritmo, suas estruturas enquanto seus usos e desusos, suas paisagens e entre vários fatores que colaboram para o entendimento da chegada da modernidade na cidade e o seu impacto no cotidiano. No entanto, antes de adentrar na análise das fontes, se faz necessário compreender o conceito de cotidiano adotado para a realização dessa pesquisa.

3.1. O cotidiano em contato com a modernidade

Para o senso comum, o cotidiano significa a rotina do dia a dia, aquilo que o sujeito costuma fazer normalmente em seus dias, desde o despertar até o adormecer, todas as suas práticas e ações montam a sua rotina. No entanto, para as ciências humanas e sociais, esse conceito atua de maneira mais profunda. Com a mudança gerada pelos Annales na historiografia, o cotidiano torna-se um objeto de estudo tão relevante quanto as análises políticas e econômicas que guiaram a ciência histórica até então. Fazendo parte da terceira geração da Escola dos Annales, Michel de Certeau colaborou para o desenvolvimento do conceito sobre o cotidiano. Em sua definição, o autor afirma:

O cotidiano é aquilo que nos é dado cada dia (ou que nos cabe em partilha), nos pressiona dia após dia, nos oprime, pois existe uma opressão do presente. Todo dia, pela manhã, aquilo que assumimos, ao despertar, é o peso da vida, a dificuldade de viver, ou de viver nesta ou noutra condição, com esta fadiga, com este desejo. O cotidiano é aquilo que nos prende intimamente, a partir do interior. É uma história a meio-caminho de nós mesmos, quase em retirada, às vezes velada. Não se deve esquecer este “mundo memória”, segundo a expressão de Péguy. É um mundo que amamos profundamente, memória olfativa, memória dos lugares da infância, memória do corpo, dos gestos da infância, dos prazeres. Talvez não seja inútil sublinhar a importância do domínio desta história “irracional”, ou desta “não história”, como o diz ainda A. Dupront. O que interessa ao historiador do cotidiano é o Invisível... (CERTAU, 2013, p. 31)

Sendo assim, o autor nos aponta que o cotidiano se faz naturalmente no correr dos dias, tanto no concreto como no abstrato, tanto nas práticas como nos sentimentos. Aquele que busca adentrar no estudo desse universo de memórias deve estar apto a identificar os rastros de cotidiano deixados nas fontes. Utilizando das palavras do autor, o cotidiano é invisível, no entanto, cabe adicionar que essa invisibilidade não significa que não possa ser percebido quando utilizada a abordagem condizente. Aos olhos comuns por estar ocorrendo em tempo real, tal cotidiano pode passar despercebido, ou seja, invisível, porém, é perceptível nas lentes do historiador do cotidiano, que percebe suas evidências deixadas em seus rastros nas fontes.

Essa nova abordagem historiográfica, que toma um grau de protagonismo dado pelos Annales, se caracteriza por possuir uma maior importância na formação da cultura e da sociedade. Agnes Heller (1992), ao discutir sobre cotidiano, aponta que:

A vida cotidiana é, em grande medida, heterogênea; e isso sob vários aspectos, sobretudo no que se refere ao conteúdo e à significação ou importância de nossos tipos de atividade. São partes orgânicas da vida cotidiana: a organização do trabalho e da vida privada, os lazeres e o descanso a atividade social sistematizada, o intercâmbio e a purificação. [...] Mas a significação da vida cotidiana tal como seu conteúdo, não é apenas heterogênea, mas igualmente hierárquica. Todavia, diferentemente da circunstância da heterogeneidade, a forma concreta da hierarquia não é eterna e imutável, mas se modifica de modo específico em função das diferentes estruturas econômico-sociais. (HELLER, 1992. p. 18)

Utilizando da linha de pensamento de Heller, é possível compreender que o entendimento do senso comum está inserido no pensamento da autora no momento que ela cita a organização do trabalho e da vida privada de forma sistêmica. Todavia, a autora também traz profundidade para o entendimento desse conceito, afirmando a sua flexibilidade ao longo do tempo, o cotidiano não se trata de um entendimento inerte, ele está sujeito a mudanças ao longo do tempo que são geradas através das estruturas econômicas e sociais.

Entender o cotidiano de determinado povo ou espaço é entender o comportamento desse objeto de estudo e, com isso, compreender como se desenvolvem as relações ao longo do dia desse determinado objeto. Entender o cotidiano é compreender o *modus vivendi*, com isso também se absorve a cultura que se pretende analisar.

O cotidiano da cidade é a vida da cidade. Seus vários cotidianos remontam sua história e é o cidadão que exerce o papel de habitar esse espaço e dar movimento a essa cotidianidade. Ora, diferente do campo, a cidade não é um organismo vivo, é composta por construções humanas que precisam das ações deles para continuar existindo. Essas ações são exercidas através desses vários cotidianos que geram a memória e a história da cidade. De acordo com Pesavento (2005):

O tempo das cidades é múltiplo e está sempre a ser construído, pois a cidade é uma contínua reinvenção do mundo no espaço: desde o tempo do presente, onde se realizam as opções políticas e se decidem as intervenções sobre o urbano, a cidade se reconstrói continuamente, tendo por horizonte o passado e o futuro. Habitar uma cidade, viver em espaço urbano é, forçosamente, dotá-la de condições para que nela se exerça a vida para além do tempo do agora, do cotidiano da existência. O presente da cidade, tempo da vida, é um momento no espaço onde se reabilita o passado da *urbs*, material e imaterial, para que nela as pessoas se reconheçam e identifiquem, ancorando suas referências de memória e história. Mas o presente das cidades é também aquele tempo onde se pensa o futuro, se articulam planos e projetos de renovação do espaço, em antecipação, por vezes utópica, de um outro tempo ainda a realizar-se. Uma cidade, pois, inventa seu passado e cria o seu futuro para explicar o seu presente. (PESAVENTO, 2005, p. 14)

Os múltiplos tempos das cidades, como afirma a autora supracitada, são causados por vários momentos de ruptura de cotidiano. Sempre que um processo histórico faz com que o cotidiano da sociedade seja modificado em aspectos sociais, culturais, políticos e econômicos, temos um momento de ruptura e um novo tempo surge em meio a essa multiplicidade. No entanto, mesmo com muitas rupturas, vale salientar que alguns aspectos ainda continuam sem mudanças – ou são mudanças em graus menores – isso implica na existência de uma rugosidade cultural, ou seja, mesmo modificando-se alguns aspectos da cultura cotidiana do espaço,

algumas dessas práticas continuam a existir. Um exemplo dessa permanência de práticas é o de levar assentos para as calçadas ao entardecer, prática essa que é muito comum ainda em cidades do interior. Nas grandes metrópoles, devido a vários fatores como a violência, essa prática se tornou rara, porém, nas cidades mais pacatas, é comum de se observar essas práticas ainda nos dias de hoje. A permanência dessa prática demonstra que a ruptura do cotidiano, mesmo que aconteça com grande intensidade, ainda conserva alguns aspectos do modelo antecessor de cultura.

Quando se fala do cotidiano citadino é necessário compreender que todos os aspectos da estrutura social da cidade estão atuando nos sujeitos. Dessa forma, a esfera político-econômica se funde com a sociocultural para poder gerar o cotidiano do sujeito. Nesse sentido, Certeau (2013) em seu estudo sobre o cotidiano entende que ele surge como um espaço de luta onde se desenvolvem relações de poder pelo exercício do controle. As estratégias disciplinadoras dos “dominadores produtores” estariam indo de encontro às táticas de resistência desenvolvidas pelos “dominados consumidores”. Sendo assim, a vida cotidiana se manifestaria nessa arena de conflitos, definindo assim, o espaço de cada habitante na grande configuração do cotidiano da cidade, imersa em inúmeras representações, símbolos e estruturas do poder.

Dessa forma, ao entender o cotidiano da cidade como um dos seus aspectos culturais logo precisou levar em consideração o fato do que move a cidade contemporânea, o que nos aponta para uma resposta rápida: o capital. Entendendo a configuração das estruturas das cidades atuais, é possível perceber como os locais onde foram/são focos comerciais tem um movimento maior, de carga e de pessoas, logo, o tráfego cultural nesse espaço também é mais frequente. No caso de Itabaiana, o que geriu a formação da cidade foi o impulso do mercado de gados, ou seja, um foco comercial.

A modernização da cidade traz amplas mudanças em toda a sua estrutura, da habitação ao meio de transporte, da forma de produzir produtos à forma de transportá-los. Esse novo aspecto moderno surge com um impacto maior no cenário econômico, mas também afeta a esfera do social, político, cultural e consequentemente aquilo que vive imerso nessas quatro grandes esferas: o cotidiano, que passa a ser afetado principalmente pelas mudanças das técnicas que vêm como uma consequência da modernidade.

A modernidade tem o seu aceleração no período pós-industrial, o que traz uma série de padrões a serem seguidos na cidade para se alcançar o “progresso”. Novos elementos passam a integrar a cidade e novas formas de fazer e de viver surgem no cotidiano citadino. Nesse sentido, Cabral Filho (2009) aponta que:

Este processo de modernização, reflexo na implementação de equipamentos marcados pela mais atualizada tecnologia, [...] as transformações de natureza social, econômica, política e mental experimentadas ao longo deste percurso, se imiscuíram às vezes tensas e conflituosas e às vezes de franca harmonia. Acreditamos que a vida cotidiana expressas os agentes sociais em sua plenitude, em suas formas de relacionamento com o mundo em que vivem, e esse aspecto denuncia o caráter heterogêneo, mas também hierárquico da diversidade de maneiras de viver. (CABRAL FILHO, 2009, p. 133)

Essas maneiras de viver na cidade em contato com o moderno dizem respeito ao contato dos cidadãos com os signos do moderno que chegam até o espaço urbano. Nesse momento observa-se que o cotidiano, ao se entrelaçar com a modernidade e tudo aquilo que a impulsiona, traz à tona também a questão da cultura material que circunda a cidade. Ora, o cotidiano da cidade vem sendo modificado ao ponto que novos objetos modernos chegam ao ambiente cidadão e modificam o ritmo do espaço e dos seus habitantes, logo, esses objetos deixam clara a existência de uma cultura material nesse aspecto. Braudel (1995) aborda sobre isso em uma de suas obras, em que o autor traz uma reflexão do que ele chama de “civilização material”, que diz respeito ao consumo de materiais colocado à disposição pela natureza e que são selecionados de acordo com as necessidades dos consumidores. Esse consumo gera o que o autor mostra como pequenos movimentos de mudanças e permanências que geram o que o autor chama de “costumeiro”. Com isso, o cotidiano é estudado através das ocorrências vindas da sociedade em seu acesso ao material e a formação de uma vida material.

Apesar de o cotidiano ser um conceito sobre uma prática, algo imaterial, ele passa a ser apreendido através dos materiais, como o vestuário, os alimentos, os meios de transporte, indústrias, fazendas e tudo aquilo que foi instrumentalizado e construído pelo homem. O contato dos cidadãos com a materialidade da cidade deixa em evidência o *modus vivendi* do ambiente urbano. Para reforçar essa reflexão, pede-se suporte a Cabral Filho (2009):

Acreditamos que a ênfase no material contribui para que se possa colocar, no primeiro plano da História, os homens e as mulheres em suas experiências mais amplas. O seu contato direto com a materialidade reflexa nos objetos componentes do seu mundo dá margem para que pensemos nas condições de trabalho e de vida, mas também nos desejos, nas necessidades e nas possibilidades de satisfazê-las ou não. Os objetos utilizados pelas populações, as relações homens/coisas, nas mais diversas sociedades, são elementos que nos permitem interpretar tais sociedades, pois estes objetos servem como indicativos para as alterações sócio-econômicas sofridas, assim como as alterações e as permanências de natureza cultural e mental. (CABRAL FILHO, 2009, p. 139)

Sendo assim, a cultura material torna possível entender as alterações na sociedade ao longo do tempo, os variados elementos materiais que compõe uma cidade, ao serem observados

em um determinado recorte temporal, demonstram uma mudança comportamental na sociedade, seja essa mudança de cunho cultural ou das mentalidades, como sugere o autor citado anteriormente.

A modernidade, ao chegar à determinada sociedade, irá de encontro à cultura material do espaço onde se vive e gerar uma transformação cultural nesse lugar. O ritmo da cidade muda, o modo como as pessoas organizam o seu dia também será modificado, as vestimentas, práticas e objetos sofrem influências de outros lugares que antes não teriam acesso a essa cidade e com a chegada de instrumentos modernos a distância não se torna mais problema. O moderno chega para revolucionar o cotidiano citadino. Acerca do ritmo da cidade, Ana Fani Carlos (2021) aponta:

O ritmo da cidade, esse tempo-duração, marca de tal modo a vida das pessoas que estas perdem a identificação com o lugar e com as outras pessoas. A duração é determinada por um tempo que tem a dimensão do produzir-se social e historicamente diferente do tempo biológico que é determinado pela natureza. Na realidade, essa noção de tempo, que permeia a vida de relações, alude à situação do homem no mundo moderno, conflituosa e contraditória. (CARLOS, 2021, p. 18)

A cidade cria seu próprio tempo-duração, o ritmo que ela comporta é de uma natureza tirânica, não respeita os demais ritmos, como o biológico, por exemplo, colocando assim, as necessidades da cidade acima das dos seus habitantes. Dessa forma, o que se observa no ambiente urbano é um aceleração do ritmo em prol da otimização do tempo para que se possa maximizar a produção. Sendo assim, é possível afirmar que o que rege o ritmo da cidade é a mercadoria, que traz consigo a cultura da produção e o consumo atrelado ao capital. Segundo Carlos (2021):

O mundo dos homens é cada vez mais o mundo da mercadoria e do que é possível comprar. A relação das pessoas – mediada pelo dinheiro – passa pela relação das coisas. “Me perdoe a pressa, é a alma dos nossos negócios” ou ainda “Tudo bem, eu vou indo correndo pegar meu lugar no futuro”. Essas metáforas expressam de forma clara o fato de que a relação entre as pessoas na metrópole é mediada pela mercadoria, pelo dinheiro. [...] O andar apressado, o olhar distante e frio, um único pensamento: chegar depressa em algum lugar. São os papéis que assumimos ou nos são impostos pela sociedade urbana hoje. (CARLOS, 2021, p. 19)

Sendo assim, o cotidiano citadino é afetado pelo sistema econômico vigente que rege o ritmo da cidade. Esse ritmo também é impulsionado pela modernidade, que traz consigo novas tecnologias que tornam o processo de troca de mercadorias mais rápido, afetando também o cotidiano. As novas técnicas, tanto de transporte como as de produção, avançam pela cidade e modificam todo o espaço por onde passa.

O avanço das técnicas é notável nas mudanças estruturais da cidade, tanto em sua parte concreta como na subjetiva. Quando surgem novas técnicas, essas passam a substituir, parcialmente, as antigas. Todavia, é válido acrescentar que assim como nas estruturas físicas, a rugosidade também se faz presente nos aspectos subjetivos da cidade, práticas do antigo cotidiano ainda prevalecem em alguns espaços da cidade transformada. As técnicas também geram impacto no cotidiano citadino, uma vez que modificam o modo como a cidade é instrumentalizada.

Devido às mudanças ocorridas na estrutura física da cidade, a sua parte subjetiva se metamorfoseia, fazendo emergir um novo modo de apreender a cidade. O desenvolvimento econômico que trouxe consigo os novos serviços e equipamentos urbanos, trouxe também uma mudança na cultura, que consiste em como a cidade é vista e vivida após as mudanças oriundas da modernidade. Nesse sentido, de acordo com Chagas (2004):

A modernização das cidades brasileiras se confunde com a implementação dos serviços e equipamentos urbanos, ou com as transformações na paisagem, estando relacionada ao processo de desenvolvimento econômico e consequente à industrialização. [...] Não podemos negar esse fato, mas a modernização das cidades também é resultante das questões culturais, o que incide na mudança de mentalidade, ou seja, na nova forma como os sujeitos apreendem o espaço e se relacionam com o meio no qual se encontram inseridos. (CHAGAS, 2004, p. 119)

Sendo assim, o processo de urbanização – que traz a modernização – insere mudanças também nas pessoas que habitam a cidade moderna. O cotidiano moderno é caracterizado por novas práticas inseridas na vida dos habitantes da cidade que até então não existiam ou eram desconhecidas por eles. A modernidade modifica tanto a estrutura da cidade como os seus habitantes. Surge o “citadino moderno”, aquele que tem sua cultura cotidiana modificada pela modernidade na qual está inserido.

Adequando-se ao novo ritmo ditado pelo sistema econômico vigente, o citadino moderno passa a desejar usufruir das novidades trazidas pela modernidade: frequentar os novos espaços, modificar o seu vestuário, consumir os melhoramentos de vida que foram ofertados pelas mudanças recém-chegadas. Sobre essa mudança comportamental dos habitantes da cidade, Chagas (2004) aponta:

Por outro lado, esse tipo de comportamento conquistou espaço, estimulou o comércio, transformou os hábitos de morar e de se portar. A vida pública e urbana mudou o sentido e significado do viver e conviver. De certa forma, a modernidade adquiriu vários significados não só porque diferentes práticas foram possíveis, mas, principalmente, porque esteve diretamente relacionada às condições econômicas das cidades brasileiras. (CHAGAS, 2004, p. 120)

A modernidade assume assim várias facetas. No seu lado mais visível, palpável e tangível, é percebida nas mudanças estruturais, sejam nos grandes maquinários que modificam os sistemas de produção, sejam nas estruturas arquitetônicas que modificam a paisagem urbana e oferecem uma visão da modernidade cristalizada. Já no âmbito do subjetivo e do intangível, percebe-se as representações, nesse aspecto, a modernidade surge como uma representação do progresso econômico e científico. Nesse sentido, tais representações são percebidas através do comportamento da sociedade com os objetos do moderno: novos comportamentos, novas práticas e novas mudanças percebidas na cidade moderna, se torna uma representação da modernidade em algum de seus aspectos. Chagas (2004), ao dialogar com Padilha (2001), afirma que podemos tratar a modernidade

Como a era do maquinismo e da tecnologia, responsáveis por novas experiências sensoriais atreladas, muitas vezes, à conquista da velocidade e a modernidade como estilo de vida cosmopolita e metropolitano, teatralizado na obrigatória familiaridade com requintados hábitos de consumo e de lazer dos maiores centros urbanos (PADILHA, 2001 apud CHAGAS, 2004, p. 120)

A modernidade ocasiona o que o autor chama de “conquista da velocidade”, que nos remete à questão da aceleração do ritmo, que, por sua vez, demanda tanto o rápido transporte de mercadorias quanto uma maior velocidade nas informações, que são conquistados através da modernidade. Dessa forma, é possível afirmar que a aceleração do ritmo e a modernidade trabalham em uma relação dialética. Nas sociedades modernas e de ritmo acelerado, a informação toma o estatuto de mercadoria e com isso, surgem os meios de produção que passam a criar os produtos que veiculam a informação e serão cruciais para a análise do cotidiano da cidade: os jornais.

3.2. Jornais: as vitrines do cotidiano

Como visto até aqui, os jornais não são exclusividade desse capítulo, porém, nesse momento, esses impressos serão o centro da discussão para que sejam extraídas as evidências buscadas. Sendo assim, uma discussão inicial acerca dos jornais, com ênfase na sua influência no início do século XX, se faz necessária.

A imprensa chega no Brasil no início do século XIX, trazida pela família real. A partir dela surge o primeiro jornal brasileiro. No entanto, sabe-se que o alcance dessa imprensa imperial era limitado, não chegando a abarcar todo o Brasil. A imprensa teve o seu

desenvolvimento e foi se tornando mais comum, estando atrelado também às classes urbanas, os profissionais liberais.

No início do século XX, o jornal carrega consigo o dever de informar os cidadãos com periodicidade que podia variar entre um jornal e outro. O cidadão moderno preza em estar bem-informado com as notícias da sua cidade e da circunvizinhança, dessa forma ele tem a garantia que não perderia nenhuma nova informação sobre qualquer novidade que a modernidade trouxesse para alavancar o progresso. Ao tratar do cidadão da Cidade da Parahyba, entre 1910 e 1930, e seu contato com os jornais, Chagas (2004) aponta:

Na Parahyba, as elites se apropriaram dos emblemas modernos e os vivenciaram cotidianamente. Nessa trama, a propaganda veiculada nos periódicos foi utilizada como recurso capaz de divulgar as novidades na arte de viver modernamente. Assim, a leitura de jornais edificou-se como hábito dos homens e mulheres modernos, transformando-os em anônimos comentaristas dos fatos e ao mesmo tempo, consumidores dos produtos anunciados nas páginas dos jornais. Nessa perspectiva, o que era ser um homem ou uma mulher moderno/moderna? Na Parahyba esse conceito também assumiu vários significados, a exemplo de “estar bem vestido”, “morar na área central da Capital”, “expressar-se bem em público”, “frequentar o cinema, o teatro” e “consumir os artigos de luxo importados da Europa”. Não havia um único emblema que condensasse a nova realidade, mas emblemas em que estavam manifestas várias possibilidades de se portar. (CHAGAS, 2004, p. 120-121)

Os jornais, como dito anteriormente, não foram novidades do século XX, no entanto, os que circulavam nesse século, por estarem imersos em um contexto de várias mudanças técnicas e culturais trazidas pela modernidade, acabavam por receber a alcunha de arautos da modernidade. Vindo como um mensageiro, o jornal divulgava o estilo de vida moderno, que era regido por um estímulo ao consumo, ocasionando assim, como aponta o autor supracitado, uma mudança nos hábitos dos homens e mulheres modernos. Esses sujeitos almejavam fazer parte do moderno, então por isso, precisavam ler os jornais para sempre se informarem acerca das novidades modernas que viriam a seguir. Sobre a questão das publicidades atreladas a condição da modernidade, Sevcenko (1992) afirma:

nos termos da nova tecnologia publicitária, essa palavra se torna a peça decisiva para captar e mobilizar as fantasias excitadas e projeções ansiosas da metrópole fervilhante. Não há limite para o seu uso e, embora na sua raiz ela comporte um mero registro temporal, na semântica publicitária ela capitaliza as melhores energias da imaginação e se traduz, por si só, no mais sólido predicado ético em meio à vasta expectativa por uma vida melhor. (SEVCENKO, 1992, p. 258)

O ser humano sempre deseja uma melhoria de vida, sendo assim, a modernidade passa a representar o caminho pelo qual o sujeito atingiria uma melhor qualidade dos seus dias. Dessa forma, como afirma Sevcenko (1992), quando a publicidade se apropria da modernidade em

suas narrativas, ela deixa de representar apenas um marco temporal que indica uma mudança de técnicas e hábitos, mas também passa também a representar valores intrínsecos à mentalidade da época e refletir os desejos da sociedade, que seria uma expectativa por uma vida melhor, que seria ofertada pelos avanços da modernidade, gerando conforto e melhoria de vida no cotidiano.

É importante perceber que Chagas (2004), em sua fala, enfatiza a presença das elites quando se fala em consumo de jornais. O jornal, no início do século XX, era veiculado para um setor privilegiado da sociedade: aqueles que sabiam ler. De certa forma, o maior índice de pessoas letradas encontrava-se dentro da camada social da elite, logo, a linguagem do jornal, assim como o seu conteúdo, eram voltados para esses sujeitos. Sendo assim, as páginas dedicadas às publicidades, conhecendo o público leitor, eram adaptadas para estimular o consumo destes. Logo, a elite compunha os principais consumidores do jornal, as mudanças precisavam ser identificadas por essa camada social e o jornal era uma fonte de informação sobre essas mudanças. Segundo Chagas (2004):

Quem desejasse ser moderno, precisava apreender a aspirar à mudança: não bastava apenas estar aptos às mudanças em sua vida pessoal e social, mas ir efetivamente em busca de mudanças, procurá-las de maneira ativa, levando-as adiante. Nas vitrines das lojas de tecidos, confecções e magazines, os artigos importados passaram a ser expostos num gesto de convite à população ao consumo e ao hábito de bem se vestir. Incorporar esses hábitos ao cotidiano significava estar em dia com o novo tempo. (CHAGAS, 2004, p. 122)

Mesmo que o autor citado tenha como objeto de estudo a Cidade da Parahyba, as reflexões dele acerca da questão da modernidade e das mudanças urbanas cabem dentro da discussão acerca de Itabaiana no início do século XX. A modernidade atua diferentemente em cada local onde atua, no entanto, ela segue alguns parâmetros, fazendo com que os seus impactos se assemelhem em alguns aspectos, mesmo que com diferentes graus.

A cidade mudava e, com suas mudanças, os hábitos daqueles que a habitavam também sofreram mudanças. O ritmo da cidade é guiado pelo sistema econômico vigente, no caso de Itabaiana, assim como a Cidade da Parahyba, o consumo foi estimulado pelos jornais que chegavam nas mãos dos leitores com várias publicidades acerca dos produtos que eram comercializados no centro da cidade. Os jornais vendiam o discurso da modernidade, aproveitando-se da expectativa por uma vida melhor que circulava a mentalidade dos cidadãos.

A cidade de Itabaiana havia sofrido transformações nas primeiras décadas do século XX. Os itabaianenses presenciaram a formação de novos espaços públicos, como as praças e os jardins, que demonstravam aspectos do moderno e carregavam consigo os signos da época.

Dessa forma, tais modificações possibilitaram que o cidadão vivesse a modernidade e fosse moderno. Os jornais noticiam sobre o cotidiano da cidade, trazendo o registro escrito sobre o que ocorria nesses logradouros públicos onde ocorriam a vida moderna de Itabaiana.

3.2.1. As publicidades e o cotidiano comercial

O comércio em Itabaiana após a chegada da linha férrea passou a ter um ritmo mais acelerado do que foi outrora. O trem possibilitou a chegada de mais mercadorias em menos tempo pela cidade. Dessa forma, parte dos produtos que se encontravam nas vitrines das grandes capitais, como a Cidade da Parahyba e Recife, também se encontravam em Itabaiana pelo fato da cidade ser o ponto de ligação entre as duas capitais. O fato dessa conexão existir fazia com que Itabaiana respirasse os ares das capitais, tanto a paraibana quanto a pernambucana.

Em relação aos jornais, a discussão terá início com as análises feitas a partir das páginas de publicidade na busca de extrair aspectos do cotidiano comercial da cidade. Dessa forma, pode-se dizer que os jornais auxiliavam o processo de aceleração do ritmo comercial no centro da cidade, as publicidades atraíam clientes para transitar pela principal avenida da cidade, onde se encontrava a maior parte das lojas que vendiam artigos variados. O trem realizava o processo de trazer a mercadoria e viajantes para o comércio itabaianense, já os jornais atuavam no que diz respeito à divulgação dessas mercadorias, atraindo os clientes que almejavam estar atualizados nos parâmetros da modernidade. Na cidade moderna, de acordo com Chagas (2004):

a leitura de jornais também passou a ser um hábito comum aos habitantes melhor afortunados das cidades, consumidores em potencial, fazendo com que neles os proprietários de lojas, magazines e butiques divulgassem os seus artigos. Essa foi uma condição decorrente do fato da publicidade surgir como uma possibilidade de comunicação própria das cidades modernas. As lojas então publicavam reclames como recurso de propaganda, como meio de atrair clientela e convencê-las a consumirem o que era de uso comum no Recife ou no Rio de Janeiro. (CHAGAS, 2004, p. 122)

Sendo assim, as lojas utilizavam dos jornais para fazer com que o consumo de seus produtos tivesse um aumento. A publicidade atraía os consumidores para conhecer as lojas que tinham perfis variados: tabacarias, farmácias, lojas de tecido, lojas de sapatos e entre outros que deixavam o comércio de Itabaiana com uma pluralidade de produtos considerável.

É importante levar em consideração que os jornais não eram a única fonte de informação acerca dos produtos que eram ofertados. Os prováveis consumidores também encontravam

informações acerca das lojas em conversas informais em meio à cidade, nesse caso, é interessante perceber a relevância dos logradouros públicos da cidade, as praças estimulavam a sociabilidade, onde surgiram assuntos acerca do comércio, favorecendo assim o aumento do ritmo de vendas. Além das praças, a própria rua principal da cidade²⁶, que era arborizada no período proposto, ofertava espaços agradáveis para as pessoas dialogarem acerca do comércio da cidade e dos preços ofertados enquanto se abrigavam do sol.

Decerto as informações acerca dos produtos comercializados chegavam ao conhecimento dos cidadãos de variadas formas além da imprensa. A cidade moderna ofertava mais espaços de sociabilidade para a troca desse tipo de informação, no entanto, é preciso considerar que esses espaços também eram frequentados por aqueles que apreciavam a leitura do jornal ao ar livre e que, após terminada a leitura, tivesse alguém para comentar aquilo que foi lido durante o período em que esse sujeito permaneceu no local. As praças, os jardins e os cafés contavam com a presença de leitores que apreciavam a experiência da leitura nesses locais.

Vários jornais circularam na cidade de Itabaiana durante o início do século XX. Dessa forma, antes de adentrar nas páginas de cada um dos jornais que serão expostos adiante, se faz necessário uma abordagem acerca da origem desses impressos, para isso, Sabiniano Maia torna-se, mais uma vez, um farol para esses detalhes.

O primeiro jornal a ser abordado é o primeiro que surgiu na cidade, com o nome de *O Município*, que foi abordado rapidamente no primeiro capítulo desse trabalho ao se falar de Heráclito Cavalcanti. Esse jornal que circulou na cidade de Itabaiana de 1908 até 1915, teve como membros, segundo Maia (2015), as seguintes pessoas: Heráclito Cavalcante, Manoel Paiva, José Mindelo, Adalberto Raunero, Geminiano Filho e Eugênio Monteiro. O jornal circulava semanalmente. Maia (2015) teve acesso a cartas de Arthur Coelho, enviadas para o General Mindelo, filho de Heráclito Cavalcanti, membro do quadro de funcionários do jornal. Nessa carta, Arthur Coelho fala sobre a origem do jornal *O Município*. O trecho extraído por Maia (2015) conta:

O Tabelião João Batista Lins, amigo do dr. Heráclito, descobriu à venda num convento da Paraíba, uma pequena tipografia constante de tipos usados e prelo manual e por preço “quase de graça”. – Quanto? Pela bagatela de 500 mil réis. Uma pechincha! A notícia foi dada por João Lins à Prefeitura de Itabaiana, que pôs o dinheiro à vista para

²⁶ O nome atual da rua é Rua Presidente João Pessoa. No entanto, de acordo com Maia (2015), essa rua teve outros nomes que eram utilizados anteriormente e que devido a sua largura, ela tinha nomes específicos, separando-se em duas vias. Os nomes formais desses trechos eram: Rua Monsenhor Walfredo Leal e Rua Heráclito Cavalcanti. Informalmente, ambas eram chamadas de: Rua Grande e Rua do Comércio, separadas entre primeiro e segundo trecho

a compra. João Lins, o entusiasta da empresa, recebeu o material chegado: tipos velhos empastelados e um prelinho de mão, que parecia um gato preto de cócoras. Mas isso não o desanimava. O tabelião tinha na mocidade trabalho como impressor e tipógrafo num jornalzinho de estudantes na Paraíba, e foi ele, o bravo João Lins, meio alquebrado por dores lombares, que tomou a si “fazer” o jornal: e “fez” mesmo para o aplauso de todos. O nome escolhido – O Município – e por legenda – “Laboremus” – com convite ao trabalho. Circulação semanal de 500 exemplares. A convite de João Lins entrei para o grupo empreendedor como seu aprendiz de tipógrafo e em pouco estava senhor na técnica e manejo do pequeno periódico. Quando o jornal saiu o primeiro número, foi um assombro. Que bonitinho e bem zelado! Houve quem lêsse muitas vezes e o decorasse. (COELHO, 1973 apud MAIA, 2015, p. 345-346)

O trecho acima traz detalhes interessantes acerca da origem do jornal *O Município*. De certa forma, de acordo com o escritor da carta, Arthur Coelho, a origem do jornal foi devido a um acaso. O equipamento necessário para iniciar o processo de produção dos impressos foi adquirido por um preço bem abaixo do comum, como cita o narrador: “Pela bagatela de 500 mil réis. Uma pechincha!”. É importante perceber que o equipamento, de acordo com a descrição, já estava com marcas do tempo, com “tipos velhos empastelados e um prelinho de mão”, que pode justificar o preço baixo do produto. O prelo de mão representava uma técnica que estava entrando em desuso, ainda assim, essas limitações do equipamento não impossibilitaram o jornal de surgir e ter uma tiragem de número relativamente alto, se levadas em consideração as limitações técnicas enfrentadas no início desse impresso.

As publicidades que estavam presentes no jornal eram de locais variados, contendo também menções a estabelecimentos de outras cidades, como Campina Grande, Recife e Cidade da Parahyba. Os anúncios se faziam presente no final do impresso, ocupando as últimas páginas. Em alguns casos apresentavam artes visuais, mas em sua maioria, apenas textos.

Imagem 26: Página de publicidade do jornal *O município*, edição de 31 de maio de 1908, n. 2, ano 1.

O MUNICIPIO

A CAMELIA
DE
LUCINDO DE M. CARNEIRO
Completo sortimento de fazendas finas,
chapéus, calçados, miudezas, perfumaria
objectos de luxo, etc.
Vendas em grosso e a retalho.
Preços sem competencia

RUA MONS: WOLFREDO

LEAL N. 27

.....

COMPLETO SORTIMENTO
DE
Miudeza, Ferragens, Tintas e Materias para

FOGOS

MENEZES & IRMÃO
RUA DO COMMERÇIO N. 21

ITABAYANNA

.....

**BAZAR
MODERNO**
Rua do Commercio
ITABAYANNA

Neste bem montado estabelecimento en-
contrarão sempre os bons freguezes o mais
lindo e variadissimo sortimento de Brins, Ca-

simira, Alpacões, Mirinos, Sedas, Sedinhas,
Cambrás de todas as qualidades, Fantásias
de diversos gostos, Rendás, Bicos, Babados,
Guarnições para vestidos, Chapéus, Chapéus
de sol, calçados nacionaes e estrangeiros pa-
ra Homens, Senhoras e creanças, Véos e Ca-
pellas para noiva, Enxovaes para baptizados
e muito artigos q' seria enfadonho enumerar
Preços sem competencia. Agrado e sinceridade

LOURENÇO DE S. E SILVA
.....

AGUIA VERMELHA
MELLO & C^{IA}

**Grande sortimento
em fazendas, calça-
dos, etc.**

**RUA MONSENHOR WAL-
FREDO LEAL N. 28.**

ITABAYANNA
.....

LOJA de fazendas
A PRIMAVERA
RUA MONSENHOR WOLFREDO LEAL N. 16

Neste bem montado estabelecimento o
respeitavel publico encontrará um importan-
te sortimento em fazendas de todas as quali-
dades como sejam: Chapéus nacionaes e es-
trangeiros para homens, senhoras e crean-
ças, calçados nacionaes e estrangeiros para
homens, senhoras e creanças.
Garante-se muita sinceridade nos preços.

MARCA EMIGRANTE SERRANO
Itabaianna

Fonte: IHGP.

Dentre os estabelecimentos anunciados no jornal, percebe-se uma recorrência de lojas de tecidos e acessórios, como chapéus e calçados. É possível notar a questão da concentração de lojas da Rua Monsenhor Walfredo Leal, que era o nome da via principal da cidade, a artéria itabaianense que cortava todo o centro da cidade. Tal aspecto torna possível perceber que era

nessa rua onde o fluxo tinha uma das maiores intensidades da cidade, com pessoas indo e vindo, buscando seus produtos, vendendo itens, com as negociações ocorrendo em meio às vendas. Pessoas que, por muitas vezes, buscavam itens que as enquadrassem no modelo de cultura visto como elegante, ou como dito nas páginas dos jornais da época: “chic”.

Dessa forma, essa concentração de comércios nessa determinada rua, como dito acima, ocasionava um grande tráfego de pessoas, algumas só de passagem, outros curiosos com os produtos e aqueles que estavam ávidos para comprar as novidades que chegavam das capitais que faziam conexão com a linha férrea de Itabaiana. Tal conexão era de suma importância para o funcionamento do ritmo da cidade, a chegada e a partida de produtos faziam com que o centro da cidade fervilhasse de prováveis consumidores.

Em 1908, o ano de publicação do jornal em questão, através da análise dos anúncios referentes a *O Município*, percebe-se a predominância de lojas de tecido, logo, se faz necessário analisar profundamente os anúncios para extrair evidências que possam possibilitar o pensar do cotidiano econômico e cultural dessa época. No que diz respeito ao cotidiano econômico, é possível observar as demandas de produtos existentes na cidade que dizem respeito aos aspectos ligados ao que era considerado moderno, assim como perceber também o impacto cultural que esses itens podem trazer consigo. Ou seja, através de um anúncio é possível apreender a influência cultural da cidade, assim como o que circulava com frequência no ambiente analisado.

No primeiro anúncio, no canto superior esquerdo da imagem, encontra-se a publicidade referente ao estabelecimento “A Camelia”, em que chamam atenção as ferramentas linguísticas utilizadas pelo anunciante para informar o tipo de produto que a loja vendia. O anunciante, em sua narrativa, chama atenção para os seguintes produtos: fazendas finas, chapéus, calçados, miudezas, perfumaria, objetos de luxo, etc. Na sequência citada, parando em “artigos de luxo”, percebe-se que o anunciante não desejou entrar em detalhes sobre quais produtos compunham o restante do acervo da loja, resumindo o restante apenas a um “etc”. Dessa forma, pode-se dizer que a ênfase buscada foi para esses artigos de luxo, sendo assim, o objetivo foi atrair fregueses abastados para que pudesse vender seus produtos.

Como dito anteriormente, o público-alvo dos jornais não eram as pessoas da camada baixa da sociedade, eram as das camadas médias e altas, que seriam aqueles que sabiam ler e que teriam o dinheiro necessário para realizar a compra do impresso, pois, uma vez que esse item não se configure como item de primeira necessidade, as camadas mais baixas não terão interesse em adquiri-lo. Um jornal voltado para as elites teria de veicular notícias e anúncios para as elites, dessa forma, as publicidades, no caso da loja “A Camelia”, buscavam ofertar

itens que representassem o modo de se vestir do cidadão moderno, trazendo tecidos variados, calçados e chapéus, que foram itens recorrentes no modo de se vestir da época.

Os perfumes também eram itens para as elites, estar perfumado era sinal de *status*, logo, o estabelecimento em questão recebia membros dessa elite cidadina que almejava estar de acordo com os parâmetros da modernidade. Ao viver em uma cidade moderna, o cidadão sentia a necessidade de ser moderno, para isso, a aquisição de itens que representavam a modernidade se fazia necessário. As miudezas citadas no anúncio da loja deixam um espaço em aberto sobre a definição desse item, no entanto, ao analisar os outros que eram ofertados pela loja, pode-se dizer que seriam itens de pequeno porte atrelados às vestimentas, ou seja, acessórios como relógios, joias, broches, abotoaduras e entre outros itens que complementavam o visual do sujeito moderno.

O anunciante estabelecia que vendia “em grosso e a retalho”, o que entendemos hoje como atacado e varejo, respectivamente. Dessa forma, entende-se que ele também atendia outros lojistas, que compravam para revender adiante. Sendo assim, para uma compra realizada “em grosso”, o comprador deve ter um transporte para levar a carga, logo, no endereço da loja em questão, o movimento de carga e descarga de produtos era presente ocasionalmente no local, evidenciando assim, um detalhe do aspecto do cotidiano da cidade.

Partindo para outro anúncio da página, no canto inferior esquerdo da imagem encontra-se o anúncio de um estabelecimento que já traz menção ao moderno. O “Bazar Moderno” traz em sua publicidade uma característica diferente dos demais anúncios da página. O anunciante buscou dedicar parte do seu anúncio para informar ao leitor que se trata de um estabelecimento bem montado e em sua narrativa é perceptível a tentativa de conquistar o cliente através das palavras, que foram escolhidas com a sagacidade de uma lábia de vendedor. Os itens, assim como os demais anúncios, dizem respeito a vestimentas e acessórios, que segundo o vendedor, possuíam a variedade para todos os gêneros e idades.

O estabelecimento “A Primavera” seguiu a mesma estratégia do “Bazar Moderno”, o anunciante traz palavras que passam a impressão de que ele está falando diretamente com o cliente e não apenas anunciando no jornal. Nesse anúncio, os produtos apresentados são os mesmos das outras duas lojas comentadas até então. A predominância de itens voltado à moda implica que a cidade passava por essa mudança cultural em relação às vestimentas, se fazendo necessário várias lojas venderem do mesmo tipo de produto. Isso indica também que vender esse tipo de produto era lucrativo. O movimento na Rua Monsenhor Walfredo Leal era constante e sempre, em horário comercial, era possível perceber pessoas adentrando esses estabelecimentos para a aquisição de roupas que simbolizassem o moderno.

As roupas ofertadas pelos anúncios demonstram uma necessidade de representar o que se considerava elegante para a época. Considerando o ano do jornal e o contexto no qual as mudanças econômicas e culturais estavam imersas, é possível perceber que, assim como o padrão arquitetônico, a moda também foi afetada pelos padrões importados da Europa, em especial, França e Inglaterra. É importante ressaltar que a influência inglesa na moda brasileira já ocorria desde o século anterior, no entanto, com o ar da *Belle Époque*, essas influências são reforçadas e seguidas de padrões de vestimentas a serem seguidos. Os anúncios de roupas demonstram esse cuidado em buscar atingir tal padrão. Sendo assim, é possível notar o modo como parte das pessoas se vestiam, uma vez que essa influência, mesmo que circulando na cidade, não era acessível a todos.

O único estabelecimento que fugiu à regra é a loja “Menezes & irmão”, que anuncia da seguinte forma: “miudesa, ferragens, tintas e materiais para fogos”. O anunciante buscou trazer ênfase para a palavra “fogos”, colocando-a com fontes garrafais. Essa escolha possivelmente estava ligada ao modo como a palavra atrai a atenção do leitor. Por ser uma palavra que está ligada à destruição e explosivos, acaba chamando mais atenção que as demais. Além dos materiais para fogos, a loja vendia também materiais de construção e ferramentas em geral, como ferragens e tintas. As miudezas apresentadas nessa loja diferem das que apareceram nos anúncios anteriores, por se tratar de uma loja de materiais de construção, deve se referir a itens como pregos e peças do tipo.

No jornal *O Município*, os anúncios se repetem durante a maioria das edições posteriores a essa mencionada anteriormente. Apenas no dia 28 de junho do mesmo ano é que se nota uma diferença no modelo de anúncios, em que é possível perceber que a diagramação foi modificada para adicionar-se novas propagandas de outros estabelecimentos.

Imagem 27: Página de publicidade do jornal *O município*, edição de 28 de junho de 1908, n. 6, ano 1.

O MUNICIPIO

ANNUNCIOS

ARMAZEM
DE
Molhados
DE
HELIODORO GUEDES

Grande deposito de farinha de trigo, carne de xarque, bacalhau, kerosene e sabão.

Preços sem competencia

Rua Mons. Walfredo n. 29

A CAMELIA
DE
EUCINDO DEM. CARNEIRO.

Completo sortimento de fazendas finas, chapeos, calçados, miudezas, perfumarias, objectos de luxo, etc.

Vendas em grosso e a retalho.

Preços sem competencia

RUA MONS. WALFREDO

N. 27.
Itabayanna

Vende-se a casa n. 22 á rua 13 de Maio, quem pretender comprar a dirija-se a esta typographia.

Completo sortimento
DE
Miudezas, ferragens, tintas e materiais para

FOGOS
MENEZES & IRMAO
Rua Monsenhor Walfredo

N. 21.
Itabayanna

Clinica
Medico-cirurgica
DO
Dr. Pedro Lima.

Ex-interno do hospital S. Isabel na Bahia e auxiliar da clinica de olhos do Dr. Ribeiro dos Santos.

Atende a chamados por escripto dentro e fora da cidade.

Residencia:
Praça Senador Avario Machado n. 7
ITABAYANNA

Advogado
Eacheval Manoel Paiva.
Encarrega-se de causas civis e commerciaes.
Itabayanna

BAZAR
MODERNO
DE
Lourenço de Sousa e Silva

Variadissimo sortimento de brins, casimira, alpacoes, me-rindas, sedas, fantasias bicos, babados guarnições, chapéos, calçados nacionaes, estrangeiros, véos e capellas para noiva, enxovaes para baptisados.

Grande deposito de molhados, bebidas finas, conservas, biscoitos, etc.

Preços sem competencia.

Agrado e sinceridade.

RUA MONSENHOR WALFREDO

14 E 16
Itabayanna.

Tabellião João Lima.

CARTORIO
RUA DR. H. CAVALCANTI.
N. 20

AGUIA
VERMELHA
DE
Mello & C^{IA}

Grande sortimento em fazendas, calçados, chapéos, etc.

RUA MONSENHOR WALFREDO

N. 28
Itabayanna

A PRIMAVERA
LOJA DE FASENDAS
Rua Monsenhor Walfredo

N. 18

Neste bem montado estabelecimento o respeitavel publico encontrará um importante sortimento em fazendas de todas as qualidades, chapéos nacionaes e estrangeiros para homens, senhoras e creanças, calçados nacionaes e estrangeiros para homens, senhoras e creanças.

Marçal Emiliana Sobrinha

ITABAYANNA

PHARMACIA LINS
DE
LINS & BARBOSA

Os proprietarios d' esta antiga e bem conhecida pharmacia tendo feito uma grande compra de drogas e productos chimicos e preparados nacionaes e estrangeiros, acham-se em condições de aviar com promptidão qualquer receita e por preços equivalentes aos da Parahyba e Pernambuco.

Abrem a qualquer hora da noite.

24 Rua Venancia Seixo 24
ITABAYANNA

Variadissimo sortimento de fazendas finas e modas.
Miudezas, chapéos, calçados, etc.
Muita sinceridade nos preços.

RUA MONS. WALFREDO

N. 12
Barbosa & Cabral

Dadaria e molhados
DE
PINHO & MELLO

Grande sortimento de generos alimenticios, bebidas, conservas, massas, etc, etc.
Bolachinhas Beijo de moça.

Rua Monsenhor Walfredo 41
Itabayanna.

Fonte: IHGP.

Ao observar e analisar essa página publicitária do jornal *O Município*, referente a uma data posterior, é possível perceber que muitos dos estabelecimentos citados anteriormente se repetem. No entanto, outros novos surgem, ofertando assim, possibilidades de cristalizar o cotidiano comercial e cultural da cidade. Esses novos elementos, que surgiram nessa nova edição do jornal, demonstram também uma nova variedade de produtos, com categorias de itens

que ainda não haviam surgido nas páginas publicidades desse impresso. Essa nova pluralidade de produtos indica, de certa forma, um crescimento comercial da cidade.

Além dos estabelecimentos de vestimentas, surgem anúncios de lojas de alimentos. Uma dessas lojas, com seu anúncio localizado no canto superior esquerdo da imagem, se intitula como um armazém, o que deixa compreendido que se trata de um estabelecimento que lida com vendas em larga escala. É necessário observar que o “Armazém de molhados de Heliodoro Guedes”, além de vários itens voltados para a alimentação, como farinha de trigo, carne de charque e bacalhau, também traz itens como querosene e sabão. Dessa forma, compreendendo que essa variedade de produtos não era uma particularidade desse estabelecimento, pode-se entender que esse modelo de comércio buscava atingir uma quantidade maior de consumidores, ao oferecer itens de várias categorias.

No canto inferior direito da imagem, é possível encontrar o anúncio de uma padaria chamada “Padaria e molhados Pinho & Melo”. O estabelecimento anunciante oferta uma variedade de comidas e bebidas para seus possíveis clientes, dando ênfase para o item chamado “Bolachinha Beijo de Moça”. Essa atenção especial para a bolacha evidencia uma alta demanda desse produto, fazendo com que o anunciante desse ênfase a esse item no seu curto espaço de anúncio. A presença de uma padaria com itens variados, além do pão, leva a pensar o cotidiano em torno desse estabelecimento, nesse sentido, é possível afirmar que a padaria era um dos focos de sociabilidade da cidade, onde as pessoas compravam itens para a alimentação corriqueira, ou apenas encontravam-se para uma breve conversa em um local que ofertasse comidas e bebidas que façam parte de um lanche.

Na imagem em questão também é possível perceber um anúncio farmacêutico. No canto superior direito da imagem nota-se o anúncio da “Phamarcia Lins de Lins & Barbosa”. No anúncio, os proprietários da farmácia afirmam que adquiriram novos produtos para o estoque do estabelecimento e que atingiam preços equivalentes aos da capital da Paraíba e de Pernambuco. Tal apelo para comparar os preços indica que os habitantes de Itabaiana, em algumas ocasiões, preferiam comprar seus produtos de drogaria nas maiores cidades devido aos altos preços dos vendedores do interior. Como dito nos capítulos anteriores, muito dos itens das drogarias vinham nos trens, outros pelos carroceiros e, diante desse contexto de transporte, acabavam ficando mais caros para os comerciantes locais devido ao preço pago pelo transporte, que logicamente era repassado para o preço do produto que seria comprado pelo consumidor. No entanto, a farmácia do anúncio prometia preços equivalentes aos das grandes cidades, levando a entender que esse valor aumentado pelo transporte não seria tão repulsivo para os clientes, buscando assim, um maior fluxo de pessoas no estabelecimento.

A variedade de anúncios em uma única página revela uma abundância de ofertas maior do que a cidade costumava ter antes da chegada dos signos do moderno, sendo o trem o principal condutor desse ganho de fluxo na cidade, tanto de pessoas, como de mercadorias. O ritmo da cidade se altera, acelerando, ainda que não sendo da mesma forma que os grandes centros urbanos, mesmo assim, houve uma mudança no cotidiano da cidade, com um ritmo mais acelerado do que aquele anterior à chegada dos signos do moderno.

Dessa forma, com esse aumento de ritmo da cidade, desembarcam também os profissionais liberais, por muitas vezes vindos de outras cidades e tendo uma estadia periódica em Itabaiana. Ainda na imagem anterior, é possível encontrar um anúncio de um médico, que, segundo o anúncio, chamava-se Dr. Pedro Lins, um médico “ex-interno do hospital S. Izabel na Bahia e ex-auxiliar da clínica de olhos Dr. Ribeiro dos Santos”. No anúncio é possível encontrar o endereço da residência do médico e a informação de que ele atendia chamados por escrito dentro e fora da cidade. Nesse recorte, chama atenção a questão dos chamados por escrito que, nesse contexto, vale lembrar que os primeiros telefones só chegaram em 1909 e só vieram a se popularizar anos depois. Sendo assim, pode-se afirmar que nessa época compreendida entre a chegada do telefone e sua popularização, a dinâmica de atendimento médico se modificou gradativamente, tornando-se mais otimizada ao receber chamados por telefone.

Ainda na mesma página, é possível encontrar um pequeno anúncio de um advogado. Resumindo-se em três linhas, o bacharel em direito chamado Manoel Paiva afirmava que se encarregava de causas cíveis e comerciais. É interessante perceber que o autor do anúncio não deixou nenhum contato ou endereço, tendo o leitor acesso a apenas o seu nome. Nesse sentido, cabe considerar que o advogado se confiou nas informações dadas pelas pessoas que transitavam na cidade, que, caso surgisse alguém pedindo orientações de como encontrá-lo, seria informado pelas pessoas da própria cidade. Considerando que essa dinâmica social é comum nas cidades de pequeno porte, torna essa hipótese válida.

É importante destacar também a presença do anúncio sobre o cartório da cidade. O fato de possuir um cartório em uma cidade que estava em suas primeiras décadas como uma cidade emancipada representa autonomia em relação aos atos jurídicos, no que diz respeito a autenticidade, segurança e eficácia no registro de documentos. Sendo essa autonomia um sinal de desenvolvimento urbano, uma vez que seus habitantes não precisariam viajar para resolver assuntos burocráticos relacionados ao cartório.

Também abordado no primeiro capítulo, o jornal intitulado *O Jornal* circulou de 1915 a 1917, tendo como redatores chefes: Henrique de Figueiredo e Raul Pércles. Segundo (MAIA,

2015), esse jornal diferenciava-se de *O Município* no que diz respeito às linguagens de “tônica polemística”, que, segundo o autor, não faziam o perfil do impresso em questão. Sendo assim, trazia uma linguagem mais moderada, distanciando-se do tom polêmico. *O Jornal* possuía uma periodicidade semanal.

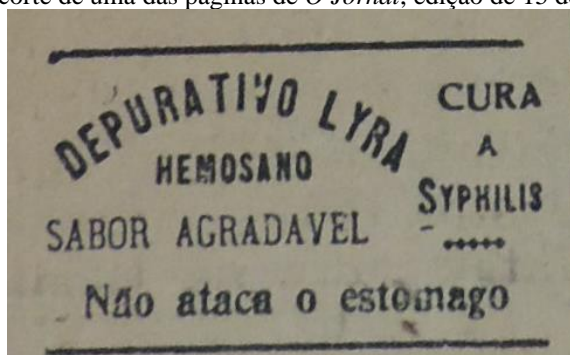
Ao folhear *O Jornal*, é possível perceber que, comparado aos seus antecessores, esse impresso possuía um visual que representava um avanço técnico na questão da diagramação e impressão dos jornais. A presença de fotografias em boa resolução e desenhos nos anúncios podem ser considerados aspectos que significam avanço técnico na habilidade de impressão da época. Decerto, esse avanço técnico na imprensa já representa um avanço também na modernização que chegava na cidade de Itabaiana nessas duas primeiras décadas do século XX.

É importante considerar que o ano de surgimento do *O Jornal* é o mesmo ano do encerramento do *O Município*, 1915, que foi o ano da troca dos ditos chefes políticos da cidade de Itabaiana, saía do cargo o desembargador Heráclito Cavalcanti e entrava Odilon Maroja. Em que, como já dito no primeiro capítulo, enquanto *O Município* servia à causa política de Heráclito Cavalcanti, *O Jornal* é utilizado por Odilon Maroja com a mesma finalidade.

As páginas publicitárias de *O Jornal* seguem, em grande maioria das vezes, o mesmo padrão das páginas do jornal anterior, *O Município*, em que até algumas lojas aparecem também sendo anunciadas nesse outro jornal. Dessa forma, com o que foi dito anteriormente em mente, é possível que com o encerramento de um dos jornais, os comerciantes migraram para o novo impresso que surgia.

Como grande parte dos anúncios são das mesmas lojas abordadas até aqui, para capturar o cotidiano comercial da cidade, torna-se necessário focar no diferencial trazido por esse outro impresso analisado. Nesse sentido, ao observar as páginas do *O Jornal*, chama atenção a grande ocorrência de anúncios relacionados a itens medicinais, o que pode indicar uma incidência de enfermidades na época em que o jornal em questão circulou.

Imagem 28: Recorte de uma das páginas de *O Jornal*, edição de 15 de agosto de 1915.



Fonte: IHGP.

Esse recorte jornalístico refere-se a uma publicidade sobre um remédio que prometia curar a sífilis, algo que não era verdade, uma vez que a sífilis só veio a ser combatida de fato após a descoberta da penicilina em 1928 e que, de início, sequer foi associada ao tratamento da doença. As publicidades acerca dessa enfermidade se repetem diversas vezes no impresso, trazendo, inclusive, uma página inteira dedicada apenas a publicidades medicinais.

Imagem 29: Página publicitária de *O Jornal*, edição de 15 de agosto de 1915.

13-8-1915 O JORNAL PAGINA DOZE

PHARMACIA LOUI GINO
Do Pharmaceutico licenciado
Antônio da Silva Loureiro.
Rua Monsenhor Valfredo 39—Itabayanna

Nesta pharmacia encontra-se grande deposito de drogas e productos chimicos nacionaes e estrangeiros, tintas e mais artigos para diversas artes. Aviam-se receitas com muito asseio e perfeição e é a unica que abre a qualquer hora da noite.

ELIXIR DE NOGUEIRA, Salsa, CAROBA E GUAIACO (IODURADO)
depurativo do Sangue
3436925

ELIXIR DE CARNAUBA E SUCUPIRA COMPOSITO
ORESTAUADOR DA SAUDE

FEbres Intermittentes 'Sezões'
Curam-se com as legitimas pilulas do Dr Santa Rosa
As verdadeiras pilulas do Dr Santa Rosa, são acondicionadas em frascos e envoltos em elegantes caixinhas com a nossa marca registrada
F. Carneiro & Guimarães — Mogaria Brazil

ATTESTADO MEDICO
Dr. Manoel Carlos de Gouveia, formado em Medicina pela Faculdade da Bahia e medico do Hospital na Santa Casa de Misericordia etc.
Attesto que tenho em regado em minha clinica civil e hospitalera o ELIXIR DE CARNAUBA E SUCUPIRA COMPOSITO do Pharmaceutico Francisco de Moura tendo obtido excellentes resultados nas molestias syphiliticas e gonorreicas, o que attesto em lo de meu grau.
Paratyba 22 de Março de 1888.
Dr. Manoel C. Gouveia.

Attestado Medico
Paulo Cavalcante Pessoa de Lacerda, Doutor em Medicina pela Faculdade da Bahia, etc., etc. Attesto que tenho empregado em minha clinica o ELIXIR DE CARNAUBA E SUCUPIRA, formulado pelo pharmaceutico dr. Jose Francisco de Moura, e tenho excellentes vantagens nas molestias da pelle, nas affecções rheumaticas e syphiliticas. O que attesto em lo de meu grau.
Dr. Paulo C. Pessoa de Lacerda.

32 annos de incomparaveis successos

Unico fabricante
A. J. Babello
Paratyba do Rio de Janeiro

Unicos vendedores
Babello & Comp.
Dr. Garcia Babello, Rua Maciel Pinheiro 44-50
PARATYBA

Fonte: IHGP.

No lado direito da imagem acima, é possível perceber uma publicidade de um elixir que promete combater a sífilis. Logo em seu início, uma frase em letras garrafais para chamar atenção do leitor, com os dizeres “Dr. salve-me!!!”, seguida de outra frase que, dado o contexto, diz respeito à resposta do médico para o paciente que pediu ajuda, em que o médico fala: “O sr. tem syphilis, tome este medicamento é o...”, a frase é cortada para a apresentação do produto, que segue abaixo dos personagens com o nome de “Elixir de carnaúba e sucupira composto, o restaurador da saúde”. Para legitimar o sucesso do produto, o anúncio trouxe dois atestados médicos que afirmam que o medicamento funciona. O produto era produzido pela Drogaria Rabello, que ficava na capital da Paraíba.

A forma como essa publicidade foi produzida chama atenção. Primeiramente, por tomar boa parte da página, o que, como foi visto nas publicidades anteriores, diz respeito ao espaço de três ou quatro publicidades menores, sendo o tamanho do anúncio um indicativo de poder aquisitivo da empresa em questão, a Drogaria Rabelo. Percebe-se então que as grandes empresas, já formadas, dominavam o espaço de publicidade, dificultando a ascensão dos negócios locais. Um exemplo disso está na própria página exibida, em que um anúncio bem menor surge ao lado, oferecendo pílulas, e que precisou ser colocado na vertical devido à falta de espaço, uma vez que os dois anúncios maiores tomaram o maior espaço da página.

Outro ponto que precisa ser discutido acerca desse anúncio, para que se compreenda parte do cotidiano da região, é o seu tema: a sífilis. Em relação à doença, a sífilis foi uma enfermidade que causou temor tanto entre médicos quanto entre pacientes no começo do século XX. De acordo com Magalhães et al. (2011), a primeira grande epidemia de sífilis de que se tem registro aconteceu na Europa no final do século XV. Naquela época, a doença era desconhecida e os médicos ainda não tinham uma compreensão clara do que estavam enfrentando. Passado o tempo, os avanços mais significativos no entendimento da sífilis ocorreram no início do século XX. Segundo Magalhães et al. (2011), foi em 1905 que Fritz Richard Schaudinn e Paul Erich Hoffmann, na Alemanha, descobriram o agente causador da sífilis e foi somente em 1907 que Wassermann desenvolveu o primeiro teste sorológico eficaz para detectar a sífilis. Sendo assim, na época, a comunidade científica ainda estava realizando análises mais aprofundadas acerca da doença. Como observado por Magalhães et al. (2011), no início do século XX, o tratamento da sífilis envolvia o uso de substâncias como mercúrio, arsênio, bismuto e iodetos, mas esses tratamentos geralmente eram ineficazes e altamente tóxicos.

Sendo assim, percebe-se que os estudos foram realizados na década anterior à que o anúncio circulou no jornal, ainda assim, insistia-se em tratamentos fitoterápicos para algumas

doenças, como a sífilis. Dessa forma, o medicamento anunciado promete combater a sífilis, sendo composto por extratos de plantas, sem nenhuma comprovação científica de eficácia, contando com apenas dois atestados de médicos que garantiam a eficácia do produto.

Por fim, o anúncio tem sua parte visual, que demonstra dois homens, o da esquerda, afligido pela doença, busca desesperadamente a ajuda de um médico, nota-se o semblante preocupado do personagem, com o rosto abatido e o cabelo despenteado, o médico, de prontidão, ergue a caixa do elixir a ser utilizado no tratamento. Tais características visuais revelam evidências para se problematizar o cotidiano das pessoas, principalmente os atingidos pela doença, em que, levando em consideração a recorrência dos anúncios acerca dos remédios contra a sífilis, percebe-se que a doença estava presente com uma grande frequência no cotidiano dos habitantes da cidade de Itabaiana, tornando-se assim, uma boa região para encontrar consumidores da promessa de cura ofertada pelo elixir de carnaúba e sucupira.

O segundo anúncio da página mostra um outro medicamento que, por sua vez, promete tratar outra questão. O “Elixir de nogueira, salsa, caroba e guaiaco iodurado” anuncia ser um depurativo do sangue, que diz respeito a medicamentos que tinham como objetivo a remoção das impurezas do sangue, ou seja, purificá-lo. Preparado por João da Silva Silvera da Pharmacia popular Pelotas, o medicamento, assim como o que foi mencionado anteriormente, trata-se de um medicamento fitoterápico, ou seja, um composto de plantas com funções medicinais. Tais elixires eram bem comuns no início do século XX, quando a manipulação de fármacos ainda não era uma realidade comum no âmbito da ciência farmacêutica.

Ainda na mesma página, no canto superior esquerdo, é possível visualizar o anúncio de uma farmácia, chamada “Pharmacia Loureiro”, que seria do farmacêutico licenciado Antônio da Silva Loureiro. O anunciante afirmava que no estabelecimento continha um grande depósito de drogas e produtos químicos, tanto nacionais quanto internacionais e garantia a higiene no estabelecimento, que por sua vez, abriria em qualquer hora da noite. Tal tipo de estabelecimento veio a ser comum na passagem do século XIX para o século XX, eram neles que os farmacêuticos brasileiros buscavam produzir seus produtos, como os elixires apresentados anteriormente, que estavam sempre ligados a uma farmácia que geralmente era identificada no rótulo. Nesse sentido, segundo Lima (2012), as ditas “Pharmácias” surgiram para substituir as antigas boticas, que eram estabelecimentos onde os boticários, com conhecimento empírico, preparavam medicamentos. Ainda de acordo com o autor, a busca por melhorar as condições do conhecimento farmacêutico ocorreu ainda no século XIX, após a chegada da família real no Brasil. O autor aponta que:

Foi assim, com a profissionalização na área de medicamentos e saúde, que gradualmente que as boticas foram substituídas pelas “Pharmácias” cuja produção, essencialmente artesanal, era baseada nos formulários internacionais e na flora medicinal brasileira. Até o surgimento e desenvolvimento da indústria farmacêutica no país, esses estabelecimentos, através de suas preparações magistrais, foram os únicos capazes de fornecer os medicamentos prescritos pela classe médica. (LIMA, 2012, p. 16)

Percebe-se assim, que o tratamento das efemeridades, no início do século XX, tanto em Itabaiana como no Brasil, se dava, em sua grande maioria, através dos elixires fitoterápicos, uma vez que ainda não se tinha desenvolvido a indústria farmacêutica. Voltando a pensar o cotidiano itabaianense diante desse contexto, pode-se afirmar que se tinha uma circulação de medicamentos ativa, seja inicialmente pelos carroceiros ou depois através do trem. As enfermidades eram tratadas a partir dos elixires farmacêuticos, os quais, como se sabe atualmente, não tinham a capacidade de curar as doenças, tendo assim, efeito fitoterápico.

Entender o cotidiano de uma cidade no início do século XX é também considerar a questão do cotidiano no quesito das enfermidades que circulavam na região e nos tratamentos ofertados. Dessa forma, percebe-se que em *O Jornal* a quantidade de anúncios do teor medicamentoso é bastante elevada, sendo assim, um indicativo para uma alta quantidade de enfermidades pela cidade.

Essas páginas apresentadas dos jornais *O Município* e *O Jornal* trazem detalhes que tornam possível interpretar o cotidiano da cidade de Itabaiana. A cidade que surgiu a partir da feira de gado, passou a tomar uma relevância comercial no início do século XX. A integração da malha ferroviária que fazia rotas com as capitais favoreceu o crescimento comercial da cidade, pois a partir disso, a cidade passou a ser um ponto intermediário entre a capital de Pernambuco e Paraíba, ocasionando, por consequência, a chegada da modernidade, trazendo o sonhado progresso que a elite desejava, ou pelo menos parte dele, tendo em vista que não ocorreu com a mesma cadência dos grandes centros urbanos.

Os recortes publicitários dos jornais deixam evidentes a grande procura dos cidadãos por produtos voltados para a aparência, buscavam assim, se enquadrar nos parâmetros modernos. Dessa forma, compreende-se que o movimento no comércio de Itabaiana, desde o início do século XX, era constante, com pessoas que buscavam comprar vestimentas e acessórios que os deixassem similares aos parisienses, que eram símbolos do moderno. No entanto, o acesso a essa modernidade não ocorria de maneira homogênea. Tanto os jornais quanto os itens que eram anunciados nos jornais eram voltados para a camada mais abastada da sociedade itabaianense.

3.2.2. *O entretenimento e o cotidiano do lazer em Itabaiana*

Ao abarcar os signos do moderno, o modo de se viver a cidade é modificado em vários aspectos, tanto pelas mudanças estruturais e técnicas como na forma como as pessoas que habitam, ou estão de passagem, dialogam com essas mudanças. Novas práticas surgem devido à presença de novos itens que a modernidade oferece, as paisagens urbanas são modificadas diante das tendências ditadas pelo progresso. Dessa forma, o modo de vida que se teve outrora, é abandonado em nome do progresso que se objetivou através da implementação da modernidade. No caso de Itabaiana, mesmo possuindo uma cadência mais lenta em comparação aos grandes centros urbanos, também vivenciou essa mudança cultural no cotidiano vivido na cidade.

Sendo assim, dentro dessas mudanças encontra-se as práticas voltadas para o entretenimento na cidade. As práticas voltadas ao lazer sofrem influência da modernidade, tanto na questão tecnológica, como foi o caso dos cinemas, como nas tendências criadas pelos grandes centros urbanos nos quais as cidades menores se espelhavam, nesse quesito entram as bandas musicais, os bailes e até questões sobre moda e beleza.

a) O cinema

Em relação aos cinemas, como já mencionado no capítulo anterior, Francisco Sotter iniciou esse tipo de empreendimento na cidade de Itabaiana em 1910. Dessa forma, como foi dito anteriormente, os cinemas se tornam locais de socialização, onde os seus frequentadores iam para além da atração principal: o filme. Os cinemas ofereceram à pequena Itabaiana uma nova prática de divertimento que até então só se tinha nos grandes centros urbanos.

Muito além dos filmes exibidos, o cinema se tornou uma nova experiência para aqueles que estavam pela cidade. Essa nova experiência, oriunda da modernidade, dividiu espaço com a instalação da energia elétrica no centro da cidade, trazendo assim uma modificação significativa no modo de vida, principalmente no que diz respeito às práticas de diversões noturnas, que incluía o cinema.

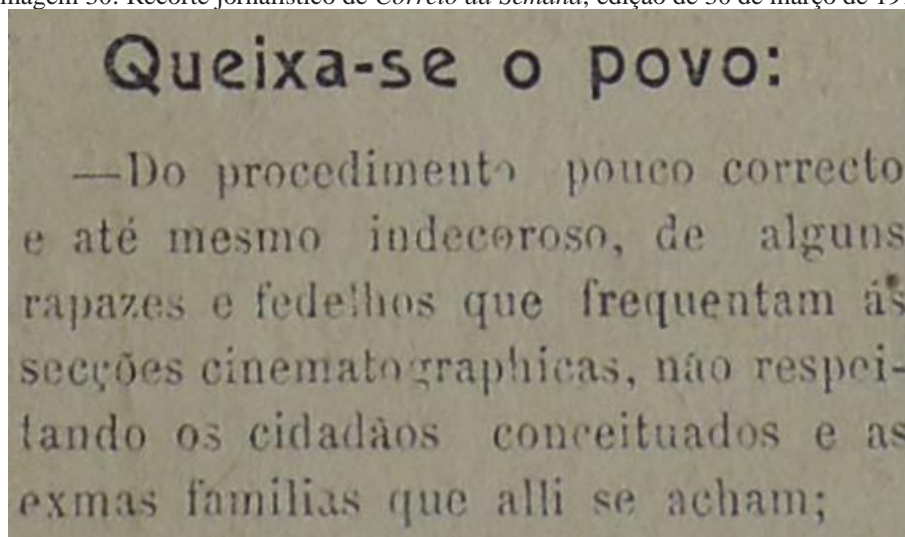
Logo, ao pensar o cinema para além dos filmes exibidos, somando com as novas modificações que estavam ocorrendo no ambiente da cidade, como a luz elétrica, torna possível perceber toda a nova atmosfera que envolveu a cidade nesse período e criou um costume nas pessoas que transitavam na cidade: frequentar o cinema e seu entorno. Dessa forma, além das pessoas que iam com o objetivo de assistir os filmes exibidos, é possível afirmar que também

tiveram pessoas que iam para frequentar o cinema sem necessariamente entrar na sala de exibição de filmes. Por exemplo: no exterior do cinema iam pessoas para praticar trabalhos informais, como vendedores ambulantes que iam para aproveitar a quantidade de possíveis compradores que frequentavam o espaço, assim como também iam pessoas que estavam no ambiente pela socialização. Acerca da prática de ir ao cinema, Antônio Souza (2016) traz que:

[...] é falar da algazarra do início da sessão, da sala escura, dos gritos, assobios, das bombas caseiras em épocas juninas, das piolas de cigarro sobrevoando as cabeças dos amedrontados guris, da urina escorrendo pelo chão e molhando os pés dos desavisados, dos sacos de pipocas que funcionavam como verdadeiro petardo na cabeça dos sonolentos, dos namorados pegados no flagra e dos chicletes, que depois de muito mascarados eram colocados na cabeça do amigo da frente. É quase ouvir de volta os gritos de “olha o roubo!” e “quero o meu dinheiro!”, quando a fita partia. (SOUZA, 2016, p. 07)

Percebe-se assim, que o cinema não se resume a apenas um novo local, com novas tecnologias, que exibem filmes para entreter os espectadores, trata-se de uma experiência a ser vivida pelos frequentadores. O cenário narrado na citação de Souza (2016) torna-se preciso quando se depara com notícias no jornal da cidade de Itabaiana acerca das perturbações durante as sessões de filmes.

Imagem 30: Recorte jornalístico de *Correio da Semana*, edição de 30 de março de 1913.



Fonte: IHGP.

Dessa forma, por chegar a surgir em um jornal local como forma de reclamação, entende-se que o fato ocorrido não foi um evento isolado, mas sim com algumas recorrências. Logo, há de se perceber que as perturbações em sessões cinematográficas eram frequentes e realizadas por homens jovens e crianças que frequentavam o local. Aqueles que perturbavam

as sessões, por muitas vezes já haviam assistido ao filme exibido e iam novamente apenas pela prática de ir ao cinema, sendo que a partir da segunda vez, esse tipo de frequentador utilizava de outras atividades possíveis dentro da sala escura, como a desordem.

Além disso, os cinemas também modificaram a cultura das cidades aonde chegou. A prática de ir ao cinema, seja para assistir ao filme em sessão ou não, foi apenas um dos impactos causados por esse signo da modernidade. Os cinemas se tornaram vitrine para o público, a partir do que era visto na tela, seja objetos ou comportamentos, buscava-se integrar no próprio cotidiano. Acerca disso, Souza (2016) aponta:

Os cenários dos filmes e das casas dos artistas de Hollywood influenciaram a vida cotidiana do mais simples ao mais abastado espectador. Os arranjos da cozinha, da sala de estar, dos quartos infantis e mesmo da garagem, quando havia, passavam a ser inspirados no que o Cinema mostrava como sendo o ideal. Claro que estes protótipos ou modelos não atingiam da mesma forma todas as classes sociais, mas alguns espectadores mais abastados e sintonizados com o mundo do Cinema e das publicações passaram a decorar suas casas tomando como ponto de partida as indicações visualizadas nas telas e nas revistas. (SOUZA, 2016, p. 17)

É importante destacar o que autor deixou claro, essas novas tendências criadas pelos filmes não atingiam todos de forma democrática. O próprio ato de ir ao cinema assiduamente não atingia a todas as camadas sociais, a falta de condições econômicas dificultava o acesso à novidade moderna para essas pessoas. No entanto, isso não exclui a possibilidade de existir pessoas que, mesmo sendo das camadas mais baixas da sociedade, conseguissem ir ao cinema eventualmente. Logo, pode-se dizer que, para as pessoas das camadas mais baixas, o acesso às tendências de consumo criadas pelos filmes era improvável, porém, a influência gerada nos costumes atingia a todos que se sentiam imersos no mundo cinematográfico. Segundo Souza (2016):

O cinema não ajudou a mudar só os costumes gerais, mas também toda a expressão corporal. O andar à James Dean, o olhar à Clark Gable, o beijar à Marilyn Monroe, o jogar os cabelos para trás como Rita Hayworth, o falar sussurrando à Nat King Cole e o desejo de cantar como Frank Sinatra também faziam parte deste “gestual cinematográfico”. Naquelas décadas não havia nada mais empolgante do que usar o corpo para ser ou parecer com os artistas dos sonhos. Desde o mais rico até o mais pobre dos espectadores era tocado por estas impressões fixadas por aquele maravilhoso equipamento de comunicação moderna. Entre as pessoas comuns estabelecia-se um novo “reino dos gestos”, que incidia nas maneiras de vestir, nas atitudes assumidas em relação ao par amoroso, nos ideais de beleza, saúde e felicidade. Os “tipos” criados pelo cinema hollywoodiano convidavam a uma “cinematografização do cotidiano” e assim, uma mesma atriz podia apresentar-se como “mãe amantíssima”, ótima dona de casa ou como uma mulher fria e “vamp” que cobiçava o homem alheio. (SOUZA, 2016, p. 21)

O autor faz referências a artistas que tiveram o seu auge de atuação por volta dos anos 1930, ainda assim, é possível considerar que os filmes exibidos no início do século XX também possuíam aspectos emblemáticos que contribuíram para a “cinematografização do cotidiano”. Dito isso, pode-se afirmar que na cidade de Itabaiana, na década de 1910, o cinema atuou e impactou o cotidiano ali vivido em vários aspectos: pela movimentação gerada com a chegada do público, pelas práticas dentro e fora das salas do cinema e pelo impacto nos costumes, estes influenciados pelo que se via nas telas.

b) O “chic” e a busca do estatuto de moderno

Dentre as várias faces da modernidade, uma delas diz respeito à questão do comportamento e das vestimentas das pessoas que estão imersas nesse processo de modernização. A cidade de Itabaiana, assim como várias outras cidades, buscava o progresso através da modernidade e com isso, além das mudanças estruturais e técnicas, vieram também mudanças culturais: novas práticas, novas roupas, novos jeitos de agir no cotidiano. Dessa forma, buscando espelhar-se nos grandes centros urbanos, que se espelhavam em Paris e Londres, parte dos habitantes da cidade de Itabaiana inseriram no cotidiano práticas desses centros urbanos maiores. Era uma forma de legitimar-se enquanto cidadão moderno.

Um dos eventos em que foi perceptível observar essas novas práticas, foram nas retretas do domingo. Sabe-se que bandas musicais não são um advento da modernidade como os cinemas ou os trens. No entanto, há de se considerar que as bandas surgidas dentro do período de modernização tiveram, logicamente, influência do meio em que estavam e, consequentemente, fizeram parte do cotidiano daqueles que dividiam o espaço urbano com a musicalidade das bandas.

Quando se fala acerca das bandas musicais da cidade de Itabaiana, não é possível datar com precisão o momento em que surgiu o primeiro desses grupos, de acordo com Maia (2015), em 1888 já se havia registro da existência de uma banda na região onde viria a ser a cidade de Itabaiana. Para afirmar esse fato, o memorialista faz uso de um arquivo particular de um historiador chamado Deusdedit Leitão, que trouxe um registro de uma visita de bacharéis ao então povoado de Itabaiana, onde foram recebidos pela banda local (MAIA, 2015, p. 327).

Maia (2015) aponta para o trem quando se trata do revigoração da banda de Itabaiana, que estava com suas atividades impedidas diante da falta de instrumentos. Nas palavras do autor:

Ao findar o século dezenove, quase que não mais existia, até seus instrumentos estavam desaparecidos. Mas, ao despontar o 1901, com o trem apitando pela primeira vez naquelas ribeiras, ressurgiu a banda local. Tinha o condão da fênix mitológica, de renascer das próprias cinzas. (MAIA, 2015, p. 327)

A banda musical da cidade de Itabaiana reorganizou-se em 1901 por iniciativa de um homem chamado mestre Neco Araújo, juntamente a ele, estava o professor Pedro Carneiro, mestre Flôr, Manoel Cavalcante e Jovelino Candido (MAIA, 2015, p. 329). Além dos membros fundadores, Maia (2015) cita os demais integrantes da banda:

Dos seus músicos guardaram-se os nomes de Manoel Fuá, cobrador da feira e manejando quase todos os instrumentos; Toinho, cunhado do professor Mendonça, bom no pistom; José Tertuliano Ferreira de Melo, tocando trombone, cortando carne verde no açougue dia de feira, passando depois a cortador e tornando-se o popular e querido Zuza Ferreira; Francisco Martins, soprano; Pedro Vieira, contrabaixo; Manú, o merceeiro, naquele tempo, bodegueiro, na clarineta; João Pitú, alfaiate, apostando com Toinho no pistom; Joaquim Abreu, guarda livro da firma Abílio Dantas & Cia., tocando o seu bombardino; Manoel Jurema, trombonista; José Pereira da Silva, o Pingolença, na trompa; Pedro Ivo, tipógrafo da Casa Almeida, desafiava Manú na clarineta, Severino Fagundes, apreciava mais o trombone do que Manoel Jurema; Nestor Santiago, soprano igual a Francisco Martins; João Puchério, que desafiava Pedro Vieira, no contrabaixo; Nezinho Ferreira e Maurício Cordeiro, na bateria; Laurentino Barbosa, porteiro da prefeitura também era um afeiçoado da clarineta. Estes e outros muitos, cujos nomes não me ocorrem no momento, fizeram a banda de música de Itabaiana, na primeira trintena do século, sua fase áurea. (MAIA, 2015, p. 319-320)

É interessante destacar na citação do autor que nenhum dos constituintes citados era, de fato, músico. Tratava-se de pessoas que tinham seus ofícios durante o expediente de trabalho e dedicavam suas horas vagas à banda. Nota-se também que as ocupações variavam bastante entre os membros, evidenciando assim uma pluralidade social na banda, indo de vendedores de feira a profissionais mais especializados, como alfaiates e tipógrafos. Dessa forma, pode-se afirmar que tratavam de pessoas que buscavam dominar os instrumentos por conta própria, utilizando do critério de afinidade, em que era possível ter aqueles que dominavam mais de um, como o primeiro citado, Manoel Fuá, que dominava quase todos os instrumentos.

As bandas musicais das cidades não eram bandas formais como orquestras sinfônicas, possuíam um propósito diferente. Utilizando ainda da citação anterior, é possível concluir que esse tipo de agrupamento musical surgia a partir da improvisação e da vontade dos membros de formar uma banda ao ponto de dedicarem seu tempo livre para dominar os instrumentos. Portanto, o propósito da banda era buscar representar a cidade através da música, assim como acrescer mais uma atividade de entretenimento para as pessoas que moravam ou estavam de passagem em Itabaiana.

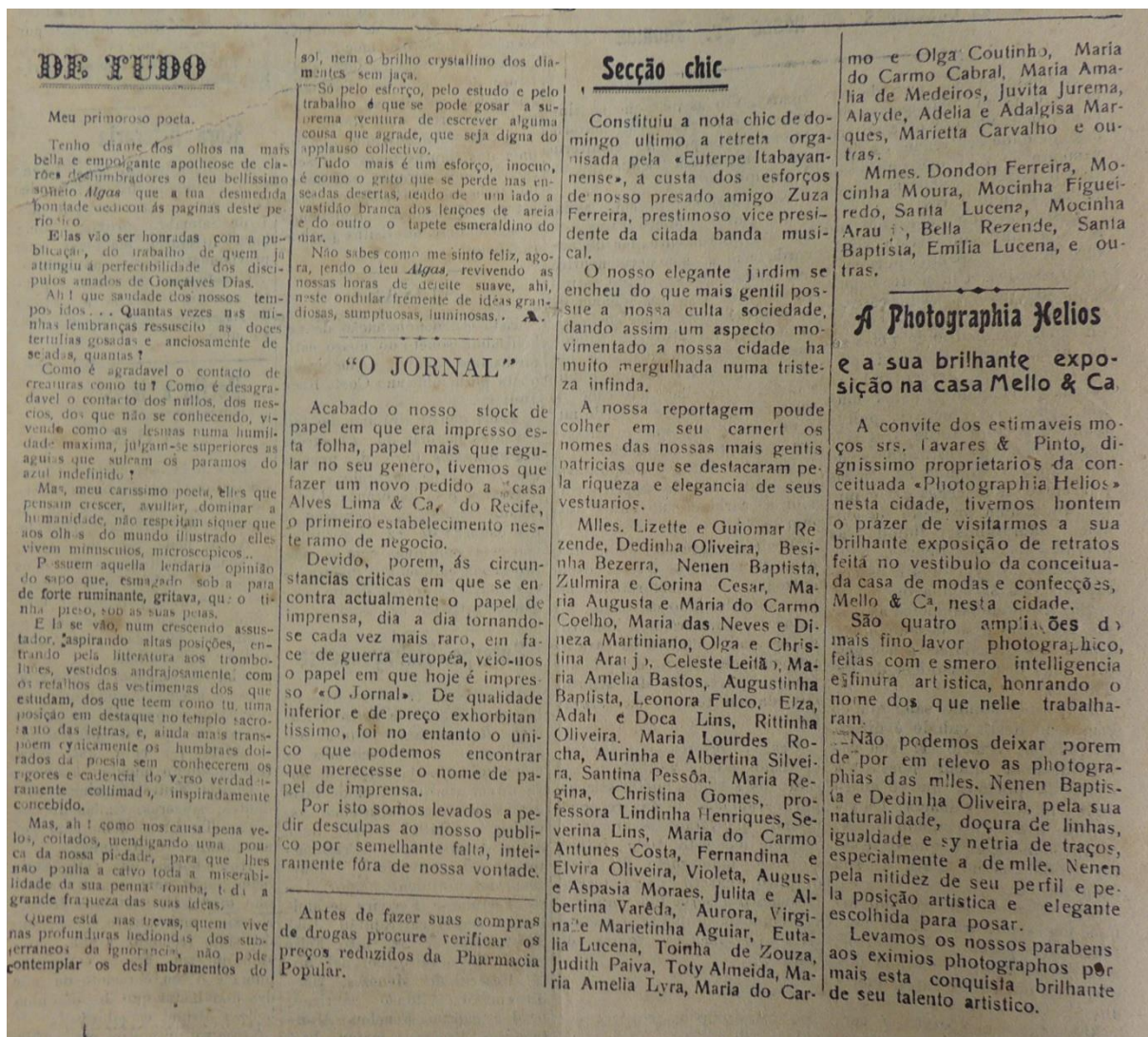
A citação ainda aponta que a banda teve sua fase áurea nos primeiros trinta anos do século XX. Pode-se dizer que, nesse período, seus membros se tornaram bem mais experientes nos seus instrumentos musicais. Acerca do nome, Maia (2015) afirma que tiveram várias mudanças na identificação da banda, segundo o autor:

D'antão até 1930, a banda musical de Itabaiana sempre existiu: ensaiando, tocando, alegrando suas festas, suas ruas, sua gente. Pode ter mudado de nome e de orientadores. Que isso lá, é certo, mudou mesmo. Dirigida, ora por entidades particulares, ora pela paróquia, ora pela prefeitura, chamada de Filarmônica Itabaianense, Filarmônica Santa Cecília, Sociedade Musical Itabaianense, Banda Musical 24 de Maio, e Euterpe Itabaianense, pouco importa, valia acima de tudo a sua continuação. (MAIA, 2015, p. 329)

A banda musical modificou-se em relação ao nome, formação e o seu repertório, decerto, foi variado ao longo dessas três décadas citadas pelo autor. Sabendo desses detalhes acerca da banda, torna-se possível pensar o impacto desse grupo no cotidiano itabaianense em meio das mudanças trazidas pela modernidade.

Nos jornais, em especial, no *O Jornal*, é possível identificar algumas edições com citações acerca da banda e suas retretas em algumas edições, em que também é possível perceber aspectos que surgiram após a busca do progresso através da modernidade, que alterou o cotidiano da cidade.

Imagem 31: Recorte jornalístico de *O Jornal*, edição de 20 de agosto de 1916.



Fonte: IHGP.

Na imagem acima, na “Secção chic”, é possível localizar o trecho em que se fala sobre a banda Euterpe Itabayanense. Nesse fragmento, é importante chamar atenção para o modo que é narrado a forma que aconteceu a apresentação e como são descritos o público que prestigiou o evento. Nas palavras do redator, lê-se: “O nosso elegante jardim se encheu do que mais gentil possui a nossa culta sociedade, dando assim um aspecto movimentado a nossa cidade há muito mergulhada numa tristeza infinda.” (O JORNAL, 1916).

É importante observar como o autor do texto buscou enaltecer o status do local e daqueles que compareceram na apresentação da banda, o local teve um enaltecimento, onde o autor frisa que não é apenas um simples jardim, mas sim um “elegante jardim” e que, assim como o jardim, as pessoas também deveriam seguir esse padrão, sendo cultos. Tal preocupação com esse status a ser passado para o leitor do jornal demonstra que buscava-se legitimar a imagem da cidade como sendo um local com aspectos semelhantes aos espelhos nos quais o

progresso e a modernidade itabaianense se espelharam: Rio de Janeiro, São Paulo, Recife, Paris e Londres.

Ainda nesse trecho, o redator refere-se a uma grande tristeza vivida na cidade. O sentido da palavra “tristeza” nessa sentença pode fugir da relação com o sentimento, em que, analisando a narrativa, percebe-se que diz respeito ao fato de a movimentação da cidade estar baixa, uma vez que a frase deixa a entender que movimentação gerada pela banda sanaria esse problema. Percebe-se assim, que a cidade de Itabaiana, em seu cotidiano, mesmo estando no seu processo de modernização, não conquistou a movimentação agitada que é característica dos grandes centros urbanos nos quais se espelhou. Pode-se dizer que essa “modernidade pacata” é consequência de uma modernidade instalada em baixa cadência, trazendo essa rugosidade no cotidiano mais aparente, onde a cidade de Itabaiana, mesmo possuindo os signos do moderno, mas não se vive da mesma forma dos grandes centros urbanos.

Nos parágrafos seguintes desse mesmo recorte, o autor deu ênfase às pessoas que estavam no evento, chamando atenção também para as vestimentas, que segundo ele: “se destacaram pela riqueza e elegância” e logo após, cita o nome de todas as mulheres presentes, a quem ele se refere como “patrícias”. Nesse trecho, analisando o discurso do autor em busca das suas intencionalidades, percebe-se que ele buscou, mais uma vez, enaltecer tanto o evento como aqueles que compareceram, em que o critério desse enaltecimento girou em torno do status social que estava representado no momento. A busca incessante do autor em legitimar o evento como elegante percorreu todo o texto, em que, nessa parte em específico, o autor utiliza do termo “patrícias”, em referência ao termo referente à mais alta camada da antiga sociedade romana.

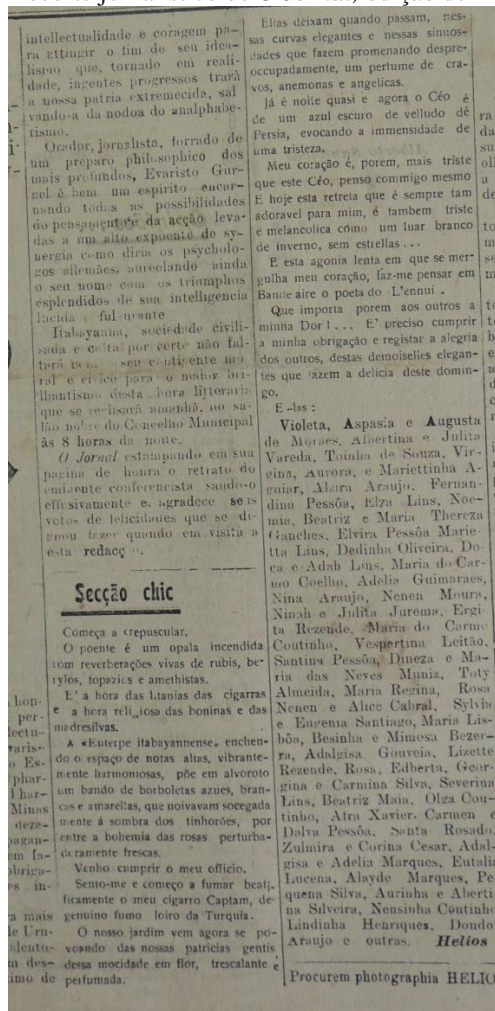
A busca pelo estatuto de ser uma cidade que abrigava e recebia pessoas abastadas e elegantes era recorrente nos impressos. Sempre que possível, os redatores traziam narrativas semelhantes a essa apresentada no recorte jornalístico, com termos que buscavam enaltecer algo em direção a esse aspecto de ser algo que remete à alta sociedade. Pode-se dizer que buscavam construir essa imagem para a cidade, com Itabaiana sendo o destino de pessoas elegantes e cultas.

Nesse sentido, é necessário acrescentar que esse movimento não trilha esse percurso por acaso. É preciso lembrar que o modelo de elegância e das artes, tidas como refinadas, que são buscadas pela elite brasileira – e por aqueles que emulavam os costumes da elite – são características referentes à *Belle Époque*, período em que se teve grandes mudanças na cultura europeia e que suas práticas foram importadas no Brasil. Sendo assim, cria-se a lógica de que

quanto mais próxima à emulação do modelo europeu a pessoa se aproximar, seja nas roupas, no modo de se portar ou naquilo que consome, mais refinada essa pessoa era.

A banda Euterpe Itabayanense fazia suas retretas aos domingos, quando o público se juntava para prestigiar a apresentação. A “Secção Chic” de *O Jornal* traz um recorte da experiência vivida nesses eventos, não só indicando o que ocorria, mas também deixando vestígios para que o pesquisador consiga identificar e inquirir esse tipo de fonte para que se cristalize o cotidiano vivido em Itabaiana na segunda década do século XX.

Imagem 32: Recorte jornalístico de *O Jornal*, edição de 24 de setembro de 1916



Fonte: IHGP

Na imagem, novamente na “Secção Chic”, percebe-se mais um texto que se torna passível de análise devido ao discurso do seu autor. Nesse caso, como não foi possível encaixar um recorte com uma resolução melhor, segue a transcrição:

Começa a crepuscular. O poente é um opala incendiada com reverberações vivas de rubis, berylos, topázios e amethystas. É a hora das litanias das cigarras e a hora

religiosa das boninas e das madressilvas. A Euterpe Itabayannense, enchendo o espaço de notas altas, vibrantemente harmoniosas, põe em alvoroço um bando de borboletas azues, brancas e amarelas, que noivavam sossegadamente à sombra dos tinhorões, por entre a bohemia das rosas perturbadoramente frescas. Venho a cumprir o meu officio. Sento-me e começo a fumar beatificamente o meu cigarro Captam, de genuíno fumo loiro da Turquia. O nosso jardim vem agora se povoando das nossas patrícias gentis dessa mocidade em flor, trescalante e perfumada. Ellas deixam quando passam, nessas curvas elegantes e nessas sinuosidades que fazem promenando despreoccupadamente, um perfume de cravos, anêmonas e angélicas. Já é noite quasi e agora o Céu é de um azul escuro de veludo de Persia, evocando a immensidade de uma tristeza. Meu coração é, porem, mais triste que este Céu, penso commigo mesmo E hoje esta retreta que é sempre tam adorável para mim, é também triste e melancólica como um luar branco de inverno, sem estrelas... E esta agonia lenta em que se mergulha meu coração, faz-me pensar em Baudelaire o poeta do L'ennui. Que importa porem aos outros a minha dor! ... É preciso cumprir a minha obrigação e registrar a alegria dos outros, destas demoiselles elegantes que fazem a delicia deste domingo. E-las: Violeta, Aspasia e Augusta de Moraes, Albertina e Julita Vareda, Toinha de Souza, Vigena, Aurora, Mariettinha Aguiar, Alzira Araujo, Fernandina Pessoa, Elza Lins, Noemia, Beatriz e Maria Thereza Ganches, Elvira Pessoa Marietta Lins, Dedinha Oliveira, Doca e Adab Lins, Maria do Carmo Coelho, Adelia Guimaraes, Nina Araujo, Nenen Moura, Ninah e Julita Jurema, Ergita Rezende, Maria do Carmo Coutinho, Vespertina Leitão, Santina Pessoa, Dineza e Maria das Neves Muniz, Toty Almeida, Maria Regina, Rosa Nenen e Alice Cabral. Sylvia e Eugenia Santiago, Maria Lisboa, Besinha e Mimesa Bezerra, Aldalgisa Gouveia, Lizette Rezende, Rosa, Edberta, Georgina e Carmina Silva, Severina Lins, Beatriz Maia, Olga Coutinho, Atra Xavier, Carmen e Dalva Pessoa, Santa Rosado. Zulmira e Corina Cesar, Adalgisa e Adeliza Marques, Eutalia Lucena, Alayde Marques, Pequena Silva, Aurinha e Abertina Silveira, Nensinha Coutinho Lindinha Henriques, Dondon Araujo e outras. Helios. (O JORNAL, 1916)

O autor do texto, mais uma vez, descreve o dia de mais uma das retretas da banda da cidade, em que descreve parte das práticas realizadas por ele, que esteve na apresentação. Essas práticas, pode-se dizer que estavam dentro do que era considerado costume da época, ou seja, da forma como parte das pessoas se portavam.

É válido salientar que, mais uma vez, representações europeias são notadas na escrita do autor. Ao descrever o que estava fazendo no momento do seu relato, o escritor julgou necessário informar a origem do cigarro que fumava, afirmando ser um “genuíno fumo loiro da Turquia”. Fica evidente que tal afirmação foi feita com o objetivo de autopromoção, já que a mentalidade do local e da época via os produtos e costumes estrangeiros como sinônimo de qualidade e status social.

Além das representações de itens encontradas na narrativa, também é possível identificar uma escrita poética por parte do autor, que demonstra que possuía uma carga de leitura considerável. As influências europeias também surgem nesse ponto, com uma menção a Baudelaire em dado momento do texto, quando o autor relata certo sofrimento em seu ofício, remetendo ao sofrimento vivido por Baudelaire ao viver na cidade moderna.

A busca pela proximidade com a França é recorrente na narrativa, nota-se termos em francês, como no momento em que o autor chama Baudelaire de “poeta do *L'ennui*”, palavra

em francês que significa “tédio”, na língua portuguesa. É possível perceber a presença do francês também na palavra *demoiselles*, que em português significa “donzelas” e no próprio título da coluna, a palavra *chic*, que também é da língua francesa, que significa “elegância”. Dessa forma, percebe-se que além de mencionar as práticas e as vestes de costume europeu como demonstração de status social e o status de estar acompanhando a modernidade, o uso da língua francesa também reforça a busca desses status, uma vez que demonstra proximidade com a cultura francesa, aparentando assim, um sujeito completamente naturalizado com determinada cultura e, portanto, moderno.

Como dito no início desse tópico, de forma isolada, a banda não se configura como um aspecto moderno, porém, como foi discutido, todo o contexto vivido na época, as práticas, a forma que ocorriam as apresentações e como eram noticiadas, traz esse aspecto oriundo da modernidade e passível de análise para a compreensão do cotidiano em Itabaiana durante o seu processo de modernização.

Dessa forma, é perceptível nas palavras do redator do impresso *O Jornal*, a necessidade em demonstrar-se enquanto uma pessoa que estava atualizado com o que se tinha de mais moderno ofertado na realidade urbana de Itabaiana. Sendo assim, pode-se dizer que essa mentalidade do redator é um reflexo da época vivida por ele, logo, não apenas ele pensava dessa forma, mas outras pessoas também compartilhavam dessa visão. O ser *chic*, palavra que é colocada no título da coluna jornalística, representava uma pessoa elegante aos moldes franceses, assim sendo, o itabaianense, ao se considerar *chic*, estaria afirmando que acompanhava as tendências europeias, tornando-se além de elegante, moderno, uma vez que Paris era vista como baluarte da modernidade.

A busca por essa elegância disseminava-se também nas festividades privadas, como os bailes, onde além de se festejar determinado acontecimento, serviam também para que as pessoas exibissem suas vestimentas para aqueles que compareciam ao evento. Dessa forma, os bailes tornavam-se um evento onde era medido quem estava de acordo com a moda de tendência francesa ou não.

Não apenas as vestimentas, mas toda a estrutura da festa era analisada pelos seus frequentadores, compostos principalmente por membros da elite local. Por se tratar dessa camada social, os jornalistas locais faziam a cobertura do evento, buscando sempre enaltecer as personalidades presentes no local. Como dito nos capítulos anteriores, era bastante comum os jornais buscarem bajular os indivíduos detentores do poder político na cidade, sendo esse poder não necessariamente oriundo de um cargo público, muitos dos enaltificados nas páginas

exerciam o poder através da influência conquistada pelas posses. Esse tipo de comportamento visava, por muitas vezes, um interesse por parte da imprensa de obter favores políticos.

Sendo assim, ao folhear o impresso *O Jornal*, na edição de 15 de agosto de 1915, foi possível encontrar uma coluna social que descrevia um desses eventos festivos organizados pela elite itabaianense. Segue o recorte:

Imagem 33: Recorte jornalístico de *O Jornal*, edição de 15 de agosto de 1915

15—8—1915

O JORNAL

PAGINA NOVE

Prestação de Contas

O ex-prefeito Coronel Manoel Pereira Borges em conta corrente para a prestação de contas da entrega do Município de Itabayanna ao actual Prefeito Dr. Odilon Marója em 30 de Junho de 1915.

DEBITO	
30 Junho Importancia da divida passiva deste municipio até hoje	14.688 910
• • Saldo em caixa, conforme respectivo livro	37 640 14 726.550
CREDITO	
• • M e la reputada falsa existente no cofre do Municipio	16.000
• • Importancia com que ainda não entrou o respectivo thesoureiro	13.640
• • Dinheiro em cofre realmente	8 000
• • Creditores do Municipio, abaixo declarados, conforme os apontamentos lançados no livro respectivo:	
João Florentino Barbosa	25.000
D. Sophia Guerra	385 000
Felix Guerra	445 000
D. Celestina Vellozo	200 000
D. Elvira Lins	700 000
D. Georgina Callado	325.000
Dr. Laudelino Cordeiro	426.000
Firmino Rodrigues de Souza	250 000
Antonio Camarão	240 000
Antonio de Barros	90.000
Fabrica de Mosaico	719.000
Francisco Sotter	1.602.000
D. Victaliana de Oliveira	187.000
Coronel Francisco Sá	7 430.000
J. Ferreira & C. ^a	1.639.910
J. B. Lins d'Albuquerque	25.000
	14 726.550 14 726.550

Prefeitura Municipal de Itabayanna, 30 de Junho de 1915.
Odilon Marója.
Manoel Pereira Borges.

Receita e despesa do municipio de Itabayana no mez de Julho proximo findo, na administração do prefeito Dr. Odilon Marója.

DEBITO	
31 de Junho Receita arrecadada durante o mez findo, de diversas despesas	3.393\$300
CREDITO	
Despesas realizadas até hoje	1.902\$170
Saldo em caixa	1.491\$130
	3.393\$300

Prefeitura Municipal de Itabayana, 1º de Agosto de 1915
Odilon Marója

BAILE

Por iniciativa do illustre coronel Francisco Resende, professor Maciel, dr. Henrique de Figueirêdo, coronel José Resende e outros distinctos cavalheiros que compõem a elite itabayannense, teve lugar no penultimo sabbado, na residencia do coronel Resende, uma esplendida serata oferecida aos forasteiros actuaes de Itabayanna representados nas distinctissimas senhoras d.d. Anninha Krause, Sinhá Trindade, Maria José Oliveira e nos srs. Julio Pacheco, Carlos Guimarães, Alcebiades Gonçalves e outros.

A serata compareceu o que de mais fino possui o nosso *grand monde* e as danças se prolongaram até alta madrugada, na mais constante expansão alacre de jubilos intensos.

Ao terminar o chá, uma finissima meza de doces e bebidas caras, sendo aclamado, usou da palavra o nosso collega dr. Henrique de Figueirêdo que produziu uma eloquente oração, toda em elogio a mulher, cheia de expendidas emoções estheticas.

A illustre familia Resende prodigamente, num acolhimento amavel para com os convidados, deixou em cada recepcionado o traço indelevel de uma recordação gratissima das suas fidalgas maneiras gentis.

—Dentre as finas toilettes que compareceram ao baile, notamos as seguintes: senhoritas Antonietta Mendonça, vestido de sed rosa desmaiada.

Celeste e Vespertina Leitão, chics vestidos brancos de alta phantazia.

Lizete Resende, blusa d *noile bleu* e saia de xadrez.

Oiga e Christina Araujo, vestidos de finissima cambra bordada com enfeites de con fecção.

Zulmira Cesar, vestido co de jambo com enfeites de renda.

Corina Cezar, vestido creme, muito chic.

Mary Furtado, phantasia co de perola com enfeites de renda de seda.

Sinhá Ferreira vestido co de creme.

Senhoras: Emilia Maciel, vestido de seda *gris perle*, com tunica elegante de rendas *guipure*.

Adelia Resende, blusa de seda tango com saia cor de cinza, havana.

Sinhá Trindade, rico vestido

francês de alta costura, elegantemente talhado, emoldurado por uma faixa dupla de velludo cor de turqueza desmaiada.

Aninha Krause, vestido branco, alta novidade, com applicação de lanteoulas e mi-sangas em fundo de seda creme.

Maria Oliveira, finissima cambraia transparente, blusa muito elegante, de talho alto com gravatinha sport club e saia alta ovidade, com botões cor de turmalina.

—Foi uma festa graciosa e encantadora, digna de ser registrada entre os acontecimentos da nossa *haut-gomme* pela elegancia e nobreza de seus traços.

11 de Agosto

Transcorreu na quarta feira passada a magna data anniversaria da fundação dos cursos juridicos no Brasil.

Esse acontecimento auspicioso que deu á nacionalidade brasileira uma feição de cultura, foi comemorado festivamente na Faculdade de Direito do Recife e também, de certo, nas demais academias de direito do paiz.

11 de Agosto sendo a data comemoradora do inicio no Brasil do ensino juridico official é, também, a data festiva e tradicional da alforria dos *calouros*.

E por esse motivo que estes a festejam pomposamente.

Dentre as nossas mais gloriosas datas nenhuma sobrepõe em valor a de 11 de Agosto, que apesar da sua valiosidade não é considerada como um feriado nacional.

Gremio Maciel Monteiro

Terá lugar hoje a posse da nova directoria do Gremio Maciel Monteiro, esperancosa sociedade litteraria recentemente fundada pelos estudiosos alumnos do Instituto N. S. do Carmo, nesta cidade.

A posse que se realizará numa das salas do referido estabelecimento educacional, não se revestirá de caracter festivo por motivos apparecidos em ultima hora.

Está assim constituída a nova directoria: presidente Alcides de Carvalho; vice-presidente José Xavier dos Santos; 1º secretario Alvaro Athayde, (recolto); 2º dito Genesio Moraes Pinto; orador Lourival Resende; thesoureiro Nahum Prado.

Levamos á nova directoria do Gremio Maciel Monteiro, os nossos votos de felicidades.

Fonte: IHGP

No recorte acima é possível visualizar na coluna central, intitulada como “Baile”, a descrição da festividade que envolvia a alta sociedade itabaianense. No corpo do texto, o autor da coluna buscou enaltecer as personalidades presentes no evento, iniciando a narrativa com a apresentação dos organizadores da festa, utilizando de adjetivações com a finalidade de enaltecer essas pessoas, nas palavras do autor da coluna:

Por iniciativa do illustre coronel Francisco Resende, professor Maciel, dr. Hentique Figueirêdo, coronel José Resende e outros distintos cavalheiros que compõem a elite itabayannense, teve lugar no penúltimo sabbado, na residência do coronel Resende, uma esplendida serata oferecida aos forasteiros actuaes de Itabayanna representados nas distinctissimas senhoras d.d. Aninha Krause, Sinhá Trindade, Maria José Oliveira e nos srs. Julio Pacheco, Carlos Guimarães, Alcebiades Gonçalves e outros. (O JORNAL, 1915)

É perceptível na narrativa do autor a busca por enaltecer tanto as personalidades, como o próprio evento. Uso de termos como “ilustre”, “distintos cavalheiros”, “distinctissimas senhoras”, demonstram o objetivo do colunista em enaltecer as personalidades a quem se refere, como forma de reconhecer a posição de destaque dessas pessoas na sociedade itabaianense.

Torna-se válido observar que o evento, de acordo com o texto, foi oferecido para pessoas que não eram naturais da cidade e que, possivelmente, estavam de passagem, visitando a cidade. Tal afirmação torna-se viável ao perceber que, em seu texto, o autor se refere às pessoas a quem o baile foi oferecido como “forasteiros”, que acabam sendo também citados, por nome, no corpo do texto e com os devidos tratamentos de enaltecimento. Fica claro no texto que a intenção do autor é buscar agradar essa camada social a que ele se refere como “elite itabayannense”, para que assim, tenha o reconhecimento dessa parcela da sociedade e que possa ter um espaço nos seus círculos sociais.

Como dito anteriormente, a busca por ser – ou aparentar – refinado era recorrente na narrativa jornalística das duas primeiras décadas do século XX e uma das principais estratégias utilizadas para esse fim era o uso de palavras em língua estrangeira, para demonstrar naturalidade com o mundo além do Brasil. Dessa forma, ao observar o recorte em questão é possível visualizar algumas palavras em outras línguas, como por exemplo: *serata* e *grand monde*, em que a primeira vem do italiano e significa “noite”, porém, também era utilizado para referir-se a festividades com músicas, já a segunda, vem do francês e, traduzindo diretamente,

significa “grande mundo”, no entanto, esse termo é utilizado para referir-se ao mundo da alta sociedade, como indica o dicionário Michaelis²⁷.

Sendo assim, percebe-se que o escritor buscava utilizar das palavras estrangeiras como estatuto de erudição e refinamento. Ao utilizar tais termos para se referir à festividade organizada pela alta sociedade da cidade de Itabaiana, esse jogo de palavras causava a impressão no leitor de que o baile descrito foi realmente refinado, por mais que na maioria das vezes não possuía tanto *glamour* quanto os colunistas descreviam.

Na mesma coluna, é possível notar que todo o protocolo da festa ocorrida é descrito e, seguindo o padrão da narrativa, o escritor buscou estratégias para fortalecer a ideia de que o evento havia sido bastante elegante, com um decorrer de ações conforme indicava o modelo de festividades da alta sociedade. No texto é possível observar o seguinte trecho:

Ao terminar o chá, uma finíssima meza de doces e bebidas caras, sendo aclamado, usou da palavra o nosso collega dr. Henrique de Figueirêdo que produziu uma eloquente oração, toda em elogio a mulher, cheia de esplendidas emoções estheticas. A illustre família Resende prodigamente, num acolhimento amável para com os convidados, deixou em cada recepcionado o traço indelével de uma recordação gratíssima das suas fidalgas maneiras gentis. (O JORNAL, 1915)

Nesse trecho, o discurso do autor deixa visível a sua intenção de enaltecer – ou bajular – a família Resende em vários momentos.

Além das palavras utilizadas, as vestimentas das mulheres também faziam parte do processo de demonstrar o quão *chic* havia sido o baile e aqueles que o frequentaram. Na coluna em questão, é possível ver como o autor do texto descreveu as roupas das mulheres presentes na festividade, nas palavras dele:

Dentre as finas toilettes que compareceram ao baile, notamos as seguintes: senhoritas Antonietta Mendonça, vestido de seda rosa desmaiada. Celeste e Vespertina Leitão, chics vestidos brancos de alt phantazia. Lizette Resendem blusa d *noile bleu* e saia de xadrez. Olga e Christina Araujo, vestidos de finíssima cambra bordada com enfeites de confecção. Zulmira Cesar, vestido co de jambo com efeites de renda. Corina Cezar, vestido creme, muito chic. Mary Furtado, phatasia côr de perola com enfeites de renda de seda. Sinhá Ferreira vestido côr de creme. Senhoras: Emilia Maciel, vestido de seda *gris perle*, com túnica elegante de rendas *guipure*. Adelia Resende, blusa de seda tango com saia cor de cinza havana. Sinhá Trindade, rico vestido branco de alta confecção, elegantemente talhado, emoldurado por uma faixa dupla de velludo côr de turquesa desmaiada. Anninha Krause, vestido branco, alta novidade, com aplicação de lantejoulas e misangas em fundo de seda creme. Maria Oliveira, finíssima cambraia transparente, blusa muito elegante, de talho alto com gravatinha sport club e saia alta novidade, com botões côr de turmalina. (O JORNAL, 1915)

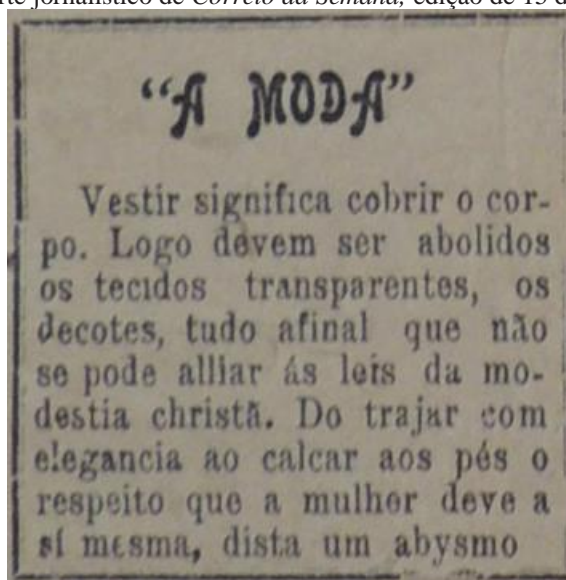
²⁷ Disponível em: <https://michaelis.uol.com.br/moderno-portugues/busca/portugues-brasileiro/grand>. Acesso em 09 de maio de 2024.

Nota-se que o padrão de discurso é continuado, com palavras em francês com o objetivo de legitimar-se enquanto um colunista que acompanha os ares modernos. No entanto, é preciso também perceber que essa estratégia de discurso não servia apenas para o autor demonstrar seu grau de modernidade, mas também para fortalecer o estatuto de poder da elite local, uma vez que relacionava a questão de elegância – o *chic* – com poder aquisitivo e, consequentemente, com o fato de “ser moderno” e ter influência política e econômica no cenário local.

Percebe-se também o modelo de roupas das mulheres, que buscavam acompanhar a moda europeia – principalmente a francesa – que era o espelho da modernidade no Brasil. Nesse sentido, percebe-se a escolha dos tecidos, dos cortes e das cores utilizadas: muitos de seda e veludo, tecidos que trazem representação de nobreza desde épocas passadas, assim como também o uso de cores não tão chamativas, para demonstrar sobriedade. Esses aspectos representavam o que se compreendia como *chic* e eram buscados pela elite itabaianense com a finalidade de se afirmarem enquanto sujeitos modernos.

No entanto, nem sempre as modas europeias eram bem aceitas pela sociedade itabaianense. Na cidade, a busca por essa elegância poderia variar em relação ao padrão europeu. A moda francesa nem sempre se tornava compatível com a cultura brasileira e muito disso diz respeito à questão da mentalidade conservadora que era predominante no Brasil nas primeiras décadas do século XX. Em alguns recortes jornalísticos é possível deparar-se com os seguintes dizeres:

Imagem 34: Recorte jornalístico de *Correio da Semana*, edição de 15 de setembro de 1912

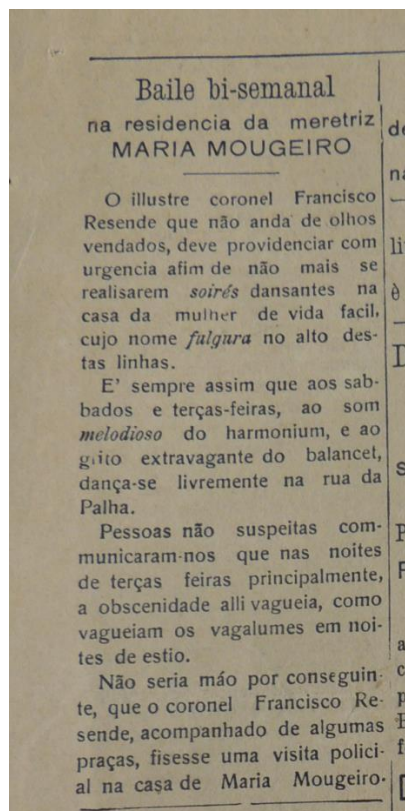


Fonte: IHGP.

O recorte, por mais que seja de anos anteriores ao da festividade mencionada anteriormente, diz respeito a uma mentalidade vigente durante a década de 1910. O jornal *Correio da Semana*, por exemplo, continuou replicando, esporadicamente, esse mesmo recorte durante os seus anos de circulação, demonstrando assim uma insistência na crítica formulada acerca das roupas que mostravam partes do corpo feminino que a cultura conservadora julgava como deselegante ou vulgar. A moda, na visão do autor do recorte, deveria acompanhar a moral cristã: “Logo, devem ser abolidos os tecidos transparentes, os decotes, tudo afinal que não se pode alliar as leis da modéstia christã.” (CORREIO DA SEMANA, 1912). Dessa forma, para se buscar a elegância, as mulheres dessa temporalidade tratada deveriam seguir os padrões europeus, exceto por roupas que demonstravam partes dos corpos que desafiavam a moralidade cristã.

Nesse sentido, o espectro da vulgaridade não era colocado apenas em vestimentas que demonstravam partes do corpo que a moralidade da época julgava como indecentes. As festas que não eram do campo da dita elite itabaianense também eram alvo dessa rotulação. No tocante a essas festividades vistas como vulgares na cidade de Itabaiana, o impresso chamado *Gazeta da Manhã* noticiou acerca desses ocorridos. O impresso em questão, de acordo com Maia (2015), surgiu no início de 1913 e circulou por quase dois anos, encerrando suas atividades no final de 1914. Tinha como seu diretor Severino Batista Lins de Albuquerque e como redator principal, Eugênio Carneiro Monteiro. Sendo assim, nesse impresso, na edição de 26 de julho de 1914, surgiu uma denúncia e um pedido de intervenção por parte da redação do jornal. Segue o recorte:

Imagem 35: Recorte jornalístico de *Gazeta da Manhã*, edição de 26 de julho de 1914.



Fonte: IHGP.

O texto dessa notícia apresenta várias camadas que necessitam de problematizações, por partes, acerca do que está sendo discutido. Inicialmente, o autor do texto direciona sua denúncia ao coronel Francisco Resende de Melo, que havia finalizado seu mandato na prefeitura em 1909, no entanto, possuía influência local, principalmente na mobilização do policiamento, pelo fato de ter o título de coronel.

Adiante na narrativa é possível perceber, novamente, termos em francês. Nesse sentido, por se tratar de um impresso diferente do anterior, demonstra que essa característica não era uma particularidade de apenas um jornal, mas sim uma tendência a ser seguida que reforça a ideia de que esse comportamento dos escritores tinha como objetivo demonstrar que estavam inteirados com as tendências modernas do continente europeu.

Além disso, o modo como o autor se refere aos sujeitos em sua narrativa, ainda no primeiro parágrafo, demonstra a sua aversão às prostitutas. Nesse contexto, o autor refere-se ao coronel como “ilustre”, enquanto a prostituta Maria Mougeiro é chamada de “mulher de vida fácil”. Tal escolha de tratamento deixa evidente que o autor buscava aproximar-se do coronel Francisco Resende, bajulando-o, para que, através das suas ferramentas de poder, viesse a encerrar os bailes promovidos por Maria Mougeiro. É válido ressaltar que essa forma de

marginalização através do discurso jornalístico tinha como objetivo agradar os leitores moralistas, que serviam para legitimar o protesto apresentado no impresso.

Ainda assim, o desejo de encerrar as atividades recreativas da camada marginalizada da sociedade não partia apenas do redator, no terceiro parágrafo ele traz que: “Pessoas não suspeitas comunicaram-nos que nas noites de terças feiras principalmente, a obscenidade alli vagueia, como vagueiam os vagalumes em noites de estio” (GAZETA DA MANHÃ, 1914). Sendo assim, as pessoas que circulavam na cidade e que se sentiam incomodados com a movimentação na rua da Palha acabavam colaborando com essa denúncia feita pelo redator. Um detalhe importante desse trecho é o fato de a movimentação maior ocorrer nas terças-feiras, que era o dia da feira de gado, o que fazia com que a cidade recebesse muitas pessoas de fora. Citando o baile de Maria Mougeiro e relacionando com a movimentação trazida pela feira de gado, Sabiniano Maia (2015) traz que:

A cidade inteira se movimentava com a feira de gado. Os hotéis recuperavam os prejuízos da semana. O “Avenida”, de D. Sinhá, olhando para a matriz; o dos “Viajantes”, na rua da República, de Francisco tavares de Melo; o da “Mariana”, no Alto dos Currais; a pensão “Universal”, na rua 13 de maio, de Henrique Ramos; “O Comercial”, na rua da República, de João Ribeiro Coutinho; e o de D. Chiquinha, a que casou com Martins, o espanhol, na rua Mons. Walfredo Leal, e o de D. Joaninha, sogra de Jonas Cordeiro, na rua da Estação. Terminada a feira e chegada a noite, os marchantes, os fazendeiros ou os simples tangerinos, tomavam rumos diversos. Havia os que ficavam nos hotéis, fazendo as contas, somando, multiplicando e dividindo para saber se perderam ou ganharam. Outros formavam rodas de cadeiras nas calçadas das casas das famílias que os hospedavam. O hotel de D. Chiquinha era um chamariz para os amantes das cartas de baralho. O cinema Conceição enchia-se de muitos deles. Os mais jovens compareciam ao pastoril de Rubina, ou iam verificar as “caras novas”, nas pensões alegres da rua do Carritel. E os tangerinos? Que era feito deles, os mais pobres de todos? Ah! Estes caíam de cheio no balancê, puxado a harmonium, na casa de Maria Mogeiro, na rua da Palha. (MAIA, 2015, p. 153)

Como dito em capítulos anteriores, a feira de gado trazia uma movimentação elevada para a cidade, mudando drasticamente o fluxo de pessoas na cidade. Sendo assim, a grande quantidade de pessoas buscando entretenimento não era apenas na casa de Maria Mougeiro, mas sim em toda a cidade, que como aponta Maia (2015), lotava-se os hotéis. Ainda na citação de Maia (2015), nota-se que no fim da sua fala o autor menciona o evento noticiado no recorte do *Gazeta da Manhã*. A informação trazida pelo autor evidencia a camada social que buscava a diversão nos bailes de Maria Mougeiro, era os que o autor se referiu como “tangerinos”, que eram “os mais pobres de todos”.

Sendo assim, nota-se que o redator do jornal possuía uma visão elitista, buscando marginalizar a festividade que ocorria nas terças-feiras na casa de Maria Mougeiro, que

abarcava os mais pobres, e tendo como objetivo fazer um apelo para o coronel Francisco Resende mobilizar o policiamento no local para pôr fim no evento.

Por fim, pode-se dizer que essa busca pelo *chic*, para que através dele se legitime enquanto moderno acabava por deixar o jornal dentro da seara elitista. As palavras em língua estrangeira, que excluía os leitores sem muito conhecimento; o enaltecimento de vestimentas oriundas da moda europeia, para demonstrar os ares modernos; o enobrecimento dos bailes das pessoas detentoras de poder, como forma de buscar o apoio dessas camadas ao fortalecer a ideia de que eram pessoas que estavam a par das tendências modernas da Europa; a depreciação dos bailes das camadas mais baixas, como forma de encaixá-los como antagonistas ao *chic*. Todas essas estratégias utilizadas pelos impressos serviram para fazer perceber como se configurava a mentalidade da elite itabaianense acerca da modernidade aplicada nas festividades e eventos sociais.

3.2.3. *O trem e o cotidiano moderno itabaianense*

A cidade de Itabaiana, logo nas primeiras décadas após sua emancipação enquanto cidade, recebeu os trilhos de trem, como foi visto em capítulos anteriores. Essa pequena cidade do interior da Paraíba recebeu também vários outros signos do moderno, o que, nesse sentido, a deixava nivelada com as tecnologias de outros centros urbanos que tinham uma maior dimensão. Perceber então, como as pessoas interagiam com esse símbolo do moderno, se faz necessário para se ter um melhor entendimento do seu impacto. Além disso, precisa-se entender que o trem, isoladamente, não cria o cotidiano, logo, é preciso compreender o fluxo de pessoas que o cercam e que constroem esse cotidiano.

Ora, sabe-se que o fluxo de pessoas era intensificado nas cidades onde se instalava uma ferrovia com um trem ativo, logo, a cidade de Itabaiana não seria diferente. O trem moveu narrativas nos jornais, que buscavam ilustrar diversos casos ocorridos no trem e no cotidiano alterado por esse transporte. O objeto isolado não modifica a realidade da cidade, é preciso o seu uso e instrumentalização por parte das pessoas para que as modificações aconteçam, logo, se faz necessário a compreensão do cotidiano das ferrovias, este cristalizado através das narrativas jornalísticas.

Antes do início da análise dos recortes, torna-se válido ressaltar que, ao longo dessa pesquisa foi dito que a cadência da modernidade na cidade de Itabaiana aconteceu em um ritmo menos acelerado do que nos grandes centros urbanos e, como meio de evidenciar essa afirmativa, o cotidiano do trem e das suas instalações nessa cidade deixa claro o que se busca

demonstrar. O trem é um dos signos do moderno que melhor cristaliza a cadência da modernidade em uma cidade, a sua frequência, a forma como foi implementado, o seu uso para fins comerciais e pessoais, o aumento do fluxo de pessoas na cidade, todos esses aspectos demonstram o ritmo da modernidade em uma cidade. Nesse contexto, quando se fala em Itabaiana, é possível encontrar, em seus jornais, diversas reclamações acerca do trem e que, pelo teor das reclamações, percebe-se que dizem respeito a uma implementação não tão orgânica como nos grandes centros urbanos.

Dessa forma, dentro dos recortes jornalísticos que se teve acesso para essa pesquisa, as reclamações sobre o trem, tanto na sua instalação como no seu funcionamento, encontram-se nos seguintes impressos: *O Município*, *O Jornal* e no *Correio da Semana*. Sendo assim, torna-se importante estruturar a discussão em ordem cronológica, para assim compreender como se deu a progressão das ocorrências em relação ao trem e a própria empresa responsável pela sua administração, a *Great Western of Brazil Railway*.

Assim sendo, iniciando com o recorte que retrata uma temporalidade mais antiga, em *O Município*, na edição de 7 de junho de 1908, é possível encontrar na página de abertura do impresso, um apelo para que se aumentasse a frequência de trens na cidade de Itabaiana. O corpo do texto desse recorte ocupa quase toda a página, demonstrando assim a dimensão da preocupação e da indignação por parte da equipe editorial. Logicamente, há de se considerar que esse sentimento não partia apenas da equipe, mas de uma rede de pessoas de influência que solicitava aos redatores que publicassem esse tipo de apelo para levar a público a situação que eles julgavam preocupante. Além disso, o fato de dedicar a página inicial do jornal para esse tipo de publicação evidencia a emergência dessa informação ser visualizada, já que o leitor, no momento em que manuseasse o jornal, já encararia tal apelo. Há de se considerar também, que esse jornal em específico possuía seis páginas em suas edições e quase uma página inteira sendo exclusiva de um apelo demonstrava o grau de importância que o impresso deu a essa publicação. Sendo assim, segue o recorte da página em questão:

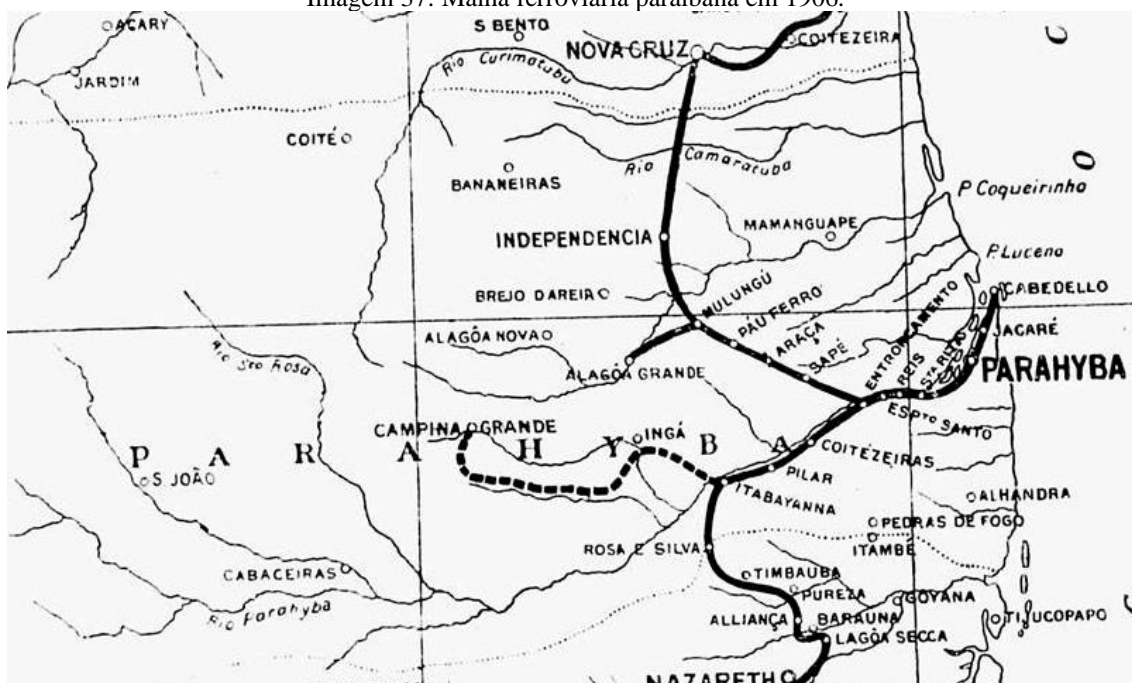
Imagem 36: Recorte jornalístico de *O Município*, edição de 07 de junho de 1908.

No recorte é possível perceber a argumentação do redator para embasar a sua reclamação acerca da frequência dos trens na cidade, que o texto atesta ser menor do que deveria. Para melhor compreensão do texto escrito no recorte e da sua problematização, a análise será feita em partes através de transcrições. Sendo assim, essa edição do jornal *O Município* é iniciada da seguinte forma:

Devemos satisfazer ao nosso programma a poucos dias apresentado ao publico e assim hoje ocupar-no de vitas necessidades da nossa praça para o que chamamos a a atenção dos poderes competentes. Não se explicam com solidas razões os motivos determinativos da ausência dos trens diários nesta cidade desde que apenas um pequeno trecho, isto é, do Entrocamento a Timbaúba, não goza desse serviço, de tantas vantagens para o publico, e principalmente para o commercio. As cidades de Guarabira e Alagoa Grande, não são núcleos de mais importância comercial que Itabbayanna e entretanto tem os seus trens diários, satisfazendo assim as necessidades daquellas zonas. Occorre ainda que logo ao começar a safra temos trens de carga diariamente, de modo que, nem mesmo aumento de despesas para a *Great Western*, poderão produzir os trens diários desde que seja bem organizado o serviço. Parece-nos que somente dependerá o melhoramento de um pouco de estudo que acreditamos já esteja realizado pela digna gerencia. (O MUNICÍPIO, 1908)

O apelo por trens diários inicia argumentando que não existem razões sólidas para a ausência do serviço prestado pela *Great Western*. De acordo com o autor, apenas no entrocamento com a cidade de Timbaúba, em Pernambuco, que não possuía esse serviço, mas em cidades menores da Paraíba, como Guarabira e Alagoa Grande, a presença do trem era diária. Para melhor situar-se geograficamente, se faz interessante o uso de um mapa ferroviário:

Imagem 37: Malha ferroviária paraibana em 1906.



Fonte: Fonte: Acervo Artur Anderson Honório Pereira.

No mapa é possível visualizar quase todas as cidades citadas, exceto Guarabira, que no mapa está com o seu nome anterior, Independência. Compreendendo a posição, é possível afirmar que os trens em Itabaiana não chegavam diariamente pelo fato de não circularem trens interestaduais diariamente, uma vez que a cidade era última da Paraíba antes da entrada no território pernambucano. A linha pontilhada, que leva a Campina Grande, diz respeito a uma estrada de ferro que ainda estava em construção ou em estágio de planejamento, já que a estrada de ferro só chegou nessa cidade em 1907, como aponta Gervácio Aranha (2006): “Autorizado o prolongamento da estrada de ferro até Campina, vindo de Itabaiana, os trabalhos de construção foram iniciados em 1904 e, no dia 02 de outubro de 1907, a cidade recebeu o primeiro trem.” (ARANHA, 2006, p. 241-242).

Ainda sobre o argumento inicial da notícia, é perceptível que o apelo parte para o que diz respeito à produção da cidade e do interesse da empresa no período de safra. O redator argumenta que no período de safras, os trens passam a ser diários e, dessa forma, caso a *Great Western* desejasse, poderia organizar trens diários mesmo fora do período de escoamento de produtos oriundos da colheita. Na continuação, o autor continua seu apelo ao falar sobre um abaixo assinado feito, de acordo com ele:

Ultimamente foram, em representação de mais de quatrocentas assignaturas e dirigida a gerencia, expendidas as mais plausíveis razões que fundamentavão a solicitação desse melhoramento de infinitas vantagens para o publico e mesmo para o serviço da Estrada. Fizerão-se representar todas as classes sociaes e forão offerecidos gratuitamente os terrenos necessários papra os desvios, e aumento da estação e edificação de armazéns. Há portanto a maior boa vontade do povo que deve encontrar-se com o zelo da gerencia, em servir bem ao publico, como sempre tem acontecido. Si quisermos argumentar com as cifras veremos que em o penúltimo anno forão despachadas nesta cidade cerca de 60000 saccas de algodão sem falar em outros produtos de nossa indústria como sejam gados, couros, courinhos, mamona etc. Qual a cidade do interior ostentará mais desenvolvido commercio? Estamos com uma perspectiva de uma safra magnifica e portanto urge que venha já e já essa providencia que torna-se uma premonete necessidade. (O MUNICÍPIO, 1908)

Dessa forma, percebe-se que não apenas um abaixo assinado foi organizado pelos interessados na frequência diária do trem, como também foram oferecidos, gratuitamente, terrenos para possíveis desvios da estrada de ferro e edificações para ampliação da estação. Nesse contexto, as pessoas envolvidas nesse apelo buscaram negociar com a empresa responsável pelas estradas de ferro na cidade, a *Great Western*. Em meio à barganha, o autor do texto menciona “a maior boa vontade do povo” e que esperava um “zelo da gerência em servir bem ao público”, nesse sentido, sabendo que o redator, ao evocar a “boa vontade”,

esperava a reciprocidade por parte da *Great Western*, no entanto, tratando-se de uma empresa, o foco não seria uma boa relação, mas sim a otimização do capital. Logo, mesmo recebendo terrenos e edificações de forma gratuita, na lógica da empresa não compensaria, pois falharia com a logística do capital.

Seguindo essa linha de raciocínio, para entender a lógica da empresa, deve-se pensar como uma, sendo assim: valia a pena mandar trens diários em época de safra, pois os vagões de cargas e passageiros sempre lotariam a capacidade, no entanto, nos dias que não fossem de escoamento de produtos, o baixo fluxo de cargas e passageiros causaria prejuízo para a empresa. Ou seja, para a empresa não se tratava de uma troca de favores, mas sim uma questão de lucro ou prejuízo. Assim sendo, percebendo que não poderia argumentar unicamente na questão da “boa vontade” e esperando uma troca de favores, o autor do texto parte para a argumentação acerca de quantidades de mercadoria que circularam nos vagões durante o período de um ano, buscando demonstrar que a cidade de Itabaiana tinha uma produção de destaque dentre as cidades do interior e que, por isso, demandava uma maior frequência de trens, buscando convencer que essa quantidade seria ainda maior se tivessem trens diários na cidade.

Feitas as argumentações no que tange à questão econômica, no texto também é possível perceber um apelo por melhoramentos estruturais da estação ferroviária, assim como também na sua organização dos passageiros. Nesse trecho nota-se uma narrativa que buscava representar as críticas da elite em relação aos carros de passageiros. Segundo o autor:

Urge também como uma consequencia do nosso desenvolvimento que a nossa estação seja melhorada, pois que não deixa de ser deprimente para a própria estrada de ferro, vemos invariavelmente desembarcarem passageiros com toda a espécie de animais. Esse inconveniente é devido a exiguidade do trecho do desvio que não permite que os carros de passageiro de primeira classe fiquem fronteiros a estação, de maneira que, muitas vezes torna-se difícil uma senhora saltar com o necessário recato, e sem receio de um atropelo. Nós não exageramos, e como órgão dos interesses do nosso município, não cessaremos de clamar por melhoramentos inadiáveis, que estamos certos, virão porque julgamos contar com a melhor boa vontade da digna Gerencia da *Great Western*. (O MUNICÍPIO, 1908)

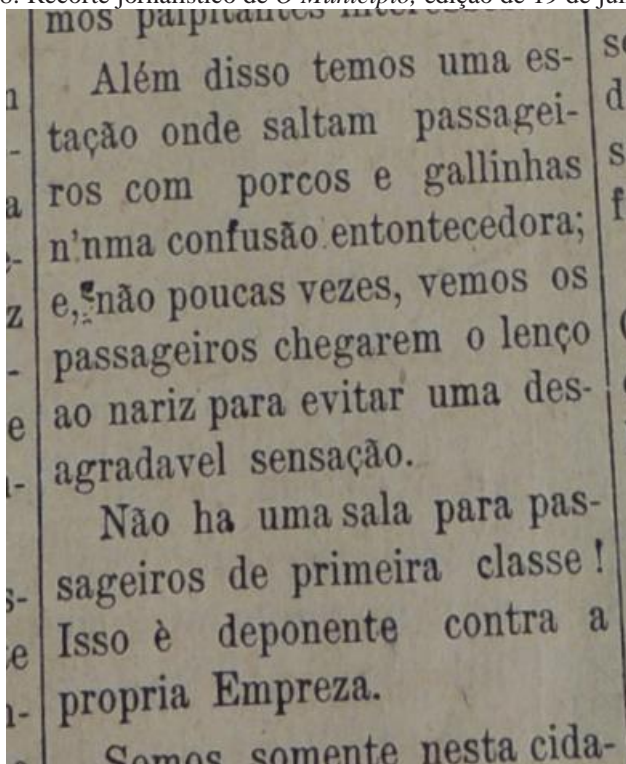
Ao analisar o trecho acima, é notável que a preocupação do autor do texto estava voltada apenas para atender demandas da elite. Nota-se que a forma como a argumentação é construída tem por finalidade tecer críticas em questões que incomodavam os passageiros “de primeira classe” e, nesse contexto, chama atenção que o autor utilizou a preposição “de”, o que indica que ele estava indicando que os passageiros que pertencem a uma classe social superior e não fazendo referência à prática comum de empresas de transporte de ofertar assentos com mais conforto que custam mais caro e que, geralmente, se chama “primeira classe”. Sendo assim,

percebe-se mais uma vez a atenção da narrativa jornalística voltada principalmente para a camada da elite.

Ao falar dos animais presentes no transporte, o autor se refere com tom de crítica, afirmando ser um inconveniente devido à falta de um vagão para “passageiros de primeira classe”. Essa presença dos animais incomodava bastante as camadas mais abastadas da sociedade, pois essa característica ia de encontro à elegância e o refino que a elite tanto buscava, uma vez que introduzia, em um signo da modernidade, aspectos rurais. Sendo assim, essa prática incomodava a elite pelo fato de macular a experiência moderna oferecida pelo trem.

Ainda nesse sentido, além do recorte citado anteriormente, essa reivindicação dos jornais pelo trem diário continuou nas edições seguintes, em que foi possível perceber uma insatisfação ainda maior por parte do escritor.

Imagem 38: Recorte jornalístico de *O Município*, edição de 19 de julho de 1908.



Fonte: IHGP.

Pouco mais de um mês depois da primeira reclamação, o tema ressurge no dia 19 de julho de 1908. Nesse trecho, não se demonstrou interessante trazer o recorte da página completa devido à repetição no teor da reclamação, que trilhou o mesmo percurso da citada anteriormente, trazendo uma argumentação inicial voltada para a área econômica, para depois partir para a questão estrutural da estação de trem e as insatisfações de parte da população.

No entanto, chama atenção o trecho acima devido aos detalhes de comportamento das pessoas que a narrativa traz. No texto é possível identificar o detalhe mencionado quando o autor traz: “vemos os passageiros chegarem o lenço ao nariz para evitar uma desagradável sensação” (O MUNICÍPIO, 1908). A crítica vista no trecho se divide em duas camadas, a primeira delas diz respeito à questão de a empresa não apresentar critérios na questão do transporte de animais, essa crítica é notada quando o autor, ao se referir a presença de passageiros com animais, constata acontecer uma “confusão entontecedora”, demonstrando assim, o teor de reprovação. A segunda crítica segue no segundo parágrafo do texto, quando o autor traz: “Não há uma sala para passageiros de primeira classe!” (O MUNICÍPIO, 1908). Nesse trecho, percebe-se o uso da exclamação, indicando assim, uma elevação no tom da crítica elaborada pelo autor.

Como dito anteriormente, os tópicos de críticas e os argumentos utilizados para o apelo pelos trens diários são repetidos, mas, o modo como é dito acaba por revelar novos detalhes do cotidiano do trem na cidade de Itabaiana. O autor menciona o ato dos animais gerarem desconforto para os demais passageiros do trem, que por sua vez, precisam utilizar de lenços para obstruir as vias respiratórias com a finalidade de inibir o odor. Essa parte específica do trecho reflete detalhes que são importantes de serem analisados. O trem, que não possuía separação de passageiros, permitia o transporte livres de objetos e animais, nesse sentido, aqueles que criavam animais e não possuíam o meio de transporte necessário para os levar ao outro local desejado utilizavam do trem para esse fim.

Nesse contexto, aqueles que utilizavam do trem com fim de deslocamento pessoal sentiam-se incomodados com os animais no mesmo vagão que os passageiros comuns. Aqui, é importante salientar a questão do hábito de levar o lenço até o nariz, que era uma prática comum das pessoas que buscavam espelhar-se nos hábitos europeus em busca de legitimar-se enquanto elegantes.

Diante do cenário, o jornal *O Município* surge como um representante do segundo grupo citado. O apelo pelo vagão que segregava os passageiros teve um teor elitista e que, deixava a empresa com apenas duas soluções para a insatisfação apresentada: ou criavam o vagão exclusivo para “passageiros de primeira classe” ou, mesmo que não citada, mas vem por via lógica, proibiam os demais passageiros de levarem animais nos vagões. De toda forma, o objetivo final do apelo era defender o interesse da elite, visto que a criação do novo vagão os segregava dos populares e a proibição do transporte de animais prejudicava aqueles que precisavam do trem para levar seus animais aos destinos necessários.

Os apelos pelos trens diários continuaram, ainda na edição de 30 de agosto de 1908, do mesmo impresso em questão, é possível encontrar o mesmo texto das duas edições anteriormente citadas. Infortunadamente, ao buscar nos arquivos do IHGP, só foi possível encontrar edições de *O Município* referentes ao ano de 1908, dessa forma, não é possível identificar se as reclamações foram para os anos seguintes. No entanto, sabe-se que, posteriormente, os trens em Itabaiana se tornaram diários, para essa informação, foi necessária a leitura da pesquisa da historiadora Maria Silva (1997), que ao utilizar do método da história oral, captou registros de memórias de entrevistados que viveram pela década de 1930 e informavam:

Parecia uma festa quando o trem chegava diariamente. A estação era bastante animada, se tornando por muito tempo o principal ponto de encontro dos itabaianenses, e dos arredores circunvizinhos. Lá se vendia de tudo, segundo os entrevistados: pipoca, cocada, amendoim, sanduíche de queijo, sanduíche de galinha, roletes de cana, tapioca e outros mais. Além dos vendedores, haviam também os que iam esperar algum parente ou amigos, e os que naturalmente iam viajar. Era uma verdadeira agitação. (SILVA, 1997, p. 57)

A autora menciona que o trem chegava diariamente, no entanto, trata-se de uma pesquisa que buscou mapear relatos de pessoas que viveram o cotidiano da ferrovia na década de 1930 e 1940, estando assim deslocado do recorte temporal proposto neste trabalho. Ainda assim, a citação da autora se tornou útil na questão da existência de trens diários na cidade de Itabaiana. Não foi possível encontrar o documento que atestasse, precisamente, o ano em que o trem passou a circular diariamente.

Voltando aos jornais, para a edição de *O Município* citada anteriormente, de 30 de agosto de 1908, é possível encontrar a narrativa de um viajante que elaborou um relato de experiência cotidiana com o trem. Ele assina como “J. Mendonça”. O relato em questão fica em uma sessão chamada “Historieta”. Como o relato, na diagramação da página do jornal tomou parte de duas páginas, torna-se mais viável, devido a formatação deste trabalho, apenas transcrever o trecho. Segue:

Era uma e meia hora da tarde. Fazia um sol de queimar a tudo. O comboio chegava a estação da via-ferrea na cidade florescente em que habito e aonde já se vai notando um adiantamento intelectual e material, quer pelo lado de nossos collegios, quer pelo embellezamento que prende o viajante ao primeiro golpe de vista. A gare da estação estava completamente cheia de um pessoal enorme. Ninguém podia mexer-se. Todos desejavam tomar a locomotiva em primeiro lugar. Os passageiros, em confusão, pediam seus bilhetes, uns para o Norte e outros para diferentes pontos. Momentos depois tocou a sineta, avisando os cinco minutos para a respectiva sahida, e zaz tomei o trem. O tal chefe do comboio de bandeira em punho e um grande apito a boca, acenava a partida. Apitou e partio o cavallo de ferro, que meia hora depois estava na

decadente Villa do Pilar. A demora ali foi somente de cinco minutos e partio sem nenhum embaraço. Novos passageiros não vi. Segui depois sem soffrer nem arre nem urre, e em menos de 20 minutos avistei o bello povoado de S. Miguel, situado no cimo de um pequeno monte, mas apresenta um lindo panorama. Gente bonita, lord de aspecto agradabilíssimo notei ali. Palestrei um pouco na gare da pequena estação. Fiquei captivo dos carinhos de tão bôa gente e despedi-me satisfeitíssimo. Partio o trem obedecendo os meus preceitos. Os muitos kilometros que se notam de Coiteseira ao Entroncamento fazem uma demora extraordinária. Depois de muito tempo estava eu naquella estação onde já se achavão diversos passageiros que aguardavam o trem. Ali encontrei o comboio do interior que devia levar-me ao meu feliz destino. Fez-se a baldeação necessária e, depois de me servir de uma excellente chicara de café com leite, tomei passagem no novo trem, em cuja classe encontrei um povo bom, civilizado e de catadura admiradora. E lá fomos todos em palestra instructiva, ora por isso, ou por aquillo provocava-se o riso, ora uma admiração! Sem mais olhar para as estações em numero de dez cheguei a populosa cidade de Guarabira, onde encontrei os melhores e vantajosos commodos. Hospedei-me no hotel de um senhor de nome Escorel que tratou-me tão bem que não poudes com meus poucos cobres pagar-lhe o que devia. Foi um verdadeiro piteo. Deu-me, de preferencia, um quarto todo preparado. Foi um somno excellentes. Acortei pelas 5 ½ da manhã com o silvo enorme da locomotiva, onde de novo tomei passagem para a estação de Caiçara que me vio chegar as 7 ½ do dia. Senti-me satisfeito ao ver meu torrão Natal e tudo quanto era meu. Foi um momento de inaudita felicidade. A todos vi e abracei chorando. Voltei gordo e cheio de saúde. Estarei em breve a visitar meu lar. J. Mendonça. (O MUNICÍPIO, 1908)

Como é perceptível, trata-se de uma crônica de um viajante que partiu da cidade de Itabaiana para sua cidade natal, Caiçara, também na Paraíba. A crônica segue uma narrativa simples, dando pequenos detalhes da experiência vivida ao utilizar do trem como transporte. J. Mendonça deixou bem explícita sua experiência, do tumulto inicial na estação de Itabaiana até os momentos de sociabilização no interior dos vagões. A dinâmica da viagem é algo que chama atenção no relato, o tempo de viagem, a forma como o apito do trem serviu para acordar o autor para tomar o seu próximo trem. Todos esses detalhes faziam parte do cotidiano vivido não só por J. Mendonça, mas por todos que compartilhavam desse meio de transporte.

Em análise, o trecho possibilita a percepção da rota de um dos trens que saía da estação de Itabaiana. Nota-se, dessa forma, que o progresso trazido pela modernidade atingiu também as cidades circunvizinhas à Itabaiana, que também eram de pequeno porte. A caracterização que J. Mendonça traz de cada cidade, possibilita uma pequena visão do estado de como estava as cidades. Pilar, de acordo com o autor, estava decadente, nessa cidade, o trem parou apenas por cinco minutos e ninguém embarcou, o que poderia sinalizar algum problema econômico por parte dos seus habitantes. São Miguel, próximo à Pilar, foi elogiada pela sua aparência. Guarabira surge no relato como uma cidade próspera, sendo retratada como populosa e com um ótimo serviço de hospedagem. Por fim, a cidade de Caiçara, onde o autor guardava muitas memórias afetivas. Logicamente, cada uma das caracterizações dadas pelo autor não deve ser

interpretada como uma verdade absoluta, pois está dentro da concepção de J. Mendonça sobre cada uma das cidades citadas.

Dessa forma, independente da caracterização dada por J. Mendonça sobre as cidades, percebe-se que a modernidade havia ampliado seu alcance até os pequenos centros urbanos, como Caiçara, a cidade natal do autor. O trem acaba atuando como um instrumento que não só representava os ares modernos, como também levava a modernidade até os locais mais afastados, como as pequenas cidades.

No entanto, o autor menciona apenas bons aspectos do trem, assim como as notícias anteriores também, apontando que o aumento da frequência do transporte indicaria um aumento da economia regional. Sendo assim, cabe também ressaltar notícias que revelam os aspectos negativos da ferrovia. No jornal chamado *Correio da Semana*, é possível encontrar algumas notícias que retratam os revezes da modernidade trazidos pelo trem.

Imagem 39: Recorte jornalístico de *Correio da Semana*, edição de 25 de agosto de 1912.



Na imagem acima, na sessão “Com a Great Western”, é possível identificar uma reclamação feita por parte do corpo editorial do jornal, representando insatisfações de parte da população itabaianense com um dos aspectos do trem, segue o trecho transcrito:

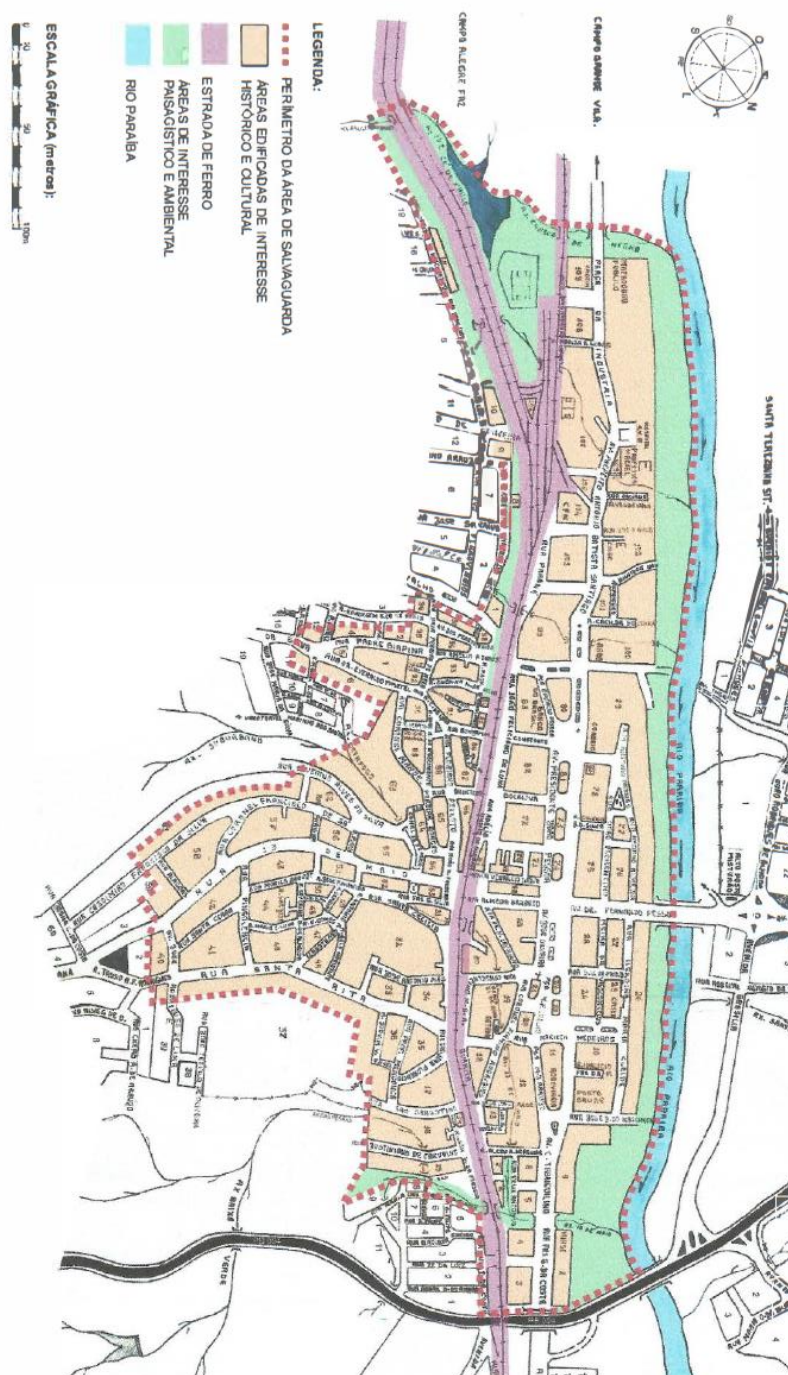
Innumeras são as reclamações que em nossa tenda de trabalho recebemos contra a forma absurda dos srs. Machinistas da locomotiva de promptidão do triangulo de reversão a estação desta cidade e vice-versa, pelo modo porque executam o seu trabalho. Effectivamente temos observado por muitas vezes, que, no silencio da noite, quando todos já dormem, descançando das lides do dia, inesperadamente apparece a tal locomotiva em uma carreira vertiginosa, apitando vibrante e demoradamente em todo o percurso comprehendido naquele trecho. Todas as famílias que moram as margens da linha acordam assombradamente, pelo tremor e apitos estridentes. Tem causado grande indignação e passamos a narrar factos dolorosos. Há poucos dias o se. Francisco Laudelino perdeu o seu filhinho em consequencia desses apitos desmedidos alta noite, e o sr. dr. Benicio de Carvalho retirou da margem da linha sua família por não suportar mais tempo semelhantes absurdos. A mesma cousa succedia na cidade da Victoria, mas com a reclamação de seus habitantes desapareceu por completo esse abuso. Esperamos, portanto, que o digno chefe da estação dê as providências que o caso exige, recebendo dos habitantes de Itabayanna verdadeiros aplausos. (CORREIO DA MANHÃ, 1914)

O barulho do trem, que durante sua chegada, em 1901, era o chamado para que todos fossem testemunhar sua chegada, tornou-se um tormento para muitos em 1912. Torna-se assim, um dos aspectos cotidianos trazidos pela ferrovia que afetava diretamente os seus habitantes, principalmente aqueles que moravam próximos aos trilhos. Pode-se dizer, dessa forma, que o trem atua também como agente de mudança de valor dos imóveis, em que, as edificações próximas às estações tendem a valorizar devido à praticidade, enquanto aquelas perto dos trilhos tendem a desvalorizar devido ao barulho e o tremor feito pelo transporte. No caso de Itabaiana, percebe-se uma malha ferroviária que cortou a cidade por dentro, invadindo bairros residenciais, uma vez que na notícia em questão, há relatos de pessoas que estão deixando suas casas devido ao barulho, que se tornou insuportável para alguns.

Os relatos apontam também, o perigo da velocidade em que a locomotiva passa, em que, segundo a notícia, em uma “carreira vertiginosa”, o que indica uma alta velocidade, nesse contexto, os moradores, além do barulho estridente que espantava aqueles que estavam em pleno silêncio noturno, também tinha o medo do tremor causado pela locomotiva passando em uma velocidade elevada, podendo ocorrer, inclusive, acidentes fatais.

Para se ter uma base do posicionamento da ferrovia, na ausência de um mapa da época, tornou-se necessário utilizar de um mapa de 2016, que se trata do plano de salvaguarda da cidade, onde é possível ver, em destaque, o percurso da linha férrea:

Imagem 40: Plano de salvaguarda da cidade de Itabaiana, elaborado em 2016.



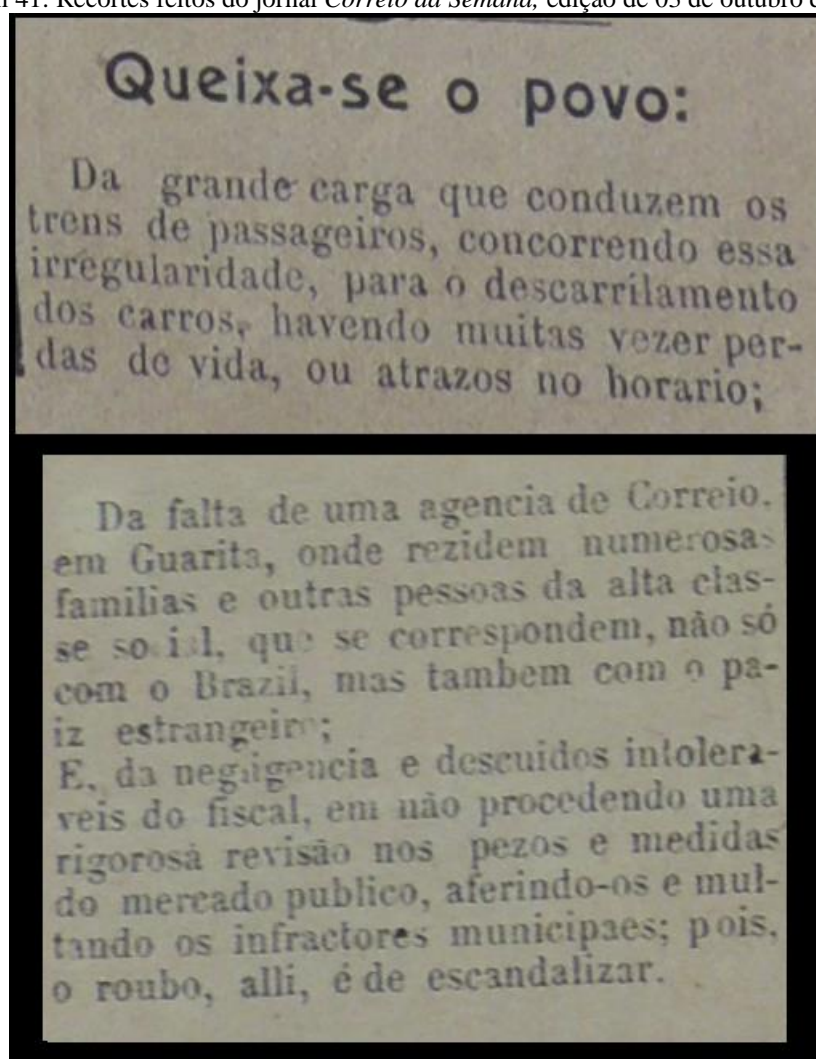
Fonte: Acervo Arthur Honório.

Percebe-se um mapa que representa uma cidade com bem mais edificações do que na época tratada neste trabalho. No entanto, o espaço que se busca problematizar no mapa em questão, coexistia entre esses recortes temporais. Em uma coloração rosada, nota-se o percurso feito pela linha férrea, cortando a cidade por completo. A rua ao lado direito da ferrovia, é a rua principal da cidade, que foi retratada no mapa de 1892. Dessa forma, a localização em que a

linha férrea se encontra na cidade acaba por cortar a região residencial, onde, na época de atividade do trem, existiam paradas pontuais, para embarque e desembarque de pessoas e mercadorias. O triângulo mencionado no texto jornalístico é possível de ser localizado no mapa antes da bifurcação que ocorre na parte superior da imagem. Sendo assim, percebendo a localização da ferrovia na cidade, compreende-se a aflição dos moradores das regiões que margeavam os trilhos.

Além dessa reclamação, mas ainda relacionada, no mesmo impresso é possível encontrar um pequeno trecho reservado para reclamações públicas, onde é encontra-se o seguinte recorte:

Imagem 41: Recortes feitos do jornal *Correio da Semana*, edição de 03 de outubro de 1912²⁸.



Fonte: IHGP.

²⁸ Pelo fato de estarem em páginas separadas, mas se tratar da mesma notícia, necessitou-se de edição

A partir dos recortes, nota-se que os trens acabavam por gerar outro tipo de preocupação na população itabaianense: o excesso de carga que, segundo o recorte, causava o temor do descarrilamento dos vagões, o que ocasionaria em acidentes fatais. Na continuação das queixas, percebe-se também a reclamação acerca da ausência de uma agência de correio em um local identificado como Guarita, que é um dos distritos da cidade de Itabaiana. Percebe-se também que esse impresso, assim como o anterior, busca convencer as gestões das cidades acerca da necessidade de determinadas ações, demonstrando que o problema relatado estava incomodando as classes sociais mais elevadas, utilizando desse artifício para legitimar a urgência da solução para o problema. Dessa forma, não se exclui as camadas sociais mais baixas dos problemas, mas deixa a entender que um problema só tem urgência quando incomoda as camadas mais abastadas da sociedade. Decerto, esse modo de narrativa, tanto desse último impresso como dos demais citados, cristalizam uma parte da mentalidade vigente da época, com uma dominação de uma narrativa elitista.

Chegando até esse ponto, nota-se que tanto o trem como as ferrovias foram agentes de transformação na cidade de Itabaiana, tanto no que diz respeito ao seu cotidiano como em relação a sua paisagem. Antes do trem, por exemplo, não se tinha o medo dos trilhos, como foi relatado no recorte jornalístico anteriormente cidade, também não se acordava pela manhã com o barulho do apito do trem – mesmo que narrado romanticamente na crônica de J. Mendonça – assim como não se tinha uma linha cortando os bairros residenciais. Dessa forma, as fontes analisadas demonstram claramente as mudanças que ocorreram, não apenas pelo trem e a ferrovia, mas pelos demais signos da modernidade e do progresso que foram trabalhados até aqui.

3.3. Considerações

Os jornais cristalizam o cotidiano vivido pelos habitantes de determinados locais, no caso deste trabalho, da cidade de Itabaiana. Logicamente que é preciso o historiador perceber os discursos trazidos nesse tipo de impresso, que como foi visto, estavam ligados aos interesses das elites locais. Sendo assim, para identificar o cotidiano vivido através de recortes jornalísticos que trazem preocupações e acontecimentos voltados para as classes sociais mais altas, torna-se necessário um olhar mais amplo do contexto trazido pelo impresso, de forma que se consiga extrair parte do cotidiano vivido por aqueles que foram silenciados na narrativa dos impressos.

Decerto, o cotidiano, nas duas primeiras décadas do século XX, teve contato com a modernidade, que chegou na cidade de Itabaiana – e em outros centros urbanos – para representar o progresso que se buscava ao se espelhar nos moldes europeus, principalmente nos franceses. A busca pelo *chic*, por exemplo, demonstrou essa influência europeia no *modus vivendi* dos habitantes de Itabaiana, sendo possível captar nos jornais, os redatores buscando utilizar de termos em francês e falar sobre moda europeia para legitimar o seu estatuto de *chic*, simbolizando a elegância e, seguindo a lógica, o cidadão moderno.

As publicidades eclodem nas folhas jornalísticas, deixando parte do cotidiano comercial ali exposto, ao menos dos estabelecimentos que precisavam – e podiam – anunciar seus itens nas folhas do impresso. Sabe-se que a feira de rua também continuou sendo um fator marcante na cidade de Itabaiana, em especial, nas terças-feiras. Hábito que perdura até a data que este trabalho está sendo publicado.

O comércio da cidade é o que pulsa a vida do centro urbano, a partir dele é possível ver viajantes, comerciantes, curiosos e todo tipo de pessoa que por ali circulava para comprar, vender, trocar ou apenas analisar itens, frutas etc. Sendo assim, pode-se dizer que a forma como a cidade é vivida, depende também do comércio que ela possui. No caso de Itabaiana, o comércio era bastante aquecido, principalmente após o trem, que mesmo não sendo diário, inicialmente, serviu para movimentar ainda mais o transporte de produtos, que tinham rotas interestaduais entre as capitais da Paraíba e de Pernambuco, mas acabavam parando em Itabaiana, que era parte do caminho da estrada de ferro.

Cinemas, festas, meios de diversões variados surgiam anunciados nos jornais, demonstrando como Itabaiana abarcou os ares modernos, mesmo que em uma cadência mais lenta do que as grandes cidades, como Recife, São Paulo e Rio de Janeiro. Tal cadência suave fez com que elementos do rural e do urbano fossem ao encontro, não sendo a modernidade idealizada pelos seus entusiastas, que se espelhavam nos ritmos das grandes cidades.

Essa característica, por exemplo, foi possível ser captada em alguns aspectos demonstrados ao longo desse capítulo, como a presença de animais rurais nos vagões de trem, que incomodavam seus usuários, ou até a justificativa dos impressos pelo trem diário, que eram baseadas em produções puramente rurais, sem nada industrial citado. O trem que, como um dos principais agentes da modernidade, também atua como um intensificador do fluxo de pessoas, que acaba gerando um impacto marcante na cidade, pois modifica completamente o ritmo de vida das pessoas que residem nela, impactando tanto os de condições financeiras mais abastadas como os das camadas mais baixas.

Certamente o rural estava presente no aspecto moderno da cidade de Itabaiana, mas isso não significa um atraso dessa cidade em relação às demais, que foram de modelos industriais. Pode-se dizer que, na cidade de Itabaiana, a relação entre o rural e o urbano é simbiótica, ou seja, harmônica e produtiva entre essas duas partes. Por mais que a elite local buscasse uma modernidade ao modo daquela vivida nos grandes centros urbanos, os aspectos rurais persistiram em Itabaiana, já sendo parte da cidade, da sua cultura, da sua vida econômica e social.

4. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Chegando na parte final deste trabalho, alguns pontos ainda precisam ser discutidos para que se possa compreender o ponto central da tese: a modernidade, ainda que de forma descentralizada, foi o agente transformador da paisagem e do cotidiano da cidade de Itabaiana, na Paraíba, durante o processo de consolidação desse advento durante as primeiras décadas do século XX, entre 1901 e 1920.

Nesse sentido, como foi discutido ao longo dos capítulos, ao se tratar da paisagem e do cotidiano, tornou-se necessário compreender outros aspectos associados, como as representações da modernidade surgiam no *modus vivendi* da cidade. A apropriação de conceitos e práticas passaram a adentrar no cotidiano do centro urbano que estava a receber os signos do moderno. A modernidade adentra na cidade e altera a vida das pessoas em vários setores: no modo de se vestir, de se comportar, de falar, músicas, filmes, programações de lazer e entres outros aspectos que absorveram as representações da modernidade. A vida passou a ter outro ritmo, ditado pelas novas técnicas que chegavam de tempos em tempos na cidade e transformava tanto sua paisagem como o seu cotidiano.

A cidade de Itabaiana, mesmo não sendo uma das mais antigas nem das maiores do estado da Paraíba, adaptou a modernidade ao seu estilo. As transformações ocorreram em uma cadência mais lenta do que nas grandes metrópoles, ainda assim, isso não anula o fato de que a cidade possuiu os signos do moderno. Logicamente, o cotidiano moderno de Itabaiana foi completamente diferente, em alguns aspectos, do cotidiano das grandes metrópoles, como na cidade do Recife, em Pernambuco, onde a agitação e as grandes multidões faziam parte da cidade modernizada. A modernidade de Itabaiana trouxe uma agitação maior para a cidade, mas ainda possuía o ar pacato de uma cidade do interior.

Dentre as transformações sofridas na paisagem e no cotidiano da cidade, observou-se que a presença da influência parisiense se tornou recorrente. A modernidade do Brasil teve como espelho a cidade de Paris, na França. A cidade de Itabaiana, assim como as demais metrópoles brasileiras, reproduziu o modelo parisiense, absorvendo assim, aspectos franceses em seu cotidiano. Dessa forma, foi possível perceber jornais buscando misturar o português e o francês em suas matérias para buscar o estatuto do *chic*, com objetivo de representar a modernidade na narrativa, vestimentas em bailes com tendência da moda francesa, onde observou-se que quanto mais próximo dos modelos europeus, mais *chic* a pessoa era considerada e, logicamente, dentro dos padrões modernos. Mimetizar o comportamento

européu tornou-se uma forma de demonstrar o aspecto moderno, principalmente o francês, visto que Paris era tida, como diria David Harvey (2015), a capital da modernidade.

A compreensão acerca do impacto que o advento da modernidade causou em Itabaiana vai além de apenas apontar as mudanças na sua paisagem e no seu cotidiano. Entende-se a modernidade como o agente causador e, ao propor esses dois principais pontos na ideia central da tese, foi necessário considerar os ecos que a modernidade causa, ou seja, perceber os impactos causados pelas reverberações desses ecos.

Longe de ser estática, a modernidade atua de forma dinâmica, transformando a cidade de Itabaiana, em uma cadência adaptada ao ritmo da cidade e causando as modificações na forma em que as pessoas passaram a viver a cidade, tanto aqueles que a habitavam, quanto aqueles que estavam de passagem. Dessa forma, foi visto como a cidade de Itabaiana foi recebendo os signos do moderno. Tais itens que, por muitas vezes, eram reaproveitados das grandes metrópoles, que já haviam superado determinadas técnicas e vendiam os itens usados para as cidades menores, como o caso do bonde de tração animal que chegaram na cidade de Itabaiana em 1914, vindos da cidade de Recife, que os utilizavam desde 1870. São itens de quarenta e quatro anos, que ainda assim, representam a chegada de um aspecto moderno na cidade de Itabaiana, assim como também demonstra a cadência diferenciada da instauração do moderno nesses dois centros urbanos em questão.

Dessa forma, essa diferença evidencia ainda mais o dinamismo da modernidade, pois o que não era mais moderno para Recife tornou-se uma inovação técnica em Itabaiana, as cidades vivenciaram experiências de modernidade totalmente distintas, não sendo possível encapsular um conceito de modernidade e torná-lo padrão em qualquer contexto. Todavia, é importante observar que em alguns casos, os padrões são perceptíveis, como por exemplo, o trem. Assim como as demais cidades do interior, em Itabaiana, o trem foi o principal vetor dessa modernidade conquistada. Como visto, em 1901, com a chegada do trem, a cidade passou a ter um ritmo diferente e passou a experimentar os ares da modernidade. Logicamente, apenas a chegada do trem não significa a chegada estanque da modernidade, mas através dele, abriram-se conexões para a chegada dos demais signos do moderno. As praças, a arborização da cidade, a chegada do coreto de tendência europeia, a luz elétrica, a água encanada, o cinema, todos são signos do moderno com o objetivo de representar o progresso na cidade de Itabaiana através da modernidade.

Ainda assim, sabe-se que com o passar dos anos, esses signos do moderno perderam seu espaço, sendo ressignificados e perdendo seus espaços para novos signos e uma nova modernidade, o dinamismo do processo continuou, a linha férrea, no Brasil, perdeu espaço para

as rodovias, a arborização como forma de cidade-jardim foi substituída por outros projetos urbanos e a partir dessas e outras mudanças, nota-se que nem todas as cidades conseguiram acompanhar a mesma intensidade de dinamismo da modernidade.

Compreende-se que a modernidade no início do século XX era cristalizada através dos seus signos, ou seja, uma cidade que possuía todos os signos do moderno, ou ao menos uma parcela deles, poderia ser considerada moderna. No recorte temporal trabalhado, entre 1901 e 1920, Paris e Londres ostentavam a posição de serem exemplo de cidades modernas para o ocidente. No entanto, décadas antes dessa temporalidade, os signos da modernidade já haviam surgido na Europa e em algumas cidades brasileiras, como Rio de Janeiro, São Paulo e Recife. As cidades brasileiras se inspiravam no modelo europeu e influenciava as demais cidades do país. Os grandes centros urbanos do Brasil tornam-se exemplos de modernidade para as demais cidades menores, o que acaba por fazer surgir uma mentalidade em que a modernidade está ligada à dinâmica vivida nessas grandes cidades, deixando as de menor porte fora desse advento.

No entanto, mesmo que a modernidade seja ligada à agitação, às multidões, ao anonimato das pessoas diante do fluxo constante e denso dos grandes centros urbanos, às estações de trens lotadas de pessoas constantemente, não se pode negar que em Itabaiana houve a implementação da modernidade e que ela se tornou uma cidade compreendida como moderna para a sua época. Os signos estavam presentes em sua paisagem, o modo de vida estava sendo espelhado nas referências nacionais, como o Rio de Janeiro, e nas internacionais, como Paris e Londres. Então, como se vem sendo dito ao longo deste trabalho, é uma modernidade de cadência lenta.

A modernidade de Itabaiana conquistou seus signos de forma gradual. Sendo assim, a forma como chegou, em momentos espaçados em comparação aos grandes centros urbanos, configura-se uma modernidade descentralizada do modelo desses centros. Logo, Itabaiana configurou seu próprio ritmo de instauração da modernidade, que foi compatível com o seu cotidiano vivido.

Dessa forma, ao intitular esse trabalho como *Ecos da modernidade*, o objetivo foi fazer menção a essas reverberações que a modernidade toma, iniciando com uma ideia central em volta dos impactos causados na paisagem e no cotidiano, mas entendendo que não se limita a apenas essas duas palavras, mas também ao que está associado a elas, ou seja, as ramificações desses impactos. Sendo assim, os capítulos tratados para se chegar ao ponto central da tese, buscaram construir uma narrativa que possibilitasse o entendimento da implementação da modernidade e os seus “ecos”.

Ainda nesse contexto, é possível acrescentar que, o eco enquanto advento das ciências da natureza, perde parte da sua zona de impacto quando reverbera demais, nessa linha de raciocínio, compreende-se que a analogia utilizada ao mencionar os ecos da modernidade, diz respeito a esse advento que chegou em Itabaiana, mas que não veio com a mesma intensidade que teve outrora em outras cidades de maior porte.

No primeiro capítulo, nota-se o percurso traçado por esses desdobramentos da modernidade no Brasil, fazendo o trajeto da cidade do Rio de Janeiro até Itabaiana, onde se atenta para falar do processo de instauração da modernidade nos centros urbanos paraibanos de maior porte, como a capital paraibana, que na época chamava-se cidade da Parahyba, assim como Campina Grande, que já ostentava a alcunha da segunda maior cidade do Estado. Nesse ponto, é interessante perceber que assim como Itabaiana, Campina Grande e Parahyba, mesmo sendo centros urbanos maiores, não tiveram uma instauração da modernidade como a capital pernambucana, Recife. Observa-se então, que a modernidade no Estado da Paraíba teve, de forma geral, uma cadência mais lenta do que a do Estado de Pernambuco. A ausência de uma ferrovia bem implementada na segunda metade do século XIX torna-se um dos motivos pelo qual essa instauração sofreu uma diferença no seu ritmo, uma vez que o trem foi um dos principais vetores da modernidade diante do que ofertava: aumento de velocidade no transporte de pessoas, cargas e informação.

No caso da cidade de Itabaiana, a instauração da sua modernidade só vem a ocorrer, de fato, após a chegada do trem, em 1901. Vale lembrar que a cidade conquistou sua emancipação apenas em 1891, pois até então era ligada a cidade de Pilar. Ao atrair interesse políticos de algumas figuras de poder, como Heráclito Cavalcanti e Odilon Maroja, a cidade passou a ter mais relevância no cenário paraibano. Com influência política na época da Primeira República do Brasil, essas personalidades foram facilitadoras para o processo de implementação de mudanças na cidade, uma vez que possuíam o poder em mãos, como chefes políticos da cidade. Além da influência política, esses chefes políticos possuíam também poder nos meios de informação, com cada um possuindo impressos que trabalhavam aos seus desejos, Heráclito Cavalcanti com *O Município* e Odilon Maroja com *O Jornal*. Era através desses impressos que eles disseminavam informações que iam além das notícias da cidade, servindo também para reforçar o poder que cada um possuiu, com bajulações escritas pelos redatores, assim como legitimar a cidade de Itabaiana como uma cidade moderna, que respirava os ares parisienses através das mudanças que surgiam em sua paisagem, como o trem, os bondes, as praças e as diversas modificações que ocorriam. O discurso jornalístico enaltecia a cidade e suas mudanças, criando uma mentalidade não apenas nos habitantes da cidade de Itabaiana,

mas também nos viajantes que estavam de passagem e tinham acesso ao impresso, acabavam por absorver o discurso dito no jornal e levavam adiante, contribuindo assim para a construção dessa imagem que o jornal buscava passar: de uma Itabaiana moderna e com semelhanças com Paris.

Como foi visto, a cidade de Itabaiana não efetuou uma instauração da modernidade equivalente a parisiense, no entanto, sofreu influências. No segundo capítulo são perceptíveis essas influências através da discussão acerca das mudanças técnicas ocorridas nas duas primeiras décadas do século XX. A paisagem transformada buscava emular a experiência das cidades europeias, com os instrumentos técnicos que colocava Itabaiana na posição de uma cidade moderna, com trem, bondes, energia elétrica, cinema e os demais signos que a legitimava nessa posição.

Sendo assim, as mudanças técnicas ocasionam as demais modificações que foram citadas anteriormente, aquelas associadas a paisagem da cidade e a forma como a cidade passou a ser experienciada por aqueles que viviam a cidade. O trem, por exemplo, trouxe um fluxo maior de pessoas para a cidade, assim como a facilitação no transporte de cargas, trazendo eficiência tanto na quantidade transportada, quanto na qualidade do transporte, sendo mais seguro do que transportar em animais. Novas tensões surgiram, como foi visto nos recortes de jornais ao longo do trabalho, pessoas disputavam espaços nos vagões e faziam apelos para a segregação por condição social. A partir desses ocorridos, nota-se o impacto sofrido no cotidiano da cidade, tanto no âmbito positivo, com as facilidades trazidas pelas novas tecnologias, como também no negativo, com as tensões que surgiam, principalmente no tocante da desigualdade social, que trazia experiências diferentes para as camadas sociais.

Ao longo das problematizações dos capítulos, foi possível perceber que a modernidade não era democrática, ou seja, experienciar o moderno tinha um custo e nem todos podiam pagá-lo. O trem, como dito acima, era ponto de tensão; o abastecimento de água, teve suas prioridades as moradias das pessoas mais abastadas, o restante da população continuava a depender dos carroceiros que transportavam água; a luz elétrica chega primeiramente no centro da cidade, tomando um tempo significativo para expandir-se por todo o espaço urbano; o cinema era um local de lazer que nem todos possuíam o tempo e o dinheiro necessário para frequentar as sessões; os bondes, assim como o trem, tinha um custo e nem todos podiam custeá-lo; até mesmo os locais públicos, como o coreto, era utilizado para hábitos da camada social mais elevada e eventos da parcela detentora do poder, servindo de local para discursos políticos ou para apresentações de bandas que atraíam as pessoas que buscavam a experiência moderna, com modos de se vestir e se portar distintos.

As mudanças técnicas trazem a modificação da experiência da cidade, tanto para os que tinham como custear a experiência moderna direta, como para aqueles que não podiam custeá-la e que, ainda assim, experienciaram seus impactos. A demanda comercial é modificada, novos serviços passam a surgir, outros ficam mais escassos, como os carroceiros, que tiveram um impacto direto na área do trabalho. Notou-se que esses trabalhadores eram pessoas que, em sua maioria, não tinham condições de ter a experiência moderna ideal, como pensada pela elite dominante, mas sofreram uma experiência da modernidade no tocante ao serviço que prestavam. Sendo assim, a modernidade acabou por gerar impactos nos cotidianos da grande maioria que vivenciava a cidade, seja pelas vantagens que ela trouxa, ou por suas desvantagens. Percebe-se então que, de várias formas, a modernidade foi um fator transformador da experiência urbana vivida na cidade de Itabaiana no momento da sua instauração nas duas primeiras décadas do século XX.

As mudanças cadenciadas modificaram a cidade à medida em que ocorreram. No terceiro capítulo deste trabalho é evidenciado isso através dos recortes jornalísticos. Nos recortes é possível perceber os detalhes ditos, assim como problematizar os silêncios. Nesse sentido, é possível resgatar o cotidiano, compreendendo que o discurso jornalístico é imerso em intenções daqueles que o escrevem, logo, para que esse resgate seja feito de forma mais eficiente, é preciso mapear essas intenções para contextualizar o que foi noticiado e o motivo pelo qual foi dito e como foi dito. As notícias não atendem à sociedade de forma geral, mas sempre atende a uma demanda de uma camada.

Dessa forma, com os recortes jornalísticos, trazidos no terceiro capítulo, foi possível compreender como as mudanças técnicas, elencadas no segundo capítulo, foram vivenciadas. A cidade que, como demonstrada no primeiro capítulo, surgiu de uma sesmária que ganhou destaque comercial posteriormente, fomentando a formação de uma vila que se tornou a cidade de Itabaiana, que viria a receber signos do moderno e ter uma importância comercial devido a sua posição geográfica. Com o tempo, a agitação comercial perdeu parte do

Com o tempo, veio a mudança técnica ocorrida a nível nacional, o abandono das ferrovias pelas rodovias e com isso, a cidade de Itabaiana perdeu parte de seu destaque comercial, considerando que a rodovia federal não veio a cruzar o território dessa cidade como a ferrovia fazia. No entanto, é importante destacar que a cidade se adaptou bem as mudanças ocorridas, possuindo atualmente um destaque na região, com um comércio que atrai fluxos das cidades circunvizinhas.

Por fim, a problemática apresentada no início do trabalho, que fomentou a busca da compreensão de como a modernidade veio a alterar o cotidiano e a paisagem da cidade de

Itabaiana, teve sua contemplação no decorrer da construção desse trabalho. Além disso, notou-se que a modernidade não apenas alterou esses aspectos, como foi o seu principal agente transformador, sustentando assim, a tese mencionada no início desse tópico: o advento da modernidade, mesmo que de forma descentralizada, foi o agente transformador da paisagem e do cotidiano da cidade de Itabaiana no início do século XX.

REFERÊNCIAS

Fontes:

Acervo de fotografias de Itabaiana – Arthur Honório

Almanak Administrativo, mercantil e industrial do Estado da Parahyba (1899)

Jornal *A União* (1912-1918)

Jornal *Correio da Semana* (1912-1914)

Jornal *Gazeta da Semana* (1914)

Jornal *O Anthelio* (1912)

Jornal *O Jornal* (1914-1917)

Jornal *O Município* (1908)

Plano de salvaguarda dos bens arquitetônicos e urbanísticos de interesse histórico e cultural de Itabaiana – PB (junho de 2016)

Bibliografia:

ALBUQUERQUE, Marcos Cavalcanti de. **Desembargador Heráclito Cavalcanti Carneiro Monteiro: um homem dedicado à justiça**. João Pessoa: Edições do TJPB, 2014.

ALMEIDA, Horácio. **História da Paraíba**. Tomo I. João Pessoa: Imprensa Universitária, 1996.

ARANHA, Gervácio. **Seduções do moderno na Parahyba do norte: trem de ferro, luz elétrica e outras conquistas materiais e simbólicas**. In: Ó, Alarcon A. et al. **A Paraíba no**

Império e na República: Estudos de História Social e Cultural. Campina Grande: Editora UFCG, 2005.

ARAÚJO, Édson Augusto Leôncio de. **Modernidade e modernização em Limoeiro – PE.** 2016. Dissertação (Mestrado em História) – Centro de Ciências Humanas, Letras e Artes, Universidade Federal da Paraíba, 2016.

BARROS, José D’Assunção. **Cidade e História.** Rio de Janeiro: Vozes, 2007.

BENJAMIN, Walter. **Baldelaire e a modernidade.** Traduzido por: João Barrento. Belo Horizonte: Autêntica, 2021.

BERMAN, Marshall. **Tudo que é sólido desmancha no ar.** São Paulo: Companhia das Letras, 1986.

BOURDIEU, Pierre. **Sobre o poder simbólico.** In: BOURDIEU, Pierre et al. **O poder simbólico.** 1989.

BRAUDEL, Fernand. **Civilização material, Economia e capitalismo – Séculos XV-XVIII. Volume I: As Estruturas do Cotidiano.** Tradução: Telma Costa. São Paulo: Martins Fontes. 1995.

BRESCIANI, M. E. **Cidade e História.** In: OLIVEIRA, Lúcia Lippi (org.). **Cidade: história e desafios.** Rio de Janeiro: Ed. Fundação Getulio Vargas, 2002.

BRESCIANI, Maria Stella. **Cidade, cidadania e imaginário.** In: SOUZA, Célia Ferraz; PESAVENTO, Sandra Jatahy (Orgs.). **Imagens urbanas: os diversos olhares na formação do imaginário urbano.** Porto Alegre: Editora da Universidade – UFRGS. 1997. p. 13-24.

BRESCIANNI, Maria Stella. **História e Historiografia das cidades, um percurso.** In: FREITAS, Marcos Cezar de (org.). **Historiografia Brasileira em Perspectiva.** São Paulo: Contexto, 1998.

BURKE, Peter. **Testemunha ocular: o uso de imagens como evidência histórica**. São Paulo: Editora Unesp, 2017.

CABRAL FILHO, Severino. **A cidade revelada: Campina Grande em imagens e História**. Campina Grande: Editora UFCG, 2009.

CAIXETA, Eline Maria Mora Pereira; REZENDE, Marília Mota. Coreto Art Déco em Goiânia: vicissitudes de um patrimônio reconhecido. **Labor & Eng.**, Campinas – SP, v.15, 1-9, 2021.

CALVINO, Italo. **As cidades invisíveis**. São Paulo: Biblioteca Folha. 1990.

CARLOS, Ana Fani Alessandri. **A Cidade**. São Paulo: Contexto, 2021.

CATROGA, Fernando. **Memória, história e historiografia**. Rio de Janeiro: FGV, 2015.

CERTEAU, Michel de. **A Invenção do Cotidiano. 1. Artes de Fazer**. Tradução: Ephraim Ferreira Alves. Petrópolis: Vozes. 2013.

CERTEAU, Michel de. **A Invenção do Cotidiano. 2. Morar, cozinhar**. Tradução: Ephraim Ferreira Alves. Petrópolis: Vozes. 2013.

FORTUNA, Carlos. Urbanidades Invisíveis. **Tempo Social**, revista de sociologia da USP, São Paulo, vol.31, n. 1, p.135-151, 2019.

FRANÇOIS, Hartog. **Evidências da História: o que os historiadores veem**. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2013.

FREITAS, Marcel de Almeida. O Art Nouveau na arquitetura do Rio de Janeiro (Brasil) e de Buenos Aires (Argentina). **Revista Barroco Digital**, Belo Horizonte – MG, n. 1, p. 168-202, 2021.

GAY, Peter. O estilo na História. Gibbon, Ranke, Macaulay, Burckhardt (1974). Trad. Denise Bottmann. São Paulo: Companhia das Letras, 1990, p. 167.

HARVEY, David. **Paris: capital da modernidade**. São Paulo: Boitempo, 2015.

HARTOG, François. **Evidências da História**. Tradução: Guilherme João de Freitas. Belo Horizonte: Autêntica Editora. 2013.

HELLER, Agnes. **O cotidiano e a História**. Tradução: Carlos Nelson Coutinho e Leandro Konder. São Paulo: Paz e Terra. 1992.

HUIZINGA, Johan. **Homo Ludens**. 8ª ed. São Paulo: Perspectiva, 2014.

HULSMAYER, Alexander, et al. A paisagem urbana como herança cultural: a praça Santos Dumont, Umuarama, Estado do Paraná, Brasil. **Acta Scientiarum Technology**, Maringá, vol. 33, p. 113-121, 2011.

JOFFILY, Irineu. **Notas sobre a Parahyba**. Rio de Janeiro: Typographia do Jornal do Commercio de Rodrigues & C., 1892.

KOSSOY, Boris. **Fotografia e História**. São Paulo: Ateliê Editorial, 2020.

LEITE, Carlos Henrique Ferreira. Teoria, Metodologia e Possibilidades: os jornais como fonte e objeto de pesquisa histórica. **Escritas**, Araguaiana – MT, v. 7, n. 1. p. 3-17. 2015.

MAIA, Sabiniano. **Itabaiana: Sua História – Suas Memórias (1500-1976)**. 3ª ed. Itabaiana. 2015.

MAUAD, Ana Maria; LOPES, Marcos Felipe de Brum. **História e Fotografia**. In: CARDOSO, Ciro Flamarion; VAINFAS, Ronaldo. **Novos domínios da História**. Rio de Janeiro: Elsevier, 2012. p. 263-281.

MELLO, José Octávio de Arruda. **História da Paraíba**. João Pessoa: A União, 2002.

MONTEIRO, Charles. Entre História Urbana e História da cidade: questões e debates. **Oficina do Historiador**, Porto Alegre, EDIPUCRS, v. 5, n.1, jan./jun. 2012, pp. 101-112.

MUMFORD, Lewis. **A cidade na história: suas origens, transformações e perspectivas**. São Paulo: Martins Fontes, 2004.

NASCIMENTO, Rafaela; STEINKE, Valdir. Apontamentos teóricos para a relação entre paisagem e fotografia na geografia. **Ra'e Ga**, Curitiba, vol. 44, p. 21-35, 2018.

NORA, Pierre. Entre história e memória: a problemática dos lugares. **Revista Projeto História**. São Paulo – SP, v. 10, p. 7-28, 1993.

PACHECO, Ricardo de Aguiar. Conjunto arquitetônico do Carmo do Recife: estudo da documentação do arquivo central do IPHAN. **MOSAICO (GOIÂNIA)**, v. 12, p. 121-134, 2019.

PALHANO, Romualdo Rodrigues. **Itabayanna: Entre Fatos e Fotos**. João Pessoa: Sal da Terra, 2014.

PAZERA JÚNIOR, Eduardo. **A feira de Itabaiana – PB: permanência e mudança**. 2003. Tese (Doutorado em Geografia) – Departamento de Geografia, Universidade de São Paulo, 2003.

PESAVENTO, Sandra Jatahy. **A cidade maldita**. In: SOUZA, Célia Ferraz; PESAVENTO, Sandra Jatahy (Orgs.). **Imagens urbanas: os diversos olhares na formação do imaginário urbano**. Porto Alegre: Editora da Universidade – UFRGS. 1997. p. 25-42.

PESAVENTO, Sandra Jatahy. Cidade, espaço e tempo: reflexões sobre a memória e o patrimônio urbano. **Cadernos do LEPAARQ – Textos de Antropologia, Arqueologia e Patrimônio**. Pelotas, v. 2, n. 4. 2005. p. 09-17.

PESAVENTO, Sandra Jatahy. Cidades visíveis, cidades sensíveis, cidades imaginárias. **Revista Brasileira de História**, vol. 27, nº 53. Jun 2007.

PESAVENTO, Sandra Jatahy. **Em busca de uma outra história: imaginando o imaginário**. Revista brasileira de História, v. 15, n. 29, p. 9-27, 1995.

PESAVENTO, Sandra. **Sensibilidades: escrita e leitura da alma**. In _____. **Sensibilidades na História: memórias singulares e identidades sociais**. Porto Alegre: UFRGS, 2007. p. 09-21.

PINTO, Irineu Ferreira. **Datas e Notas para a História da Parahyba, Volume 1**. João Pessoa: Editora Universitária, 1908.

RICOEUR, Ricoeur. **Tempo e narrativa – Tomo 1**. Tradução de Constança Marcondes César. Campinas: Papirus editora, 1994

SANTOS, Milton. **A Natureza do Espaço: Técnica e Tempo, Razão e Emoção**. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2020.

SANTOS, Milton. **Espaço e Método**. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2020.

SANTOS, Milton. **Metamorfoses do Espaço Habitado: Fundamentos Teóricos e Metodológicos da Geografia**. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2021.

SANTOS, Rodrigo Luís dos. Laços de sangue, posicionamentos opostos: considerações sobre as trajetórias dos irmãos Heráclito e Odon Cavalcanti Carneiro Monteiro (Paraíba e Rio Grande do Sul, primeiras décadas do século XX). **Dimensões**, V. 44, jan-jun. 2020, p. 179-210.

SCHWARCZ, Lilia M.; STARLING, Heloísa M. **Brasil: uma biografia**. São Paulo: Companhia das Letras, 2021.

SEVCENKO, Nicolau. **Orfeu estático na metrópole: São Paulo, sociedade e cultura nos frementes anos 20**. São Paulo: Companhia das Letras, 1992.

SÔNIGO, Márcio. A fotografia como fonte histórica. **Historiæ**, Rio Grande, vol. 1, n. 2. 2010. p. 113-120.

SOUZA, Antônio Clarindo Barbosa; SOUSA, Rivaldo Amador de. **Imagens que seduzem: cinemas e sensibilidades na Paraíba (1910-1970)**. Pará de Minas: VirtualBooks Editora, 2016.

Dissertações e teses:

CHAGAS, Waldeci Ferreira. **As singularidades da modernização na Cidade da Parahyba nas décadas de 1910 a 1930**. 2004. Tese (Doutorado em História) – Centro de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Federal de Pernambuco, 2004.

LIMA, Ronaldo Mendes. **Perfil higiênico-sanitário das farmácias de manipulação da cidade de Macapá**. 2012. Dissertação (Mestrado em Ciências da Saúde). Programa de Pós-Graduação em Ciências da Saúde. Universidade Federal do Amapá, 2012.

NASCIMENTO, Danielle Gomes. **Além do ofício: narrativas de D. Severina (Gorda) e D. Josefa (Zefinha), rezadeiras de Itabaiana, PB**. 2017. Tese (Doutorado em Letras) – Centro de Ciências Humanas, Letras e Artes, Universidade Federal da Paraíba, 2017.

ROCHA, Solange Pereira. **Gente negra na Paraíba oitocentista: População, família e parentesco espiritual**. 2007. Tese (Doutorado em História) – Centro de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Federal de Pernambuco, 2007.

SILVA, Enoque Bernardo. **História do Grupo Escolar Professor Maciel a partir das memórias de suas professoras (1956 a 1971)**. 2011. Dissertação (Mestrado em Educação) – Centro de Educação, Universidade Federal da Paraíba, 2011.

SILVA, Maria José. **Além da estação: como uma sociedade constrói sua história através da memória**. 1997. Monografia (Especialização em História do Nordeste) – Departamento de Ciências Sociais, Universidade Estadual da Paraíba, 1997.

SILVA, Vanúbia Muniz Alves. **Experimentos artísticos na escola: patrimônio histórico-cultural em Itabaiana – PB**. 2020. Dissertação (Mestrado em Artes) – PROF-ARTES, Universidade Federal da Paraíba, 2020.

Artigos da internet:

MELO, Zênia Chaves Araújo de. **Dossiê Grupo da Várzea – Parte I: Herdeiro de Oligarquias e fazedores de fortunas.** 2021. Disponível em: <https://www.brasildefatopb.com.br/2021/03/09/dossie-grupo-da-varzea-parte-i-herdeiros-de-oligarquias-e-fazedores-de-fortunas>. Acesso em: 10 de agosto de 2023.

TREVISAN, Ricardo. **Introdução ao ideário Cidade-Jardim no Brasil.** 2017. Disponível em: <https://www.researchgate.net/publication/314685346>. Acesso em: 08 de agosto de 2022.

VIEIRA, Lucas Schuab. **A Imprensa como Fonte para a Pesquisa em História: Teoria e Método.** Disponível em: <https://docplayer.com.br/8956967-Particularmente-a-imprensa-como-fonte-para-a-pesquisa-em-historia-teoria-e-metodo-lucas-schuab-vieira.html>. Acesso em: 19 de outubro de 2022.

WANDERLEY, Andreia. **Série “O Rio de Janeiro desaparecido” II – A Exposição Nacional de 1908 na Coleção Família Passos.** 2018. Disponível em: <https://brasilianafotografica.bn.gov.br/?p=11621>. Acesso em: 08 de agosto de 2023.